FLOR DO LÁCIO

CLEÓFANO LOPES DE OLIVEIRA

EDIÇÃO SARAIVA

FLORÁCIO DO LAGO

EXPLICAÇÃO DE TEXTOS
E
GUIA DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

CURTAS ANÁLISES LITERÁRIAS
DESCRIÇÕES E NARRATIVAS
CARTAS E CONVERSAÇÃO
DISSERTAÇÕES
FÁBULAS E DISCURSOS
IMPRESSÕES PESSOAIS
TEMAS DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIA
RUDIMENTOS DE ARTE LITERÁRIA
CONTOS E NOVELAS

CLEÓFANO LOPES DE OLIVEIRA

Professor Catedrático, aposentado, de Literatura Didática do Curso Normal do Instituto de Educação Caetano de Campos, de São Paulo; ex-professor catedrático de Português e Literatura do mesmo Curso; ex-professor de Francês do Curso Ginasial do mesmo estabelecimento; ex-professor de Português e Latim do antigo Liceu Franco-Brasileiro São Paulo, hoje Liceu Pasteur, e do Liceu Rio Branco; ex-professor de Francês do Colégio Oswaldo Cruz, de São Paulo; ex-professor catedrático do Instituto de Educação Peixoto Gomide, de Itapetininga; membro honorário da Congregação do Instituto de Educação Caetano de Campos.

FLOR DO LÁCIO

(PORTUGUÊS)

EXPLICAÇÃO DE TEXTOS

E

GUIA DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

PARA USO DOS CURSOS

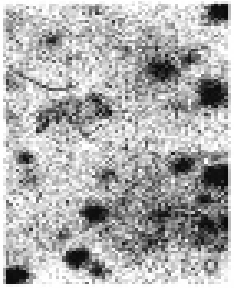
NORMAL E SECUNDÁRIO

CURTAS ANÁLISES LITERÁRIAS — DESCRIÇÕES E NARRATIVAS — CARTAS E CONVERSAÇÃO — DISSERTAÇÕES — FÁBULAS E DISCURSOS — IMPRESSÕES PESSOAIS — TEMAS DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIA — RUDIMENTOS DE ARTE LITERÁRIA — CONTOS E NOVELAS

★

9.ª edição revista pelo autor

Edição Saraiva
São Paulo
1967



À memória, sempre querida,

de minha mãe

e a seu luminoso Espírito,

que vive junto de Deus.

[redacted]

LINGUA PORTUGUESA

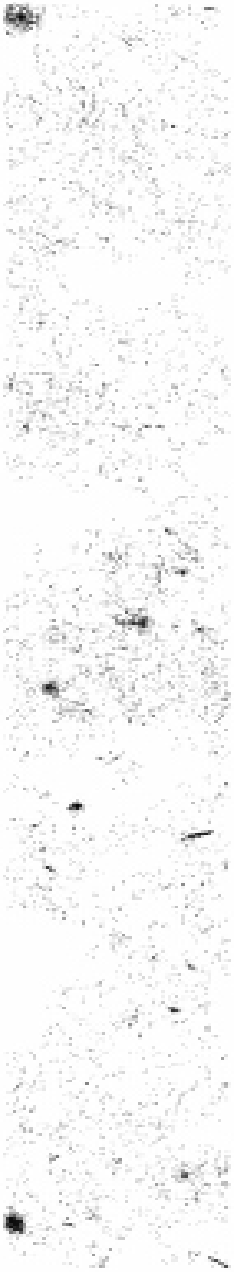
Oltima flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrôlo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

OLAVO BILAC.



PREFÁCIO

Êste livro tem dois objetivos:

1) *Procura ensinar a ler inteligentemente, de modo que o estudante possa apreciar, em tôda a plenitude, a beleza encerrada num texto e a forma literária por que foi expressa;*

2) *procura ensinar a colhêr, nessa leitura, os elementos necessários à estruturação de uma composição literária.*

— *Considerando-se a amplitude dêste programa, é bastante singelo, em suas linhas gerais, o plano didático:*

1.º) *Estuda-se a descrição, em seus variados aspectos, desde a forma mais simples até a mais complexa, primeiramente em teoria, e, logo depois, em pequenos grupos de excertos escolhidos e seriados racionalmente, grupos que estão indicados no capítulo seguinte. Dêsses excertos, os primeiros, de cada grupo, são apresentados com uma explicação, que abrange as expressões, o plano de composição e o estudo das idéias, impressões e sentimentos; e os outros, com um questionário, que se refere a êstes mesmos assuntos.*

2.º) *Estuda-se, de idêntico modo, a narrativa, em tôdas as suas modalidades, entendendo-se que, por narrativa, designa o autor, por necessidade didática, uma narração curta, em que são reduzidos, quanto ao número, os fatos e as peripécias.*

3.º) *Transfere-se o mecanismo da descrição ou da narrativa explicada para a composição que se vai desenvolver, após prepará-la por meio de exercícios adequados. Com êste fim:*

a) cada texto *é acompanhado de exercícios de vocabulário, gramática, elocução e redação imitativa;*

b) cada grupo de textos *termina por uma série de temas, sumários e esquemas de composição, organizados para desenvolver no aluno o sentido da observação e a disciplina intelectual. Esta parte poderá ser completada com trabalhos baseados em gravuras, estampas ou quadros.*

— *Mas as descrições e as narrativas nada mais são, neste livro, do que composições fragmentárias, de que se compõe a narração pròpriamente dita. Assim, pois, o último estudo dêste volume é o da narração, em prosa e verso, seguida da ligeira análise dum texto e de sumários esquematizados, como, também, de temas livres, para os trabalhos escritos dêste gênero literário.*

Destarte,

1.º) *o aluno é guiado e amparado na leitura crítica, sem que se lhe violente a personalidade;*

2.º) *por meio de variada ginástica, grava no espírito o que aprendeu;*

3.º) *imita os escritores, apreendendo-lhes o segrêdo da arte de escrever, não havendo perigo nesta imitação, pois constitui, apenas, um passo no aprendizado, de que logo se liberta, conforme se pode verificar nas escolas européias, onde tem sido praticada há muitos anos;*

4.º) *aprende a observar, a julgar e a exprimir-se por si, tornando-se, pouco a pouco, independente em sua sensibilidade estética e em sua expressão artística, à medida que se vai assenhorando dos recursos estilísticos e das formas de composição, o que lhe exige, sem dúvida, salutar e benéfico esfôrço criador.*

No capítulo das "DISSERTAÇÕES", *foi incluída, como exercícios especiais, uma série de 40 temas, que abrangem determinados aspectos da* Literatura Brasileira *e cujo desenvolvimento requer, naturalmente, prévia explicação do professor e acuradas leituras por parte dos alunos. Estas dissertações servem, apenas, para completar o estudo que se faz neste manual.*

Este livro, fruto de muitos anos de magistério, é regularmente volumoso, pois contém, além dos Rudimentos de Arte Literária e de explicações dos gêneros e subgêneros literários estudados, 44 textos já explicados, para orientação *dos estudantes, e cêrca de 780 temas de composição.*

Note-se, porém, que a parte destinada à explicação em aula consta, tão-sòmente, de 80 textos, dos quais nem todos precisam ser estudados, visto como são, por vêzes, numerosos os que pertencem ao mesmo grupo.

Este livro foi elaborado especialmente para os alunos das Escolas Normais e Institutos de Educação do país; temos, todavia, a impressão e a esperança de que talvez possa prestar algum serviço às classes adiantadas dos ginásios, colégios, escolas e cursos profissionais ou de Comércio, colégios militares, etc., assim como a professôres primários, que desejem ter à mão, para consultas, sugestões e adaptações, um compêndio de COMPOSIÇÃO.

— *Para melhor aproveitamento dos alunos, deve a explicação de textos obedecer rigorosamente à ordem de sucessão das lições indicadas na página seguinte.*

GRUPOS DE TEXTOS

Os textos, neste livro, estão agrupados da seguinte forma:

1. Descrição de cousas sem movimento.
2. Descrição de quadros de conjunto sem movimento.
3. Descrição mesclada de impressões pessoais.
4. Descrição de vistas ou de quadros animados.
5. Retratos descritivos.
6. Descrição de animais.
7. Descrição de pessoas em ação.
8. Descrição de animais em ação.
9. Descrição de grupos de sêres em ação.
10. Descrição de ações num quadro.
11. Descrição de sucessão de fatos ou de quadros.
12. Conversação.
13. Cartas.
14. Narrativas simples.
15. Narrativas descritivas.
16. Narrativas demonstrativas.
17. Narrativas dramáticas.
18. Narrativas humorísticas.
19. Narrativas com reflexões.
20. Narrativas com conversação.
21. Narrativas com retratos.
22. Narrativas exóticas.
23. Narrativas antigas.
24. Fábulas.
25. Anedotas.
26. Impressões pessoais.
27. Discursos.
28. Idéias morais e Dissertações.
29. NARRAÇÕES.

— Cada um dêstes grupos compreende *estudos* de textos e *composições literárias*.

— Nesta obra também se encontram, como nas edições anteriores, uns poucos exercícios de "*Composição rápida*", para uso em classe, assim como três resumos, incompletos, de "*Contos e Novelas*", que devem ser desenvolvidos e completados.

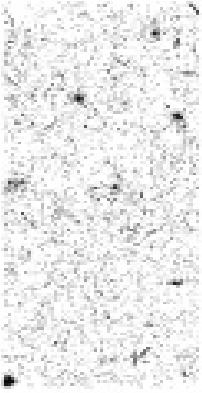
GRUPOS DE TEXTOS

Os textos, neste livro, estão agrupados da seguinte forma:

1. Descrição de cousas sem movimento.
2. Descrição de quadros de conjunto sem movimento.
3. Descrição mesclada de impressões pessoais.
4. Descrição de vistas ou de quadros animados.
5. Retratos descritivos.
6. Descrição de animais.
7. Descrição de pessoas em ação.
8. Descrição de animais em ação.
9. Descrição de grupos de sêres em ação.
10. Descrição de ações num quadro.
11. Descrição de sucessão de fatos ou de quadros.
12. Conversação.
13. Cartas.
14. Narrativas simples.
15. Narrativas descritivas.
16. Narrativas demonstrativas.
17. Narrativas dramáticas.
18. Narrativas humorísticas.
19. Narrativas com reflexões.
20. Narrativas com conversação.
21. Narrativas com retratos.
22. Narrativas exóticas.
23. Narrativas antigas.
24. Fábulas.
25. Anedotas.
26. Impressões pessoais.
27. Discursos.
28. Idéias morais e Dissertações.
29. NARRAÇÕES.

— Cada um dêstes grupos compreende *estudos* de textos e *composições literárias*.

— Nesta obra também se encontram, como nas edições anteriores, uns poucos exercícios de "*Composição rápida*", para uso em classe, assim como três resumos, incompletos, de "*Contos e Novelas*", que devem ser desenvolvidos e completados.



"Na arte como na ciência, no fazer como no agir, tudo está em apanhar claramente um assunto e tratá-lo de conformidade com sua natureza."

GOETHE.

PARTE I

EXPLICAÇÃO DE TEXTOS E COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÕES — CONVERSAÇÃO — CARTAS

A DESCRIÇÃO

A descrição é uma seqüência de análises de linhas, formas, aspectos, côr ou relêvo, reproduzindo artisticamente a natureza exterior, de modo que possa ser visualizada, compreendida e apreciada pelo leitor. Pode ainda traçar um caráter e, mesmo, traduzir as sensações experimentadas pelo escritor, quando observa os objetos, os fatos e os fenômenos do mundo físico ou moral que êle descreve.

Sua finalidade precípua, contudo, é fazer *ver* e *sentir*, o que exige de quem escreve as mesmas qualidades indispensáveis à arte da pintura: desenho, relêvo, côr, perspectiva, além de um temperamento plástico que tenda sempre a satisfazer os sentidos pela representação, tão exata quanto possível, das formas, das atitudes e dos cenários, através de meios de expressão precisos e vigorosos.

A descrição não se pode deter em minúcias inúteis ou desinteressantes, nem abandonar dados essenciais, que se devem procurar pela observação ou pela imaginação.

É um gênero que tem cabimento em todos os demais gêneros literários, nêles aparecendo sob diferentes formas: *energia*, pintura viva e rápida duma situação; *retrato* físico ou moral, reprodução das feições ou do caráter duma pessoa ou dum animal; *cronografia*, descrição das circunstâncias do tempo em que sucedeu um fato; *topografia*, indicação das particularidades de um lugar.

Como exercício clássico, apresentamos, neste livro, a descrição desenvolvida em onze grupos, distribuídos, de acôrdo com suas diferentes particularidades, numa ordem que vai, em gradação crescente, do mais fácil ao mais difícil, do mais simples ao mais complexo, obedecendo, portanto, às leis que disciplinam o fenômeno do conhecimento e que são fundamentais em literatura didática. Êsses grupos estão discriminados, logo no começo dêste volume, na página 11.

Estude o aluno, não só nos textos já explicados, que servem de modêlo, como nos textos por explicar, que se apresentam acompanhados de questionários, os processos descritivos dos escritores, e, depois, aplique-os aos *temas de composição literária*, imitativa ou de observação, escolhendo ou formando, com vagar e cuidado, expressões que traduzam, tão exatamente quanto possível, as formas, as côres, as luzes, as sombras, etc., e procurando despertar-nos o espírito para a fruição integral do que há de belo ou grandioso na natureza.

TEXTOS EXPLICADOS

1.º Cousas sem movimento.

I. — A CELA DO RELIGIOSO

A porta abriu-se sem ruído. Êle entrou, e a porta fechou-se de novo, silenciosamente. O lugar, em que o venerando religioso acabava de penetrar, era uma triste cela, sombria e espaçosa, com uma janela gradeada e fechada, e apenas frouxamente esclarecida por uma clarabóia do teto. As paredes, nuas de alto e baixo, tinham uma côr sinistra de osso velho. Em uma delas havia um grande nicho com a imagem da Virgem da Conceição, quase de tamanho natural; a um dos cantos, uma negra estante, tôscamente feita, pejada de grossos alfarrábios amarelecidos pelo tempo; no centro, uma mesa de madeira escura com um breviário em cima, ao lado de uma candeia de azeite, um pedaço de pão duro, e um cilício de couro; junto à mesa, um banco de pau.

ALUÍSIO DE AZEVEDO.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor nesta página?

— Descreve-nos a sombria e espaçosa cela, pobremente mobilada, de um venerando religioso.

2 — Divida esta descrição em três partes, de acôrdo com o seguinte plano:

a) a *triste cela;*
b) as *paredes da cela;*
c) o *mobiliário da cela.*

— A 1.ª parte começa em *a porta abriu-se* e termina em *clarabóia do teto;*
— A 2.ª inicia-se em *as paredes* e vai até *tamanho natural;*
— A 3.ª é o resto do trecho.

3 — Mostre o que se vê em cada parte.

— Eis os elementos descritivos de cada parte:

a) porta — religioso — cela — janela fechada — clarabóia;
b) a côr das paredes — o nicho — a imagem;
c) a estante — os alfarrábios — a mesa — o breviário — a candeia — o pedaço de pão duro — o cilício — o banco de pau.

4 — Como se faz a transição entre cada uma dessas partes e a seguinte?

— Faz-se suavemente, por meio de estreita sucessão de pormenores descritivos, como que acompanhando o olhar do observador.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

— O interêsse desta descrição está na seqüência dos pormenores descritivos, porque nos revelam o interior duma cela de convento, deixando-nos entrever aspectos da vida monacal.

2 — Por que nos produz esta cela impressões de simplicidade, de ordem e de pobreza?

— A impressão de

simplicidade — é-nos dada pelo aspecto geral da cela e pela singeleza do mobiliário e dos utensílios;

ordem — é-nos causada pela disposição dos móveis e objetos;

pobreza — é-nos produzida pelo estado de conservação das paredes, assim como pela escassez e rusticidade dos móveis.

3 — Por que nos produz o religioso uma impressão de fé, de sobriedade, de amor ao estudo, de expiação voluntária e de renúncia às cousas do mundo?

— Porque certas minúcias da descrição, se não tôdas, estão em íntima conexão com a personalidade do monge, adquirindo determinado sentido por seu uso.

Assim:

— O *breviário* e a *imagem* da Virgem assinalam-nos a fé do monge;

— o *cilício*, com que voluntàriamente se mortifica, serve para robustecer-lhe ainda mais êsse sentimento, na luta do espírito contra as tentações do mal;

— o *resto de pão* fala-nos de sua sobriedade;

— os *alfarrábios*, de seu amor ao estudo.

Nada mais, além das preces e de um incessante esfôrço para a perfeição cristã, enche a vida do religioso, que, conseqüentemente, renuncia, por um voto sagrado, às cousas do mundo.

4 — Com que recursos literários exprime Aluísio de Azevedo suas impressões pessoais? Analise-os.

— O autor deu forma a duas impressões pessoais, apenas: uma impressão de *melancolia* e uma impressão de *côr*, mesclada a um sentimento fúnebre, adequado, aliás, ao ambiente.

— Traduziu a primeira com um adjetivo empregado em sentido figurado, *triste*, para exprimir o sentimento que o aspecto da cela desguarnecida e sombria lhe desperta na alma: e a segunda, com uma imagem evocativa da morte (*tinham a côr sinistra do osso velho*).

O estilo. — O estilo é vigoroso, simples e harmonioso. O autor descreve com tanta clareza, que nos dá a impressão visual da cela.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

	Partes		Pormenores
A CELA DO RELIGIOSO	1) a *triste cela*	—	porta — religioso — cela — janela fechada — clarabóia;
	2) as *paredes da cela*	—	a côr das paredes — o nicho — a imagem;
	3) o *mobiliário*	—	a estante negra — os alfarrábios amarelecidos — a mesa escura — o breviário — a candeia — o pedaço de pão duro — o cilício de couro cru — o banco de pau.

1.º Cousas sem movimento.

II. — CHAFARIZ SECULAR

No estilo arquitetônico obsoleto
Das construções serenas do passado,
Existe um chafariz abandonado
Na vetusta cidade de Ouro Prêto.

— Flor da umidade, cresce-lhe um bolêto
Em cada canto e o musgo em cada lado.
Mas vem-lhe do conspecto deformado
A fúnebre tristeza do esqueleto.

Exaustos de verter-lhe a cristalina
Linfa, três leões, ao sono da ruína,
Bocejam para o tempo — o seu algoz.

Pendura-se-lhe do alto um velho escudo,
Onde quem passa lê, pasmado e mudo:
— Mil setecentos e cinqüenta e dous!

LUÍS CARLOS (*).

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Secular — *que tem um ou mais séculos.*
Obsoleto — *que está fora da moda; antigo.*
Bolêto — *cogumelo.*
Musgo — *vegetação criptogâmica, cujo conjunto apresenta o aspecto dum aveludado tapête verde.*
Conspecto — *aparência, aspecto.*
Verter — *derramar, manar, correr.*
Algoz — *carrasco, verdugo; executor de penas corporais; destruidor.*
Pasmado — *com surprêsa tão intensa, que transparece na expressão fisionômica.*
Escudo — *brasão de armas da cidade de Ouro Prêto.*
Estilo arquitetônico — *caracteres artísticos referentes à arquitetura.*
Construções serenas do passado — *construções antigas que, graças à simetria harmoniosa das linhas e à beleza de seus ornados, infundem em quem as observa uma impressão de serenidade.*
Chafariz abandonado — *que não tem mais serventia e só é conservado por constituir uma relíquia artística.*
Flor da umidade — *esta expressão designa aqui o cogumelo, que nasce em lugares úmidos.*
A fúnebre tristeza do esqueleto — *com esta expressão, exprime o autor a melancolia que o empolga, vendo desaparecer a parte bela do chafariz, a qual se desfaz com o tempo, deixando entrever sua estrutura bruta, da mesma forma que num cadáver se corrompem as carnes, aparecendo o esqueleto.*
Cristalina linfa — *esta expressão mostra-nos a cousa e o aspecto da cousa:* líqüido *que tem a transparência e a limpidez do* cristal.
O sono da ruína — *a imobilidade das cousas que se desfazem em ruínas.*
Bocejam para o tempo — *esta expressão designa a abertura da bôca dos leões, que parecem estar tomados de tédio.*

(*) Luís Carlos da Fonseca Monteiro de Barros (da Academia Brasileira de Letras).

ESTUDO DA COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Luís Carlos neste sonêto?

— O autor descreve-nos um chafariz artístico, que está situado na velha cidade de Ouro Prêto, Estado de Minas Gerais, e que, com o tempo, ficou em ruínas, por ter sido abandonado.

2 — Que ordem seguiu êle em sua descrição?

— O autor partiu do geral, que êle descreveu em rápidos traços (*estilo arquitetônico obsoleto, chafariz abandonado*), para o particular, constituído pelas minúcias descritivas (*musgo, bolêto, leões*, etc.).

3 — Quais são as principais partes dêste sonêto?

— São as seguintes:

a) o chafariz abandonado: o 1.º quarteto;
b) a vegetação da umidade: os 2 primeiros versos do 2.º quarteto;
c) o triste aspecto do chafariz: os 2 últimos versos do 2.º quarteto;
d) os leões: o 1.º terceto;
e) o escudo: o 2.º terceto.

4 — Que pormenores descritivos contêm cada uma destas partes?

— Encontram-se nestas partes elementos objetivos e elementos subjetivos: os primeiros representam as cousas do chafariz, e, os segundos, impressões do poeta. Assim, vemos nas partes componentes da descrição, indicadas por letras:

a) *elementos objetivos* — chafariz abandonado — a cidade de Ouro Prêto;

b) *elementos objetivos* — bolêto — musgo;
elemento subjetivo — uma comparação (*flor da umidade*);

c) *elemento objetivo* — conspecto deformado;
elemento subjetivo — tristeza;

d) *elemento objetivo presente* — leões;
elemento objetivo passado — cristalina linfa;
elemento subjetivo — uma interpretação do poeta: *exausto;*

e) *elemento objetivo* — velho escudo;
elemento subjetivo — uma hipótese (*quem passa*).

5 — Estude em poucas palavras a metrificação dêste sonêto.

— É um sonêto composto de versos decassílabos, acentuados nas 6.ª e 10.ª sílabas, de rimas quase tôdas graves; têm rima aguda sòmente os últimos versos de cada terceto.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

— O interêsse está no assunto, que nos apresenta um monumento artístico.

2 — Consegue o autor dar-nos uma idéia precisa dêsse chafariz abandonado?

— Sim, pela sábia escolha dos pormenores descritivos e das expressões com que os traduziu, consegue o autor transmitir-nos uma imagem, se não precisa, pelo menos bastante sugestiva, dêsse chafariz.

3 — Que impressões produz êsse chafariz no espírito do autor? Como se explicam essas impressões?

— Essas impressões são:

de *serenidade*, expressa pelo adjetivo *sereno* e causada, como vimos no estudo das expressões, pela simetria harmoniosa das linhas dos ornatos arquitetônicos;

de *beleza plástica*, produzida pelo cogumelo e pelo musgo, e traduzida por uma comparação: *flor da umidade;*

de *tristeza*, causada pelo desaparecimento gradual do chafariz e expressa por uma frase de sentido figurado, que evoca a idéia de morte: a *fúnebre* tristeza do esqueleto;

— e, enfim, a última das impressões vigorosas do poeta mostra-nos a bôca escancarada dos leões, acrescentando-lhe uma idéia de tédio: *bocejam para o tempo.*

4 — Com que recursos nos transmite Luís Carlos suas impressões?

— Com adjetivos, comparações, palavras e frases de sentido figurado. Dêsses recursos, os mais fracos são os adjetivos, por terem um sentido geral ou indeterminado.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

	Partes	Pormenores
CHAFARIZ SECULAR	1) **O chafariz secular**	*elementos objetivos:* chafariz abandonado e seu estilo — a velha cidade de Ouro Prêto.
	2) **A vegetação da umidade**	*elementos objetivos:* bolêto — musgo. *elemento subjetivo:* flor da umidade.
	3) **O triste aspecto do chafariz**	*elemento objetivo:* conspecto deformado. *elemento subjetivo:* tristeza.
	4) **Os leões**	*elemento objetivo presente:* leões. *elemento objetivo passado:* a água. *elemento subjetivo:* o cansaço atribuído aos leões.
	5) **O escudo**	*elemento objetivo:* velho escudo. *elemento subjetivo:* uma hipótese (o provável passante).

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

1.º Cousas sem movimento.

I. — A CASA DA FAZENDA

Era o casarão clássico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguia-se em alicerces o muramento, de pedra até meia altura e, dali em diante, de pau-a-pique. Esteios de cabriúva entremostravam-se, picados a enxó, nos trechos donde se esboroara o rebôco. Janelas e portas em arco, de bandeiras em pandarecos. Pelos interstícios da pedra, amoitavam-se samambaias e, nas faces de noruega, (*) avenquinhas raquíticas. Num cunhal, crescia anosa figueira, enlaçando as pedras na terrível cordoalha tentacular. A porta da entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.

MONTEIRO LOBATO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras: *clássico* — *muramento* — *cabriúva* — *entremostrar* — *esboroar* — *pandarecos* — *amoitar* — *cunhal* — *alpendre* — *parapeito* — *esborcinado*.

2 — Que se deve entender por: *fazendas negreiras* — *erguia-se em alicerces* — *pau-a-pique* — *em arco* — *anosa figueira* — *enlaçando* — *cordoalha tentacular* — *escadaria dupla?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Monteiro Lobato neste trecho?

2 — Mostre que o autor, nesta descrição, partiu do geral, que êle apenas enunciou, para o particular, que desenvolveu minuciosamente.

3 — Divida o texto em três partes, de acôrdo com o seguinte plano de composição:

a) as *paredes do casarão*;
b) a *vegetação*;
c) a *escadaria*.

4 — Diga o que se vê em cada uma dessas partes.

5 — Localize êste trecho no conto: "Os NEGROS" ("*Obras Completas*", de M. Lobato).

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Mostre que o interêsse desta descrição está nos pormenores descritivos.

2 — Qual foi a particularidade que feriu a atenção do autor em cada um dos aspectos desta casa de fazenda antiga?

3 — Quais são as *impressões pessoais* do autor? Com que expressões as traduziu êle?

4 — Diga, em poucas palavras, o que pensa do estilo de Monteiro Lobato.

(*) Em novas edições: *faces de sombra*.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO

1 — Cite sinônimos de: *antigas* — *alicerces* — *picados* — *esboroar* — *amoitar* — *raquíticas* — *enlaçar* — *vetusto* — *pristino* — *atro* — *agro* — *feral* — *feraz* — *prisco*.

2 — Cite adjetivos que exprimam uma idéia: a) de *ruína*; b) de *abandono*.

3 — Cite verbos que exprimam a idéia de *cair* e *desmoronar*.

4 — Forme comparações em que entrem, como segundo elemento, as palavras *carvão*, *morte* e *trevas*.

5 — Como se denomina a ação de matar: um *rei* — um *homem* — o *pai* — a *mãe* — uma *criança* — o *filho* — a *espôsa* — o *marido*?

ELOCUÇÃO. — Seguindo o modêlo dos dois primeiros períodos do texto, fale: 1.º de *um arranha-céu*; 2.º de *uma igreja antiga*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, obedecendo ao plano do texto estudado e acompanhando-lhe de perto o movimento das frases, uma casa semidestruída por um incêndio.

1.º Cousas sem movimento.

II. — O GABINETE DO MÉDICO

O Dr. Elesbão recebeu-nos com um sorriso sereno, em sua fecunda biblioteca, de altas, solenes estantes de mogno. Era uma grande sala, branca, de espiritualizante claridade, com as janelas abertas para o nascente. Sôbre a larga mesa de estudos havia livros esparsos, papéis, vários objetos e um tinteiro de prata com uma águia de asas distendidas na ânsia de um vôo fremente. Junto à mesa, num dunquerque de ébano, pousava uma caveira sôbre um suporte niquelado. Pelos cantos, colunas de mármore ostentavam estatuetas e jarrões, e atrás da cadeira do Mestre surgia o busto de Hipócrates, saliente e austero com o de um deus pensativo. Entre duas estantes um pêndulo alto e negro marcava as horas, antecedendo-as de um minuete do tempo do Rei-Sol. Nas paredes dois quadros a óleo: — uma cabeça de velha a sorrir com brandura e uma álacre marinha... Um sofá de molas envolvido em capa de linho branco e algumas cadeiras de jacarandá com espaldares em alto-relêvo, completavam o severo mobiliário.

AURÉLIO PINHEIRO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras: *mogno* — *dunquerque* — *ébano* — *suporte* — *saliente* — *pêndulo* — *minuete* — *brandura* — *marinha*.

2 — Explique as seguintes expressões: *um sorriso sereno* — *sua fecunda biblioteca* — *solenes estantes* — *de espiritualizante claridade* — *na ânsia de um vôo fremente* — *como o de um deus pensativo* — *o severo mobiliário*.

3 — Diga quem foi: *Hipócrates* — *o Rei-Sol*.

4 — Que verbos empregou o autor neste trecho?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Aurélio Pinheiro nesta página?
2 — Em que participa esta descrição da narração?
3 — Que passagens desta descrição se referem: a) à *sala;* b) à *mesa;* c) ao *dunquerque;* d) aos *objetos de arte;* e) ao *pêndulo;* f) aos *quadros;* g) ao *sofá* e às *cadeiras?*

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Prove como o interêsse desta descrição está nos pormenores descritivos.
2 — Mostre como as impressões pessoais do autor estão traduzidas principalmente por adjetivos e como êstes não as exprimem senão de um modo geral e indeterminado.
3 — Diga que impressão lhe causa êsse gabinete de médico. Justifique sua opinião.
4 — Localize êste trecho no romance: "O DESTÊRRO DE HUMBERTO SARAIVA."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO

1 — Que significam as seguintes palavras: *sereno* — *fecunda* — *solene* — *branca* — *nascente* — *esparsos* — *fremente* — *pensativo* — *anteceder* — *brandura* — *desvanecer* — *delir* — *purpúreo* — *rubicundo* — *rúbido* — *rútilo* — *rubescente* — *rubificante* — *rubiginoso* — *esmeraldino* — *glauco* — *verdeal* — *verdejante* — *azulino?*
2 — Que verbos correspondem a: *sereno* — *alto* — *solene* — *esparso* — *prata* — *fremente* — *canto* — *deus* — *negro* — *quadro* — *garôto?* Empregue-os em sentenças.
3 — Que adjetivos correspondem a: *prata* — *ouro* — *marfim* — *mármore* — *pedra* — *madeira* — *ferro?*
4 — Cite expressões que traduzam a *forma* e o *aspecto* dum salão, de acôrdo com o que desejaria que fôsse o de sua biblioteca particular.
5 — Que móveis deveriam guarnecê-lo e que objetos de arte deveriam orná-lo?
6 — Que livros, ou que coleções de livros, figurariam em sua biblioteca? Como seriam suas encadernações?

ELOCUÇÃO. — Seguindo o modêlo da 1.ª oração, fale: 1.º de um *amigo, que o recebe na sala de jantar;* 2.º de um *padre, que recebe alguém na sacristia;* 3.º de um *dentista, que recebe o cliente em seu gabinete.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, segundo o plano do texto estudado, uma biblioteca particular.

1.º Cousas sem movimento.

III — UM QUARTO DE MÔÇA

Com efeito, nada mais loução do que essa alcova em que os brocatéis de sêda se confundiam com as lindas penas de nossas aves, enlaçadas, em grinaldas e festões pela orla do teto e pela cúpula do cortinado de um leito colocado sôbre um tapête de peles de animais selvagens. A um canto, pendia da parede um crucifixo em alabastro, aos pés do qual havia um escabêlo de madeira dourada. Pouco distante, sôbre uma cômoda, via-se uma dessas guitarras espanholas que os ciganos introduziram no Brasil quando expulsos de Portugal, e uma coleção de curiosidades minerais de côres mimosas e formas esquisitas. Junto à janela, havia um traste

que à primeira vista não se podia definir: era uma espécie de leito ou sofá de palha matizada de várias côres e entremeada de penas negras e escarlates. Uma garça real empalhada, prestes a desatar o vôo, segurava com o bico a cortina de tafetá azul que ela abria com a ponta de suas asas brancas e, caindo sôbre a porta, vendava êsse ninho de inocência aos olhos profanos. Tudo isto respirava um suave aroma de benjoim, que se tinha impregnado nos objetos como o seu perfume natural, ou como a atmosfera do paraíso que uma fada habitava.

JOSÉ DE ALENCAR.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as palavras: *loução* — *alcova* — *brocatéis* — *festões* — *a orla do teto* — *alabastro* — *traste* — *entremeada* — *vendar* — *benjoim.*

2 — Qual é a significação de: *côres mimosas* — *prestes a desatar o vôo* — *êsse ninho de inocência* — *olhos profanos* — *respirava um suave aroma?*

3 — Explique as comparações existentes no texto.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve José de Alencar neste trecho?

2 — Que ordem seguiu êle em sua descrição?

3 — Quais são as passagens desta descrição que se referem:

a) ao *quarto;*
b) ao *crucifixo;*
c) à *cômoda;*
d) ao *traste indefinível;*
e) à *garça;*
f) ao *suave aroma?*

4 — Que elementos descritivos contém cada uma dessas passagens?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que impressão nos causa o quarto descrito? Por quê?

2 — Que é que mais nos desperta a atenção neste quarto?

3 — Que representa para a dona do quarto:

a) a *guitarra;*
b) a *coleção de curiosidades minerais?*

4 — Faz-nos esta descrição ver o quarto com sua mobília e seus ornamentos? Que se deduz daí em relação ao estilo do autor do trecho?

5 — Localize êste trecho no romance: "O GUARANI."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *loução* — *orla* — *tapête* — *mimosas* — *esquisitas* — *segurar* — *brancas* — *vendar* — *suave* — *aroma* — *onirismo* — *obstância* — *esfumar* — *garrido* — *donaire.*

2 — Cite palavras da mesma família que: *pena* — *ave* — *grinalda* — *tapête* — *selvagem* — *dourada* — *côr* — *forma* — *vista* — *palha* — *negra* — *bico* — *brancas* — *ninho* — *suave* — *aroma* — *perfume* — *natural.*

3 — Dê exemplos das seguintes formas sentimentais das figuras de estilo: *prosopopéia* — *amplificação* — *ironia.*

4 — Forme pequenas expressões comparativas em que entrem as palavras: *sêda — pena — teto — tapête — vôo — azul — branco — ninho — paraíso — fada.*
5 — Coloque no plural os nomes que estão no singular.
6 — Coloque no singular os nomes que estão no plural.
7 — Conjugue em todos os tempos os verbos *poder, abrir, definir, cerzir.*
8 — Explique a colocação dos pronomes neste trecho.
9 — Que móveis e ornatos se encontram geralmente numa sala de visitas?

ELOCUÇÃO. — Faça um resumo oral dêste trecho.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando José de Alencar, descreva uma elegante *sala de visitas.*

CONSELHOS PRÁTICOS DE REDAÇÃO

Jovem estudante,

Reflita bem, antes de redigir. Leia com a máxima atenção o tema proposto, a fim de lhe compreender perfeitamente o sentido; tente precisar as idéias principais, que você deverá pôr em nítido relêvo. Forme, de acôrdo com o que já aprendeu na explicação de textos, um plano de composição ou, ainda, inspire-se no sumário, se o houver.

Que seu estilo seja, antes de tudo, bastante *claro.* Evite, pois, as sentenças demasiado longas e o abuso dos *que, cujo, qual, então, agora, aqui, ali, além,* etc. Que não haja dúvidas quanto aos antecedentes dos pronomes relativos. Um meio fácil, pôsto que não obrigatório, de dar realce a uma idéia é fazer com que as orações adjetivas se refiram, dentro dum mesmo período, a um único nome ou pronome, como no seguinte exemplo: "*Deus, que é eterno, cuja misericórdia é infinita, para quem se voltam os corações angustiados, de quem se espera graça e perdão, é o supremo Criador do céu e da terra*".

Há, todavia, um caso, em que se pode caracterizar, por meio de orações adjetivas, mais de um nome, sem quebra da clareza: é quando dois ou mais nomes são confrontados ou se acham ligados por coordenação. Ex.: "*Aristófanes, que é triste por natureza, e Ruth, que é alegre por temperamento, encontraram-se e amaram-se*".

— Nunca, jovem estudante, empregue palavras cuja verdadeira significação lhe escape. Não se esqueça, contudo, de ser *elegante;* tenha sempre o cuidado de evitar lugares-comuns, têrmos de gíria ou muito familiares, expressões regionais, locuções triviais, verbos sem valor expressivo, como *ter, possuir, ser, estar, haver;* formas passivas como *vê-se, via-se, vêem-se, avista-se, nota-se, observa-se, distingue-se, perceba-se, descortina-se,* (que podem, no entanto, ser empregadas, assim mesmo parcimoniosamente, quando o interêsse da composição reside, sobretudo, numa visão íntima do autor, que fala, então, em seu próprio nome); ou, ainda, formas compostas com **ser** e **estar**: *é situado, está colocado,* etc.

Procure não repetir palavras, a não ser que lhe sirvam para emprestar maior vigor à expressão de uma idéia: neste caso, porém, consulte seu professor. Não seja prolixo; abandone os pormenores que não tenham importância. Não deixe, quando oportuno, de variar sua construção fraseológica, enriquecendo-a, não só nas descrições, como também nas narrativas, com o emprêgo cuidadoso das figuras.

Noutras palavras: não se esqueça das qualidades do estilo, que devem ser procuradas, nem de seus defeitos, que devem ser evitados.

As primeiras são a *correção,* a *nobreza,* a *precisão,* a *naturalidade,* a *clareza,* a *concisão* e a *harmonia,* a que se opõem os segundos, isto é, a *incorreção,* o *aviltamento,* a *impropriedade,* a *afetação,* a *obscuridade,* a *prolixidade,* e os vícios da harmonia, como os *hiatos,* os *ecos,* as *aliterações,* as *cacofonias,* as *repetições desnecessárias,* etc.

Além disto, quando o estilo fôr simples, esforce-se por conseguir a simplicidade ou a ingenuidade; quando temperado, procure a elegância, a delicadeza e a finura; quando sublime, a riqueza, a energia, a veemência, a magnificência e a sublimidade.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE COUSAS SEM MOVIMENTO

(O professor lerá à classe, prèviamente, um modêlo de sua lavra). (*)

1 — **Descreva uma** *sala de aula*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *A sala:* vasta, quadrada, com largas janelas por onde entra a claridade do dia.

B) *As paredes:* os quadros-negros, os mapas, as portas.

C) *O mobiliário:* a cátedra, o estrado, o armário, as carteiras enfileiradas.

2 — **Descreva um** *tinteiro*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *O material de que é feito:* vidro, cristal, madeira, mármore, ônix, bronze, prata, etc.

B) *Sua forma:* quadrado, retangular, arredondado, etc., simples, artístico.

C) *Elementos componentes:* o suporte, o depósito de tinta, a tampa, os ornatos.

3 — **Descreva uma** *árvore*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *O tronco:* alto, baixo, grosso, esguio, rugoso.

B) *Os galhos:* compridos, curtos; a ramagem, as fôlhas (*forma* e *côr*), as flores, os frutos.

4 — **Descreva uma** *mesa de jantar*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *A forma:* quadrada, retangular, redonda, oval; rústica, simples, artística.

B) *Elementos componentes:* as tábuas, fixas ou móveis; os pés, às vêzes substituídos por colunas simples ou duplas, que sustentam um jôgo de traves sólidas, sôbre as quais repousa tôda a armação.

C) *O material:* as diferentes madeiras de que se fazem as mesas.

5 — **Descreva, depois de traçar um esquema de plano de composição:**

1.º Um livro.	4.º Uma flor.	7.º Um belo jarro.
2.º Um piano.	5.º Uma fruta.	8.º Uma geladeira.
3.º Um aparelho de rádio.	6.º Uma poltrona.	9.º O arco-íris.

6 — **Descreva uma** *sala de visitas*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *A sala:* forma, luz, aspecto, paredes, janelas, portas, cortinas, tapête, lareira.

B) *A mobília:* mesa moderna, cadeiras, poltronas, sofá, etc.

C) *Ornatos:* quadros, estatuetas, jarrões, etc.

7 — **Descreva uma** *sala de jantar*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *A sala:* forma, luz, aspecto, comunicações, paredes, quadros, tapêtes ou congóleum.

B) *A mobília:* mesa, poltronas, cadeiras, cristaleiras, aparador, etc.

8 — **Descreva uma** *biblioteca*, **desenvolvendo o seguinte plano:**

A) *A sala:* forma, luz, aspecto, comunicações, paredes, estatuetas, tapêtes.

B) *A mobília:* escrivaninha, poltronas estofadas de couro, sofá, divã.

C) *A livraria:* as estantes, os livros.

9 — **Descreva, depois de traçar o esquema de um plano de composição:**

1.º Uma cozinha.	3.º Uma copa.	5.º Uma confeitaria.
2.º Um banheiro moderno.	4.º Um pequeno jardim.	6.º Uma igreja.

(*) É imprescindível a leitura dêsse trabalho, que serve aos alunos de proveitosíssima orientação.

10 — **Descreva uma *casa*, desenvolvendo o seguinte plano:**

A) *O aspecto:* grande ou pequena, estilo, isolada ou não, com um jardim a separá-la da rua, número de andares, terraços, garagem.

B) *A porta:* como é e onde está situada.

C) *Os compartimentos:* o vestíbulo, a escada, o gabinete de trabalho, a sala de visitas, a sala de jantar, a copa, a cozinha, os quartos, o banheiro.

11 — **Descreva, depois de traçar o esquema dum plano de composição:**

1.º Uma **vitrina de brinquedos**, apresentada como cena viva (*o nascimento de Cristo; o trenzinho de ferro;* etc.).

2.º Um **aeroplano**, apresentado como uma ave (comparando cada uma de suas partes componentes a uma parte do corpo do animal).

3.º Um **submarino**, apresentado como um monstro marinho.

DESCRIÇÃO DE QUADROS DE CONJUNTO SEM MOVIMENTO

Aqui, o que interessa são os aspectos mais amplos de um quadro, duma paisagem, de um panorama. As cousas, ou elementos descritivos, que os constituem, devem ser pintadas em rápidos, mas expressivos traços, que concorram para a transcrição exata ou para o embelezamento do quadro geral. Características de forma, côr, luz ou sombra precisam ser escolhidas com rigor: entre *via-se uma casa branca ao longe* e *uma casa branquejava ao longe*; entre *o lago refletia o céu azul* e *o lago espelhava o azul do céu*; entre *o sol parecia incendiar as nuvens* e *o sol incendiava as nuvens*, ninguém, numa descrição, recusará preferência às segundas formas, que exprimem com maior energia o aspecto das cousas.

Será conveniente, também, nesta fase de exercícios de composição, evitar referências a pormenores ou aspectos não existentes no momento em que se descreve, como por exemplo: o *sol* **já não brilhava**, o *vento* **já não soprava**; — o *céu*, **antes azul**, *estava* **agora** *recoberto de nuvens escuras*; — os *campos*, **até há pouco tempo verdes**, *estavam secos*, etc. — São formas expressivas, estas, que soem viciar os estudantes. Procure-se, ainda, não empregar certas afirmações de cunho pessoal, como: *a tarde estava maravilhosa, magnífica, linda, bela, formidável*, etc. Denotando a presença de um observador interessado, tanto as orações do primeiro tipo, como as do segundo, deixam de ser puramente descritivas, para assumirem um caráter marcadamente narrativo.

E ainda não chegamos ao capítulo das narrativas.

TEXTOS EXPLICADOS

2.º *Quadros de conjunto sem movimento.*

I. — PAISAGEM GAÚCHA

Era o mesmo de todos os dias, àquela hora, o aspecto da campanha; como sempre, o crepúsculo amaciava as árvores, as várzeas; uma grande serenidade pairava sôbre as vastas planícies pontilhadas de reses; e apesar do tom violento de algumas nuvens afogando o sol ao poente, o céu arqueava-se calmo, sulcado ao largo pelo remígio alto dos gaviões. Ao longo do aramado, confinando a estância ao fundo, álamos estilhavam em linha, esguios, a fronde rala: vermelhenta, corcovava-se num escalvado argiloso de coxilha a estrada de Bagé; uma casa branquejava no horizonte; e imóvel, monótono, esquarroso, espalmava-se o banhado ao sul, com a água morta lapijada em traços baços entre tiras verde-escuras de caraguatás (*).

ALCIDES MAIA.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

— O autor descreve uma paisagem das cercanias de Bagé, no Rio Grande do Sul, observada ao pôr do sol e caracterizada por meio de pormenores descritivos apropriados ao aspecto do céu e da terra.

2 — Aponte no texto as partes que correspondem aos seguintes títulos:

a) *o aspecto do céu;*

b) *a paisagem da terra.*

— A 1.ª parte (*o aspecto do céu*) vai desde o início do trecho até *gaviões;*

— A 2.ª (*a paisagem da terra*), desde *ao longo do aramado* até o fim.

3 — Explique como se faz a transição entre elas.

— Faz-se de modo suave, pelo movimento do olhar observador, que, descendo do céu, alcança a linha do horizonte.

4 — Que vemos em cada uma dessas partes?

— Concretizados em cousas expressas com vigor e arte, eis os pormenores de que se compõe cada parte desta descrição:

a) o aspecto geral da campanha, imutável em relação à hora do dia; as árvores e várzeas que se diluíam na penumbra envolvente; a serenidade reinante; as reses espalhadas, como pontos, na planície; as nuvens rubras no ocidente; o céu calmo; os gaviões;

b) a cêrca de arame na linha do horizonte; a estância distante; os álamos enfileirados; a estrada vermelhenta e ondulante; a coxilha; a casa branca, ao longe; o banhado de águas estagnadas e escuras; os renques verde-escuros dos caraguatás.

(*) Observem os alunos como o autor soube, neste trecho, só empregar verbos expressivos, exceção feita da primeira oração, que, aliás, é tôda narrativa.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Por que nos causa a 1.ª parte uma impressão de calma, de serenidade?

— Porque o aspecto é descrito numa hora em que tudo se suaviza: diminui sensìvelmente o calor, assim como a agitação e a claridade, esmaecendo-se as linhas nítidas e rígidas das cousas; o próprio autor exterioriza essa impressão com uma oração: "*uma grande serenidade pairava...*" e com um adjetivo: "*calmo*".

2 — Com que expressões nos traduz o autor suas impressões de forma e de côr, na 2.ª parte?

Expressões que indicam **forma**	Expressões que indicam **côr**
estilhavam	*vermelhenta*
em linha	
esguios	
fronde rala	*branquejava*
corcovava	
esquarroso	
espalmava	*verde-escuras*
traços	
tiras	

3 — Há côr local nesta descrição? Prove-o.

— O emprêgo de algumas palavras, como *coxilha* e *estância*, próprias do Rio Grande do Sul, designando a primeira determinadas ondulações de terreno, e, a segunda, fazendas de gado, serve para emprestar a esta descrição certa côr local, confirmada, aliás, pela citação do nome de uma cidade daquele belo Estado: Bagé.

4 — Que impressão de conjunto nos dá esta descrição?

— Pela sábia e feliz disposição dos pormenores descritivos, pelo inteligente arranjo dos meios-tons e das côres fortes, assim como pelas expressões que traduzem as formas, delineia-se-nos, com nitidez e relêvo, a paisagem ante os olhos, dando-nos a impressão real de um quadro artístico.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

PAISAGEM GAÚCHA

1) **O aspecto do céu:** o crepúsculo — as árvores e várzeas (efeito das primeiras sombras) — as vastas planícies e as reses (a serenidade que baixa sôbre elas) — as nuvens — o sol no poente — gaviões voando — o *céu claro*.

transição: a linha do horizonte

2) **Paisagem da terra:** o *aramado* — a estância — as filas de álamos — a estrada vermelhenta — o escalvado argiloso da coxilha — a casa branca ao longe — o banhado e seu aspecto — os renques de caraguatás.

2.º *Quadros de conjunto sem movimento.*

II. — A BAÍA DE BOTAFOGO

As águas da baía estavam coalhadas de embarcações de todos os feitios, enfeitadas de bandeiras e flôres. Nos paneiros dos escaleres repletos de môças, garridamente trajadas, grupos de tocadores sonorizavam a divina transparência da tarde serena. No fundo daquele tumulto de embarcações, para o outro lado da enseada, se destacava o vulto majestoso de um cruzador da nosa marinha de combate, que fôra levar os seus marinheiros a tomarem parte nas regatas. No alto do mastro o vento estendia, paralela às águas, a flâmula de guerra. E, por detrás do cruzador, a Urca, e, por detrás dela, a massa enorme do Pão de Açúcar, em cujo cimo trapejava, sacudida pelo vento da tarde, uma bandeira branca. Longe, para a esquerda, fechando o horizonte remoto, se elevava o indescritível deslumbramento da Serra dos Órgãos. E mais no fundo, quase mergulhado nas nuvens ensangüentadas pelas claridades da tarde, se arremessava ao céu, como uma blasfêmia de pedra, o Dedo de Deus.

CANTO E MELO.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Paneiros — *lugares destinados aos passageiros, nos botes e escaleres.*
Trapejar — *agitar-se ao vento.*
Enseada — *pequena baía.*
Escaleres — *embarcações destinadas ao serviço de um navio.*
Garridamente — *elegantemente.*
Cruzador — *barco de guerra.*
Remoto — *distante.*
O indescritível deslumbramento — *a beleza que deslumbra e que é impossível de descrever.*
Nuvens ensangüentadas — *nuvens de côr vermelha como sangue.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que descreve Canto e Melo nesta página?

— Descreve o aspecto da baía de Botafogo emoldurada por montanhas, numa clara tarde de regatas.

2 — Em quantas partes se divide esta descrição?

— O quadro apresenta duas partes:

a) a baía (até *guerra*);
b) as montanhas (até o fim).

3 — Como se ligam essas partes?

— Ligam-se pela conjunção *e*, que lhes aproxima os pormenores descritivos, na ordem seguida pelo autor.

4 — Que vemos nos seis diferentes planos de que se compõe êste quadro?

— No primeiro plano, vemos as águas da baía, as numerosas embarcações ornadas de bandeiras, os escaleres, as môças, os músicos, a transparência da tarde serena.

— No segundo, vê-se a enseada, o cruzador e o mastro com a flâmula de guerra.

— No terceiro, avista-se a Urca.
— No quarto, por detrás da Urca, o Pão de Açúcar e a bandeira branca.
— No quinto: ao longe eleva-se deslumbrantemente a Serra dos Órgãos.
— No sexto, avistam-se, no horizonte remoto, nuvens rubras e, no meio delas, o Dedo de Deus.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que nos interessa nesta descrição?

— O que mais nos interessa é a sábia disposição dos pormenores descritivos, que reconstituem a nossos olhos a paisagem.

2 — Com que expressões traduz o autor suas impressões pessoais, isto é, como exprime êle as reações estéticas de seu espírito ante o aspecto das coisas?

— Êle as traduz por meio de adjetivos, mas, principalmente, por meio de expressões figuradas e de comparações, como, por exemplo:

a) *Sonorizavam a divina transparência da tarde serena* (impressão de música, de visibilidade e de calma);

b) *O indescritível deslumbramento da Serra dos Órgãos* (impressão de êxtase);

c) *Nuvens ensangüentadas* (impressão de côr);

d) *Como uma blasfêmia de pedra* (impressão religiosa e impressão de forma).

3 — Quais são as qualidades descritivas do autor, tomando-se êste quadro como fonte de informação?

— O autor descreve como se *pintasse:* essencialmente plástico, êle tende, antes de tudo, a satisfazer os olhos pela obediência aos princípios da perspectiva, da forma e da côr.

4 — Há neste quadro algum movimento; em que consiste e como está expresso?

— Consiste na bandeira branca que se agita no cimo do Pão de Açúcar, sacudida pelo vento da tarde. O movimento está expresso por um verbo onomatopaico (*trapejar*), que indica o ruído característico do pano, quando agitado com fôrça.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

A BAÍA DE BOTAFOGO	**1.º a baía**	*Planos de perspectiva*	**1.º**	as águas da baía — as embarcações enfeitadas — os escaleres — as môças — os músicos — o aspecto da tarde;
			2.º	a enseada — o cruzador — a flâmula de guerra;
			3.º	a Urca;
			4.º	o Pão de Açúcar — a bandeira branca;
	2.º as montanhas		**5.º**	a Serra dos Órgãos, ao longe;
			6.º	nuvens rubras no poente — o Dedo de Deus.

2.º Quadros de conjunto sem movimento.

III. — O TEMPLO DO SOL

Percintada pelos contrafortes da Cordilheira, que avultava ao longe com os seus picos perdidos na neve eterna, a cidade de Cuzco enquadrava-se na paisagem tranqüila de um extenso vale, entrecortado de águas

cantantes e a refletirem o azul do céu. Sobranceiro ao casario e faiscante na pompa dos seus ouros, o que logo atraiu o meu olhar foi o grandioso Templo do Sol, tesouro sem rival no Novo Continente e, talvez, o mais soberbo monumento do mundo inteiro. Tôdas as riquezas do poderoso Império se acumulavam naqueles seis imensos edifícios, onde os Filhos do Sol adoravam o seu Deus com a mais suntuosa liturgia, entre tabernáculos e nichos cravejados de esmeraldas e diante de grandes estátuas de ouro e prata. A volta dêsses templos, cujas paredes eram de jaspe ou pórfiro e travejadas também com metais preciosos, havia jardins e bosquetes artificiais, onde tudo era de ouro e prata, desde os tanques e repuxos até os animais e plantas, que os ornamentavam.

GASTÃO CRULS.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Percintada — *cercada inteiramente.*
Contrafortes — *filas de montanhas secundárias, que parecem apoiar-se na Cordilheira pròpriamente dita.*
Sobranceiro — *que está situado num ponto mais alto.*
Faiscante — *que brilha, lançando cintilações.*
Soberbo — *que é magnificente, suntuoso.*
Tabernáculos — *escavações abertas na parede, nas quais se colocam imagens de deuses ou de santos.*
Travejar — *assentar traves ou vigas; armar com traves; vigar.*
Avultava — *parecia crescer ao longe.*
Neve eterna — *que nunca se derrete, por recobrir pontos elevadíssimos, onde a temperatura é sempre muito baixa.*
Águas cantantes — *águas cujo marulho é sonoro e agradável.*
A pompa dos seus ouros — *a enorme quantidade de ouro que o templo ostentava.*
Suntuosa liturgia — *ritual religioso que se distingue pela magnificência.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Gastão Cruls nesta página?

— O autor mostra-nos a localização e o aspecto geral da antiga cidade de Cuzco, entrevista ao longe, no meio duma paisagem pinturesca, e, depois, o Templo do Sol, em tôda a sua grandiosidade e magnificência.

2 — De quantas partes se compõe esta descrição?

— De duas:

a) a cidade de Cuzco;
b) o Templo do Sol.

3 — Como se faz a transição entre elas?

— Faz-se docemente, por meio de uma frase em que há referência à *cidade* (elemento da 1.ª parte) e ao *templo* (elemento da 2.ª): "*Sobranceiro ao casario*".

Sobranceiro refere-se a Templo, indicando-lhe a situação dominante, em relação ao casario da *cidade*. Ligam-se, dêste modo, as duas partes da descrição.

4 — Que mostra o autor nesta descrição?

— *a)* A Cordilheira com seus distantes picos nevosos, os contrafortes em círculo, um vale extenso e tranqüilo, águas cantantes refletindo o céu; no meio do vale, a cidade de Cuzco.

— *b)* O Templo do Sol, suntuoso em seus ouros; o casario da cidade.

— *c)* As riquezas do poderoso império, os seis edifícios, os tabernáculos e nichos cravejados de esmeraldas, as estátuas de ouro e prata.

— *d)* As paredes de jaspe ou pórfiro, os jardins e bosquetes artificiais, os tanques e repuxos, os animais e plantas — tudo de ouro e prata.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Onde está o interêsse desta descrição?

— O interêsse está na reconstituição do Templo do Sol, em todo o seu esplendor e luxo, graças ao vigor pinturesco e evocativo dos pormenores descritivos.

2 — Com que expressões nos descreve G. Cruls a magnificência da cidade de Cuzco?

— Êle enumera as riquezas: tudo ali era de ouro, prata, jaspe, pórfiro e pedrarias; mas emprega, também, palavras, como *faiscante*, para mostrar o reflexo do sol sôbre metais preciosos, e adjetivos que exprimem profunda admiração, como *grandioso* e *soberbo*, além de frases como *tesouro sem rival*, *a pompa de seus ouros*, etc.

Aliás, estas expressões, indicando um modo de sentir pessoal, são essencialmente **narrativas.** O quadro não é, pois, uma simples descrição, visto como o narrador transparece claramente na frase: *o que atraiu o meu olhar*.

3 — Que povo habitava essa cidade?

— Os habitantes eram os *Incas*, raça da América do Sul, que ocupava, no momento da conquista espanhola, o atual território do Peru. Sua civilização era bem adiantada: êles já possuíam organização social e política, tinham cidades, represas e estradas bem construídas.

4 — Qual era a religião dêsse povo?

— Adorava o sol e a lua, fontes de vida, de saúde e de riqueza, cujos raios fecundavam a terra, transformando-se em filões de ouro e prata; eram, porém, deuses cruéis, que exigiam de seu povo sacrifícios humanos.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O TEMPLO DO SOL

- **1) A cidade de Cuzco** — a Cordilheira dos Andes e seus picos nevosos — as águas cantantes — o azul do céu — a cidade de Cuzco.
- **2) O Templo do Sol** — os ouros rebrilhantes — as casas — as riquezas do império — os seis edifícios do Templo — Os tabernáculos e nichos — as estátuas de ouro e prata — as paredes de jaspe ou pórfiro — jardins e bosquetes artificiais — tanques, repuxos, animais e plantas (tudo de ouro e prata).

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

2.º *Quadros de conjunto sem movimento.*

I. — UM PÔR DE SOL

A tarde descia, calma, radiosa, sem um estremecer de folhagem... Do lado do mar, subia uma maravilhosa côr de ouro pálido, que ia no alto diluir o azul e lhe dava um branco indeciso e opalino, um tom de desmaio doce, e o arvoredo cobria-se todo de uma tinta loura, delicada e dormente. Nenhum contôrno se movia, como na imobilidade de um êxtase. E as casas voltadas para o poente, com uma ou outra janela acesa em brasa, os cimos redondos das árvores apinhadas, descendo a serra numa espêssa debandada para o vale, tudo parecia ficar de repente parado, num recolhimento melancólico e grave, olhando a partida do sol, que mergulhava lentamente no mar.

EÇA DE QUEIRÓS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *calma* — *radiosa* — *maravilhosa* — *diluir* — *delicada* — *dormente* — *êxtase* — *apinhadas* — *mergulhava.*

2 — Qual é a significação de: *côr de ouro pálido* — *um branco indeciso e opalino* — *um tom de desmaio doce* — *uma tinta loura* — *janela acesa em brasa* — *os cimos redondos das árvores* — *descendo a serra* — *espêssa debandada* — *recolhimento melancólico e grave?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Divida o trecho em duas partes, a saber:

a) *do lado do mar;*

b) *as casas e as árvores.*

3 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte?

4 — Quais são os elementos de cada uma dessas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

2 — Com que expressões consegue o autor dar forma, luz e colorido às coisas?

3 — Quais são as impressões pessoais do autor e de que modo as traduz êle?

4 — Que sentimentos empresta Eça de Queirós às coisas, consideradas como pessoas que assistem à partida dum amigo querido?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO

1 — Dê um sinônimo a cada palavra seguinte: *calma* — *radiosa* — *pálido* — *tinta* — *delicada* — *apinhadas* — *melancólico* — *grave* — *lentamente* — *ciclópico* — *enlevar* — *reminiscência* — *patético* — *escamotear* — *prestimano* — *magnânimo* — *pernoite* — *aturdir* — *resmonear* — *perfúlgido* — *relumbrar* — *fulgente*.

2 — Ajunte aos substantivos seguintes um ou mais adjetivos que lhes caracterizem a forma e a côr: *céu* — *horizonte* — *nuvens* — *sol* — *raios* — *água* — *ondas* — *reflexos* — *praia* — *bosques* — *árvores* — *tôrre* — *colina* — *lago*.

3 — Cite substantivos, adjetivos e verbos que exprimam idéias de *refulgência*, de *luz* e de *côr*.

4 — Forme 5 pequenas comparações, que tenham por segundo têrmo as seguintes expressões: *como um disco de fogo* — *como barras de ouro* — *como um velário de veludo côr de púrpura* — *como labaredas* — *como brasas*.

ELOCUÇÃO. — Segundo o modêlo do último período do texto, fale: de um *grupo de pessoas que assiste à partida dum navio*; — de *uma multidão presente à partida dum aeroplano*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, obedecendo ao plano do texto estudado, um nascer de sol à beira-mar.

2.º *Quadros de conjunto sem movimento.*

II. — PAISAGEM SERTANEJA

Vasto, dourado à luz do meio-dia,... o vale de Aracoiaba era duma beleza forte e impressionante de paisagem sertaneja. Ao fundo barravam-lhe a perspectiva, altas, abruptas, as serras do Baturité e do Acarape, onde emergiam da verdura brancos talhados de granito, faiscando ao sol. A glória luminosa do dia enchia tudo. Sob ela cintilavam os penhascos, incendiam-se as micas, palhetavam-se de tons flavos as águas paradas de uma lagoa, ao longe. Aqui e ali uma grande árvore derramava sombra numa fachada clara de casa matuta ou espargia frescura sôbre um quintalejo benfeitorizado. Pelo recôsto do cêrro descia em ondulações de veludo nôvo uma capoeira densa, de fetos, de marmeleiros e ameixeiras bravas. Por tudo e em tudo, do alto azul do céu à calma horizontal das águas empoçadas, do dorso corcovado dos montes às extensões lisas da planície, sorria farta, orgulhosa, a pompa régia do inverno. A terra tinha um nobre e calmo aspecto de abundância; o céu, um claro riso de bondade e proteção.

GUSTAVO BARROSO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *barrar* — *abruptas* — *matuta* — *benfeitorizado* — *recôsto* — *capoeira*.

2 — Que se deve entender por: *talhados de granito* — *faiscando ao sol* — *a glória luminosa do dia* — *cintilavam os penhascos* — *incendiam-se as micas* — *palhetavam-se de tons flavos as águas?*

3 — Qual é a significação de: *a árvore derramava sombra* — *ela espargia frescura* — *em ondulações de veludo nôve* — *a calma horizontal das águas empoçadas* — *sorria farta, orgulhosa* — *a pompa régia do inverno* — *a terra tinha um nobre e calmo aspecto de abundância* — *o céu, um claro riso de bondade e proteção?*

4 — Explique as inversões de sujeito, neste trecho.

5 — Onde estão situadas as serras citadas neste trecho?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Divida o trecho em três partes, de acôrdo com o seguinte plano:

a) *o fulgor do sol;*
b) *as árvores;*
c) *a pujança da terra.*

3 — Que pormenores descritivos contêm cada uma dessas partes?

4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Está vigorosamente descrita esta paisagem? Por quê?

2 — De que modo descreve o autor:

a) *a claridade forte do sol;*
b) *o aspecto da terra e do céu?*

3 — Que impressão nos causa a paisagem descrita?

4 — Mostre que o estilo do autor suprime quase tôdas as palavras incolores, inexpressivas, não deixando subsistir senão os têrmos produtores de sensações.

5 — Localize êste trecho no livro: "PRAIAS E VÁRZEAS."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO

1 — Empregue apropriadamente em curtas sentenças: *tôpo* — *cume* — *cúspide* — *cimo* — *acúmen* — *vértice*; *portento* — *beleza* — *lindeza* — *encanto*; *forte* — *vigoroso* — *robusto*; *emergir* — *imergir*; *faiscar* — *fagulhar* — *cintilar*; *luminosa* — *radiosa* — *fulgurante*; *incender* — *abrasar* — *afogueear* — *acender*; *flavo* — *louro* — *dourado*; *menosprezar* — *menoscabar*.

2 — Dê sinônimos a: *parar* — *vasto* — *descansar* — *densa* — *calma* — *farta* — *orgulhosa* — *pompa* — *encosta* — *enlêvo* — *enleio* — *devaneio* — *grei* — *grisêu*.

3 — Cite palavras da mesma família que: *diante* — *cima* — *ouro* — *luz* — *baixo* — *forte* — *fundo* — *raro* — *dia* — *tom* — *grande* — *sombra*.

4 — Cite palavras cujos sufixos sejam *al*, *ário*, *eiro*, *eira*, *ura*.

5 — Cite sinônimos de: *opalino* — *luz* — *leitoso* — *argênteo* — *fulgir* — *matuto* — *esparzir* — *cêrro* — *dorso* — *constelar* — *magnificência* — *esfuziar* — *gazofilácio* — *diatribe* — *selércia*.

ELOCUÇÃO. — Segundo o modêlo dos dois primeiros periodos, descreva oralmente:

a) um *grande lago*, visto dum ponto dominante;
b) uma *altaneira montanha*, vista de um vale.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva a mesma paisagem sertaneja, observada numa noite de luar.

2.º *Quadros de conjunto sem movimento.*

III. — O VALE AMAZÔNICO

O vale amazônico, em tôda a vastidão do seu anfiteatro, é coberto de floresta. Clâmide verde, atenuadora dos raios luminosos, cheia de mistérios e de encantos, veste a terra como um zainfe sagrado e protetor. Solucionada aqui, ali, acolá por um roçado, por uma vila, por uma clareira, por um vergel de gramíneas, mal se fecha o motivo que a interrompe, ela retoma o esplendor da selva e abre os braços para o céu na fôrça do *habitat*. Em todo o meandro aquático, labirinto de furos, canais, rios, afluentes, confluentes e defluentes da corda-máter que é o Amazonas, a cortina botânica, pelos taludes e ravinas, como aquêle véu mágico do rei dos *nibelungens*, (*) esconde e transforma a gleba. Os milhares de chapéus-de-sol gigantescos, amplos como zimbórios de catedrais, unidos num velário côr de jade, cobrem as mesopotâmias em toldos ciclópicos. O olhar de quem estaciona ou navega, neste ou naquele quadrante da bacia, esbarra, por mais dilatado que lhe seja o horizonte, com o pano da floresta.

RAIMUNDO MORAIS.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique: *anfiteatro — clâmide — clareira — meandro — labirinto — taludes — ravinas — gleba — zimbórios — velário — jade — mesopotâmias — quadrante.*

2 — Que significam aqui: *veste a terra — zainfe sagrado — vergel de gramíneas — o esplendor da selva — abre os braços — na fôrça do "habitat" — a corda-máter — a cortina botânica — toldos ciclópicos — o pano da floresta?*

3 — Explique as comparações do texto.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

2 — Divida esta descrição em cinco partes, colocando-as, pela ordem, sob os seguintes títulos:

a) a *clâmide verde;*
b) as *interrupções na floresta;*
c) o *meandro aquático;*
d) os *chapéus-de-sol;*
e) o *pano da floresta.*

3 — Que pormenores encerra cada uma dessas partes?

4 — Mostre que essas partes se ligam umas às outras numa sucessão de quadros.

5 — Localize êste trecho no livro: *"Cartas da Floresta"*.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

2 — Em que é Raimundo de Morais preciso e vigoroso em suas expressões?

3 — De que meios se serviu o autor para exprimir suas impressões pessoais?

4 — Que impressão nos causa esta descrição?

(*) *Nibelungen* (alemão): Lendários anões que possuíam grandes riquezas subterrâneas e cujo rei era Nibelung.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos às palavras: *vastidão* — *motivo* — *esplendor* — *fôrça* — *esconder* — *amplos* — *esbarrar* — *destruir* — *desfilar* — *conturbar* — *conjurar* — *solerte*.

2 — Dê exemplos de: *metáfora* — *metonímia* — *hipérbato* — *pleonasmo*.

3 — Cite nomes de árvores e arbustos brasileiros.

4 — Substitua por um adjunto adnominal, composto de preposição e substantivo, os seguintes adjetivos: *amazônico* — *luminoso* — *aquático* — *mágico* — *ciclópicos*.

5 — Substitua por um adjetivo: *de gramíneas* — *da selva* — *da floresta*.

6 — Conjugue, em todos os tempos, os verbos *vestir*, *abrir* e *polir*.

7 — Forme algumas expressões que traduzam a *forma*, o *aspecto* e as *côres* de diversos conjuntos de árvores (ipês, palmeiras, etc.).

8 — Cite expressões que traduzam sensações luminosas.

ELOCUÇÃO. — Tendo por modêlo o último período, fale: *a*) de *uma pessoa que viaja pôr mar*; *b*) de *um excursionista que se perdeu na montanha*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, obedecendo ao plano estudado, um grande bosque, cheio de clareiras, regatos e lagos.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE QUADROS DE CONJUNTO SEM MOVIMENTO

(O professor lerá à classe, prèviamente, um modêlo de sua lavra).

1 — Descreva uma *praça pública*, num dia de feira, de acôrdo com o seguinte plano:

A) *O aspecto geral:* o de uma cidade em miniatura ou de um acampamento de ciganos.

B) *As secções:* as barracas — peças de lona amareladas, brancas ou cinzentas estendidas sôbre armações desmontáveis de madeira. Os balcões. As mercadorias. As diversas secções: de legumes, de frutas, de peixes, de salsicharia, de lacticínios, de conservas, de utensílios domésticos. Os caminhões e as carroças. Os vendedores e a multidão.

NOTA: Não se esqueça de traduzir sensações de forma, relêvo, côr e odor; não traduza, porém, os movimentos. Neste particular, descreva como se tivesse à frente uma estampa.

2 — Descreva *o que se vê da janela* de sua casa ou de sua escola, de acôrdo com o seguinte plano:

A) *Aspecto geral:* a semelhança da janela com um belo quadro.

B) *O quadro:* praça pública, jardim ou rua. A claridade solar. O colorido e o relêvo das cousas. As cousas: casas, o calçamento, canteiros, estátuas, tanques, a água, flôres, arbustos, árvores. Efeitos de luz e de sombra.

3 — **Descreva o *panorama duma cidade* vista dum ponto culminante, de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *A moldura:* campos verdes, pontilhados de árvores e casas esparsas; colinas ondulantes, montanhas.

B) *A cidade:* as tôrres das igrejas, as chaminés das fábricas, as ruas alinhadas, as praças, os prédios importantes, o rio ou os córregos, as pontes.

4 — **Descreva, depois de traçar o esquema dum plano de composição:**

1.º — Uma rua.
2.º — Um cemitério.
3.º — Uma aldeia pinturesca.
4.º — Uma cidade morta.
5.º — Uma paisagem.
6.º — O mar, visto dum rochedo.
7.º — Uma praia.
8.º — Um pomar.
9.º — Uma floresta.
10.º — Uma planície cultivada.

5 — **Descreva, depois de traçar o esquema dum plano de composição:**

1.º — Uma fazenda de café.
2.º — Um algodoal em floração.
3.º — Uma fazenda de criação.
4.º — A capital dum de nossos Estados.
5.º — A Capital Federal.

DESCRIÇÃO MESCLADA DE IMPRESSÕES PESSOAIS

Na descrição essencialmente *objetiva* e *impessoal*, o que desperta e aguça a curiosidade do leitor, avivando-lhe a atenção, são os pormenores descritivos, selecionados, ordenados e expressos de tal forma, que, formando um todo — cousa, quadro, paisagem, vista animada, retrato, etc., — não lhe deixem diminuir ou desaparecer o interêsse.

Na descrição mesclada de impressões pessoais, de cunho essencialmente *romântico*, existe, além dêste aspecto, o modo particular ou pessoal de o autor *sentir* ou *interpretar* o que descreve, recebendo da natureza exterior *impressões* que êle procura transmitir ao leitor sob forma artística e vigorosa, segundo o grau de sua sensibilidade estetica, e empregando, principalmente, figuras de estilo.

Êste último aspecto é que os alunos devem observar na explicação dos textos que se seguem, e aplicar nos exercícios de composição literária, abstendo-se, por enquanto:

1.º) de adjetivos que exprimam uma impressão informe, vaga ou generalizada, como *belo*, *lindo*, *grandioso*, *formidável*, *magnífico*, *medonho*, *horrível*, *horroroso*, *ensurdecedor*, *estonteante*, *irritante*, *gostoso*, *saboroso*, *delicioso*, *cheiroso*, *agradável*, *desagradável*, etc.;

2.º) dos advérbios que derivam de tais adjetivos: *belamente*, *lindamente*, *grandiosamente*, etc.;

3.º) de certas expressões que atribuem *posse* ou *sentimentos* às cousas, como: *o sol*, com **seus** *raios*, *iluminava a terra; a lua* com **sua** *doce claridade*, *prateava o espaço; as nuvens pareciam* **querer** *devorar o sol e avançavam* **furiosamente** *contra o horizonte; a tempestade, como se* **quisesse** *destruir tudo, ululava* **horrivelmente**... — Neste último exemplo, há ainda uma palavra de que os alunos se servem freqüentemente e que, quando inexpressiva, convém ser evitada: **tudo**.

É certo que estas formas expressivas, e outras quejandas, são encontradas em descrições de bons autores, o que talvez se explique:

1.º) pelo fato de que êles as sabem manejar com propriedade, com precisão;

2.º) porque as descrições, ilustrando obras do gênero narrativo, como contos, romances, etc., participam, por continuidade, da narração.

— A *impressão pessoal* deve emprestar maior relêvo e nitidez à forma e ao aspecto das cousas: *o violino* **soluça**; *o vento* **geme** *nos bosques; a linfa* **cristalina** (a água); *o lago* **espelhava** *o céu* **de anil**; *seus olhos* **cintilavam como duas estrêlas**, etc.

— Os alunos devem esforçar-se por serem os próprios criadores das *figuras* com que exprimirão suas impressões pessoais, evitando, todavia, o abuso da originalidade.

TEXTOS EXPLICADOS

3.º *Descrição com impressões pessoais.*

I. — ANOITECER (*)

Esbraseia o Ocidente na Agonia
O sol . . . Aves, em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpura raiados,
Fogem . . . Fecha-se a pálpebra do dia . . .

Delineiam-se, além, da serrania
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em tôrno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia . . .

Um mundo de vapôres no ar flutua . . .
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra, à proporção que a luz recua . . .

A natureza apática esmaece . . .
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula . . . Anoitece.

RAIMUNDO CORREIA.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Ocidente — *lugar onde o sol parece cair, esconder-se.*
Bandos destacados — *grupos esparsos.*
Raiados — *cheios de raias ou listrões côr de ouro e púrpura.*
Delinear — *traçar contornos; perfilar.*
Serrania — *cordilheira ou aglomeração de serras.*
Vértice — *a parte mais alta e fina.*
Esbater — *espalhar uma côr ou uma sombra, de que se vai apagando aos poucos.*
Derramados — *bem espalhados.*
Flutuar — *pairar no ar, do mesmo modo que um objeto leve ou cheio de ar sobrenada as ondas.*
Esmaecer — *desmaiar, perder o brilho ou a côr.*
Natureza apática — *natureza completamente imóvel.*
Esbrasear — *iluminar com o brilho e a côr da brasa.*
Agonia — *os derradeiros instantes do dia.*
Céus de ouro e púrpura — *aspecto luminoso e rubro do céu, aos últimos raios do sol.*

(*) O professor deve, antes de tudo, ler êste sonêto na *ordem direta.*

Fecha-se a pálpebra do dia — *é uma personificação: o poeta imagina que o dia vai adormecer. A expressão designa o período que decorre entre os últimos momentos do dia e os primeiros da noite.*

Aureolados de chama — *os cumes parecem envoltos em chama, porque o sol já se acha atrás dêles.*

Tons suaves — *coloridos suaves, toques.*

Um mundo de vapôres — *o aspecto da atmosfera, que as primeiras sombras, como vapôres, vão invadindo.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve aqui Raimundo Correia?

— O poeta descreve um pôr de sol, seguido do anoitecer, enriquecendo-o com pormenores relativos ao aspecto do céu e exprimindo o próprio deslumbramento por meio de impressões pessoais.

2 — Que elementos descritivos contém cada uma das estrofes?

— *Primeira estrofe:* o sol abrasando o ocidente; os bandos de aves; o céu colorido; a hora crepuscular.

— *Segunda:* os vértices da serrania; a luz que os aureola; os tons suaves de melancolia.

— *Terceira:* o mundo de vapôres e a noite que avança.

— *Quarta:* a natureza apática, as árvores, a lua trêmula, o anoitecer.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que mais nos desperta a curiosidade neste sonêto?

— O que mais nos desperta a curiosidade não é tanto o quadro, mas, principalmente, a maneira com que o poeta o interpreta, com aguda sensibilidade artística.

2 — Faz-nos o autor *ver* a paisagem que descreve? Por quê?

— Êle nos faz *ver* a paisagem, pelos pormenores e pelas expressões vigorosas que os traduzem: o quadro vai surgindo aos nossos olhos com suas luzes, côres, sombras e formas.

3 — Por que emprega o autor tantas inversões de têrmos em seu sonêto?

— Para pôr em realce a idéia ou o pormenor de maior sentido estético, colocando em primeiro lugar a palavra que os exprime: *esbraseia... de ouro e púrpura raiados... da serrania os vértices... de chama aureolados*, etc.

4 — Quais são as *impressões pessoais* do poeta?

— As *impressões pessoais* do poeta são, sobretudo, de *luz, sombra* e *côr*, embora haja outras, pouco numerosas e de valor artístico secundário.

5 — Com que expressões nos transmite êle essas impressões?

— Do seguinte modo:

EXPRESSÕES	IMPRESSÕES
Esbraseia	: *luz.*
céus de ouro, etc.	: *côr luminosa.*
pálpebra do dia	: *sombra.*
aureolados de chama	: *luz.*
mundo de vapôres; como um nódoa	: *sombra.*

— Assim, o poeta exprime as próprias impressões pessoais por meio de *adjetivos, comparações e metáforas*

LICEIRO ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Quantas sílabas poéticas contém cada verso dêste soneto?

— Cada verso conta 10 sílabas poéticas:

"Es	bra	sei	a o O	ci	den	te	na a	go	ni	a"
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

2 — Em que sílabas recaem os acentos predominantes?

— Na 6.ª e na 10.ª sílaba.

3 — Estude, neste soneto, as rimas e sua disposição.

— As rimas são *graves* e sua disposição é a seguinte:

1.º quarteto — 1-2-2-1 } *interpoladas*
2.º quarteto — 1-2-2-1 }

1.º terceto — 3-4-3 } *cruzadas*
2.º terceto — 4-3-4 }

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

ANOITECER

- **1.º quarteto:** o sol em declínio — o poente colorido — bandos de aves — a hora crepuscular.
- **2.º quarteto:** os vértices da serrania, ao longe, aureolados de luz — tons suaves, que despertam a melancolia.
- **1.º terceto:** o mundo de vapôres flutuantes — a sombra que avança — a luz que recua.
- **2.º terceto:** a natureza apática — as árvores — o anoitecer — a lua.

3.º Descrição com impressões pessoais.

II. — OCASO

— Tio Ambrósio, disse Leonor, voltando-se para o profeta de desventuras e soltando um grito de entusiasmo, parece-me que se engana desta vez. Que admirável, que esplêndido pôr do sol!

E era assim. Qual a atufar-se nas águas, o sol desprendera-se por um esfôrço das nuvens, que mais o assoberbavam, e, rareando-lhes um pouco a massa densíssima, luzia pelos intervalos em todo o seu esplendor. Os raios, que emanavam do luminoso orbe, abrasavam em tôda a sua extensão o céu caliginoso. A massa das nuvens, como palácio esboroado em ruínas pelo incêndio, assumia formas fantásticas, purpurava-se e doura-

va-se com o esplêndido reflexo da luz solar. Parecia que o céu estava todo em fogo e o mar, vermelho no horizonte, parecia revolver, nas suas ondas, sangüíneas labaredas. Era um espetáculo realmente maravilhoso.

PINHEIRO CHAGAS.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Esplêndido — *brilhante, luzente; deslumbrante.*
Atufar-se — *mergulhar.*
Assoberbar — *dominar, vexar; atormentar.*
Esplendor — *brilho, resplandecência.*
Emanar — *provir; disseminar-se sob a forma de partículas sutis.*
Celiginoso — *muito denso e escuro; tenebroso.*
Esboroado — *reduzido a pó.*
Profeta de desventuras — *pessoa que anuncia desgraças ou cousas desagradáveis.*
Luminoso orbe — *o sol.*
Abrasavam — *iluminavam, dando um tom de brasa.*
A massa das nuvens — *o conjunto informe das nuvens.*
O céu estava todo em fogo — *estava de um vermelho vivo e luminoso.*
Sangüíneas labaredas — *reflexos do sol na água; sua forma e seus movimentos relembram chamas rubras.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Pinheiro Chagas neste trecho?

— Descreve-nos um pôr de sol no mar e exterioriza as *impressões pessoais*, que lhe causa êsse espetáculo.

2 — Quantas partes apresenta esta descrição?

— As seguintes:

a) o entusiasmo de Leonor;
b) o pôr do sol.

3 — Como se ligam essas partes?

— Pela frase narrativa: *E era assim*, que torna suave a transição da primeira para a segunda parte.

4 — Explique minuciosamente cada uma dessas partes.

— Na *primeira* parte, aparecem duas personagens, uma das quais, Leonor, chama com entusiasmo a atenção da outra para a magnificência do pôr do sol.

— Na *segunda*, notam-se quatro fases pinturescas dos últimos momentos do dia:

a) O sol parece mergulhar nas águas do mar, depois de se desembaraçar das nuvens, entre as quais refulge com intenso brilho;

b) Os raios solares refletem-se no céu obscuro do horizonte, dando-lhe aspecto de brasa;

c) Nuvens de formas irregulares e evocativas tornam-se vermelhas ou douradas;

d) O céu fica todo rubro no poente e, no mar, as ondas tremeluzem, agitando em seu seio reflexos rubros, que se assemelham a labaredas côr de sangue.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Onde está o interêsse desta descrição?

— O que há de interessante nesta descrição são as *impressões pessoais* do autor, pois nos dão idéia da beleza do quadro descrito.

2 — Quais são essas impressões pessoais e como as exprime o autor?

— As impressões pessoais do autor, isto é, a reação estética de seu espírito à natureza exterior (e não só da natureza exterior, como aqui, mas também doutros agentes), são, nesta descrição, de *forma, luz e côr*.

Êle as exprime por meio de:

a) *adjetivos:* admirável, esplêndido, luminoso, caliginoso, fantástico, etc.;
b) *expressões de sentido figurado:* assoberbavam, esfôrço das nuvens, luminoso orbe, abrasavam, purpurava-se, dourava-se, mar vermelho, sangüíneas labaredas;
c) *orações narrativas*, com as quais o autor comenta, em seu próprio nome, o espetáculo: "*Era assim...*" "*Era um espetáculo realmente maravilhoso*".

3 — Que sensações experimentamos ante o quadro descrito? Por quê?

— Experimentamos sensações visuais de *forma, luz* e *relêvo*, pois o autor escolhe pormenores evocativos e expressões vigorosas, que, em conjunto, nos dão a impressão dum quadro artístico. O autor dispõe, como se vê, de qualidades plásticas em literatura.

4 — Que deficiências de estilo se encontram neste trecho?

— Pinheiro Chagas poderia ter evitado a repetição de certas palavras, que, substituídas por outras ou suprimidas, emprestariam mais vigor expressivo e estético à descrição. *Esplêndido* reflexo, *esplêndido* pôr de sol; *massa densíssima, massa* das nuvens; *parece-me* que se engana, *parecia* que o céu, *parecia* revolver: — eis pequenas e desagradáveis falhas, fáceis de corrigir. O penúltimo período, então, ficaria mais sugestivo sem o verbo *parecer:*

"O céu estava todo em fogo e o mar, vermelho no horizonte, revolvia, nas suas ondas, sangüíneas labaredas."

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

OCASO

A) **O entusiasmo de Leonor.** Leonor — tio Ambrósio — o motivo do entusiasmo.

Transição (*E era assim*)

B) **O pôr do sol**

1 — O sol mergulhando no mar — seu brilho entre as nuvens.

2 — O reflexo solar no horizonte obscuro — o aspecto do céu.

3 — Nuvens que se purpureiam ou douram e tomam formas fantásticas.

4 — O poente rubro — seu reflexo no mar.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

3.º *Descrição com impressões pessoais.*

I. — RECIFE DE CORAL

(Traduzido de J.-M. de Heredia)

O sol dentro do mar, em misteriosa aurora,
O profundo brenhal dos corais ilumina;
Mesclando, ao fundo da bacia esmeraldina,
A fauna florescente e a luxuriante flora.

E tudo que de sal e de iôdo se colora,
O musgo, a actínia, o ouriço e a pobre alga franzina,
Põe desenhos irreais de sombra purpurina
No chão rendado a que o pólipo se incorpora.

Apagando o esplendor da espuma iriada, passa
Um peixe a navegar na trama que se enlaça;
Ora as águas alisa, ora as águas desfralda . . .

Súbito agita em leque a barbatana enorme,
E à tona de cristal da água mansa que dorme
Corre um frêmito de ouro e nácar e esmeralda.

Olegário Mariano.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *recife* — *brenhal* — *mesclar* — *musgo* — *actínia* — *pólipo* — *trama* — *desfraldar* — *barbatanas.*

2 — Que significa cada uma das seguintes expressões: *misteriosa aurora* — *a bacia esmeraldina* — *a fauna florescente* — *a luxuriante flora* — *desenhos irreais* — *sombra purpurina* — *o chão rendado* — *a espuma iriada* — *o cristal da água* — *que dorme* — *frêmito de ouro e nácar e esmeralda?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve êste soneto?

2 — Divida esta descrição em duas partes, dando-lhes títulos expressivos.

3 — Que pormenores descritivos se encontram em cada uma dessas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que é parnasiano êste sonêto?
2 — Que rápida visão de arte nos apresenta êle?
3 — Que impressão nos causa o poder expressivo do poeta? Por quê?
4 — Analise suas impressões pessoais.

LIGEIRO ESTUDO DE METRIFICAÇÃO

1 — Quantas sílabas poéticas conta cada verso dêste sonêto?
2 — Quais são as sílabas em que recaem os acentos predominantes?
3 — Estude, neste sonêto, as rimas, sua disposição e os *enjambements*.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê exemplos de: *metáfora* — *perífrase* — *antítese* — *suspensão*.
2 — Que adjetivos se formam de: *sol* — *mar* — *coral* — *sal* — *esplendor* — *espuma* — *peixe* — *água* — *cristal* — *ouro* — *nácar* — *esmeralda?* Empregue-os em curtas sentenças.
3 — Cite palavras formadas como *brenhal*.
4 — Cite palavras que exprimam, em diversos tons, as côres: *branca* — *amarela* — *verde* — *cinza* — *vermelha* — *roxa* — *azul*.
5 — Forme doze comparações, em que entrem, como 2.º elemento, os substantivos do exercício n.º 2.
6 — Conjugue, em todos os tempos, os verbos *correr*, *dormir* e *pôr*.
7 — Qual é o plural de: *aldeão* — *ancião* — *vilão* — *vulcão* — *cortesão* — *folião* — *faisão* — *sacristão* — *charlatão* — *guardião?*
8 — Qual é o superlativo absoluto de: *íntegro* — *sagaz* — *voraz* — *mendaz* — *capaz* — *tenaz* — *feliz* — *feroz* — *atroz* — *acre* — *livre* — *mísero?*
9 — Cite expressões que traduzam sensações de *luz* e *côr*.

ELOCUÇÃO. — Faça, em prosa, a reprodução dêste sonêto.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando o autor no plano de composição dêste sonêto, descreva em prosa um tanque artístico, em cujas águas nadam peixinhos encarnados.

3.º *Descrição com impressões pessoais.*

II. — A BAÍA DO RIO DE JANEIRO

O formoso panorama, tantas vêzes decantado sem nunca se banalizar, surgia-lhes mais formoso na glória daquela manhã serena e clara. Já o véu de neblina se desfizera totalmente, aos afagos do môrno sol. No ar transparente e ligeiro recortavam-se os cabeços dos montes mais altos, cujos perfis pontiagudos, toscos, irregulares, pareciam transfigurar-se na suave pulverização da luz. Tôda a baía, iluminada, palpitante de mastros e mugidos longínquos de "sereias", florindo no sorriso das ilhas verdejantes, era um grande sonho de esmeralda e ouro, refulgindo sob o vôo branco das gaivotas. E longe, no horizonte silencioso,

divisava-se o trecho da Serra dos Órgãos, cujas grimpas, caprichosamente recortadas, eretas como tôrres, são como braços gigantescos erguidos para o céu.

MATEUS DE ALBUQUERQUE.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *panorama* — *decantado* — *banalizar* — *serena* — *ligeiro* — *recortar* — *cabeços* — *perfil* — *toscos* — *grimpas* — *caprichosamente*.

2 — Que significam aqui: *a glória daquela manhã* — *o véu de neblina* — *aos afagos do môrno sol* — *pareciam transfigurar-se* — *a pulverização da luz* — *florindo no sorriso das ilhas verdejantes* — *sonho de esmeralda e ouro* — *refulgindo* — *o vôo branco das gaivotas* — *horizonte silencioso* — *eretas como tôrres* — *braços gigantescos?*

3 — Substitua no texto por expressões mais vigorosas: *formoso* — *divisava-se*.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Aponte no texto as passagens que possam ter por títulos:

a) a *manhã serena e clara;*
b) os *montes mais altos;*
c) a *baía;*
d) a *Serra dos Órgãos.*

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas passagens?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Mostre que o interêsse desta descrição está, principalmente, no modo particular que tem o autor de *ver* e *sentir* a paisagem.

2 — Quais são as impressões pessoais do autor e com que expressões as traduz êle?

3 — A frase do autor é harmoniosa e seus pormenores descritivos dão colorido e relêvo à paisagem. Prove esta asserção.

4 — Localize êste trecho no romance: "A JUVENTUDE DE ANSELMO TÔRRES."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO

1 — Releia o texto, substituindo as expressões, que traduzem as impressões pessoais do autor, por palavras que estejam em seu sentido próprio.

2 — Cite antônimos de: *formoso* — *clara* — *totalmente* — *transparente* — *pontiagudo* — *suave* — *luz* — *longínquo* — *silencioso* — *gigantesco* — *destrambelhar*.

3 — Empregue as seguintes palavras em orações apropriadas que lhes precisem o sentido: *neblina* — *bruma* — *cerração* — *nevoeiro; afagos* — *carícias* — *mimos* — *blandícias; cabeço* — *cume* — *ápice* — *vértice* — *cúspide; rosicler* — *róseo*.

4 — Cite substantivos, caracterizados por adjetivos, em expressões que exprimam os diversos matizes da côr de *cinza*.

5 — Cite expressões que traduzam idéias de manchas escuras, indecisas ou informes, como, por exemplo, nos parecem os prédios envolvidos em neblina.

6 — Cite expressões que traduzam sensações de *luz*.

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta descrição, em 10 orações curtas.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando Mateus de Albuquerque, descreva uma cidade mergulhada em densa neblina, traduzindo suas impressões pessoais por meio de comparações, metáforas e imagens.

3.º *Descrição com impressões pessoais.*

III. — LUAR NA PRAIA

Nascia a lua. O mar clareava aos poucos. Na crista arrugada das ondas vagarosas a luz joeirava cisalhas de prata. A praia clara recurvava-se entre duas finas e avançadas pontas, arenosa, sem rochas, onde as vagas adormeciam, gemendo, num grande espreguiçamento branco. Para o poente, vultos de coqueirais, batidos do vento, destacavam-se negros no céu estrelado. Nas dunas desertas e tristes, apontoavam a brancura da areia mirradas moitas de pinhão bravo; de quando a quando coleavam salsas rasteiras, como serpentes enormes. Ao norte, uma das pontas de terra que longamente enfiava pelo oceano terminava em rochedos escuros, aqui dispersos, ali quase igualmente intervalados à guisa de gigânteas alpondras: e por sôbre êles, flava, fulgurante, bocejava a intercadências a lanterna benéfica dum farol. Todos os rumores dos matos, das águas e dos bichos notívagos diluíam-se na noite enluarada. Um eflúvio dormente desprendia-se dos cajueiros floridos e errava na face da terra uma canseira, um quê de sutil que impelia à modôrra, ao sono e à preguiça. Depois a lua resplandeceu alta e uma refulgência prateada, com uns raros tons de azinhavre, derramou-se por sôbre as cousas.

GUSTAVO BARROSO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *joeirar — pontas — dunas — apontoar — colear — alpondras — flava — a intercadências — modôrra — azinhavre.*

2 — Qual é aqui a significação de: *a crista arrugada das ondas — cisalhas de prata — adormeciam — espreguiçamento branco — bocejava a lanterna benéfica dum farol — os rumores diluíam-se — na noite enluarada — eflúvio dormente — refulgência prateada?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Gustavo Barroso nesta página?

2 — Aponte no texto as partes em que observamos:

a) o *nascer da lua;*
b) o *lado do poente;*
c) o *lado do norte;*
d) a *quietude da natureza;*
e) o *plenilúnio.*

3 — Que pormenores descritivos contém cada uma destas partes?

4 — Como se faz a transição de cada uma delas para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Mostre que o interêsse desta descrição está não sòmente nos elementos descritivos, que reconstituem a paisagem, como também nas *impressões pessoais* do escritor.

2 — Em que consistem essas impressões pessoais e de que modo no-las transmite o autor?

3 — A expressão das impressões pessoais emprestou, acaso, maior nitidez e relêvo à forma e ao aspecto das cousas? — Analise em poucas palavras o estilo do autor.

4 — Localize êste trecho no livro: "PRAIAS E VÁRZEAS."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO

1 — Dê sinônimos a: *crista* — *arrugada* — *ondas* — *joeirar* — *recurvar* — *poente* — *vultos* — *destacar-se* — *mirradas* — *moitas* — *colear* — *escuros* — *à guisa de* — *flava* — *fulgurante* —*insueto* — *insuflar* — *desprazer* — *destrambelho* — *fanar* — *caírel* — *bruxulear.*

2 — Dê antônimos a: *clarear* — *vagarosa* — *luz* — *clara* — *finas* — *adormecer* — *branco* — *desertas* — *brancura* — *mirradas* — *dispersos* — *benéfica* — *preguiça.*

3 — Empregue no sentido figurado, em curtas orações: *pratear* — *argentear* — *dourar* — *avermelhar* — *ensangüentar* — *enrubescer* — *purpurear* — *esverdear* — *amarelar* — *branquear* — *sombrear* — *cintilar* — *fulgurar* — *rutilar* — *florescer.*

4 — Empregue em orações, como 2.º têrmo de comparação: *leite* — *opala* — *prata* — *rosas* — *lírio* — *ouro* — *fogo* — *estrêlas* — *serpente* — *ilha.*

5 — Ajunte, aos seguintes substantivos, adjetivos que lhes caracterizem o aspecto: *luar* — *praia* — *areia* — *mar* — *ondas* — *coqueiro* — *colina* — *lago* — *bosque.*

ELOCUÇÃO. — Seguindo de perto o movimento fraseológico dos 4 primeiros períodos do texto, fale, sem vacilar: de um *nascer de sol* — de um *pôr de sol.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Inspirando-se no plano de composição estudado neste texto, descreva uma noite de luar numa planície, onde há regatos, bosques, chácaras, etc., enriquecendo a descrição com impressões pessoais.

COMPOSIÇÕES RÁPIDAS

Os alunos devem, freqüentemente, fazer composições rápidas, em cinco ou dez minutos, limitando-se, de início, a um único período e desenvolvendo-as, posteriormente, em dois ou três, depois de praticada a correção pelo professor. Os elementos descritivos podem ser indicados aos alunos, até que êles se habituem a procurá-los pela observação ou pela imaginação.

Exemplos (em um único período)

Elementos descritivos: *campos verdes* — *lago* — *montanhas arroxeadas* — *árvores* — *céu azul.*

Paisagem — I. Enquadrado pela vastidão dos campos verdes, fechados no horizonte por alta muralha de montanhas arroxeadas, o grande lago de águas claras espelhava as esguias árvores que o margeavam e o azul imaculado do céu.

Paisagem — II. Emoldurado por vastos campos verdes, limitados no horizonte por uma linha sinuosa de montanhas arroxeadas, que se erguiam, na atmosfera límpida, como gigantescos guardas, o grande lago espelhava o céu azul e as esguias árvores de suas margens.

Paisagem — III. Cintilando no meio de extensos campos verdes, limitados ao longe por uma linha sinuosa de montanhas arroxeadas, o sereno lago de águas transparentes refletia o céu azul e a folhagem das árvores circundantes, que se ligavam, pelos troncos embaçados, à sua imagem invertida.

Paisagem — IV. No meio de extensos campos verdes, fechados no horizonte por alterosas montanhas violáceas, o vasto lago refletia o claro azul do céu e as frondosas árvores que se alinhavam em suas margens, mirando-se nas águas cristalinas, como hamadríades vaidosas.

Elementos descritivos: *rio — céu azul — colinas — florestas — rochedos.*

Paisagem — Ao longo da argêntea e líqüida faixa, serpeando sob o azul do céu, estendem-se, como dorsos de monstros antediluvianos, colinas arredondadas, revestidas do verde-escuro das florestas e assinaladas, de distância em distância, pelas chagas avermelhadas de altos rochedos, que descem a píque até a margem florida do rio.

Elementos descritivos: *regato — campina — arbustos — flôres.*

Quadro — O regato coleava, como uma serpente de cristal cintilante, através da campina, emoldurado por tufos verdes de arbustos rasteiros, no meio dos quais apontavam manchas de luz colorida: flôres agrestes, vermelhas como rubis, brancas como leite, amarelas como ouro, azuis como o céu.

Elementos descritivos: *parque — árvores — luar.*

Luar num parque — Uma claridade opalina descia em profusão das alturas, branquejando as perspectivas e prateando as fôlhas das árvores, que, dentro da quietude leitosa do luar, formavam um bosque encantado, cheio de cintilações, como se as estrêlas tivessem caído do céu.

Elementos descritivos: *o sol — o poente — o céu abrasado.*

Pôr de sol — O sol descia, como um globo de fogo, rumo à linha do horizonte, abrasando o céu ao derredor e fulgurando, rútilo, num clarão incandescente, que se alongava em faixas ígneas, semelhantes a labaredas imóveis.

Elementos descritivos: *horizonte escuro — a alva — nuvens douradas — clarão rubro — sol.*

Nascer de sol — Uma lâmina de claridade corta, no horizonte, a massa escura da noite e uma luz pálida cresce aos poucos, incendiando as nuvens, que se alongam em barras de ouro fúlgido, enquanto o clarão rutilante vai aumentando e o sol desponta na glória da manhã, refulgindo e polvilhando a natureza com uma densa e luminosa poeira loura.

Elementos descritivos: *noite de luar — velha igreja — casas duma pequena cidade.*

A velha igreja — Silhuetando-se na atmosfera límpida e banhada na claridade opalescente do luar, a velha igreja ergue para o céu as escuras tôrres, como dois braços levantados numa prece muda, sem princípio nem fim, implorando a proteção divina para as casas silenciosas, que se lhe aglomeram em tôrno, semelhantes a tímidas ovelhas em redor de seu pastor.

Exemplos (em mais de um período)

Elementos descritivos: *céu nórdico — montanhas de gêlo — aurora boreal — lençol de neve — claridade e sombras — aludes.*

Paisagem polar — Contra o fundo acinzentado dum céu nórdico, recortam-se altas montanhas de gêlo, que se estendem em linhas sinuosas, refulgindo na claridade opalina de uma aurora boreal.

Sôbre o imenso lençol de neve alongam-se, imóveis, sombras enormes, e, nos trechos claros, luminosidades vaporosas maculam, como véus esgarçados, as perspectivas brancas.

Estrugem, sùbitamente, surdos e roucos estrondos, como tonitruantes ribombos, e, das alturas alvas, desagregam-se maciços aludes, que se despenham, em cataratas trovejantes, pelas encostas e mergulham, rugindo, nos abismos glaciais.

Elementos descritivos: *penhasco — farol — faixa de luz — trevas noturnas — vagas — barco — pedrouços.*

Um farol — Sôbre um penhasco maciço e de arestas agudas, isolado como uma ilhota na vastidão do oceano, alteia-se a sombra esguia de um farol, que olha para o deserto líqüido como uma sentinela vigilante.

Coroando-lhe o tôpo, uma cúpula giratória projeta, em movimento circular constante, uma faixa perfulgente, que corta até o horizonte tenebroso, como imenso e cintilante alfange, a escuridão noturna.

O longo feixe de luz ilumina, alternadamente, o dorso luzidio das vagas, as velas esbranquiçadas de um barco distante ou os pedrouços negros, que emergem do mar, franjados pela espuma rendilhada das ondas.

EXERCÍCIOS

1 — Faça de novo, em forma diferente, cada uma das descrições indicadas neste capítulo.
2 — Descreva, em um período, um *cafêzal morto pela geada.*
3 — Descreva, em um período, uma *planície fértil, de culturas diversas*
4 — Descreva, em um período, o *mar em fúria.*
5 — Descreva, em um período, *arrozais, que você comparará ao mar.*
6 — Descreva, em um período, uma *cachoeira.*
7 — Descreva, em um período, uma *chuva.*
8 — Descreva, em um período, um *luar na fazenda.*
9 — Descreva, em um período, um *temporal.*
10 — Descreva, em um período, um *arco-íris.*
11 — Descreva, em um período, um *incêndio.*
12 — Desenvolva, em três períodos, cada um dos 11 temas supracitados, dêstes exercícios.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO MESCLADA DE IMPRESSÕES PESSOAIS

(O professor lerá à classe, prèviamente, uma descrição-modêlo).

I) Descreva, assinalando vigorosamente suas impressões pessoais:

1 — Uma paisagem de rochedos e montes.
2 — Um cafêzal recoberto de geada.
3 — Um parque ou um jardim abandonado, numa noite de luar.
4 — Um nascer de sol.
5 — Um regato cristalino, margeado de plantas verdes e flôres.
6 — A Bandeira Brasileira.

II) Descreva, de tal forma, que suas observações ou reflexões produzam uma impressão de conjunto (a impressão de conjunto está indicada, nos temas que se seguem, por uma oração subordinada adjetiva relativa):

1 — Um pôr de sol, que você comparará a um incêndio.
2 — Uma tempestade no mar, que lhe parece uma luta de sêres monstruosos.
3 — Uma forte cerração, que parece mergulhar uma cidade no luto.
4 — Uma velha igreja, que, dentro da noite, parece um gigante a velar pelos homens

III) Descreva, de acôrdo com o plano abaixo indicado, um vulcão flamívomo comparando-o a um dragão:

1 — Cadeia de montanhas perfilando-se, escuras, dentro da noite incipiente.
2 — Sua forma fantástica: um rebanho de monstros a erguer-se contra o céu cinzento.
3 — O vulcão: coluna de fumaça, penacho rubro a lamber o espaço; ruído trovejante; regato de lavas candentes, a descerem, como riachos esbraseados, pelas encostas

IV) Descreva, insistindo em suas recordações pessoais:

1 — A casa paterna, que você não vê há um ano.
2 — A fazenda em que você passou a infância.
3 — A cidadezinha praiana em que você passou as férias.
4 — A chácara da montanha onde você estêve, no verão.
5 — A igreja em que você fêz a primeira comunhão.
6 — Um velho solar rústico, semi-arruinado, que parece ter saudades da brilhante vida social de outrora.

DESCRIÇÃO DE VISTAS E QUADROS ANIMADOS

Esta modalidade de descrição é semelhante à de quadros de conjunto, deixando, porém, de ser *estática*, para se tornar *dinâmica*, o que exige seleta escolha de expressões vigorosas, se não exuberantes, para a tradução do movimento, tardo, acelerado ou violento, dos fenômenos naturais ou dos sêres animados, com tudo o que dêles decorre: ruídos, sons, mutações de côres, transformações de cenários, etc. As orações curtas e seguidas, justapostas ou não, traduzem movimentos rápidos, porque cada qual pinta, de modo incisivo, um fato, do qual se passa imediatamente para outro; as orações longas e arrastadas, modificadas por subordinadas, exprimem bem a lentidão dos movimentos. As onomatopéias e outras figuras transcrevem, com energia evocativa, os sons e os ruídos.

— A descrição de vistas e quadros animados apresenta um tríplice interêsse:

1.º) ela procura traduzir a vida das cousas (uma *cachoeira*, um *incêndio*, uma *tempestade*, um *vendaval*, uma *inundação*, um *terremoto*, etc.); não aparecem sêres vivos senão acidentalmente e como pormenores descritivos secundários;

2.º) transcreve uma vista ou um quadro, em que há movimento de pessoas ou animais;

3.º) insiste, principalmente, no caráter das cousas (uma *catedral* que parece proteger e guardar uma cidade; um *farol* iluminando um trecho perigoso do mar, etc.); há aqui uma *interpretação* do autor, que *personifica* as cousas ou lhes empresta caráter de *símbolos*, servindo-se geralmente, então, como recursos literários, de **figuras de estilo**, para exprimir suas impressões pessoais.

TEXTOS EXPLICADOS

4.º *Vistas animadas.*

I. — O SALTO DO GUAIRA

Largo oceano azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Léguas e léguas marulhoso e brando,
O rio enorme todo o céu retrata.

Súbito, as águas, brusco, represando,
Em torvelins de espuma se desata;
Vertiginoso, indômito, raivando,
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de novo em arco se levanta;
Nada a brancura esplêndida lhe turva
E na apoteose em que a caudal se expande,

Do sol aos raios, multicor se encurva
Em tanto resplendor e glória tanta,
Rútilo arco-íris, luminoso e grande.

EMÍLIO DE MENEZES.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Salto — *catadupa, catarata, queda de água.*
Margear — *seguir a margem.*
Marulhoso — *que faz o ruído suave e característico das águas agitadas.*
Brusco — *o poeta empregou êste vocábulo no sentido de: sùbitamente, inesperadamente.*
Represar — *reter águas em seu conjunto ou em parte.*
Desatar — *desfazer-se.*
Vertiginoso — *tão rápido, que causa vertigens.*
Indômito — *que não se pode dominar; indomável, bravio.*
Fracassar — *produzir fragor, estrépito.*
Turvar — *macular o que é claro ou límpido.*
Apoteose — *glorificação; beleza incomum.*
Caudal — *torrente violenta.*
Rútilo — *que refulge com luz avermelhada.*
Largo oceano azul — *é uma figura pela qual o poeta designa a vastidão do rio, que está azul, por refletir o céu.*
Frondosa mata — *a folhagem densa das árvores se unifica, formando como que uma única fronde.*

Todo o céu retrata — *o rio reflete o céu, reproduzindo-lhe a imagem.*
Torvelins de espuma — *redemoinhos de águas espumejantes.*
Raivando — *revôlto e tumultuoso.*
Ruge — *produz um barulho semelhante a um rugido.*
Em arco se levanta — *ao cairem, as águas ressaltam, arqueando-se.*
Glória — *grande beleza.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste soneto?

— O autor descreve o rio Guaíra, primeiramente em seu aspecto tranqüilo, quase dormente, e, depois, como se tivesse despertado em fúria, despenhando-se em catarata ruidosa e espumejante.

2 — De quantas partes se compõe esta descrição?

— De duas:

a) o rio antes do salto;
b) o rio após o salto.

3 — Que aspectos apresenta êsse rio?

— De acôrdo com o que observa o poeta, são quatro os aspectos dêsse rio; cada aspecto apresenta uma nota pinturesca:

a) o espelho do céu;
b) os torvelinhos de espuma;
c) a brancura esplêndida;
d) o arco-íris.

4 — Que pormenores se encontram em cada um dêsses aspectos?

— No *primeiro:* largo oceano azul — campina extensa — frondosa mata — o céu
— No *segundo:* águas — torvelins de espuma — catarata.
— No *terceiro:* o arco — a brancura esplêndida — o resplendor — a glória.
— No *quarto:* a apoteose — o caudal — os raios de sol — o arco-íris.

5 — Faça um ligeiro estudo de metrificação dêste soneto.

— Os versos são decassílabos:

"Lar	go o	ce	a	no a	zul,	o	ra	mar	gean	do
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

Cam	pi	na ex	ten	sa o	ra	fron	do	sa	ma	ta".
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

— As rimas, tôdas graves, são, na maioria, ricas; sua disposição é a seguinte:

1.º quarteto — 1-2-1-2
2.º quarteto — 1-2-1-2
1.º terceto — 3-4-5
2.º terceto — 4-3-5
} Cruzadas.

— Os acentos predominantes recaem na 6.ª e na 10.ª sílabas, em alguns versos, e na 4.ª, 8.ª e 10.ª, em outros.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que reside o interêsse desta descrição?

— O interêsse está no aspecto variado e pinturesco apresentado pelo rio nas três fases de seu curso: quando desliza calmamente, quando se precipita e quando tomba em catarata.

2 — Com que expressões Emílio de Menezes designa o rio?

— Estas expressões são:

— *Largo oceano azul*, com que o poeta designa a vastidão do rio e sua côr.

— *Maravilhoso e brando*, com que indica o aspecto e o ruído agradável de suas águas.

— *O rio enorme*, que repete, restringindo-a, a idéia contida na figura inicial (*largo oceano*).

— *Represando as águas:* é um aspecto do rio pouco antes da queda, quando começa a animação violenta das águas.

Outras expressões, que pintam aspectos tumultuosos do rio, se encontram nas frases: *o rio se desata em torvelins de espuma, vertiginoso, raivando... ruge, fracassa e tomba... em arco se levanta... caudal.*

3 — Que impressão nos produz esta descrição?

— Experimentamos, ao lê-la, sensações de *forma, luz, côr*, assim como sensações auditivas, que o poeta desperta hàbilmente por meio da harmonia imitativa ou onomatopéia: "*vertiginoso, indômito, raivando, ruge, fracassa e tomba em catarata*".

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O SALTO DO GUAÍRA

1) O rio antes da queda
- **calmo** — *o espelho do céu:* largo oceano azul — campina extensa — frondosa mata — o céu.
- **vertiginoso** — *os torvelins:* levanta-se em arco — a brancura esplêndida — o resplendor — a glória.

2) O rio após a queda
- **o efeito da luz:** a apoteose — o caudal — os raios de sol — o arco-íris.
- **a côr das espumas:** levanta-se em arco — a brancura esplêndida — o resplendor — a glória.

4.º Vistas animadas.

II. — MANHÃ NA ROÇA

Uma tênue mancha de claridade argêntea recorta em laca a linha ondulada das colinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horizonte e o sol aponta, deslumbradoramente, como uma gema de ouro flamante. Vapôres diáfanos diluem-se lentamente, em meio dos listrões vivos que purpureiam o

nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa; e eleva-se da floresta uma orquestração triunfal. Despertam de súbito, ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas. Abrem-se as casas. Pelos terreiros, úmidos da serenada da noite, homens de cócoras, em camisa, de canjirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas têtas das pacientes e mugidoras vacas, que criam amarradas aos finos paus das parreiras, e que, expelindo fumaça no ar frígido, ruminam ainda restos de grama numa mansidão ingênua de animal digno. Mulheres de xale pela cabeça chamam as galinhas, com um ruído sêco de beiço tremido, fazendo *burrr* e sacudindo-lhes mãos cheias de milho e pirão esfarelado. Um carro atopetado de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a côr esquisita das plantas que se avolumam e vegetalizam enterradas, chia monòtonamente, em direção ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho... E pela compridão majestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das reses.

VIRGÍLIO VÁRZEA.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Virgílio Várzea neste trecho?

— Descreve-nos, com efeitos de luz e de sombra, um amanhecer na roça, traduzindo simultâneamente a primeira animação dos sêres e das cousas.

2 — De quantas partes se compõe esta descrição?

— Distinguem-se nela duas partes:

a) o amanhecer (desde o início até *triunfal*);
b) a animação matinal.

3 — Como se ligam uma à outra essas partes?

— Pela idéia de *despertar*, indicada pelo verbo inicial da segunda parte (*despertam*) e pelo canto do passaredo que acorda.

4 — Qual é o conteúdo de cada uma delas?

— a) *O amanhecer:* mancha de claridade argêntea, linha ondulada das colinas verdes, poeira ocre, horizonte, sol apontando, vapôres diáfanos, listrões vivos, nascente, tons delicados de azul e rosa, floresta, orquestração triunfal.

— b) *A animação matinal:* alagamento tépido da luz, despertam as culturas, abrem-se casas, homens mungem vacas nos terreiros, mulheres alimentam galinhas, um carro de bois roda em direção ao engenho, chiando monòtonamente, reses se movimentam nos alagados e pastagens verdes.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Explique as expressões que traduzem: a) os movimentos da luz; b) os movimentos das côres.

— **Movimentos de luz:** *mancha de claridade argêntea* (a luz, de início, é apenas um fio luminoso na linha do horizonte); *poeira de ocre* (é a luz dourada que cresce gradativamente, enquanto, pouco a pouco, vai apontando o sol); *listrões vivos* (é o fundo de luz que aparece em forma de faixas no oriente); *alagamento de luz* (o que indica sua expansão pela atmosfera e sôbre a superfície da terra).

— **Movimentos de côres:** algumas das expressões de côr já foram estudadas, por indicarem também movimentos de luz. Todavia, nota-se aqui um movimento de côr, que forma delicado contraste: é a fusão, no ar, de tons azuis e rosados, e a côr púrpura do nascente.

2 — Explique o aspecto, as atitudes e as ações das pessoas que aparecem nesta descrição.

— As personagens que aparecem neste quadro são homens e mulheres.

Suas atitudes: Os homens estão de cócoras.

Aspecto: Os homens estão de camisa, de canjirão na mão, brancos de frio; as mulheres têm xale na cabeça.

Ações: Os homens ordenham as vacas; as mulheres chamam as galinhas, com um ruído sêco de beiço tremido, sacudindo as mãos cheias de alimento.

3 — Que mais empresta animação a êste quadro?

— O carro, cheio de mandioca e que roda, chiando e aos solavancos, rumo ao engenho; a orquestração do passaredo na floresta; as vacas, que ruminam ou mugem; e, finalmente, as reses, que, como notas coloridas, andam pelas pastagens verdes e pelos alagados.

4 — Quais são as impressões pessoais do autor e de que recursos se valeu para no-las transmitir?

— As impressões pessoais do autor giram, principalmente, em tôrno de *luz* e de *côr*, traduzidas pelas expressões: *claridade argêntea, poeira de ocre* transparente, *deslumbradoramente*, como uma *gema de ouro flamante*, vapôres *diáfanos, listrões vivos* que *purpureiam* o nascente, tons delicados de *azul* e *rosa*, compridão majestosa e *verde* dos alagados e pastagens, *colorido* movimentoso e variado das reses.

Os recursos com que o escritor exterioriza suas impressões pessoais são, portanto, numerosos e variados: substantivos, adjetivos, figuras, frases e até mesmo orações. Encontram-se, também, porém mais raras, impressões de **aspecto** e de **forma**: *recorte em laca, linha ondulada das colinas, brancos* de frio, *pacientes e mugidoras* vacas, *aspereza* dos caminhos, etc.

O ESTILO. — A forma literária de V. Várzea é bela e precisa, vigorosamente objetiva, de grande intensidade de luz, côr e relêvo. O autor sabe fazer-nos ver o conjunto do quadro e suas minúcias. Unindo-se à natureza por uma simpatia profunda, que repercute em sua capacidade expressiva, êle nos transmite com energia as linhas, as formas, o aspecto do ar, o aspecto da luz, os sons e a doçura da paisagem.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

MANHÃ NA ROÇA

1) **O amanhecer** — a mancha de claridade no oriente — a linha ondulada das colinas — a poeira ocre — o sol apontando no horizonte — vapôres diáfanos — listrões vivos — colorido azul e róseo — os cantos dos pássaros na floresta.

2) **A animação matinal** — o despertar das culturas aos raios mornos do sol — as casas abrindo-se — homens ordenhando vacas — mulheres alimentando galinhas — o carro rodando e chiando — as reses andando nos pastos e alagados.

4.º *Vistas animadas.*

III. — SERTÃO

A canícula escalda . . . Espadanando adusto
No espaço os raios crus, relumbra a pino o fausto
Do sol. A terra esturra . . . O vegetal, exausto,
Se estorce, sopesando a ramaria a custo!

Alastra o amplo deserto a estagnação de um susto,
Algares e álveos nus soltam, na ânsia de um hausto,
O bafo bochornal, que exsica o solo infausto.
Tudo estarrece ao sol, num sofrimento augusto!

Um boi galgaz estrinca, ao longe, a agra caatinga,
Numa heróica ilusão, vingando todo o estôrvo,
Em busca de um marnel, onde água, enfim, distinga!

E por sôbre a amplidão do panorama tôrvo,
Num sarcasmo feral, porque o sol já se extinga,
Surge a noite à feição de um formidável corvo!

LUÍS CARLOS.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Canícula — *calor ardentíssimo.*
Escaldar — *queimar; causar sensação de calor; secar pela ação do calor.*
Espadanar — *lançar em jorros achatados, que relembram a forma duma lâmina.*
Adusto — *muito quente.*
Raios crus — *raios custosos de sofrer, por demasiado ardentes; raios rigorosos, inclementes, cruéis.*
Relumbrar — *reluzir, rebrilhar.*
Esturrar — *requeimar.*
Sopesar — *sustentar o pêso de; tomar o pêso de.*
Ramaria — *o conjunto de muitos ramos; rama.*
Algar — *caverna.*
Álveos — *leitos de rio.*
Hausto — *sôrvo, aspiração.*
Bochorno — *atmosfera abafadiça, sufocante; vento quente.*
Bochornal — *ardente.*
Infausto — *infeliz.*
Exsicar — *ressecar.*
Estarrecer — *ficar como desfalecido; imobilizar-se.*
Augusto — *venerando, respeitável.*
Galgaz — *magro, espigado.*
Estrincar — *fazer estalar.*
Agra — *azêda.*
Vingar — *vencer, ultrapassar.*
Estôrvo — *obstáculo, empecilho.*
Marnel — *charco, alagadiço.*
Tôrvo — *horrível.*
Sarcasmo — *ironia maldosa.*
Feral — *fúnebre.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste soneto?

— O autor descreve o sertão requeimado por um sol inclemente, numa paisagem animada por um boi, que procura sôfregamente um pouco de água; a descrição abrange um espaço de tempo, que vai desde meio-dia até o cair da noite.

2 — Em quantas partes se pode dividir esta descrição?

— Em três, a saber:

a) a paisagem adusta (1.º e 2.º quartetos);
b) o boi sequioso (1.º tercêto);
c) o cair da noite (2.º tercêto).

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

— Na *primeira*, o sol dardeja a pino os raios ígneos, ressecando a terra e exaurindo a seiva da vegetação; tudo se imobiliza; as cavernas e os leitos secos dos rios lançam emanações ardentes.

— Na *segunda*, um boi magro, ao longe, procura em vão um pouco de água.

— Na *terceira*, o autor compara a noite tropical, que desce ràpidamente, a um grande corvo negro.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

— Êle abrange um triplice aspecto:

a) o *interêsse descritivo*, constituído pela desolação da paisagem;
b) a *pompa do estilo*, formada, principalmente, pela riqueza do vocabulário;
c) e finalmente, as *impressões pessoais* do poeta, traduzidas, numa forma sensível, por meio de adjetivos e de figuras, que igualmente concorrem para a pompa do estilo.

2 — Quais são os elementos descritivos, que o poeta empregou para construir o arcabouço de seu soneto?

— Os principais são os seguintes: a canícula — os raios crus do sol — a terra requeimada — a vegetação exaurida — o deserto — os algares — os álveos secos — a caatinga — o boi — o sol poente — a noite.

3 — Que nos demonstra, neste soneto, ser pomposo o estilo do autor?

— Em primeiro lugar, o vocabulário escolhido e rico; depois, as comparações, as metáforas e as inversões de têrmos.

4 — Quais são as impressões pessoais do autor?

— Algumas expressões traduzem *fulgor* (espadanando os raios... relumbra a pino o fausto do sol);

— outras, *calor intenso* (a canícula escalda... a terra esturra... o bafo bochornal);

— outras, ainda, *imobilidade* (a estagnação de um susto... tudo estarrece ao sol);

— e uma, enfim, *sombra crescente* (surge a noite à feição de um formidável corvo).

5 — Que impressão geral nos causa esta paisagem?

— Causa-nos uma impressão de *desolação* e *abatimento*, dando-nos quase que uma sensação física de *calor* e *cansaço*.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

SERTÃO

1) **A paisagem adusta:** o sol a pino — a terra aquecida — a vegetação exausta — o abatimento das cousas — cavernas e álveos lançando emanações ardentes.
2) **O boi sequioso:** um boi magro, ao longe — a agra caatinga — o marmel procurado.
3) **O cair da noite:** o sol desaparecendo no horizonte — a noite que desce.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

4.º *Vistas animadas.*

I. — NA FLORESTA

Com a aproximação da noite, a mata começava a animar-se. Da crista do arvoredo mais alto, onde, aos raios do sol, sazonam frutos e se abrem as corolas perfumosas, desciam bandos de macacos e esfuziava a passarinhada em busca de seus ninhos. É que a natureza amazônica reproduz os jardins suspensos de Semíramis. A muitos metros do solo, as frondes portentosas tecem-se num vergel florido que atrai, durante o dia, todos os habitantes da floresta. Assim, enquanto no recesso da mata tudo é silêncio e obscuridade, vai lá por cima uma agitação constante. São ramos que vergam ao pêso dos animais; araras e tucanos que trincolejam sementes duras; flôres que esfarfalham tocadas pelos beija-flôres; gritos agudos, chilreados álacres; frêmitos de asas, ruge-ruge de penas... A noite, porém, traz a transmutação do cenário. Povoa-se o subosque em detrimento do dossel de verdura. A bicharada baixa a seus esconderijos. Estalidam galhos. Sombras esgueiram-se na meia luz do crepúsculo. As aves aconchegam-se entre a folhagem. Era o que eu observava agora, ouvindo ao longe o côro triste dos guaribas, concertando com as outras muitas vozes que me cercavam: pios flébeis, chilidos, assobios, e até o rechino de algumas cigarras e a coaxação dos primeiros sapos.

GASTÃO CRULS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *sazonam — esfuziava — frondes portentosas — recesso da mata — trincolejam — esfarfalham — chilreados álacres — frêmitos de asas — subosque — esgueiram-se — aconchegam-se — concertando — flébeis — chilidos — rechinos.*

2 — Que significam aqui: *crista — tecem-se — vergel florido — transmutação do cenário — dossel de verdura — meia luz do crepúsculo — côro triste dos guaribas?*

3 — Que quer o autor dizer com a oração: *a natureza amazônica reproduz os jardins suspensos de Semíramis?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

2 — Quais são, neste trecho, as passagens *narrativas?* Por que são narrativas?

3 — Divida a descrição em três partes, a saber:

a) a noite desce sôbre a mata;
b) a vida da mata durante o dia;
c) a vida da mata à noite.

4 — Que contém cada uma dessas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Estude, neste trecho, as expressões que denotam *movimento* na floresta.
2 — Estude as expressões que denotam *ruído*, indicando as que são onomatopaicas.
3 — Explique por que o autor empregou o *indicativo presente* no texto, já que o iniciou e terminou com o *imperfeito do indicativo*.
4 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.
5 — Localize êste trecho no romance: "A AMAZÔNIA MISTERIOSA."

EXERCÍCIO

VOCABULÁRIO

1 — Cite dez nomes de aves selvagens do Brasil, dez de feras e dez de árvores.
2 — Cite palavras que reproduzam vozes de animais (palavras onomatopaicas).
3 — Determine, por meio de orações, o sentido de: *reproduzir* — *repetir* — *imitar* — *simular*; *vergar* — *curvar* — *dobrar* — *inclinar*; *laia* — *lacuna* — *insular* (verbo).
4 — Dê sinônimos às palavras: *animar* — *crista* — *sazonar* — *busca* — *portentoso* — *tecer* — *vergel* — *recesso* — *transmutação* — *detrimento* — *incólume* — *insano*.
5 — Cite 10 palavras que exprimam *semi-obscuridade*.
6 — Cite expressões — substantivos, adjetivos e verbos — que exprimam *sensações auditivas*.

ELOCUÇÃO. — Segundo o modêlo: *Estalidam galhos...* (até o fim do trecho) e respeitando a mesma disposição de sentenças, fale a respeito de: *estudantes que brincam no dormitório dum internato e que percebem a aproximação do diretor*; — *uma festa de S. João ao ar livre*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Obedecendo ao plano de composição do trecho estudado, descreva a *mesma floresta* às primeiras horas do dia.

4.º *Vistas animadas.*

II. — LUZ E CALOR

Por todos os lados, onde quer que a vista repousasse, o sol resplandecia. Sombras raras enegreciam de manchas as campinas louras e, para o horizonte distante, fina e translúcida, uma névoa de ouro passava como um véu corrido do céu sôbre os montes dum forte azul quase negro. À sombra dos tejupás da roça, cães arquejantes modorravam e as galinhas, de asas frouxas, bico aberto, ofegando, paradas, pareciam hipnotizadas pela irradiação deslumbrante. Ao cair da tarde, esmaecendo a luz em laivos de sangue e ouro sob a fimbria do ocaso, as cigarras entravam a chiar, respondendo-se, em concêrto, dum ponto e doutro; pássaros saíam repousados, atravessando o ar tépido; borboletas tontas, como se despertassem dum torpor de narcótico, esvoaçavam de ramo em ramo; ruflos de asas, de beija-flôres, surdinavam e rôlas, com enternecida e apaixonada tristeza, gemiam entre os milhos, onde os sanhaçus, em chusma, gritavam estrìdulamente e os periquitos verdes grazinavam.

COELHO NETO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *resplandecer* — *translúcida* — *tejupás* — *arquejantes* — *modorravam* — *ofegando* — *concêrto* — *tépido* — *ruflos* — *surdinavam* — *sanhaçus* — *chusma* — *estridulamente* — *grazinavam.*

2 — Que significam aqui as expressões: *onde quer que a vista repousasse* — *sombras enegreciam de manchas as campinas louras* — *uma névoa de ouro* — *como um véu corrido do céu* — *irradiação deslumbrante* — *esmaecendo a luz* — *laivos de sangue e ouro* — *a fímbria do ocaso* — *torpor de narcótico* — *gemiam* — *com enternecida e apaixonada tristeza?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?
2 — Divida o trecho em duas partes, dando a cada uma delas um título expressivo.
3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que nos interessa mais nesta descrição?
2 — Como descreveu o autor: *a) o efeito da luz sôbre as cousas; b) o efeito do calor sôbre os animais?*
3 — Com que expressões traduziu êle as ações dos insetos e dos pássaros, ao cair da tarde?
4 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO

1 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *relumbrar* — *resplandecer* (ou *resplendecer*) — *reluzir* — *rebrilhar* — *rutilar* — *refulgir; louras* — *douradas* — *amarelas* — *gualdas; translúcida* — *transparente* — *diáfana; azul* — *cerúleo* — *anilado; arquejante* — *ofegante* — *anelante* — *esbaforido; funesto* — *feral* — *exicial* — *exuberante.*

2 — Cite sinônimos de: *deslumbrante* — *esmaecer* — *luz* — *laivos* — *fímbria* — *exício* — *ocaso* — *tépido* — *torpor* — *evocaçar* — *chusma.* Empregue-os apropriadamente em curtas sentenças.

3 — Cite palavras que exprimam idéias de: *penumbra* — *luminosidade* — *frescor* — *animação ruidosa.* Empregue-as apropriadamente em curtas sentenças.

4 — Forme pequenas expressões comparativas, que exprimam as mesmas idéias indicadas no exercício de n.º 3.

5 — Forme, com os radicais *umbr* — *color* — *aqu* — *lun* — *plen* — *fluv* — *rad* — *pisc* — *ped*, palavras que se refiram a *sombra, côr, água, lua, cheio, rio, raio, peixe* e *pé.*

6 — Que diferença há entre *concêrto* e *consêrto? inalar* e *exalar? inspirar, expirar* e *aspirar? eminência* e *iminência? emergir* e *imergir? descrição* e *discrição? democracia* e *demagogia? conjetura* e *conjuntura? seção* e *sessão? coser* e *cozer? ingente* e *pungente? içar, eriçar* e *inçar?*

7 — Acrescente, aos seguintes substantivos, adjetivos que lhes caracterizem o aspecto, a forma ou a côr: *sol* — *rosa* — *sombra* — *campina* — *ribeiro* — *serpente* — *poente* — *floresta* — *olhos* — *rosto.*

ELOCUÇÃO. — Reproduza minuciosamente esta descrição, de viva voz.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva êste mesmo quadro, visto nos primeiros momentos da manhã.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE VISTAS E QUADROS ANIMADOS

(O professor lerá à classe, prèviamente, uma descrição-modêlo).

1 — **Descreva uma** *fazenda ao amanhecer*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *A paisagem:* a casa da fazenda, a alpendrada, o jardim, o pomar, o terreiro de café, a máquina de beneficiar, as filas de casas dos colonos, o cafèzal e seu aspecto, os algodoais, as pastagens, o chiqueiro e o curral.

B) *A animação incipiente:* O movimento na colônia. A partida dos colonos para a lavoura. A distribuição de rações aos galináceos e aos porcos. O mugir dos bois. Revoadas de pombos. O canto da passarada. O latir dos cães.

2 — **Descreva uma** *chuva*, **desenvolvendo o seguinte plano:**

A) *O aspecto do céu:* as nuvens que parecem mover-se lentamente, cobrindo o firmamento azul. A mudança de côr, que se vai acinzentando.

B) *A chuva:* a linha do horizonte, imprecisa e vaga. A cortina liqüida e alva, ao longe. O vento. As primeiras gôtas de água. A bátega: aspecto e ruído.

3 — **Descreva um** *incêndio*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *No exterior do prédio:* vidraças que se estilhaçam ao calor intenso. Labaredas que surgem das janelas, requeimando-as e enegrecendo-as. Sua dança macabra.

B) *No interior da casa:* O fogo, crepitante e vivo, alastra-se do assoalho para os móveis e dos móveis para as escadas, galgando-as ràpidamente, num fogaréu coruscante, de focos mais e mais intensos, e que vai atingindo os andares superiores.

C) *O aspecto geral:* Uma fogueira imensa, ruidosa e aureolada de centelhas. Os desabamentos estrondosos. A negra e espêssa coluna de fumo, que se enovela e sobe para o céu.

4 — **Descreva, pelo que tem visto no cinema, um** *alude na região polar*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) *A paisagem:* O céu nórdico, a formar um fundo acinzentado. Altas montanhas de gêlo. A pálida claridade do dia. As perspectivas brancas. As grandes sombras que se alongam nas planícies geladas. Pingüins e focas.

B) *O alude:* Roucos e surdos estrondos. Suas vibrações sonoras. Os picos alvos que se desfazem, tombam e rolam. O alude tonitruante que se engrossa, envolto numa poeira de neve, e se precipita, rugindo, nos abismos glaciais.

5 — **Descreva uma** *tempestade*, **desenvolvendo o seguinte plano:**

A) Nuvens que se adensam ràpidamente, cobrindo de negror o céu. A obscuridade. Relâmpagos a se amiudarem, em trepidações fulgurantes que iluminam a trevosa e fantástica abóbada celeste.

B) Desencadeia-se a tempestade. Ululante ventania sacode e verga as árvores. Estrugem trovões, secos e fortes, e o fragor rola em ondas que diminuem e se perdem ao longe, no espaço. O aguaceiro denso, pesado, encachoante. A escuridão.

6 — **Descreva, de imaginação,** *a cidade dos gnomos* **(fantasia), guiando-se pelo seguinte plano de composição:**

A) *A cidade subterrânea:* Uma imensa caverna, iluminada no centro e cercada de espaços tenebrosos. Colunas de metal que se perdem nas alturas e sustentam a superfície da terra. A planície central. Pequeninas casas e jardinzinhos floridos. Avenidas e praças de boneca. Fábricas e chaminés. Forjas.

B) *A animação:* A ativa multidão de pigmeus barbudos. Seu trabalho: fabricação de metais preciosos e de pedrarias que êles, em grandes filas escuras, vão enterrar nas distâncias tenebrosas, em forma de filões de ouro e prata, assim como de minas de diamantes, rubis, safiras, topázios, etc.

7 — **Descreva, procurando traduzir a vida das coisas** (primeiramente em composições rápidas de um único período, e depois, em três períodos):

1.º — Um grande rio brasileiro.
2.º — A maré num pôrto ou numa praia.
3.º — Uma inundação num vale.
4.º — Uma queimada de campo.
5.º — Um vendaval.

8 — **Descreva, insistindo no caráter das coisas** (primeiramente, em composições de um único período, e, depois, de três):

1.º — Uma escola, que parece um templo de luz.
2.º — Um grande quartel, que parece um gigante a velar pela Pátria.
3.º — Uma catedral, que parece guardar e proteger uma cidade.
4.º — Uma queda de água, que movimenta uma usina.

9 — **Descreva como vista animada, em que haja movimento de pessoas ou animais:**

1.º — Um circo de cavalinhos de pau.
2.º — A partida de um trem.
3.º — A chegada de um navio.
4.º — A passagem duma boiada por um campo.
5.º — Um jardim público aos domingos, numa pequena cidade.
6.º — Um jardim zoológico.

RETRATOS DESCRITIVOS

O retrato é uma das modalidades da descrição, em que se reproduzem as feições ou o caráter duma pessoa.

Se não conhecemos a pessoa, temos de procurar informações precisas em fontes idôneas: fotografias, retratos, descrições e relatos, de cuja autenticidade e veracidade não se possa duvidar. Em se tratando, porém, de personagens fictícias, goza o autor de ampla liberdade, pois elas são criadas por sua imaginação; se forem, no entanto, sobrenaturais ou lendárias, terá êle de submeter-se, relativamente às particularidades fisionômicas ou anatômicas, às indicações da tradição religiosa ou da lenda.

Na descrição de pessoas, devemos — é claro — considerar o *aspecto anatômico*, dando primazia aos traços *fisionômicos*, sem desprezar o *indumento*.

Certas pessoas são caracterizadas por um exterior particular, que nos esforçaremos por descrever caprichosamente. Ex.: uma *normalista uniformizada*, um *cadete*, um *sacerdote*, uma *freira*, um *juiz togado*, um *oficial do exército, da aeronáutica, da marinha* ou *da polícia*, etc.

Nos retratos morais, ou descrições de caráter, devemo-nos interessar, principalmente, pelas *qualidades*, *defeitos* ou *manias*, gerais ou predominantes.

O retrato descritivo pode ser, simultâneamente, físico e moral.

Chama-se caricatura descritiva o retrato, em que os traços ou certos traços são exageradamente acentuados, tornando-se cômicos. Ex.: um *palhaço*. — Constitui interessante caricatura o retrato descritivo de Marcos Parreira, principal personagem do romance "Dois Metros e Cinco", de Cardoso de Oliveira. Ei-la:

MARCOS PARREIRA

Encaminharam-se para a sala. O Marcos Parreira ia na frente, e, curvando-se para poder passar pela porta do terraço, aliás bastante alta, desdobrou de novo na sala de jantar a magra estatura, que atraía a atenção em tôda a parte. Andava cauteloso, de mansinho, "para não incomodar o Lux", explicou em voz baixa, concentrado, a cofiar carinhosamente o basto cavanhaque, que se abria em leque, estendendo-se numa linha quase horizontal — "o seu espanador de injúrias" — como êle lhe chamava, atribuindo a êsse ornato a propriedade de varrer as que lhe eram atiradas antes que atingissem a face. Do lábio superior, onde se salientava um ralo bigode de escôva, que mordiscava por irreprimível cacoete, afastava-se o outro pendente, "como o de um cavalo cansado", deixando em exposição a dentadura falha e esverdeada. Ajuntem-se a êstes acentuados característicos um nariz de cavalete, uns olhos castanhos fulvos, como os cabelos que "nunca viram pente", como êle próprio confessava, olhos de cobra morta, mas de uma convexidade singular de quem só vê para fora; imagine-se agora êsse todo, realçado por uma formidável verruga na face esquerda e prêso por um imenso pescoço ao tronco desengonçado, que a custo se equilibrava sôbre duas pernas de cegonha, e far-se-á uma idéia de orate-mor da leva, que invadia naquele momento a sala da frente.

CARDOSO DE OLIVEIRA.

TEXTOS EXPLICADOS

5.º *Retratos descritivos.*

1. — O MARECHAL FLORIANO

Caboclo do norte, homem de 44 a 46 anos de idade, de estatura mediana, cabeça bem conformada, testa larga, nariz grosso e reto, lábios grossos, cobertos de um bigode escasso, queixo rigorosamente escanhoado, suíças imperceptíveis, duas rugas sensíveis e fortes, descendo das abas das narinas ao canto dos lábios, que lhe animam e adoçam a fisionomia rude; olhos pardos, grandes, fundos e de extrema mobilidade, mal velados pelos cílios quase sempre baixos, eis em duas paletadas o aspecto do vice-presidente da República. Quase nunca aparece em público, e, quando o faz, veste sempre a sua farda de marechal do Exército, trazendo ao peito as medalhas de campanha ganhas no Paraguai. Em casa, de ordinário, as suas vestes habituais consistem na calça e no jaleco de brim, e camisa sem goma.

ALCINDO GUANABARA.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Caboclo — *Mestiço. — Geralmente, porém, dá-se esta denominação às pessoas de pele acobreada, ou, ainda, às que têm os hábitos singelos dos genuínos caboclos.*
Bigode escasso — *bigode ralo.*
Escanhoado — *barbeado com apuro.*
Suíças — *barba formando tufo dum e doutro lado da face.*
Imperceptíveis — *pequenas* (exagêro de expressão).
Narinas — *ventas* (*narinas* é galicismo).
Paletada — *palavra derivada de* **paleta**. *A paleta é uma pequena prancha de forma ovalada, onde os pintores põem as tintas.* **Paletadas** *foi empregada por Alcindo Guanabara com o sentido de* **pinceladas, traços.**
Jaleco — *casaco curto, fardeta.*

ESTÚDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

— Alcindo Guanabara faz aqui o retrato descritivo do Marechal Floriano Peixoto, focalizado quando vice-presidente da República.

2 — De quantas partes se compõe êste retrato?

— O trecho divide-se em duas partes:

a) o aspecto fisionômico do Marechal;
b) seu vestuário.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

— A *primeira* parte contém os seguintes pormenores descritivos: estatura mediana — cabeça bem conformada — testa larga — nariz grosso e reto — lábios grossos — bigode escasso — queixo escanhoado — pequeninas suíças — rugas sensíveis e fortes — fisionomia rude — grandes olhos pardos e fundos — cílios.

— A *segunda: em público:* farda de marechal com as condecorações de guerra; *em casa:* calças, jaleco de brim e camisa sem goma.

4 — Como se faz a transição da primeira parte para a segunda?

— Por meio duma frase *narrativa*, que afirma um hábito do Marechal: — "*Quase nunca aparece em público*".

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse dêste trecho?

— Consiste no próprio assunto, que nos mostra os traços fisionômicos e um hábito curioso duma das mais empolgantes figuras da história do Brasil.

2 — Por que é a primeira parte dêste retrato mais longa do que a segunda?

— Porque é na primeira que o autor nos descreve a fisionomia do Marechal, mostrando-o tal como era em determinado momento da vida.

3 — Que impressão nos causa: *a*) o aspecto fisionômico do Marechal; *b*) seu vestuário em casa?

— O aspecto fisionômico dá-nos a impressão de *energia rude;* o vestuário caseiro, de *simplicidade habitual.*

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O MARECHAL FLORIANO

- **Aspecto geral:** caboclo do norte — idade — estatura.
- **Pormenores físicos:** cabeça bem conformada — testa larga — nariz grosso e reto — lábios grossos (*o autor poderia ter evitado a repetição dêste adjetivo*) — bigode escasso — queixo escanhoado — suíças pequenas — rugas — olhos — cílios.
- **Vestuário**
  - *de aparato:* farda de marechal, com condecorações.
  - *caseiro:* jaleco — camisa sem goma — calças.

5.º *Retratos descritivos.*

II. — CECÍLIA

No pequeno jardim da casa do *Paquequer*, uma linda môça balouçava-se indolentemente numa rêde de palha, prêsa aos ramos de uma acácia silvestre, que, estremecendo, deixava cair algumas de suas flôres miúdas e perfumadas. Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vêzes se abriam lânguidamente, como para se embeberem de luz, e abaixavam-se de novo as pálpebras rosadas. Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor de gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez, alva e

pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces duns longes côr-de-rosa... O seu trajo era do gôsto mais mimoso e mais original que é possível conceber: mistura de luxo e de simplicidade. Tinha sôbre o vestido branco de cassa um ligeiro saiote de riço azul apanhado à cintura por um broche; uma espécie de arminho côr de pérola, feito com a penugem macia de certas aves, orlava o talhe e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus ombros e o harmonioso contôrno de seu braço. Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva e caíam em volta do pescoço, presos por uma presilha finíssima de fios de palha côr de ouro. A mãozinha afilada brincava com um ramo de acácia, que se curvava, carregado de flôres, e ao qual de vez em quando segurava-se para imprimir à rêde uma oscilação. Esta môça era Cecília.

JOSÉ DE ALENCAR.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Lânguidamente — *com frouxidão; sem fôrça.*
Froco (ou floco) — *tufo de algodão, lã, paina, pêlos, penugem, ou de algo semelhante.*
Uns longes — *um colorido leve, desbotado.*
Mimoso — *delicado.*
Riço — *tecido de lã, de pêlos crespos.*
Arminho — *pêlo sedoso e alvo dum animal do mesmo nome, que vive em regiões frias.*
Afilada — *alongada e fina.*
Embeber-se de luz — *encher-se, fartar-se de luz.*
Doce e ligeiro — *suave e fugaz.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor, nesta página?

— Nesta página, o autor descreve uma jovem, Cecília (personagem do romance "O Guarani"), vestida à moda do tempo — fim do século XVI — e balouçando-se indolentemente núma rêde de palha, suspensa duma acácia silvestre, que se erguia no jardim da casa do Paquequer.

2 — Quantas partes se notam neste trecho?

— Distinguem-se nêle duas grandes partes:

a) o aspecto físico de Cecília;
b) seu indumento.

3 — Que pequeno quadro serve de fundo a êste retrato?

— É o jardim da casa, com a acácia donde caem flôres miúdas e pende a rêde em que se acha a môça. Êste quadro aparece ràpidamente no período, que vai desde o início até *perfumadas*, e é completado pela passagem que começa com a expressão "*A mãozinha afilada*" e termina em "*Esta môça era Cecília*".

4 — Quais são: *a*) os caracteres físicos da jovem; *b*) os pormenores relativos a seu vestuário?

— **Caracteres físicos:** grandes olhos azuis — pálpebras rosadas — lábios vermelhos e úmidos — tez alva e pura — faces côr-de-rosa — ombros alvos — braços bem contornados — mãozinhas afiladas — cabelos louros, em tranças — fronte alva.

— **Vestuário:** vestido branco, de cassa — ligeiro saiote de riço azul — arminho côr de pérola na orla do talhe e das mangas.

5 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte?

— Efetua-se a transição por meio de uma sentença *narrativa*, em que o autor expende, de um modo geral, sua opinião sôbre o trajo da môça: "... *era do gôsto mais mimoso*, etc."

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

— O interêsse está na própria personagem, que ficamos conhecendo através dum retrato descritivo físico, cujo final no-la apresenta: "Esta môça era Cecília".

2 — Quais são as impressões pessoais do autor? Como as exprime êle?

— O autor traduz suas impressões pessoais por meio de simples adjetivos (*linda* — *mimoso* — *original* — *ricas*, etc.) e de comparações (*pareciam uma flor de gardênia* — *alva como um floco de algodão*).

As impressões pessoais são geralmente, como já vimos em diversas lições, reações do espírito à natureza exterior; umas já se generalizaram e são expressas por adjetivos, como *linda*, *suave*, *mimoso*, etc.; outras são mais individuais e vigorosas, exigindo **figuras** para se exprimirem. Estas últimas, principalmente, dão ao leitor uma idéia *precisa* e *forte* daquilo que o autor quer dizer. As comparações *pareciam uma flor de gardênia orvalhada pelo sereno* e *como um floco de algodão* acentuam pronunciadamente a idéia de *côr*, que ambas exprimem.

3 — Que impressão geral nos causa esta descrição?

— Causa-nos a impressão dum retrato artístico, que tem por fundo um quadrinho pinturesco.

O ESTILO. — É um estilo nervoso, vário, meigo e cambiante, de forte poder descritivo, que satisfaz a nossos ouvidos pela harmonia musical e a nossos olhos pela evocação da forma, do colorido e do relêvo.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

CECÍLIA { **Fundo artístico:** jardim, acácia, flôres caindo, a rêde. }

1) **O aspecto físico de Cecília:** grandes olhos azuis — pálpebras rosadas — lábios vermelhos e úmidos — tez alva e pura — faces côr-de-rosa — ombros alvos — braços bem contornados — mãozinhas afiladas — cabelos louros, em tranças — fronte alva.

2) **O vestuário:** vestido branco, de casa — ligeiro saiote de riço azul — arminho na orla do talhe e das mangas.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

5.º *Retratos descritivos.*

I. — JACINTO

Êste delicioso Jacinto fizera então vinte e três anos, e era um soberbo môço em quem reaparecera a fôrça dos velhos Jacintos rurais. Só pelo nariz, afilado, com narinas quase transparentes, duma mobilidade inquieta, como se andasse fariscando perfumes, pertencia às delicadezas do século XIX. O cabelo ainda se conservava, ao modo das eras rudes, crêspo e quase lanígero; e o bigode, como o dum Celta, caía em fios sedosos, que êle necessitava aparar e frisar. Todo o seu fato, as espêssas gravatas de cetim escuro que uma pérola prendia, as luvas de anta branca, o verniz das botas, vinham de Londres em caixotes de cedro; e usava sempre ao peito uma flor, não natural, mas composta destramente pela sua ramalheteira com pétalas de flôres dessemelhantes, cravo, azálea, orquídea ou tulipa, fundidas na mesma haste entre uma leve folhagem de funcho.

EÇA DE QUEIRÓS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *afilado — fariscando — crêspo — lanígero — anta — ramalheteira — azálea — orquídea — fundidas — funcho.*

2 — Qual é a significação de: *êste delicioso Jacinto — soberbo môço — os velhos Jacintos rurais — narinas quase transparentes — uma mobilidade inquieta — as eras rudes — como o dum Celta?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

2 — Divida êste trecho em duas partes, a saber:

a) *os caracteres físicos de Jacinto;*
b) *seu trajo.*

3 — Qual é o conteúdo de cada parte?

4 — Localize êste trecho no romance: "A CIDADE E AS SERRAS."

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que semelhança física tem Jacinto com seus antepassados? E em que é que dêles difere?

2 — Que quer Eça de Queirós dizer, ao afirmar de Jacinto que êle *pertencia às delicadezas do século XIX?*

3 — Quais são os pormenores mais nítidos do indumento de Jacinto? E como se pode avaliar a elegância de seu trajo?

4 — Que impressão nos causa sua flor habitual? Por quê?

5 — Analise em poucas palavras o estilo de Eça de Queirós.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de orações curtas, o sentido de: *delicioso* — *agradável* — *deleitoso* — *ameno* — *aprazível* — *magnífico* — *excelente* — *encantador*; *soberbo* — *arrogante* — *orgulhoso* — *vaidoso* — *desvanecido* — *presunçoso* — *majestoso* — *suntuoso* — *magnificente* — *imponente* — *faustoso*; *fôrça* — *energia* — *vigor* — *robustez*; *senhoril* — *heril* — *hierático* — *nobre* — *aristocrático*; *cérebro* — *cérbero*.

2 — Empregue apropriadamente em orações curtas: *rurais* — *campesinos* — *campônios* — *rústicos*; *afilado* — *adelgaçado* — *fino*; *transparente* — *diáfano* — *translucente* — *translúcido*; *inquieta* — *agitada* — *desassossegada* — *buliçosa* — *trêfega*; *fariscar* — *farejar* — *cheirar*; *perfumes* — *odores* — *cheiros* — *essências* — *extratos*; *retaco* — *achaparrado*; *fictício* — *factício*; *figadal* — *fidalgal*; *patriarcado* — *matriarcado*.

3 — Dê sinônimos a: *delicadezas* — *rudes* — *crêspo* — *frisar* — *fato* — *espêssar* — *escuro* — *branca* — *destramente* — *dessemelhante* — *incongruência* — *incriminar*.

4 — Dê antônimos a: *delicioso* — *soberbo* — *môço* — *fôrça* — *rural* — *afilado* — *transparente* — *inquieta* — *delicadeza* — *rude* — *sedoso* — *espêsso* — *escuro* — *natural* — *irrequieto* — *ínclito* — *invicto* — *insuêto* — *evoluir*.

5 — Cite nomes: a) de peças de *indumento masculino*; b) de peças de *indumento feminino*; c) de *traços físicos* delicados e belos.

6 — Retire do texto, analisando-os: a) os *substantivos próprios*; b) os *substantivos concretos*; c) os *substantivos abstratos*; d) os *adjetivos*.

7 — Conjugue, na forma negativa, os verbos: *fazer*, *cair* e *vir*; *polir*, *cerzir* e *ruir*

ELOCUÇÃO. — Respeitando a construção fraseológica dos três primeiros períodos dêste trecho, fale de uma pessoa conhecida ou amiga.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Faça, imitando Eça de Queirós, a descrição física: a) dum *rapaz moderno*; b) duma *senhorinha elegante e bela*; c) duma *noiva*.

5.º *Retratos descritivos.*

II. — O CONDE DOS ARCOS

O Conde dos Arcos, entre os cavaleiros, era quem dava mais na vista. O seu trajo, cortado à moda de Luís XV, de veludo prêto, fazia realçar a elegância do corpo. Na gola da capa e no corpete, sobressaíam as finas rendas das gravatas e dos punhos. Nos joelhos, as ligas bordadas deixavam escapar com artifício os tufos de cambraieta alvíssima. O conde não excedia a estatura ordinária, mas, esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pálidas demais, porém animadas de grande expressão, e o fulgor das pupilas negras fuzilava tão vivo, e por vêzes tão recobrado, que se tornava irresistível. Filho do marquês de Marialva e discípulo querido do seu pai, — dô melhor cavaleiro de Portugal, e, talvez, da Europa, — a cavalo

a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Êle e o corcel, como que ajustados em uma só peça, realizavam a imagem do centauro antigo.

REBÊLO DA SILVA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *corpete* — *sobressair* — *artifício* — *tufos* — *estatura ordinária* — *proporcionado* — *recobrado* — *peça* — *centauro*.

2 — Qual é a significação de: *dar na vista* — *fuzilava* — *enlevava os olhos* — *realizavam a imagem?*

3 — Que quer dizer a expressão: *como que ajustados em uma só peça?*

4 — Quem foi Luís XV?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

2 — Divida-o em três partes, a saber:

a) *o indumento do conde;*
b) *seu aspecto físico;*
c) *o centauro.*

3 — Que contém cada uma dessas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição? Por quê?

2 — Que impressão nos causa o conde: a) por seu vestuário; b) pela expressão do rosto?

3 — Explique a reminiscência mitológica do autor.

4 — Analise, em poucas palavras, o estilo de Rebêlo da Silva.

5 — Localize êste trecho em: "ÚLTIMA CORRIDA DE TOUROS EM SALVATERRA."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite palavras da mesma família que: *conde* — *cavalo* — *côrte* — *veludo* — *renda* — *punho* — *joelho* — *alvo* — *graça* — *face* — *fulgor* — *fuzil*.

2 — Forme expressões comparativas, em que entrem como segundo têrmo: *centauro* — *Hércules* — *Vênus* — *deusa* — *silfide* — *ninfa* — *Diana*.

3 — Quais são os verbos derivados de: *trajo* — *côrte* — *prêto* — *fino* — *pálido* — *corpo* — *tufo* — *grande* — *imagem?*

4 — Forme curtas orações empregando, no imperativo afirmativo e negativo, os verbos dêste trecho.

5 — Conjugue em todos os tempos os verbos *fazer*, *ver*, *ir*, *descobrir*, *rir* e *vir*.

6 — Cite nomes de peças de vestuário dum gaúcho.

7 — Explique o sentido das seguintes palavras: *pilhar* — *saquear* — *concitar* — *incitar* — *excitar* — *conclave* — *assembléia* — *minguar* — *exorbitar* — *eximir* — *inibir* — *alvorôço* — *alvissaras*.

ELOCUÇÃO. — Segundo o modêlo dos quatro primeiros períodos, fale: 1.º) dum *toureiro;* 2.º) dum *arlequim;* 3.º) dum *palhaço;*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Faça, obedecendo ao plano do texto estudado, o retrato descritivo de Garibaldi, trajado à gaúcha.

5.º *Retrato descritivo moral.*

III. — O DUQUE DE CAXIAS

Nas mais diversas aplicações de sua inteligência, soube êle permanecer o mesmo. Por mais alto que subisse, em cada degrau da sua esplêndida vida, nunca foi visto vacilar. Soube administrar, combater, governar, tudo em máxima escala, ficando sempre simples e modesto. Distinguiu-o invariàvelmente a austera simplicidade de um Cincinato, mas a quem nunca o Estado permitiu voltar do triunfo para a charrua, pois não têm sido dado férias a tão constante lidar. Por mais que barafuste a inveja, a história não aceitará que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se superponha ao dêste; e ao nosso compatriota passará também o cognome de *Duque de Ferro*, com que outro general foi saudado. Já lhe conheceis as qualidades morais e físicas. Duma sobriedade exemplar, suporta as maiores fadigas, sem demonstrar cansaço. Nunca foi visto desmentir-lhe o vigor do ânimo ou a placidez do espírito, nem nos mais críticos momentos, que a responsabilidade de um comando em chefe devia converter em séculos de ansiedade. Sempre achou tempo para Deus, para a Pátria, para os amigos, para a Humanidade. Essa estrêla que lhe atribuem, acredita nela, não como os fatalistas, mas sim como predomínio da inteligência sôbre as ações, caso êsse em que a sorte, como diz Vieira, não está nas mãos dos fados, senão nas nossas. Se o acaso venturoso entra por um décimo nos grandes resultados obtidos, nove décimos são devidos ao cálculo, à inteligência, à perspicácia, à prontidão.

Monsenhor PINTO DE CAMPOS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *escala* — *austera* — *lidar* — *superpor* — *cognome* — *sobriedade* — *estrêla* — *fatalistas* — *predomínio* — *fados* — *prontidão.*

2 — Que significam as expressões: *cada degrau de sua esplêndida vida* — *o vigor do ânimo* — *a placidez do espírito* — *críticos momentos* — *séculos de ansiedade* — *o acaso venturoso?*

3 — Explique quem foi: *Cincinato* — *Vieira.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — De que trata o autor neste trecho?

2 — Aponte no texto as passagens referentes:

a) à *inalterável simplicidade do Duque;*
b) à *História quanto ao Duque;*
c) a *seu espírito forte e calmo;*
d) à *inteligência e ao acaso.*

3 — Faça um curto resumo de cada uma destas passagens.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Mostre que, neste retrato, o que se estuda é, principalmente, um *caráter*.

2 — Quais são as qualidades morais que, segundo o texto, formavam a personalidade do Duque?

3 — Que quer o autor dizer, quando afirma que o Duque *sempre achou tempo para Deus, para a Pátria, para os amigos, para a Humanidade?*

4 — Como se chamava o general inglês, que foi cognominado *Duque de Ferro?* Qual a razão dêsse cognome?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos às palavras: *afã* — *azáfama* — *marulho* — *guardião* — *esfumar* — *espavorido* — *presunçoso* — *jactancioso* — *vanglória* — *esplêndida* — *austera* — *constante* — *saudar* — *fadigas* — *vigor* — *placidez* — *converter* — *perspicácia* — *cancelar* — *gélido*.

2 — Forme palavras com os prefixos: *com* — *de* — *contra* — *pre* — *ante* — *anti* — *pro* — *ex* — *extra*.

3 — Cite adjetivos que dêem idéia de: *energia* — *simplicidade* — *patriotismo* — *bravura*.

4 — Cite substantivos que exprimam coleção de: *árvores* — *álamos* — *roseiras* — *bambus* — *laranjeiras* — *bananeiras* — *jabuticabeiras* — *lôbos* — *homens* — *soldados* — *cães* — *bois* — *carneiros* — *elefantes* — *cavalos*.

5 — Conjuge em todos os tempos os verbos *dar*, *coroar*, *perdoar*, *polir* e *resfolegar*.

6 — Cite expressões que traduzam sensações auditivas.

ELOCUÇÃO. — Faça oralmente, em 10 sentenças curtas, um resumo dêste trecho.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Faça o *retrato moral* do Marechal Floriano Peixoto, segundo o plano do texto, que acabamos de estudar.

5.º *Retratos descritivos.*

IV. — O VISCONDE DE INHOMERIM

Nada atraente o físico, a figura de Sales Tôrres Homem. De estatura baixa, tinha predisposição para engordar, com exagêro, o ventre proeminente, pernas curtas em relação ao busto, o todo pesadão. O rosto de tez amarelenta e feições inexpressivas, numa quietude apática, era pronunciadamente vultuoso, o que mais se acentuava no fim da vida, quando a bronquite crônica de que sofria desde môço se foi transformando em opressora asma cardíaca; os lábios grossos, o inferior um tanto penso, belfo. Usava óculos fixos de aros de ouro sôbre os olhos pardacentos, esbugalhados, e basta cabeleira postiça sob o chapéu alto de abas um tanto largas, o que lhe dava, conjuntamente com o rosto liso e barba sempre escanhoada em regra, aspecto de comodista e gordalhufo pastor protestante. Vestia-se, porém, com o maior apuro, buscando conservar certa elegância

de bom cunho parisiense, na sobrecasaca rigorosamente abotoada e bem assente ao corpo, nas gravatas de gôsto com alfinêtes artísticos, nas botinas envernizadas, sem nunca dispensar luvas, que trazia quase todo o dia calçadas. Gostava de bengalas de valor e delas tinha grande variedade; nem jamais se via de guarda-sol ou de chapéu-de-chuva, como é tão geral no Brasil, hoje ainda mais do que outrora. — "É preciso, aconselhava êle, não deixar aos medíocres e tolos sequer essa superioridade, trajarem bem."

VISCONDE DE TAUNAY.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *visconde* — *proeminente* — *valtuoso* — *penso* — *belfo* — *aros de ouro* — *esbugalhados* — *basta* — *escanhoada* — *gordalhufo* — *apuro*.

2 — Qual é a significação de: *o todo pesadão* — *tez amarelenta* — *quietude apática* — *opressora asma cardíaca* — *cunho parisiense?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste retrato descritivo?
2 — Divida o retrato em partes, dando-lhes nomes expressivos.
3 — Que pormenores descritivos encerra cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição? Quem foi o Visconde de Inhomerim?
2 — Que ordem seguiu o autor no desenvolvimento dêste retrato?
3 — Com que expressões pinta êle o físico de seu retratado? Analise-as.
4 — Êste retrato não parece, em certos trechos, uma caricatura? Por quê?
5 — Que pormenores do indumento revelam o bom gôsto do visconde?
6 — Com que fim se requintava êle no apuro do vestuário? Explique a frase com que o justificava.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine por meio de orações apropriadas, o sentido de: *atraente* — *fascinante* — *encantador* — *agradável; talhe* — *altura* — *grandeza* — *tamanho; predisposição* — *tendência* — *inclinação; exagêro* — *excesso* — *amplificação; ventre* — *abdômen* — *barriga* — *pança; proeminente* — *saliente* — *ressaltado; evento* — *advento* — *provento*.

2 — Empregue em orações curtas: *rosto* — *face* — *fisionomia* — *cara* — *focinho* — *tromba; apática* — *indolente* — *preguiçosa; quietude* — *serenidade* — *tranqüilidade* — *calma* — *paz; pronunciada* — *distintamente* — *evidentemente* — *claramente* — *marcadamente; penso* — *pendente* — *suspenso; obeso* — *gordo* — *rotundo* — *adiposo*.

3 — Que significam as palavras: *esbugalhados* — *basta* — *vestir* — *apuro* — *buscando* — *conservar* — *cunho* — *rigorosamente* — *gostar* — *preciso* — *todos* — *registrar* — *tergiversar?*

4 — Explique a colocação de pronomes, neste trecho.

5 — Dê antônimos a: *atraente* — *baixa* — *engordar* — *curtas* — *quietude* — *vida* — *grossos* — *basta* — *postiça* — *vestir* — *apuro* — *elegância* — *gostar* — *geral* — *tolos* — *silente* — *bulha* — *médio*.

6 — Retire do texto: *a) seis substantivos concretos; b) seis substantivos abstratos; c) os pronomes; d) os advérbios; e) as preposições.*

7 — Conjugue, nos tempos simples, os verbos *indignar-se, refazer, poder, sentir* e *pôr*.

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente êste retrato, evitando empregar as palavras do texto.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, tendo por modêlo o texto estudado, uma senhora gorda, com pretensões a elegante.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

RETRATOS DESCRITIVOS

(O professor lerá prèviamente à classe uma descrição-modêlo).

1.º) RETRATOS FÍSICOS

1 — Descreva, guiando-se por uma fotografia, o *Presidente da República*, de acôrdo com o seguinte plano:

- A)
  - *estatura*
  - *traços fisionômicos*
    - rosto
    - cabelos
    - fronte
    - olhos
    - nariz
    - bôca
    - lábios
    - queixo
    - expressão fisionômica
- B)
  - *indumento*
    - casaca
    - camisa
    - colarinho
    - gravata branca
    - faixa simbólica com as côres nacionais.

2 — Descreva um *soldado*, de acôrdo com o seguinte plano:

- A) *Aspecto físico*
  - sua estatura
  - pormenores físicos importantes
    - os olhos — **côr**
    - o nariz — **forma**
    - a bôca — **forma**
    - os cabelos — **côr**
- B) *Equipamento*
  - vestuário
    - quepe, bibi ou capacete
    - túnica
    - calças
    - polainas
    - botinas
  - talabarte, cinturão
  - armas
    - sabre
    - fuzil

3 — Descreva um *oficial de cavalaria*, de acôrdo com o seguinte plano:

A) O *cavaleiro:* sua atitude, traços fisionômicos, uniforme, armas.
B) O *cavalo:* seu aspecto, seus arreios.

4 — Inspirando-se no plano n.º 1, faça o retrato físico dum *arcebispo* ou dum *bispo*.

5 — Faça, de acôrdo com o seguinte plano, o seu próprio retrato físico:

A) Aspecto
- *estatura*
- *fisionomia*
  - tez — côr
  - testa — forma
  - olhos — forma e côr
  - sobrancelhas — forma e côr
  - nariz — forma
  - bôca — forma
  - lábios — forma e côr
  - dentes — côr, disposição
  - queixo — forma
  - rosto redondo, magro, oval, etc.
  - cabelos curtos, longos, lisos, ondulados, frisados, negros, louros, etc.

B) Vestuário
- paletó
- calças
- camisa
- colarinho
- gravata
- calçado

ou, se fôr mulher
- chapéu
- vestido
- luvas
- meias
- sapatos

6 — Descreva uma pessoa caracterizada por um exterior particular, tal como:

1.º — Uma estudante uniformizada.
2.º — Um cadete militar.
3.º — Um selvagem.
4.º — Uma dançarina.
5.º — Um chofer.
6.º — Um palhaço.
7.º — Um magistrado.
8.º — Um eclesiástico.
9.º — Uma freira.

2.º) RETRATO MORAL ou DESCRIÇÃO DE CARÁTER

1 — Descreva um *mau aluno*, de acôrdo com o seguinte plano:

A) Defeitos
- preguiçoso
- insolente
- brincalhão
- mentiroso
- covarde
- maldoso

B) Procedimento
- gosta de pregar peças aos colegas;
- chama-lhes *maricas*, quando estudiosos;
- ostenta valentia;
- incita às greves;
- falta às aulas;
- não prepara lições;
- recorre sempre à *cola*.

2 — Descreva um *aluno distraído*, de acôrdo com o seguinte plano:

A) Êle chega à aula; enganou-se nos exercícios, nas lições, nos livros.
B) Durante a aula: não presta atenção às explicações; qualquer cousa o diverte; muitas vêzes, fica mergulhado em profundos devaneios.
C) Conclusão: nenhum progresso. É preciso que o professor ou a professôra descubra a causa de tais distrações.

3 — Descreva uma *boa colega*, de acôrdo com o seguinte plano:

A) Suas mais belas qualidades.

B) Seu modo de agir em relação às colegas, aos mestres.

C) Terminando, diga qual é a qualidade que você mais aprecia nela.

4 — Faça o retrato duma pessoa, que tenha uma qualidade ou um defeito predominante; por exemplo:

1.º — Um velho vaidoso.
2.º — Um guarda-civil atencioso.
3.º — Um rapaz astuto.
4.º — Um menino mentiroso.
5.º — Um cobrador de ônibus amável.
6.º — Uma jovem bondosa.
7.º — Um homem grosseiro.
8.º — Uma menina gulosa.
9.º — Um menino fanfarrão.
10.º — Um barbeiro tagarela.

5 — Faça o retrato duma pessoa que tenha uma forte mania, ridicularizando-a; por exemplo:

1.º — A velha escrava da moda.
2.º — O colecionador de selos.
3.º — Um futuro cantor de ópera.
4.º — Uma futura *estrêla* de cinema.
5.º — O futuro locutor de rádio.
6.º — A atriz de rádio.
7.º — O futuro campeão de boxe.
8.º — O velho-môço.
9.º — O grande caçador de feras.

6 — Faça o retrato duma pessoa adulta, cuja vida se cruza ou entrelaça com a sua e cujo caráter você pôde observar; por exemplo:

1.º — Sua avó.
2.º — Seu avô.
3.º — Sua mãe.
4.º — Seu pai.
5.º — Sua irmã.
6.º — Seu irmão.
7.º — Sua madrinha.
8.º — Seu padrinho.
9.º — Uma professôra.
10.º — Um professor.
11.º — O seu vigário.
12.º — Uma amiguinha.

DESCRIÇÃO DE ANIMAIS

De diversos modos podemos considerar a descrição de animais:

I — **Retrato físico:**

1.º) Observamos o aspecto físico, as atitudes mais comuns ou interessantes, e, secundàriamente, certos movimentos bem característicos.

2.º) Esforçamo-nos por assinalar artìsticamente o encanto das formas ou das côres (um *galgo*, uma *corça*, um *cavalo*, um *pavão*, um *faisão*, uma *arara*, um *papagaio*, uma *ave-do-paraíso*, etc.).

3.º) Comparamos o animal com um homem, com outro animal ou com uma cousa (um *gorila*, comparado ao *homem*; um *gato*, comparado ao *tigre*; uma *estrêla-do-mar*, comparada a uma *flor*; um *cisne*, comparado a um *navio antigo*, etc.).

II — **Retrato moral.** — Aqui, preocupamo-nos, apenas, com as qualidades, manhas e defeitos do animal, sem que nos vejamos obrigados a cuidar de seu aspecto físico.

III — **Retrato físico-moral:**

1.º) Descrevemos o animal, salientando-lhe um característico predominante (um *carneiro*, com sua *timidez*; um *lôbo*, com sua *voracidade*; uma *raposa*, com sua *astúcia*; um *cão*, com sua *fidelidade*, etc.).

2.º) Descrevemo-lo, comparando-o com um ser humano, que se caracterize por qualquer qualidade ou habilidade (um *galo-de-briga*, apresentado como um *espadachim*; um *tamanduá-bandeira*, apresentado como um *lutador*; um *tigre*, apresentado como um *caçador*; um *abutre*, apresentado como um *salteador*; uma *lebre*, apresentada como um *covarde*; um *macaco*, apresentado como um *palhacinho*, etc.).

TEXTOS EXPLICADOS

6.º *Descrição de animais.*

I. — O CISNE

(Traduzido de Buffon)

Formas arredondadas, graciosos contornos, alvura deslumbrante e pura, movimentos flexíveis, tudo no cisne nos agrada aos olhos. Pela facilidade, pela liberdade de seus movimentos na água, devemos reconhecê-lo, não sòmente como o primeiro dos navegadores alados, mas ainda como o mais belo modêlo, que, para a arte da navegação, nos ofereceu a natureza. Seu pescoço ereto e seu peito arredondado parecem, com efeito, figurar a proa de um navio, ao fender as ondas; seu largo estômago representa a quilha; o corpo, inclinado para a frente ao singrar as águas, ergue-se atrás, como uma pôpa; a cauda é um verdadeiro leme; os pés parecem largos remos e as grandes asas, semi-abertas ao vento e levemente pandas, são velas a impelirem o navio, que é, ao mesmo tempo, navio e pilôto.

C. L. O.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?
— Esta descrição é um retrato do cisne.

2 — De quantas partes se compõe esta descrição?
— Compõe-se de duas partes:

a) o cisne;
b) o navio vivo.

3 — Que contém cada uma destas partes?

— Na primeira, o autor apresenta o cisne por meio de pormenores ràpidamente enumerados, que exprimem, em poucas e escolhidas palavras, suas formas, sua côr, seus movimentos.

— Na segunda, êle o compara a um navio, que fende serenamente as águas. Esta comparação é, por assim dizer, feita parte por parte: é assim que o pescoço e o peito do animal figuram a proa; o estômago representa a quilha, a cauda é transformada em leme, os pés tornam-se remos e as asas se transmudam em velas, que o vento encurva ligeiramente.

Depois de tér enumerado todos êstes pormenores, o autor termina, exprimindo a idéia geral do *navio vivo*, que é, ao mesmo tempo, o seu próprio pilôto, pois é sua vontade que o dirige.

4 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte?

— A transição se faz pela idéia de navegação, que surge no espírito do autor à vista dos movimentos do cisne na água.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Como exprime o autor o aspecto físico do animal?

— É de notar que simples adjetivos qualificam os pormenores gerais (*formas* **arredondadas** — **graciosos** *contornos* — *alvura* **deslumbrante** *e* **pura**, etc.), assinalando mesmo os caracteres particulares das partes do corpo (*pescoço* **ereto** — *peito* **arredondado** — **largo** *estômago*).

2 — De que modo evoca o autor a imagem dum navio antigo?

— As partes do corpo do cisne tornam-se objeto duma série de comparações: *parecem figurar a proa do navio — representa a quilha — é um verdadeiro leme — parecem largos remos — são velas.*

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O CISNE

1) **O cisne**
- formas arredondadas
- graciosos contornos
- alvura deslumbrante
- movimentos flexíveis na água

COMPARAÇÕES:

2) **O navio vivo**
- o pescoço e o peito — a *proa*
- o estômago — a *quilha*
- a cauda — o *leme*
- os pés — os *remos*
- as asas — as *velas*

6.º *Descrição de animais.*

II. — O CAVALO SERTANEJO

O cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo comprid'ssimo, crinas grandes, capaz de resistir a tôdas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e êle o estima e trata com o maior carinho. O cavalo do sertão é feioso como um corcel quirguiz. Lá uma vez aparece um exemplar bonito, esbelto, alto. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcovos, salvo quando espantadiço. O olhar só brilha quando se apresenta ocasião de correr; depois as pálpebras murcham numa sonolência lassa. É ativo e parece ronceiro; forte e parece fraco; ágil e parece pesado. É pasmosa sua agilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fora, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado, faz prodígios. É necessàriamente baixo para essas ligeirezas; a aridez do clima não produz outro. É raridade um animal de sete palmos do casco à cernelha. O meio torna-o sóbrio e magro. Passa dias sem comer, quase sem beber. Num dia faz quinze léguas, puxando um pouco; dez faz normalmente. É manso; quando o cavaleiro cai, pára ao lado.

GUSTAVO BARROSO.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Esguio — *fino de linhas.*
Sóbrio — *parco na alimentação.*
Corcel — *cavalo veloz, de raça.*
Quirguiz — *de raça tártara.*
Saracóteios — *movimentos para os lados.*
Corcovos — *saltos que o cavalo dá, arqueando o dorso.*
Espantadiço — *que se assusta fàcilmente.*
Ronceiro — *lerdo, vagaroso.*
Cernelha — *a parte do corpo dos cavalos, bois, etc., onde se unem as espáduas, formando uma cruz.*
As pálpebras murcham — *fecham-se.*
Sonolência lassa — *torpor de quem está muito cansado.*
Imprevistos — *lances, episódios inesperados.*
Furibundas carreiras — *carreiras muito velozes.*
Mergulha — *passa ràpidamente por baixo.*
Alonga-se — *distende-se, alongando as pernas.*
Encurta-se — *contrai os músculos e as pernas.*
Faz prodígios — *faz coisas fora do comum.*
A aridez do clima — *clima onde nada ou muito pouco se produz.*
Puxando um pouco — *fazendo certo esfôrço.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor nesta página?

— O autor faz a descrição do cavalo sertanejo, parecendo compará-lo mentalmente com o tipo comum dos cavalos e mostrando-nos seu aspecto físico, assim como suas qualidades.

2 — Mostre como o autor alterna, nesta descrição, os caracteres físicos com as qualidades do cavalo sertanejo.

Caracteres físicos — esguio.
Qualidades — sóbrio.
Caracteres físicos — pequeno, rabo comprídissimo, crinas grandes.
Qualidades — capaz de resistir às privações, aos serviços, aos esforços.

— E assim por diante. É um recurso literário interessante, pois empresta variedade e movimentação à descrição.

3 — Quais são as passagens em que o autor abre exceção ao tipo comum do cavalo sertanejo?

— São:

a) "Lá uma vez aparece um exemplar bonito, esbelto, alto".
b) "É raridade um animal de sete palmos do casco à cernelha".

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que nos impressiona no cavalo assim descrito?

— É o contraste existente entre seu físico enfezado e suas notáveis qualidades.

2 — Qual é êsse contraste?

— O cavalo é pequeno, quieto, sonolento, mas, quando corre, torna-se veloz: parece fraco, mas é duro e resistente; e, embora se excite nas correrias, não deixa de ser manso, pois se cai o cavaleiro, êle lhe pára ao lado. Aliás, o próprio autor acentua, de modo claro, êsse contraste, quando diz: "É ativo e parece ronceiro; forte e parece fraco; ágil e parece pesado".

— Em resumo, suas principais qualidades são: resistência, mansidão, sobriedade e agilidade.

3 — Analise as expressões com que o autor traduz os movimentos do cavalo sertanejo, em suas furibundas carreiras pelo mato.

— Ele os traduz por meio de seis orações coordenadas justapostas:

a) Salta galhos baixos,
b) mergulha sob os altos,
c) alonga-se,
d) encurta-se,
e) pula de lado,
f) faz prodígios.

— Cada uma destas orações exprime, sugestivamente, uma ação do cavalo, com exceção da última, que pode exprimir várias. E como estas orações são curtas, as ações se sucedem ràpidamente, emprestando movimento e velocidade à descrição da corrida do animal.

4 — Por que é que o meio torna o cavalo sertanejo pequeno, magro e sôbrio?

— A causa é tôda biológica, de adaptação a um meio árido e improdutivo, que, não lhe permitindo desenvolver-se fisicamente por deficiência de alimentação, cria hábitos de sobriedade.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O CAVALO SERTANEJO

- **Aspecto físico**: esguio, magro, pequeno, baixo, rabo compridíssimo, crinas grandes, feio.
- **Qualidades**: *resistente* (passa dias sem comer e quase sem beber; caminha de dez a vinte léguas diárias); *manso* (não tem saracoteios, nem corcovos; quando o cavaleiro cai, pára ao lado); *ativo, forte e ágil* (salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado, faz prodígios).

6.º Descrição de animais.

III. — A CASCAVEL

Rojando em ondulações por entre as plantas rasteiras de mata, entreparando num lugar, escutando em outro, veio avançando para a ceva uma cobra de grande talhe. Tinha o dorso fusco, sem brilho, maculado de losangos escuros, quase negros. A cabeça era chata, o focinho tronco, como que aparado, com duas fossazinhas tapadas, duas ventas falsas. De cada ôlho partia um traço escuro, que ia fenecer no pescoço. A cauda terminava em um como rosário curto, de contas córneas, ôcas, achatadas, que, ao restejar do animal, deixava escapar um ruído leve, quase imperceptível, de pergaminho fuxicado. Chegou, viu os ratos, parou, foi-se torcendo em espiral, formou um rôlo, donde emergia, atenta, vigilante, a pavorosa cabeça. O olhar negro, luzente, gélido, tinha uma fixidez fascinadora. A língua lúrida, comprida, fina, bífida, açoutava o ar em rápidas lambidelas.

JÚLIO RIBEIRO.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Entreparar — *parar um pouco na caminhada.*
Ceva — *sítio onde se põe isca para atrair animais. — Os ratos freqüentavam êsse lugar por causa da isca, e, a cascavel, por causa dos ratos.*
Talhe — *tamanho, porte.*
Fusco — *escuro; de côr parda.*
Tronco — *como se fôsse cortado, mutilado.*
Fenecer — *terminar, extinguir-se.*
Córneas — *constituídas de uma substância semelhante à do chifre.*
Fuxicado — *amarrotado.*
Lúrida — *amarelo-escura.*
Bífida — *bipartida, fendida em duas.*
Rojando em ondulações — *rastejando em movimentos ondulatórios.*
Maculado de losangos escuros — *com manchas da forma de losangos.*
Formou um sôlo — *enrolou-se sôbre si própria.*
Emergia — *erguia-se; vinha de baixo para cima.*
Pavorosa cabeça — *cabeça que inspira pavor.*
Olhar gélido — *sem vivacidade; sem exprimir sentimento algum.*
Fixidez fascinadora — *fixidez que magnetiza.*
Açoutava o ar — *agitava-se ràpidamente no ar.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

— O autor faz a descrição física, bastante minuciosa, duma cascavel, que se encaminha para uma ceva, em procura de ratos.

2 — Como se pode dividir esta descrição?

— Pode-se dividir em três partes:

a) a cobra avança para a ceva (do princípio até *talhe*);
b) os característicos físicos da cobra (de *tinha* até *fuxicado*);
c) sua atitude ao avistar os ratos (de *chegou* até o fim).

3 — Como se faz a transição da primeira para a segunda? da segunda para a terceira?

— Faz-se a transição: 1.º) apresentando a cobra que se dirige à ceva, o autor a observa e faz-lhe a descrição; 2.º) terminada a descrição, êle no-la mostra chegando e preparando-se para o ataque.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

— O interêsse consiste na riqueza dos pormenores descritivos, relativos não só ao aspecto da cascavel, mas também a seus movimentos mais característicos, emprestando-lhe vida, num acentuado caráter de realismo.

2 — De que modo é pintada a cobra?

— O autor pintou-a com substantivos concretos e adjetivos, que exprimem, com precisão e nitidez, forma e côr (dorso fusco, maculado de losangos escuros, cabeça chata, etc.).

Seus movimentos apresentam duas fases: *a*) quando se encaminha, rojando em ondulações, para a ceva, ela vai devagar, atenta e cuidadosa, entreparando num lugar, escutando em outro; *b*) quando chega e avista os ratos, enrodilha-se para o bote, ergue a cabeça e sua língua açoita o ar.

3 — Que sentimentos nos desperta a cobra descrita? Por quê?

— Sentimentos de horror, porque sabemos que seu golpe é inopinado e mortífero.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

A CASCAVEL

1) **A cobra rasteja**
   - *tamanho:* de grande talhe.
   - *movimento:* ondula entre plantas rasteiras.
   - *atitudes:* entrepara num lugar, escuta noutro.

2) **Aspecto físico**
   - dorso fusco, sem brilho, maculado de losangos escuros.
   - cabeça chata.
   - focinho tronco, com duas ventas falsas.
   - traço escuro, que começa nos olhos e fenece no pescoço.
   - rosário de contas córneas na extremidade da cauda.

3) **Armando o bote**
   - torceu-se em espiral.
   - formou um rôlo, donde emergia a horrenda cabeça.
   - olhar fixo e gélido.
   - língua bífida, a açoitar o ar.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

6.º *Descrição de animais.*

I. — O CACHORRO DO SERTÃO

Na generalidade os cachorros do sertão são pequenos, ossos à mostra, fulvos, arrepelados, gafeirentos, selvagens e valentes. O seu olhar glauco, melancólico e doce, segue ansiosamente todos os gestos de uma pessoa: estão sempre sob o temor duma pancada, dum mau trato. As suas pituitárias finíssimas sentem o guaxinim (*) ao longe; os seus ouvidos atilados percebem o estalar distante duma gravêto sob a pata forte do gado, no sombrio recesso das caatingas. São caçadores e pegadores de gado. Ninguém nunca os educou; jamais os ensinaram: fizeram-se por si na selvatiqueza dos matagais espessos, no descampado das várzeas solitárias e tristes.

GUSTAVO BARROSO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *fulvos* — *arrepelados* — *gafeirentos* — *glauco* — *caatingas* — *matagais* — *descampado*.

2 — Precise o sentido das expressões: *pituitárias finíssimas* — *ouvidos atilados* — *sombrio recesso* — *várzeas solitárias e tristes*.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Divida esta descrição em três partes, a saber:

a) o *aspecto físico dos cachorros;*
b) suas *qualidades;*
c) sua "*educação*", ou adestramento.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

4 — Como se faz a transição entre elas?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Haverá alguma relação entre o animal descrito, tal como é, e o meio em que vive? Qual?

2 — Como se explica o contraste existente entre o físico do animal e suas qualidades?

3 — Estude no texto as expressões, que pintam:

a) o *físico do cachorro sertanejo;*
b) suas *atitudes;*
c) suas *qualidades*.

4 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.

(*) *Guaxinim:* nome vulgar duma espécie de raposa.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue as seguintes palavras em curtas orações que lhes precisem o sentido: *fulvo — dourado — amarelo; arrepelado — arrepiado — eriçado; gafeirento — sarnento — leproso; selvagem — bravio — feroz; glauco — verde — esverdeado — esmeraldino; selvatiqueza — selvajaria — selvagismo; vacilar — hesitar — titubear.*

2 — Cite palavras, que exprimam côres e aspectos de pêlos de cão.

3 — Que verbos correspondem a: *doce — pessoa — temor — pancada — distante — forte — sombrio — espêsso — triste?*

4 — Explique o sentido das palavras: *canil — canino — canzarrão — canzoada — canzoal.*

5 — Conjuge nos tempos simples os verbos *cair* e *produzir.*

6 — Coloque no superlativo, absoluto e relativo, os adjetivos do texto.

7 — Como se chama um grupo de: *vacas — ramos — juncos — bois — ovelhas — carneiros — cavalos — balaústres — colunas — barricas — arcos?*

8 — Acrescente, aos substantivos seguintes, adjetivos que exprimam maciez ou aspereza: *sêda — veludo — fêltro — cabelos — pêlos — pele — lixa — almofada — penugem — pluma — algodão — parede.*

ELOCUÇÃO. — Tendo por modêlo o período, que começa em: "*O seu olhar glauco*", fale de: *a) uma criancinha, que acompanha com olhar curioso o movimento das pessoas; b) um gato, prestes a desferir o bote contra descuidado passarinho.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, imitando o plano do autor e obedecendo, tanto quanto possível, à sua ordem fraseológica: *a) um cãozinho lulu; b) um cão de guarda; c) um cão perdigueiro.*

6.º Descrição de animais.

II. — O TAMANDUÁ-BANDEIRA

O tamanduá-bandeira, assim chamado por causa da cauda, coberta de pêlos compridos, bastos e dispostos em forma de leque, é um dos animais de mais fôrça que temos em nossas matas. Pouco maior do que um cão de fila, tem a cabeça muito pequena em relação ao corpo, olhos tão minguados como os de um rato, focinho comprido, bôca estreita e sem dentes, na qual se oculta a língua roliça, sumamente comprida. As suas mãos são guarnecidas de grandes unhas, os pés, muito semelhantes aos do homem, a ponto de muitas vêzes se confundirem seus rastos com os nossos. O corpo é envolvido em um couro grosso, resguardado por uma lã basta, áspera, comprida, parda na barriga e negra pelo fio do lombo; da espádua direita desce uma pinta, mais clara do que o resto do pêlo e que termina pelo meio da barriga, semelhante a uma faixa. Tão grande animal sustenta-se de formigas e de cupim, para o que cava as casas dêsses insetos, enfia no buraco a língua e colhe-a logo que nela se ajunta grande porção, e repete êste processo até que se farte. O mais curioso instinto dêste

animal é o de deitar-se de barriga para o ar, abrir os braços para, enganando os que não estão prevenidos, fazer com que cheguem perto, de modo a esmagá-los em um abraço infernal.

General COUTO DE MAGALHÃES.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *bastos* — *cão de fila* — *minguados* — *roliça* — *sumamente* — *cupim* — *casas* — *processo* — *fartar-se*.

2 — Explique as comparações existentes no texto, assim como as expressões: *o fio do lombo* — *abraço infernal*.

3 — Analise as seguintes expressões: *fazer com que cheguem até perto* — *fazer que cheguem até perto; de modo a esmagá-los* — *de modo que possa esmagá-los*.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor neste trecho?

2 — Quais são as partes desta descrição, que correspondem aos títulos:

a) *o aspecto físico do tamanduá;*
b) *seu alimento;*
c) *seu estratagema instintivo?*

3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Por que nos desperta curiosidade êste bicho?
2 — Em que consiste sua originalidade?
3 — Como nos descreve o autor seus contrastes físicos?
4 — Que mais há de interessante em seu aspecto?
5 — Por que tem o tamanduá uma língua tão comprida?
6 — Que impressão nos produz o animal descrito?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Forme orações curtas, empregando em sentido figurado: *leque* — *cabeça* — *bôca* — *dentes* — *língua* — *mãos* — *unha* — *pé* — *couro*.

2 — Cite palavras da mesma família que: *forma* — *animal* — *fôrça* — *mata* — *cão* — *cabeça* — *corpo* — *bôca* — *mão* — *pé* — *homem* — *couro* — *fio* — *clara* — *grande* — *braço*.

3 — Quais são os homônimos de: *forma* — *fôrça* — *bôca* — *enfêrmo* — *tôpo* — *cêrro* — *fecho* — *nêle* — *dêle* — *êste* — *êsse* — *aquêle* — *amôres* — *alfinête* — *pilôto* — *mêdo* — *fêz* — *editôres* — *professôres* — *portuguêses* — *inglêses* — *pôrto* — *pôsto* — *pêlo* — *estêve* — *enterro?*

4 — Forme sentenças, empregando a preposição *a* antes de: *Santos* — *S. Paulo* — *Natal* — *Belo Horizonte* — *S. Luís* — *Florianópolis* — *Recife* — *Pôrto Alegre* — *S. Salvador* — *Manaus* — *Aracaju* — *meu pai* — *minha mãe* — *uma prima* — *certa pessoa* — *esta colega* — *teu amigo* — *cavalo* — *andar* — *correr* — *escrever* — *ler* — *dançar* — *passear*. Explique por que não se acentua o *a*.

5 — Explique a colocação dos pronomes, no trecho.

6 — Forme orações curtas, empregando a contração *à* antes de: *mulher* — *môça* — *irmã* — *aula* — *escola* — *flor* — *cidade* — *capital* — *duas horas* — *maneira* — *princesa* — *Roma* — *Luís XV* — *moda italiana*. Explique por que se acentua o *a*.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor, no último período do trecho, fale: *a)* de *uma aranha, em sua teia; b)* do *estratagema de um gato, para apanhar um passarinho.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, seguindo o plano do general Couto de Magalhães, uma *onça pintada*, empregando substantivos, adjetivos, comparações e metáforas que lhe traduzam vigorosamente o aspecto físico.

6.º Descrição de animais.

III. — O URUBU-REI

Estava um dia um bando de urubus se banqueteando no nojento festim; de repente um dêles dá um guincho rouco e todos se afastam e dispõem em círculo, numa atitude de respeito. O ar vibra, silvando ao impulso de asas possantes, estremecem as fôlhas e um magnífico urubu-rei pousa majestosamente sôbre um galho sêco; dá um olhar imperioso sôbre aquela turba vil e, lançando-se pesadamente ao chão, acode ao banquete, desdenhando todo aquêle círculo de rivais invejosos e impotentes . . . Era um lindo animal, maior que um peru, escuro na parte superior do corpo e branco debaixo das asas e do peito. A cabeça coberta sòmente de uma penugem ostentava sete côres; o bico robusto, os olhos largos e expressivos sem a ferocidade de seus congêneres, o pescoço aveludado e adornado dum colar de alvas penas, fazem do urubu-rei um animal soberbo e de nenhum modo merecedor do nome vulgar tão humilhante para êle.

Padre N. BADARIOTI.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *festim* — *silvando* — *pesadamente* — *acode* — *desdenhando* — *congêneres* — *soberbo.*

2 — Qual é o sentido de: *o ar vibra* — *magnífico urubu-rei* — *pousa majestosamente* — *olhar imperioso* — *turba vil* — *rivais invejosos e impotentes* — *bico robusto* — *colar de alvas penas?*

3 — Explique a colocação do pronome *se* neste trecho.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor do trecho?

2 — Divida a descrição em três partes, guiando-se pela seguinte indicação:

a) o *bando de urubus;*

b) a *chegada do urubu-rei;*

c) seu *aspecto físico.*

3 — Que pormenores descritivos contêm cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?
2 — De que modo o autor nos apresenta o urubu-rei?
3 — Quais são, no trecho, as expressões narrativas? Por que são narrativas?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Quais são os substantivos coletivos, que designam grandes bandos de: *pássaros — cavalos — lôbos — cães — carneiros — burros — peixes — elefantes?*

2 — Quais são os verbos, que exprimem as vozes dos seguintes animais: *urubu — galinha — peru — pato — boi — cavalo — elefante — leão — cabra — cobra — sapo — porco — coruja?*

3 — Que adjetivos correspondem a: *galinha — cavalo — ovelha — boi — cabra — leão — tigre — víbora — cão — gato — porco — lebre?*

4 — Forme sentenças, empregando o pronome *se:*

a) como *objeto direto;*
b) como *objeto indireto;*
c) como *apassivador pessoal;*
d) como *apassivador impessoal;*
e) como *expletivo.*

5 — Conjugue nos tempos simples os verbos *fazer* e *trazer.*
6 — Cite substantivos, adjetivos e verbos que exprimam *côres vivas.*

7 — Forme pequenas comparações em que o 1.º têrmo seja uma das seguintes palavras: *verde — amarelo — azul — branco — prêto.*

ELOCUÇÃO. — Inspirando-se na terceira parte da descrição, fale: a) de uma *ave-do-paraíso;* b) de um *pavão;* c) de um *faisão;* d) de um *galgo;* e) de uma *arara.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, imitando o autor neste trecho, uma *arara,* que desce a um milharal, onde há um bando de papagaios.

6.º *Descrição de animais.*

IV. — O POLVO

O polvo, com aquêle seu capelo na cabeça parece um monge, com aquêles seus raios estendidos parece uma estrêla, com aquêle não ter ossos nem espinha parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, o polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo, primeiramente, em se vestir ou pintar das mesmas côres de tôdas aquelas côres a que está pegado. As côres, que no camaleão são gala, no polvo são malícia; as figuras que em Proteu são fábula, no polvo são verdade e artifício. Se está nos limos faz-se verde, se está no lôdo faz-se pardo, se está em

alguma pedra, como mais ordinàriamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E dáqui o que sucede? Sucede que o outro peixe, inocente da traição, vai passando desacautelado e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente e fá-lo prisioneiro.

ANTÔNIO VIEIRA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *capelo* — *hipocrisia* — *gala* — *malícia* — *Proteu* — *fábula* — *artifício* — *emboscada*.

2 — Que significam aqui: *raios* — *hipocrisia tão santa* — *vestir-se* — *pintar-se* — *o salteador* — *dentro do seu próprio engano* — *lança-lhe os braços?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Antônio Vieira nesta página?

2 — Como considera êle o seu assunto? Limita-se, acaso, a indicar os característicos físicos do animal?

3 — Divida a descrição em três partes, a saber: *a*) a *aparência do polvo*; *b*) seus *recursos traiçoeiros*; *c*) o *assalto ao peixe*.

4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

2 — De que modo caracteriza o autor o aspecto físico do polvo?

3 — Que qualidades e defeitos humanos empresta êle ao polvo?

4 — Quais são os artifícios e as qualidades do polvo? Para que lhe servem?

5 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *capelo* — *capuz* — *touca*; *monge* — *frade* — *cenobita*; *hipocrisia* — *fingimento* — *falsidade* — *simulação*; *santa* — *augusta* — *virtuosa* — *venerável*; *gala* — *ornamento* — *enfeite*; *hesitar* — *vacilar*.

2 — Cite palavras do mesmo sentido que: *vestir* — *malícia* — *fábula* — *artifício* — *ordinàriamente* — *suceder* — *inocente* — *desacautelado* — *engano*.

3 — Dê antônimos a: *brandura* — *mansidão* — *modesta* — *santa* — *vestir* — *malícia* — *verdade* — *inocente*.

4 — Cite palavras que caracterizem expressivamente o aspecto físico dum tubarão.

5 — Conjugue em todos os tempos os verbos *ir*, *abrir* e *confundir*.

6 — Acrescente, a cada substantivo seguinte, dois ou três adjetivos, que exprimam tonalidades duma côr: *campos* — *poentes* — *céu* — *nuvens* — *mares* — *olhos* — *lábios* — *vinho*.

ELOCUÇÃO. — Inspirando-se no 1.º período do trecho, fale: *a*) dum *gorila*; *b*) dum *peru*; *c*) dum *papagaio*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando o autor neste trecho, descreva um *tubarão*, comparando-o a um pirata sangüinário.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE ANIMAIS

(O professor lerá à classe, prèviamente, uma descrição-modêlo).

I. — RETRATO FISICO

1 — Descreva uma *vaca*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) O aspecto da vaca
- O *pêlo:* avermelhado, prêto, pintado, malhado, áspero, sedoso; cauda terminada em tufo.
- A *cabeça:* forte, focinho negro e luzídio, olhos grandes e doces, chifres curtos, em forma de aspas, orelhas pendentes.
- As *pernas:* curtas ou compridas, fortes ou delgadas, cascos rijos, córneos.
- O *úbere:* róseo, volumoso, farto.

B) Sua atitude: quando pasta, quando rumina, quando muga.

C) Seus movimentos: quando anda, quando corre.

2 — Descreva um *galo*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) O aspecto do galo
- 1 — A *plumagem:* avermelhada, branca, preta, mesclada, côres brilhantes, plumas sedosas no dorso, cauda erguida em penacho.
- 2 — A *cabeça:* olhos vivos e duros, crista rubra, bico forte e agudo, barbela.
- 3 — As *patas:* coxas robustas, o esporão, os dedos

B) Sua atitude: orgulhosa, cheia de dignidade e majestade, como se êle estivesse cônscio de sua posição de rei dos galinheiros.

C) Seus movimentos: o enérgico bater das asas, o esticar do pescoço, o canto rouco, o passo sacudido.

3 — Descreva uma *borboleta*, **de acôrdo com o seguinte plano:**

A) Aspecto
- 1.º — Sua *côr* e sua *forma:* amarela, alaranjada, azul, etc.; denteada, aveludada, acetinada, esmaltada, arabescos, pontos vermelhos, pretos, pérolas.
- 2.º — *Asas:* parte importante da descrição: já se falou das côres, falar-se-á agora de seus movimentos.
- 3.º — As *patas:* seu número e sua disposição.
- 4.º — A *tromba:* como dela se serve a borboleta.

B) Movimentos: Como se alimenta a borboleta. Como se desloca. Sua ligeireza.

4 — Descreva um *coelho*, **depois de formar um plano, em que se considerem:**

A) Sua forma, seu pêlo lustroso, suas patinhas, seu tôco de cauda, suas grandes orelhas nacaradas e móveis, seus olhos redondos, seu focinho rosado, seus belos bigodes.

B) Seus movimentos: quando corre, quando se senta, quando come.

5 — Descreva uma *vespa*, depois de formar um plano em que se considerem:

A) Seu tamanho, sua forma, sua côr, suas asas.
B) O que ela faz: estraga as frutas, pica-nos. Perigo de morder numa fruta, sem examiná-la antes.

6 — Descreva, esforçando-se por assinalar o encanto das formas ou das côres:

1.º — Uma ave-do-paraiso.
2.º — Um pavão.
3.º — Um gato angorá.
4.º — Um galgo.
5.º — Um faisão.
6.º — Um camaleão.
7.º — Uma águia.
8.º — Um cavalo árabe.
9.º — Uma arara.
10.º — Uma cobra-coral.

7 — Descreva:

1.º — Um condor, comparando-o a um aeroplano.
2.º — Um gorila, comparando-o ao homem.
3.º — Um gato, comparando-o a um tigre.
4.º — Uma baleia, comparando-a a um submarino.
5.º — Uma estrêla-do-mar, comparando-a a uma flor.
6.º — Um abutre, comparando-o a um salteador.

II. — RETRATO MORAL

1 — Descreva, salientando um caráter predominante:

1.º — Um cão, com sua fidelidade.
2.º — Uma andorinha, com sua celeridade.
3.º — Um elefante, com sua fôrça.
4.º — Um porco, com sua glutoneria.
5.º — Uma raposa, com sua astúcia.
6.º — Um carneiro, com sua timidez.
7.º — Um lôbo, com sua voracidade.

2 — Descreva, comparando-os com um ser humano:

1.º — Um peru, apresentado como um homem enfatuado.
2.º — Um galo-de-briga, apresentado como um espadachim.
3.º — Um tamanduá, apresentado como um lutador.
4.º — Um saguí, apresentado como um menino irrequieto.
5.º — Um papagaio, apresentado como um discursador ridículo.
6.º — Um urso, apresentado como um dançarino pesadão.

DESCRIÇÃO DE PESSOAS EM AÇÃO

Observações. — Aqui, não é a fisionomia ou o aspecto físico, nem tampouco o aspecto moral, o que há de mais importante: são as *ações*, isto é, tudo o que o homem faz, e, por vêzes, os *instrumentos* e as *máquinas* de que êle se utiliza.

Freqüentemente, também, seu vestuário está em relação com o trabalho que êle executa: observem-se, por exemplo, os sacerdotes, os soldados, as jovens normalistas, os carteiros, os condutores de bonde, etc.

Nos textos por explicar, veja bem o estudante como consegue o autor exprimir as ações de suas personagens, e, quando fôr o caso, como lhes descreve o indumento.

Processo de composição. — Nos temas de composição propostos aos alunos, convirá, em razão do que acima afirmamos, dizer alguma cousa a respeito do vestuário. E, para que se complete o quadro, será interessante localizar a personagem, isto é, descrever em rápidos traços o *lugar*, onde se realiza a ação, acrescentando-se a esta moldura do retrato alguns pormenores que impressionam os sentidos: a *vista*, o *ouvido*, o *olfato*, o *tacto* e o *paladar*.

— Para traduzir bem as ações, escolham-se verbos expressivos, variando-os tanto quanto possível; evitem-se expressões como *há*, *havia*, *está*, *estava*, *vê-se*, *vig-se*, *vemos*, *nota-se*, *notamos*, *observa-se*, *observamos*, *avista-se*, *avistamos*, *percebe-se*, *percebemos*, *distingue-se*, *distinguimos*, etc.

— Procure-se, ainda, dar *relêvo* às cousas, empregando adjetivos e figuras que se relacionem com a forma, o aspecto, a côr e o tamanho dos objetos.

TEXTOS EXPLICADOS

7.º *Descrição de pessoas em ação.*

I. — MARIA-SEM-TEMPO

Era pequena, magra, escura. Tinha a extrema humildade dos que vivem longos anos sob o céu destruidor, sem pensar ao menos em resistir à sorte, com a passividade inerte da fôlha que o vento rola pelos caminhos. Era assim mirrada e sêca e sombria, como se tivesse perdido a seiva ao ardor dos estios, como se guardasse das noites sem estrêlas o negrume cada vez mais intenso. Era louca, porque só tinha uma idéia, e a criatura humana pode não ter idéias, mas não pode ter só uma. A sua, era o angustioso desassossêgo das maternidades malogradas. Perdera um filho e o procurava. Andava pelos caminhos para buscá-lo e só levantava a voz para chamá-lo ansiosamente, carinhosamente: "Luciano! meu filho!..." e escutava longo tempo por trás das cêrcas, nos aceiros dos matos, à entrada dos terreiros das fazendas, nos desertos e nos povoados, onde quer que a levasse a sua dolorosa esperança. Aquela figura miserável, tôda feita num gesto indagador, com a mão abrigando os olhos, à espreita, ou levantando o xale que lhe cobria a cabeça de cabelos hirtos, para ouvir melhor a resposta ideal, aquela encarnação de uma aspiração sempre iludida, enturvava o esplendor do mais radioso meio-dia.

DOMÍCIO DA GAMA.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

— É a descrição duma pobre louca à procura incansável de um filho, que ela perdera.

2 — Qual é o plano de composição seguido pelo autor?

— O texto compõe-se, nitidamente, de duas partes:

a) o *aspecto* da pobre mulher;
b) sua *loucura*.

3 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte?

— Faz-se a transição por meio das sentenças narrativas: "*Era louca... A sua, era... etc.*", sentenças que explicam o estado mental da mulher; a segunda parte não é mais do que o desenvolvimento dessa idéia.

4 — Que pormenores contém cada uma destas partes?

— A primeira *encerra* pormenores relativos ao aspecto físico da velha, expressos por meio de adjetivos, e que outros adjetivos repetem, como a confirmá-los: *pequena, magra, escura; mirrada e sêca e sombria*. Uma frase narrativa acentua um traço moral: *tinha a extrema humildade*, etc.

— A segunda mostra-nos, primeiramente, a mulher na ansiosa procura de seu filho, e, em seguida, desenvolve longamente suas atitudes características: "*leva as mãos aos olhos*, num gesto perscrutador, e *escuta atentamente*, levantando o xale a fim de melhor ouvir a resposta ideal".

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Por que razão é a segunda parte mais longa do que a primeira?

— Porque é nas ações e atitudes, que caracterizam a loucura, que se acha o *interêsse* descritivo dêste trecho. Não é a pessoa da velha que nos interessa, senão todos os atos e gestos, que lhe denunciam o estado mental.

2 — Mostre que a personagem dêste trecho é a protagonista de uma pequena tragédia.

— Há aqui um choque entre o mais profundo dos sentimentos — o amor materno — e a realidade da vida. A tragédia emocionante consiste nessa busca inútil de um filho morto, que a desgraçada mãe, em sua insânia, julgava ainda vivo.

3 — Que idéia filosófica constitui o centro dessa tragédia?

— A de que apenas uma idéia pode tornar-se obcessão, perigosa para a integridade mental da criatura humana.

4 — Como exprime o autor suas impressões pessoais?

— Exprime-as por meio de comparações hipotéticas (*como se tivesse perdido... como se guardasse...*), assim como de adjetivos (*destruidor, angustiosa, dolorosa, miserável*, etc.) ou ainda de frases ou orações com que interpreta aspectos, ações e atitudes (*dos que vivem longos anos sob o céu... sem pensar em resistir à sorte... com a passividade da fôlha que o vento rola... onde quer que a levasse a sua esperança*, etc.).

5 — Em que consiste o *interêsse narrativo* dêste trecho?

— Êste retrato, composto como está, não é uma simples descrição. Os pormenores de forma, côr ou caráter estão apresentados como uma seqüência, não de análises, mas de ações. As frases e orações têm um cunho acentuadamente narrativo e exprimem, sobretudo, aspectos, gestos e atitudes; as que parecem puramente descritivas servem, apenas, de explicação às orações e frases narrativas que as acompanham. Dêste modo, a personagem é colocada como que viva diante de nossos olhos.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

MARIA SEM TEMPO

- **1) O aspecto da mulher**
  - 1) *Pormenores objetivos físicos:* pequena, magra, escura, (mirrada, sêca, sombria).
  - 2) *Pormenor moral:* (humildade) dos que vivem longos anos sob o sol destruidor — sem pensar em resistir à sorte — com a passividade da fôlha que o vento rola — como se tivesse perdido a seiva — como se guardasse das noites o negrume.
- **2) Sua loucura**
  - 1) *Ações:* andava pelos caminhos — levantava a voz — escutava por trás das cêrcas, no aceiro dos matos, à entrada das fazendas, nos desertos, nos povoados, por tôda a parte.
  - 2) *Gestos e atitudes:* gesto indagador — mão abrigando os olhos — levantando o xale para ouvir melhor.

7.º *Sêres em ação.*

II. — O SACI-PERERÊ

O saci habita na cavidade dos bambus e gosta da agitação dos redemoinhos de vento. É escuro como a noite sem luar e traz habitualmente, na cabeça, uma carapuça rubra como sangue. Tem um enorme ôlho no centro da testa, saltita com agilidade sôbre a única perna que possui. Surge inopinadamente numa curva de estrada, atira-se às crinas dos cavalos que passam, grita-lhes com estridor ao ouvido e fá-los disparar em desabalado e estrepitoso galope pelo campo afora. Assusta os pobres e bondosos pretos de carapinha branca, aparecendo-lhes de súbito à frente. Entra nos casebres pelo buraco das fechaduras ou por uma fenda da porta, arrebenta, por simples prazer, os móveis e vasilhas, faz desandar o sabão caseiro em preparo, lança punhados de cinza sôbre os doces que borbulham, fervendo e desmanchando-se, dentro dos grandes tachos de ferro, apaga o fogo rubro e crepitante, derrama no chão de terra socada os potes de água, e, ora assobiando com viva alegria, ora tirando longas fumaçadas do cachimbinho de barro, salta daqui, pula dacolá, a tudo pondo em pandarecos. E, depois, desaparece, rápido como o relâmpago, para recomeçar mais adiante suas maldosas travessuras.

OLÍVIO DO LAGO.
(C.L.O.)

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor neste trecho?

— O autor descreve um ser fictício, considerando-o relativamente aos traços físicos e às ações características que lhe atribui a crendice popular.

2 — De quantas partes se compõe esta descrição?

— Ela apresenta duas partes:

a) o aspecto físico do saci (até "*única perna que possui*");

b) suas ações.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

— A primeira parte contém o aspecto físico do saci, indicado pelos seguintes pormenores descritivos: *escuro como noite sem luar — carapuça rubra — um ôlho no centro da testa — uma única perna.*

— A segunda descreve-lhe as ações, expressas por meio de orações curtas, coordenadas, que servem para indicar movimentos rápidos e sucessivos: *surge inopinadamente — grita-lhes com estridor — fá-los disparar — assusta os pobres pretos — entra nos casebres — arrebenta móveis e vasilhas — faz desandar o sabão — lança cinzas dentro dos tachos de doce — derrama a água — apaga o fogo — assobia, fuma, pula e desaparece.*

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

— O interêsse reside no aspecto físico, ràpidamente delineado, e no minucioso desenvolvimento das travessuras do saci.

2 — Como exprime o autor suas impressões pessoais?

— Exprime-as, principalmente, por meio de comparações, que caracterizam, com mais vigor e justeza, o aspecto físico do saci: *escuro como a noite* — *rubra como sangue*; ou que assinalam, de idêntico modo, um de seus atributos: *rápido como o relâmpago*.

3 — Por que emprega o autor o indicativo presente em sua descrição?

— Êle emprega o "*presente de narração*", que é o recurso literário para emprestar mais vida e colorido às cenas descritas, e, também, para colocá-las com mais fôrça ante nossos olhos.

4 — Que impressão nos causa o saci assim descrito?

— Causa-nos a impressão de um garôto irrequieto, mal-educado, maldoso e travêsso.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O SACI

1 — **Aspecto físico:** escuro como a noite sem luar — carapuça rubra — um só ôlho no centro da testa — uma única perna.

2 — **Ações** (*orações curtas*): — como aparece — o assalto aos cavalos — como os faz correr — como assusta os pobres pretos velhos — como entra nos casebres e o que aí faz — como desaparece.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

7.º *Pessoas em ação.*

I. — IRACEMA

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como o seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão pelas matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flôres sôbre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto. Iracema saíra do banho; o aljôfar da água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do guará as flechas do seu arco e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste. A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela.

JOSÉ DE ALENCAR.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *azular — favo — graúna — jati — campear — tabajara — grácil — roçar — ao pino do sol — um claro — oiticica — acácia — esparzir — aljôfar — rorejar — mangaba — emplumar — guará — concertar — ará.*

2 — Qual é a significação de: *lábios de mel — recendia — corria o sertão — a verde pelúcia — que vestia a terra — as primeiras águas — banhava — ameigar — corar?*

3 — Analise as comparações do texto.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Divida o trecho em três partes, a saber:

a) *o aspecto físico de Iracema;*
b) *correndo o sertão;*
c) *o repouso da selvagem.*

3 — Que pormenores contêm cada uma destas partes?

4 — Como se faz a transição da primeira parte para a segunda e desta para a terceira?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste a originalidade desta descrição?

2 — Quais são os caracteres físicos que servem para embelezar a selvagem? Como os exprimiu José de Alencar?

3 — De que modo descreveu êle as *ações* de Iracema?

4 — Que impressão nos causa Iracema, tal como está descrita neste trecho?

5 — Estude, em poucas palavras, o estilo de Alencar.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente, em curtas orações: *serra* — *montanha* — *serrania* — *cordilheira; lábios* — *beiços* — *beiçama* — *beiçorra; recender* — *cheirar* — *exalar* — *trescalar* — *tresandar;* — *hálito* — *bafo* — *bafagem* — *bafejo* — *expiração; campear* — *campar* — *acampar; roçar* — *roçagar* — *resvalar* — *deslizar; macular* — *enlamear* — *enxovalhar; mandil* — *esfregão* — *trapo.*

2 — Cite sinônimos das seguintes palavras: *negros* — *doce* — *perfumado* — *rápida* — *selvagem* — *vestia* — *repousar* — *claro* — *orvalho* — *esparziam* — *escondidos* — *grazinada* — *enfezar* — *horripilar* — *imutar* — *jalne* — *limo* — *madrigaz* — *influente* — *afluente* — *confluente* — *defluente* — *aflorar* — *florir* — *dirimir* — *manirroto.*

3 — Cite antônimos das seguintes palavras: *além* — *serra* — *nascer* — *negros* — *longos* — *doce* — *recender* — *perfumado* — *rápida* — *selvagem* — *grácil* — *guerreira* — *repousar* — *úmidos* — *concertar* — *próximo* — *retrogradar* — *evolver.*

4 — Cite palavras que designem: *a*) o aspecto físico dum selvagem; *b*) seus ornatos; *c*) suas armas.

5 — Forme orações curtas, empregando a preposição *a* antes de: *tiros* — *pé* — *sopapos* — *João* — *Carlos* — *ninguém* — *nenhum lugar* — *alguém* — *canivete* — *óleo* — *lápis* — *facadas* — *ferro e fogo* — *bala.* Explique por que não se acentua o *a*.

6 — Conjugue nos tempos simples os verbos *fugir* e *investir.*

7 — Forme curtas orações em que empregue o verbo *investir:* *a*) transitivamente; *b*) pronominalmente; *c*) com a preposição *por;* *d*) com a preposição *com.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor nas duas primeiras partes, fale: *a*) duma *jovem desportista, num campo de corrida;* *b*) de uma *jovem elegante, loura, passeando num belo parque.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, obedecendo ao plano de Alencar, um *guerreiro selvagem.*

7.º Pessoas em ação.

II. — O MINEIRO

Herói como os heróis da Grécia em rumo ao pôrto
Da Cólchida no ardor da aurífera conquista,
Ei-lo a encosta a escavar, na crença de que exista
O almejado filão, que viu no sonho, absorto.

Luta feroz, minaz, sem trégua e sem confôrto;
E pôsto que a montanha asperrima resista,
Brandindo sempre o alvião, fitando a fundo a vista,
Há de o veio ferir ou estatelar-se morto.

Investe . . . Falta-lhe o ar. O acrólito intradorso
Da galeria o fere. E mal se lhe equilibra
No antro sem luz o corpo ousadamente torso!

Mas investe . . . A exaustão empolga-o, fibra a fibra.
De súbito, entre a glória e o horror do extremo esfôrço,
Cai num grito . . . e o filão relampagueia e vibra.

LUÍS CARLOS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *Cólchida* — *encosta* — *minaz* — *alvião* — *o veio* — *estatelar-se* — *acrólito* — *intradorso* — *antro* — *torso*.

2 — Qual é a significação de: *ardor* — *aurífera conquista* — *o almejado filão* — *que viu no sonho* — *luta feroz* — *a exaustão empolga-o* — *a glória e o horror do extremo esfôrço* — *o filão relampagueia e vibra?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Luís Carlos neste sonêto? Responda em poucas palavras.
2 — Que desenvolvimento deu êle a seu assunto?
3 — Que pormenores formam a estrutura dêste sonêto?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que ações pratica o mineiro e como as exprime o poeta?
2 — Que sentimento impele o homem a essa luta titânica contra a rocha bruta?
3 — A que heróis da Grécia clássica o compara Luís Carlos? Que fizeram êsses heróis?
4 — Que impressão nos causa o epílogo do pequeno drama que acabamos de ler? Por quê?

ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Por que são alexandrinos os versos dêste sonêto?
2 — Por que se chamam alexandrinos?
3 — Estude neste sonêto: os *enjambements*, as rimas e sua disposição.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Substitua por outras expressões do mesmo valor: *da Grécia* — *em rumo* — *na crença* — *sem confôrto* — *pôsto que* — *sem luz* — *de súbito* — *num grito*.

2 — Empregue as palavras *como* e *quando*: *a*) como *advérbio*, em 5 sentenças; *b*) como *conjunção*, em 5 sentenças.

3 — Forme pequenas expressões comparativas com: *herói* — *ardor* — *ar* — *sonho* — *feroz* — *montanha* — *luz* — *ouro* — *amor*.

4 — Conjugue nos tempos simples os verbos: *querer, rugir* e *surgir*.

5 — Que diferença há entre: *acólito — acrópole — necrópole; torso — torço — dorso; crença — crendice; horror — terror; descrição — discrição; dispensa — despensa; afluxo — refluxo; ascensão — assunção; vislumbrar — relumbrar — deslumbrar; artimanha — patranha?*

6 — Cite dez nomes de árvores florestais; dez de pedras preciosas; dez de aves brasileiras.

ELOCUÇÃO. — Decore êste sonêto e recite-o.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva em prosa, inspirando-se neste sonêto, a morte de um bandeirante — o "*Caçador de esmeraldas*", por exemplo.

7.º *Pessoas em ação.*

III. — O SELVAGEM

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a cousa de quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma fôrça de elasticidade extraordinária, e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio. Foi cair sôbre o índio, apoiado nas largas patas de trás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima, e os dentes prontos a cortar-lhe a jugular. A velocidade dêste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante que se vira brilhar entre as fôlhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a fera tocava o chão com as patas. Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela fôrça e agilidade. Como a princípio, o índio havia dobrado um pouco os joelhos, e segurava na esquerda a longa forquilha, sua única defesa; os olhos fixos magnetizavam o animal. No momento em que o tigre se lançava, curvou-se ainda mais; e fugindo com o corpo apresentou o gancho. A fera, caindo com a fôrça do pêso e a ligeireza do pulo, sentiu o forcado cerrar-lhe o colo, e vacilou. Então, o selvagem distendeu-se com a flexibilidade da cascavel ao lançar o bote: fincando os pés e as costas no tronco, arremessou-se e foi cair sôbre o ventre da onça, que, subjugada, prostrada de costas, com a cabeça prêsa ao chão pelo gancho, se debatia contra o seu vencedor, procurando debalde alcançá-lo com as garras. Esta lutou durante minutos: o índio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sôbre a forquilha, mantinha assim imóvel a fera.

JOSÉ DE ALENCAR.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *jugular — pele — azevichada — magnetizar — forcado — cerrar — colo — distender-se.*

2 — Qual é a significação de: *fôrça de elasticidade extraordinária — salto monstruoso — a fôrça do pêso — a flexibilidade da cascavel?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta página?
2 — Em que participa esta descrição da natureza da narração?
3 — Aponte no texto as passagens que se referem:
a) ao *ataque da onça;*
b) à *defesa do índio;*
c) a *seu contra-ataque;*
d) a *sua vitória.*
4 — Que pormenores se encontram em cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?
2 — Como transcreve o autor as atitudes e os movimentos: a) da *onça;* b) do *selvagem?*
3 — Que impressão nos causa: a) o *selvagem;* b) sua *luta com a onça?*
4 — Localize êste trecho no romance "O GUARANI", de José de Alencar.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite sinônimos de: *selvagem — extraordinária — estendidas — cortar — monstruoso — brilhar — agilidade — cerrar — vacilar — prostrada — alcançar — debalde — eventual — gilvaz — mácula — febril — febricitante — árdego — apupar.*
2 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *apenas — assim que — logo que; degolar — decapitar — decepar; num instante — num segundo — num átimo; magnetizar — hipnotizar; de costas — supino — de bôrco; eventualidade — possibilidade — probabilidade; conjuntura — circunstância; — propício — oportuno — ocasional — favorável; perlustrar — calcorrear.*
3 — Empregue em sentido figurado: *selvagem — tigre — rato — brilhar — olhos — fera.*
4 — Empregue em sentido derivado: *corpo — dentes — fôlha — olhos — colo — pés — cabeça.*
5 — Conjugue em todos os tempos os verbos *seguir, argüir* e *distinguir.*
6 — Classifique as orações contidas no primeiro período dêste trecho.
7 — Aponte, nas orações classificadas: a) o sujeito; b) o predicado.
8 — Cite expressões que traduzam o aspecto físico: a) de um *toureiro;* b) de um *touro bravio.*

ELOCUÇÃO. — Imitando José de Alencar nos dois primeiros períodos do texto, fale de: a) um *gato atirando-se a um rato;* b) um *gavião lançando-se contra uma pomba;* c) um *jogador de futebol num lance emocionante.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva um toureiro ao pegar um touro "à unha".

7.º *Pessoas em ação.*

IV. — DANÇA AFRICANA

Sem lhes dar mais tempo nem repouso, parte a esgalgada filha do terreiro no balanço exaustivo, aos golpes ferinos do gã e ao *tunque-tunque*

dos atabaques, em volta dos quais revolucionam as cabaças. Reaparece a tremelga viscosa, convulsiva, a tresfolegar. Daí a pouco já não é figura humana; é uma harpia, uma górgona, perseguida por um dardo secreto. Freme e tressua, rumina e devora com as ventas túmidas o ar saturado de catinga e bafos de álcool. Braços e tronco, pernas e cabeça agitam-se-lhe em trepidações de calafrio. Reergue-se e oscila, as mãos abertas, os dedos hirtos, como palpando uma sombra. As contrações do rosto, a palidez do beiço, o esgazear dos olhos já denunciam demasiado sofrimento. É uma angústia contagiosa, de que parece sofrer todo o terreiro. Mas esta mesma agonia exalta ainda mais as irmãs da ronda e dá-lhes a ânsia mórbida do paroxismo. Suas vistas coruscantes parecem invejar a ditosa dor da companheira.

XAVIER MARQUES.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *filha do terreiro — golpes ferinos — gã — atabaques — tresfolegar — tressuar — ventas túmidas — saturado de catinga — hirtos — o esgazear dos olhos — paroxismo — coruscantes.*

2 — Qual é a significação de: *balanço exaustivo — revolucionam as cabaças — a tremelga viscosa — uma harpia — górgona — dardo — rumina — devora — trepidações de calafrio — todo o terreiro — agonia — as irmãs da ronda — ânsia mórbida — ditosa dor?*

3 — Aponte no texto:

a) as *comparações;*
b) as *onomatopéias.*

4 — Como se conjuga o verbo *tresfolegar?*

5 — Não se poderia dizer: — *suas vistas parece invejarem* — em vez de: *suas vistas parecem invejar?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Xavier Marques neste trecho?

2 — Divida esta descrição em três partes, a saber:

a) o *início da dança;*
b) a *dança convulsiva;*
c) a *angústia contagiosa.*

3 — Que pormenores descritivos contêm cada uma destes partes?

4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste a originalidade da dança descrita?

2 — Estude as expressões com que o autor traduziu:

a) os *sons da música primitiva;*
b) os *movimentos da dançarina;*
c) o *seu contagioso sofrimento.*

3 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.

4 — Localize êste trecho no romance "O FEITICEIRO", de X. Marques.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de sentenças apropriadas, o sentido de: *esgalgado — galgaz — esguia — esbelta — emaciada; exaustivo — fatigante — esgotante; trepidante — trêmula — fremente; viscosa — glutinosa — pegajosa — peganhenta.*

2 — Empregue em curtas orações: *convulsiva — agitada; tresfolegar — resfolegar — ofegar — arquejar — anelar; dardo — lança — aguilhão; túmidas — tumefactas — intumescidas; egoísmo — egotismo — egocentrismo — solipsismo; regirar — redemoinhar — rodopiar.*

3 — Cite sinônimos de: *repouso — balanço — reaparecer — devorar — saturado — calafrio — hirtos — angústia — mórbida — ditosa — nédio — cairel — ourela.*

4 — Cite antônimos de: *repouso — esgalgada — ferinos — hirtos — palidez — demasiado — sofrimento — exaltar — mórbido — ditosa.*

5 — Classifique as orações do primeiro período.

6 — Aponte, nas orações classificadas: *a*) o sujeito; *b*) o predicado.

7 — Cite expressões que pintem o vestuário tradicional: *a*) duma *baiana*; *b*) duma *dançarina*.

ELOCUÇÃO. — Imitando Xavier Marques na segunda parte dêste trecho, fale: *a*) de uma *dança clássica*; *b*) de uma *dança moderna*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, obedecendo ao plano do autor:
a) uma *baiana dançando um samba*;
b) uma *dançarina executando uma dança clássica*.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE PESSOAS EM AÇÃO

(O professor lerá à classe, prèviamente, uma descrição-modêlo).

1 — **Descreva um menino, ocupado em fazer sua "toilette", de acôrdo com o seguinte plano:**

				sensações
A)	a sala de banho o toucador ou a pia	*moldura*	o espelho a imagem refletida a banheira, etc. o jôrro de água as loções, etc.	*vista* *ouvido* *olfato*
B)	o menino o pijama os chinelos	*vestuário*	*adjetivos de côr:* azul, verde, róseo; listrado, pintalgado, etc.	
C)	os movimentos o sabonete as escôvas os pentes as toalhas	*ação*	*verbos de movimento:* colhia, apanhava, tomava, esfregava, etc.	

2 — **Descreva um *barbeiro* em seu trabalho, de acôrdo com o seguinte plano:**

A) **O salão:** as cadeiras, os espelhos, o aparelho antisséptico, a pia, os perfumes, os vaporizadores, os armários, etc.
B) **O barbeiro e o freguês:** vestuário, ligeiros traços do aspecto físico.
C) **As ações:** atitudes e atividade.

(Procure traduzir, por meio de substantivos e adjetivos bem escolhidos, sensações de vista, ouvido, olfato e tacto).

3 — **Descreva um *pintor* em seu trabalho, de acôrdo com o seguinte plano:**

A) **A moldura:** o estúdio, cavaletes, telas, banquetas, etc.
B) **O pintor:** seu indumento. Siga determinada ordem. Alguns pormenores de forma e côr.
C) **Ações:** Como trabalha o pintor:
— Os instrumentos; o material empregado.
— Como se utiliza dêles: movimentos, atividade.

4 — **Descreva, segundo suas observações pessoais, uma pessoa entregue ao trabalho, como, por exemplo:**

1.º — Um professor.
2.º — Um estudante.
3.º — Um médico.
4.º — Uma dona de casa.
5.º — Um poeta.
6.º — Um amolador.
7.º — Uma cozinheira.
8.º — Um acrobata.
9.º — Uma pianista.
10.º — Um vendedor de frutas.

5 — **Descreva, segundo suas observações pessoais, primeiramente num só período e, depois, em três, as sucessivas ações de:**

1.º — Um guarda-civil.
2.º — Um ciclista.
3.º — Um pescador.
4.º — Um caçador.
5.º — Um sacerdote.
6.º — Um bailarino.
7.º — Um vendedor de jornais.
8.º — Um sorveteiro ambulante.
9.º — Um palhaço.
10.º — Um prestidigitador em ação, no palco dum teatro.

RETRATOS NARRATIVOS MORAIS

1 — **Descreva, numa seqüência de ações, conforme suas observações pessoais:**

1.º — Um menino gabola (em classe, no recreio, na rua, em casa).
2.º — Um preguiçoso (vestuário, atitudes, procedimento, trabalho).
3.º — Uma vaidosa (vestuário, penteado, atitudes, ações).
4.º — Um presunçoso (quanto à própria coragem, inteligência, elegância e beleza).
5.º — Um aluno negligente e distraído.
6.º — A agonia dum avarento, cuja avareza sobrevive a todo sentimento.

2 — **Descreva, numa seqüência de ações, segundo suas leituras:**

1.º — A vida dum menino em Esparta.
2.º — A vida dum legionário romano em campanha.
3.º — A vida de Cícero em Roma.
4.º — A vida de Camões em Lisboa.
5.º — A vida dum bandeirante no sertão.
6.º — A vida de D. João VI no Brasil.
7.º — A vida do Imperador D. Pedro II no Rio de Janeiro.
8.º — A vida do Duque de Caxias em campanha.
9.º — A vida do Marechal Floriano na presidência da República.
10.º — O Almirante Barroso na batalha do Riachuelo.

ANIMAIS EM AÇÃO — GRUPO DE SÊRES EM AÇÃO

— Na descrição de animais em ação ou na de grupos de sêres em ação, são aplicáveis, *mutatis mutandis*, os mesmos conselhos dados e os ensinamentos hauridos no estudo da descrição de pessoas em ação e da de vistas ou quadros animados. O seguinte quadro sinóptico indica, resumidamente, o que se deve observar em cada uma destas modalidades de descrição.

- **I. ANIMAIS**
  - 1) **Atitudes** — calmas ou nervosas: de repouso, espreita, ataque, defesa, fúria, mêdo, etc.
  - 2) **Movimentos** — naturais ou ensinados. rápidos: frases e orações curtas, sucessivas. lentos: frases e orações longas, arrastadas.
  - 3) **Ações** — traduzidas por expressões adequadas, onomatopéias ou comparações.
- **II. GRUPOS**
  - 1) de pessoas.
  - 2) de animais da mesma espécie.
  - 3) de animais de várias espécies.
  - 4) mistos, de pessoas e animais.
  - — expressões coletivas e movimentos de conjunto, tardos ou céleres; expressões de ruído.

1) Localização da cena, numa descrição feita em rápidos traços.

2) Aspectos amplos, de conjunto (podendo-se empregar figuras de estilo).

3) Verbos bastante expressivos.

TEXTO EXPLICADO

8.º *Descrição de animais em ação.*

O TOURO DO CIRCO

Tinham-se picado alguns bois. Abriu-se de novo a porta do curro, e um touro prêto investiu com a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas nas pontas, pernas delgadas, indício de grande ligeireza, e movimentos rápidos e bruscos, sinal de fôrça prodigiosa. Apenas tocara o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte e, escavando a terra, impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silêncio que sucedera às palmas e gritos dos espectadores. Dentro em pouco os capinhas, saltando a pulo as trincheiras, fugiam à velocidade espantosa do animal, e dois ou três cavalos expirantes denunciavam a sua fúria.

REBÊLO DA SILVA.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Rebêlo da Silva nesta página?

— Êle descreve a entrada impetuosa dum touro feroz na arena de um circo, assim como sua parada súbita e sua investida contra os toureiros.

2 — Como se pode dividir êste trecho?

— De conformidade com o plano de composição, êste trecho pode ser dividido em quatro partes:

a) a entrada do touro no circo (até *praça*);

b) os característicos físicos do animal (até *fôrça prodigiosa*);

c) sua parada no centro da praça (até *espectadores*);

d) a perseguição aos capinhas (até o fim).

3 — Que contém cada uma destas partes?

— Na *primeira* parte, o autor, depois de nos fazer sentir, por meio de uma oração, que o espetáculo começara havia já algum tempo, situando-nos assim no momento interessante, mostra-nos a porta do curro abrindo-se e por ela entrando impetuosamente na arena um touro prêto.

— Na *segunda*, êle observa os característicos físicos mais impressionantes em um touro de combate: chifres compridos e pontiagudos, pernas delgadas a denotarem grande ligeireza, e uma fôrça descomunal que se traduzia em movimentos rápidos e inopinados.

— Na *terceira*, pinta as atitudes peculiares ao touro, ao surpreender-se no meio de uma turba frenética e barulhenta.

— Na *quarta*, enfim, vemos os capinhas pulando as barreiras, para fugirem à veloz perseguição da fera, e dois ou três cavalos trespassados mortalmente por seus chifres,

4 — Como se ligam essas partes umas às outras?

— Os princípios da transição são tècnicamente bem aplicados, neste trecho. Depois de apresentar, na primeira parte, o touro prêto, passa o autor, na segunda, a descrever o que há de mais impressionante em seu aspecto físico; terminada esta curta descrição, mostra-nos, na terceira parte, o animal chegando ao fim da carreira iniciada na primeira. Rebêlo da Silva passa da terceira para a quarta com a expressão "*Dentro em pouco*", que denota certa pausa entre a atitude da fera e seu arremêsso contra os capinhas. Esta pausa impressiona tanto mais, quanto coincide com o silêncio geral que sucedera às manifestações do público, estarrecido ante o vigor físico e a velocidade do animal.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que mais nos interessa nesta descrição? Por quê?

— O que mais nos interessa, são as ações do touro, pois nelas focaliza o autor sua atenção.

2 — Analise os meios de expressão com que o autor pintou o touro.

— O autor emprega expressões simples, que transcrevem com precisão o aspecto físico do animal, alternando-as com observações pessoais a respeito das qualidades que élas denotam (*indício de grande ligeireza, sinal de fôrça prodigiosa*).

Quanto a suas *ações*, descreve-as o autor, primeiramente, com orações curtas, sucessivas e nervosas (*estacou* como deslumbrado, *sacudiu* a fronte, etc.), e, depois, deixa-nos, apenas, imaginar os fulminantes e furiosos avanços do touro, que afugenta capinhas e malfere cavalos.

3 — Quais são as expressões narrativas dêste trecho?

— Se, na descrição, os pormenores de forma, de aspecto, de côr, de luz ou de caráter são apresentados como uma série de *análises*, e se, na narração, êles são apresentados como uma série de *ações*, de *gestos*, *atitudes* ou *observações* pessoais que *tracm* a presença dum observador, é bem de ver que êste trecho *é* fundamentalmente narrativo.

De fato, as frases e orações têm aqui a forma das frases e orações narrativas: *Tinham-se picado alguns bois* (só um observador presente à tourada poderia dizer isto; êle transparece, pois, no trecho, como *narrando* aquilo que viu); *era um verdadeiro boi de circo; dentro em pouco; velocidade espantosa; denunciavam a sua fúria.*

As frases e palavras descritivas acham-se, neste trecho, para servirem de explicação às frases e palavras narrativas. Isto concorre para que o touro seja colocado cheio de vida ante nossos olhos, com sua fôrça prodigiosa, sua ligeireza e sua ferocidade.

4 — Com fundamentos neste trecho, diga alguma cousa acêrca do estilo do autor.

— O autor é simples e preciso em seu vocabulário, objetivo, quase não empregando figuras. O estilo é cheio de relêvo e movimento, fazendo-nos ver a parte mais importante do espetáculo, com nítida sensação de realidade.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O TOURO DO CIRCO

1 — *A entrada do touro no circo:* alusão a cenas anteriores (aos touros já picados) — a porta do curro abrindo-se — a impetuosa entrada do animal.

2 — *Características físicas:* côr preta — chifres compridos e revirados nas pontas — pernas delgadas e nervosas — movimentos rápidos e inopinados.

3 — *Sua parada:* o centro da praça — estacou como deslumbrado — sacudiu a fronte — escavou a terra — mugiu ferozmente — silêncio — espectadores.

4 — *A perseguição aos capinhas:* toureiros pulando as trincheiras — fugiam ao animal veloz e furioso — cavalos expirando.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

8.º *Animais em ação.*

I. — O JARARACUÇU

No fundo da horta existe, e há tempos já, vizinho
Ao poço e ao capinzal, um jararacuçu,
Que ao meio-dia em ponto à cêrca vem, sòzinho,
A esgueirar-se por entre uns soutos de bambu.

Gente que o viu colear nas moitas, de mansinho,
Diz que êle mora num grosso taquaruçu,
E sempre vai até à beira do caminho,
Mole, a aquecer ao sol ardente o dorso nu.

Se alguém o assanha, o bicho, hirto e arfante, arma o bote,
Esgargala-se, cresce, e parte, num pinote,
Precípite, a investir, rábido, a língua no ar.

E as mais das vêzes, como uma rodilha enorme,
Em bôlo, junto à estrada, à canícula dorme,
Longo tempo tranqüilo e manso, a modorrar.

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique: *jararacuçu — esgueirar-se — soutos — colear — taquaruçu — assanhar — hirto — arfante — pinote — precípite — rábido — canícula — modorrar.*
2 — Que significam aqui: *mole — arma o bote — esgargala-se — cresce em bôlo?*
3 — Desenvolva o sentido contido na comparação: *como uma rodilha enorme.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o poeta neste sonêto?
2 — Divida esta descrição em quatro partes, a saber:

a) o jararacuçu do quintal;
b) sua moradia;
c) o bicho assanhado;
d) o sono ao sol.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?
4 — Mostre que o 2.º quarteto repete a idéia contida no 1.º, mas precisando o lugar onde mora a cobra e aquêle aonde ela se dirige ao meio-dia.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?
2 — Quais são os hábitos dêsse jararacuçu?
3 — Em que ocasiões fica êle irritado e qual é sua reação?
4 — Em que participa esta descrição da natureza da narração?

ESTUDO DA VERSIFICAÇÃO

1 — Quantas sílabas poéticas contém cada verso dêste sonêto?
2 — Como se chama o verso dêsse número de sílabas? Por quê?
3 — Quais são as sílabas em que recaem os acentos predominantes?
4 — Aponte neste sonêto as rimas graves, as rimas agudas, os *enjambements*.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em orações curtas: *caminho — senda — vereda — estrada; ardente — causticante — adusto — ignescente; assanhar — irritar — excitar — incitar; hirto — retesado — inteiriçado; arfante — arquejante — anelante — ofegante; precipite — rápido — veloz — célere; inferir — deduzir — concluir*

2 — Cite substantivos terminados em *ez* e *eza*.

3 — Forme orações curtas com as palavras: *dia — noite — sol — lua — colear — caminho — língua — dormir*, tanto no sentido próprio como no figurado.

4 — Cite os advérbios equivalentes a: *neste lugar — nesse lugar — naquele lugar — em todos os tempos — neste momento — em tempo algum — com coragem — sem mêdo — com rudeza — com brilho — de modo que se sucedam — de modo que não deixe dúvida — com delícias — sem pretensão — sem cuidado.*

5 — Classifique as orações contidas nos dois primeiros quartetos do sonêto.

6 — Cite expressões que traduzam: *a*) o *aspecto físico* dum escorpião; *b*) seus *movimentos*.

ELOCUÇÃO. — Reproduza em prosa êste sonêto (oralmente).

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando o autor, quanto ao plano de composição, descreva um *escorpião*, que alguém assanha com uma varinha.

8.º *Animais em ação.*

II. — QUINCAS BORBA

— Quincas Borba! exclamou (*Rubião*), abrindo-lhe a porta. O cão atirou-se fora. Que alegria! que entusiasmo! que saltos em volta do amo! chega a lamber-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe, que lhe dói; êle recua um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; depois o senhor dá um estalinho com os dedos, e ei-lo que volta novamente com a mesma alegria. — Sossega! sossega! — Quincas Borba vai atrás dêle pelo jardim fora, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos. Saboreia a liberdade, mas não perde o amo de vista. Aqui fareja, ali pára a coçar uma orelha, acolá cata uma pulga na barriga, más de um

salto galga o espaço e o tempo perdido, e cose-se outra vez com os calcanhares do senhor. Parece-lhe que Rubião não pensa em outra cousa, que anda dum lado para o outro ùnicamente para fazê-lo andar também e recuperar o tempo em que estêve detido. Quando Rubião estaca, êle olha para cima, à espera; naturalmente, cuida dêle; é algum projeto, saírem juntos, ou cousa assim agradável. Não lhe lembra nunca a possibilidade dum pontapé ou dum tabefe... Tem o sentimento da confiança, e muito curta a memória das pancadas. Ao contrário, os afagos ficam-lhe impressos e fixos, por mais distraídos que sejam. Gosta de ser amado. Contenta-se de crer que o é.

MACHADO DE ASSIS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Que significam aqui as expressões: *saboreia a liberdade — galga o espaço e o tempo perdido — cose-se com os calcanhares do senhor — tem muito curta a memória das pancadas?*

2 — Diga o que pensa da construção desta oração: *Não lhe lembra nunca a possibilidade dum pontapé.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Em que participa esta descrição da natureza da narração?

3 — Divida o trecho em duas partes, dando-lhes títulos expressivos e dizendo como se faz a transição entre elas.

4 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

2 — Como exprimiu o autor:

a) *os movimentos do cão;*
b) *o que parece o cão sentir?*

3 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.

4 — Localize êste trecho no romance "QUINCAS BORBA", de Machado de Assis.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de orações curtas, o sentido de: *abrir — soabrir — entreabrir — semicerrar; alegria — júbilo — contentamento; entusiasmo — arrebatamento — exaltação; saltos — cabriolas — pinchos; sandeu — mentecapto; onirismo — quimera.*

2 — Empregue em orações curtas: *sossegar — acalmar — aquietar — serenar — tranqüilizar — apaziguar; contornar — voltear — cercar — rodear — circundar — circunvagar; saborear — prelibar — gozar — apreciar; amarelo — jalde; fantasma — espectro — abantesma — avejão; evento — advento — provento; irrupção — erupção.*

3 — Dê sinônimos a: *contente — triste — voltar — aquietar — farejar — galgar — recuperar — detido — estacar — projeto — agradável — lembrar — afagar — promanar — postergar — calcorrear.*

4 — Quais são os homônimos de: *massa — caça — vêzes — bôlo — rôlo — topo — cerro — mêdo — amôres — tapête — tôda — prêto — nêle — dêle — pêlo alfinête — pilôto — sonêto — portuguêsa — professôra — garôta?*

5 — Dê antônimos a: *alegria* — *entusiasmo* — *recuar* — *liberdade* — *perder* — *curta* — *amar* — *agradável* — *confiança* — *quieto* — *recusar*.

6 — Quais são os adjetivos correspondentes a: *cão* — *gato* — *galinha* — *cavalo* — *asno* — *leão* — *tigre* — *lôbo* — *elefante?* Forme pequenas expressões comparativas com cada um dos nomes dêsses animais (Modêlo: *Fiel como um cão*).

7 — Classifique as orações contidas no trecho final, que vai desde "*Tem o sentimento da confiança*" até o fim.

8 — Determine a função de cada têrmo das orações classificadas.

ELOCUÇÃO. — Imitando Machado de Assis no trecho que vai desde "*Quincas Borba vai atrás dêle*" até "*calcanhares do senhor*", fale: *a*) dum *perdigueiro acompanhando o caçador*; *b*) dum *macaco passeando com seu dono*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva a alegria dum *cãozinho*, ao rever o dono, após longa ausência.

8.º *Animais em ação.*

III. — LEÃO

Avilado na sua altiva glória, ao fundo
Da jaula, cisma o leão numa atitude quêda.
No olhar, que em fôrça e brilho outro não há que o exceda,
Perpassa-lhe a visão de um sonho moribundo!

De súbito, porém, erguendo-se iracundo,
Morde a grade e, porque esta à fúria lhe não ceda,
Ao recôndito fel de ânsia espumante e azêda,
Urra sinistramente apóstrofes ao mundo!

Aquieta-se, outra vez; parece que lhe resta
Uma esperança. E à idéia hostil do seu destino,
Corre a jaula, sondando-a, então, fresta por fresta.

Urra agora do horror fatal daquele encêrro!
E a turbamulta ri, vendo o rei da floresta
Na desesperação de um cárcere de ferro!

LUÍS CARLOS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *avilado* — *iracundo* — *recôndito* — *sinistramente* — *apóstrofes* — *hostil* — *destêrro* — *sondar* — *fresta* — *encêrro* — *turbamulta*.

2 — Qual é a significação de: *altiva glória* — *uma atitude quêda* — *um sonho moribundo* — *fel de ânsia espumante e azêda* — *horror fatal* — *o rei da floresta?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o poeta neste sonêto?
2 — Cada estrofe é uma parte desta composição poética; que contém cada uma delas?
3 — Dê um título expressivo a cada parte.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Quais são as atitudes e ações do leão, e como as descreve o poeta?
2 — Que sentimento impele o leão a atirar-se contra as grades da jaula e a rugir?
3 — Com que expressões transcreve o poeta a fúria da fera?
4 — Que idéias, atitudes e sentimentos humanos atribui Luís Carlos ao leão? Justifique sua opinião com expressões tiradas do texto.

ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Prove que cada verso dêste sonêto conta dez sílabas poéticas.
2 — Como se chamam êsses versos? Por quê?
3 — Estude neste sonêto as cesuras, os *enjambements*, as rimas e os acentos predominantes.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue no sentido figurado, em curtas orações: *gemer* — *soluçar* — *uivar* — *chorar* — *brilho* — *angústia* — *alma* — *luz* — *coração* — *flor* — *fruto*.
2 — Cite, explicando-lhes o sentido, homônimos de: *sua* — *fundo* — *vez* — *quêda* — *fôrça* — *destêrro* — *encêrro* — *fecho* (subst.) — *enfêrmo* — *lôbo* — *lôba* — *lôdo* — *colhêr* — *venda* — *sêda* — *sêde* — *amôres* — *pôsto* — *pôrto* — *nêle* — *lêsma* — *garôto*.
3 — Forme o diminutivo de: *ave* — *pé* — *pó* — *só* — *café* — *mão* — *dedo* — *rei* — *dor* — *princesa* — *chapéu* — *leão* — *onça* — *lugar* — *balão* — *pássaro* — *jardim* — *anel* — *papel* — *jornal* — *lençol* — *flor* — *amor*. Qual é o plural dêstes diminutivos?
4 — Como se explicam as inversões de têrmos neste sonêto?
5 — Classifique as orações contidas nos dois primeiros quartetos.
6 — Determine a função de cada têrmo dessas orações.
7 — Cite adjetivos e comparações, que caracterizem o aspecto físico: *a*) da *fisionomia* dum gorila; *b*) de seu *tronco*; *c*) de seus *membros*.

ELOCUÇÃO. — Decore êste sonêto e recite-o com expressão.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, imitando Luís Carlos, um gorila prêso numa jaula.

8.º *Animais em ação.*

IV. — O CÃO VADIO

De súbito, surgiu no pátio, dum corredor escuro, um cão. Um cão trivial e sôrna, que arrastava atrás de si uma velha lata vazia, de marmelada, amarrada por mão gaiata à sua cauda. E sôbre a lata vinha uma metade de tijolo. O gôzo transportava o fardo, ao léu, vagaroso,

indeciso, indiferente, no tranco ordinário de vaganau despercebido. Por tôda a área vagueou o cachorro, arrastando a carga bulhenta. Pelas lajes a fôlha entrebatida, monótona, arrastava-se, levando o tijolo. Ao cérbero parecia não se lhe dar do caso. Passeava pelos cantos; tornava ao sol; estirava-se; em três patas, coçava o ventre; prosseguia; farejava; volvia aos mesmos pontos, a cauda estirada, o tijolo atrás, sôbre a lata, chiando. Por fim, encontrando um velho osso, voltou ao sol, estirou-se sôbre o ventre, a roer a prêsa, com pachorra.

LEO VAZ.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *sôrna* — *mão gaiata* — *tranco ordinário de vaganau* — *despercebido* — *carga bulhenta* — *entrebatida* — *não se lhe dar do caso* — *prêsa* — *pachorra*.

2 — Com que diferentes palavras designa Leo Vaz o mesmo cão? Por quê?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?
2 — Divida o trecho em três partes, dando-lhes títulos expressivos.
3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Analise as palavras ou expressões que traduzem *atitudes* do cão e *ruído*.
2 — Como se desenvolvem os movimentos do cão? Indique-os em suas fases.
3 — Estude, em poucas palavras, o estilo do autor neste trecho.
4 — Localize êste trecho no romance "O PROFESSOR JEREMIAS", de Leo Vaz.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite sinônimos de: *gaiato* — *ao léu* — *vagaroso* — *indeciso* — *vaguear* — *bulhenta* — *estirar* — *pachorra* — *sobredourar* — *sobrasar* — *sobraçar* — *socavar* — *soçobrar* — *lôbrego*.

2 — Cite nomes de raças de cães e gatos.

3 — Indique, com expressões adequadas, as diversas côres e aspectos dos pêlos de cão.

4 — Determine, por meio de orações apropriadas, o sentido de: *trivial* — *ordinário* — *costumeiro* — *habitual*; *preguiçoso* — *vagaroso* — *lerdo* — *mandrião* — *madraço*; *enternecimento* — *ternura*; *carícias* — *blandícias* — *carinhos* — *afagos*.

5 — Classifique as orações contidas no primeiro período dêste trecho.

6 — Determine as funções de cada têrmo dessas orações.

7 — Qual é o futuro do subjuntivo dos verbos *ver* e *vir*?

8 — Acrescente, aos substantivos seguintes, adjetivos que exprimam **forma, aspecto e côr**: *gato* — *rato* — *porão* — *casa* — *parede* — *chão* — *tijolo* — *pêlo* — *olho* — *dente* — *cauda* — *perna* (de gato ou rato).

ELOCUÇÃO. — Imitando Leo Vaz na passagem que vai desde o início do trecho até "*metade de tijolo*", fale: de um *cavalo que arrasta pelo estribo um cavaleiro tombado*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva um *gato* à caça de ratos, no grande porão de uma velha casa.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE ANIMAIS EM AÇÃO

(O professor lerá à classe, prèviamente, uma descrição-modêlo).

1 — Descreva uma *galinha* a alimentar sua ninhada, de acôrdo com o seguinte plano:

A) A *galinha:* côr, tamanho, penas eriçadas.

B) A *ninhada:* tamanho, forma e côr dos pintainhos.

C) *Ações:* os pintainhos acompanham a galinha, que de vez em quando se detém para ciscar; um ou outro corre, parecendo rolar como uma bola de fêltro. O modo de ciscar: esgaravatando o solo com os pés. O encontro dum verme e o chamado. A corrida geral: a sofreguidão dos pintainhos, que porfiam em arrancar o alimento do bico da galinha. Continuando a busca. Ensinando a beber. Descansando.

2 — Descreva um *cão* à espera do dono, de acôrdo com o seguinte plano:

A) O *aspecto físico:* raça, tamanho, cabeça, orelhas, olhos, focinho, pêlos.

B) *Ações:* choraminga, salta para um móvel perto da janela, ergue-se sôbre as patas traseiras, apóia as dianteiras na vidraça, olha para fora; desce num pulo elástico, corre à porta de entrada, fareja o chão, volta, senta-se, gane; retorna à janela, olha de novo, até que avisto o dono. — Descreva-lhe a atitude e as ruidosas manifestações de alegria.

3 — Descreva, numa seqüência de ações, segundo suas observações:

1.º — Um cão de guarda no jardim duma casa.
2.º — Um beija-flor a esvoaçar de flor em flor.
3.º — Um papagaio atemorizado diante dum gato.
4.º — Uma borboleta multicor, a esvoaçar num raio de sol.
5.º — Um peru a fazer roda.
6.º — Um alvo cisne, a nadar num lago cristalino.
7.º — Um gato preguiçoso e glutão.
8.º — Um cão de caça em ação.
9.º — Um galo cantando de madrugada.
10.º — Um potro a divertir-se num pasto verde.
11.º — Um peixinho dourado a nadar dentro dum aquário.
12.º — Uma cobra-coral a aquecer-se ao sol.
13.º — Uma serpente a atacar um sapo.
14.º — Uma onça a atacar um animal.

4 — Descreva, numa seqüência de ações, segundo suas observações:

1.º — A agilidade dum macaco ao furtar uma banana.
2.º — A astúcia e a crueldade dum gato que apanha um camundongo.
3.º — O devotamento dum cão policial.
4.º — A dura vida dum cavalo de carroça.
5.º — A vigilância duma galinha em tôrno de seus pintainhos.
6.º — O "espírito" dum papagaio ao ver-se livre da perseguição de um gato.

TEXTO EXPLICADO

9.º *Grupos em ação.*

A FESTA DE SANTA IFIGÊNIA

Dias antes da festa reuniam-se na igreja centenas de negras — traziam tôdas a carapinha empoada de ouro — e cantando lavavam as tábuas do templo, floriam os altares, vestiam as imagens, tapeçavam o adro de fôlhas aromáticas. No dia da festa famílias negras arranchavam-se nas imediações da igreja e os tambores de África estrugiam, vinham os descantes crioulos e a mulata, airosa e trêfega, saía pela areia semeada de rosas, nos passos do samba; mas, quando os coros sagrados começavam, acudiam tôdas, as mulheres descobriam as cabeças e o ouro reluzia ao sol maravilhoso. Ao fim da cerimônia irrompia o canto feminino e as negras, uma a uma, cantando, baixavam as cabeças na pia e lavavam a carapinha, e o ouro depositava-se no fundo do lavabo santo — era a oferenda dos cativos à santa misericordiosa. E fora, à luz viva, os negros batucavam nos atabaques, saudando com alarido as mulheres que voltavam gotejantes e louvando o Deus do céu e a santa da devoção.

COELHO NETO.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta página?

— O autor apresenta-nos um cerimonial semi-religioso e semipagão, com que os antigos escravos ofereciam ouro à santa de sua devoção.

2 — De quantas partes se compõe êste trecho?

— Êle pode ser dividido em quatro partes:

a) os preparativos (do começo a *aromáticas*);
b) nas imediações da igreja: a festa profana (até *samba*);
c) a oferenda (até *santa misericordiosa*);
d) o alarido dos homens (até o fim).

3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

— Na primeira parte, encontram-se os *preparativos*, que consistem na limpeza e ornamentação do templo, realizadas pelas negras, ao som de cantos religiosos.

— Na segunda, as danças profanas.

— Na terceira, os coros sagrados; e a oferenda, que é feita lavando-se, na pia sagrada, as carapinhas empoadas de ouro.

— Na quarta, o batucar infrene dos atabaques e a ruidosa recepção que os homens faziam às mulheres, quando estas saíam da igreja.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Quais são os pormenores desta descrição que nos causam: *a*) sensações luminosas; *b*) sensações auditivas?

— **Sensações luminosas:** *o ouro reluzia ao sol maravilhoso — a luz viva.*

— **Sensações auditivas:** *cantando — tambores estrugiam — descantes crioulos — coros sagrados começavam — irrompia o canto feminino — batucavam os atabaques — alarido.*

2 — Há nesta descrição duas notas artísticas que se sobressaem às outras. Quais são?

— I) A areia semeada de rosas, sôbre a qual dança a mulata airosa e trêfega;

— II) o sol a rebrilhar nas carapinhas recobertas de ouro em pó.

3 — Explique como as orações curtas exprimem com vigor os movimentos e as ações das personagens, que aparecem nesta descrição.

— "As negras... lavavam as tábuas do templo, floriam os altares, vestiam as imagens", etc.: — Eis orações coordenadas justapostas, cada uma das quais exprime uma ação completa; e, como as orações são curtas, passa-se muito depressa de uma a outra, estabelecendo-se uma cadeia de ações sucessivas, ricas de movimento. Esta explicação aplica-se a tôda a descrição, composta inteiramente de orações curtas.

4 — Por que nos produzem impressões de originalidade e beleza as cenas aqui apresentadas?

— Visto como fogem a todo ritual da religião católica, tendo, talvez, explicação em algum costume primitivo das selvas africanas, essas cenas apresentam forte cunho de originalidade, se não de *exotismo*. Nelas, o que nos impressiona o senso estético são as danças, os cantos, o modo de oferecer ouro, realçados pela música selvagem e pela ornamentação do templo e do adro.

5 — Em que apresenta esta cerimônia resquícios de paganismo?

— A Igreja Católica é essencialmente austera e grave em tôdas as cerimônias, ao passo que o paganismo apresentava, geralmente, um caráter festivo, — quando não era trágico, — algo semelhante ao ritual dos pretos escravos, ao fazerem sua oferenda a Santa Ifigênia.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

A FESTA DE SANTA IFIGÊNIA

1) *Os preparativos* — a reunião das negras na igreja — suas carapinhas empoadas de ouro — limpeza e ornamentação do templo.

2) *A festa profana* — *nas imediações da igreja:* tambores a estrugirem — descantes crioulos — uma mulata a dançar o samba.

3) *A oferenda* — os coros sagrados — as mulheres descobriam as cabeças — o ouro reluzia — o canto feminino — a lavagem das cabeças na pia sagrada — o ouro a depositar-se no fundo da pia.

4) *O alarido dos homens* — *à luz viva do sol:* os negros a batucar nos atabaques — a saída das mulheres, que cantam louvores a Deus e à Santa de sua devoção.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

9.º *Grupos de sêres em ação.*

I. — A DANÇA DOS COLONOS ALEMÃES

Os dançantes continuavam no compasso marcial da polaca, executando variadas figuras, ora desenhando meias-luas, ora separando-se em alas, marchando frente a frente, ora fazendo evoluções de homens e mulheres, separados, para se reunirem depois de diferentes voltas. Os movimentos eram tardos e pesados; dentro de sapatos grossos e ferrados, batendo fortemente os pés no assoalho, arrastando-se com esfôrço, faziam um barulho sêco, enorme, que dominava as vozes dos instrumentos. Quando a contradança parava, os pares voltavam-se num mesmo instante como por uma combinação mágica, e todos livres se moviam vagarosamente, procurando os bancos encostados às paredes das salas ou aos cantos das janelas. Muitos saíam até ao terreiro, para se refrescar; namorados passeavam ali no escuro, abraçados; velhos fumavam o seu cachimbo, resmungando conversas preguiçosas, até que de novo a música dava o sinal e todos voltavam à sala, em ordem, sem o menor embaraço, passando a dançar automàticamente, de charuto ou cachimbo ao queixo e chapéus na cabeça.

GRAÇA ARANHA.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Qual é o sentido de: *compasso marcial da polaca — desenhando meias-luas — alas — tardos — pesados — ferrados — um barulho sêco — que dominava as vozes dos instrumentos — contradança — como por uma combinação mágica — resmungando conversas preguiçosas — automàticamente — de charuto ou cachimbo ao queixo?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor nesta página?
2 — Quais são as partes desta descrição que correspondem aos títulos:
   a) *as figuras e evoluções da dança;*
   b) *os passos sapateadores;*
   c) *após a dança;*
   d) *durante e após o intervalo das danças?*
3 — Que pormenores descritivos se encontram em cada uma destas partes?
4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que mais nos interessa nesta descrição?
2 — Estude as expressões com que o autor descreveu:
   a) *os movimentos dos alemães ao dançarem;*
   b) *suas ações, quando cessava a música.*
3 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.
4 — Localize êste trecho no romance "CANAÃ", de Graça Aranha.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Forme curtas orações, que precisem o sentido de: *dançante* — *dançarino* — *bailarino; marcial* — *bélico* — *guerreiro; tardo* — *lento* — *lerdo; barulho* — *ruído* — *bulha* — *estrépito* — *estrondo; mágico* — *sobrenatural* — *maravilhoso.*

2 — Cite sinônimos de: *vagarosamente* — *sair* — *refrescar* — *escuro* — *preguiçosas* — *ordem* — *embaraço* — *devaneio* — *desvêlo* — *dipsomaníaco* — *bambolear.*

3 — Indique verbos que exprimam movimentos de conjunto: *a) para a frente; b) para trás; c) para os lados.*

4 — Cite palavras formadas com os prefixos *extra, contra* e *sôbre.*

5 — Como se conjugam nos tempos simples os verbos *florir, reluzir* e *estrugir?*

6 — Forme certo número de orações coordenadas, ligando-as duas a duas com as conjugações: *e* — *nem* — *ou* — *mas* — *porém* — *contudo* — *todavia* — *aliás* — *ora... ora* — *ou... ou* — *nem... nem.*

7 — Analise lògicamente o primeiro período dêste trecho.

8 — Acrescente, aos seguintes substantivos, um adjetivo expressivo que sugira aspecto, forma, côr ou ruído, e que seja seguido de pequena comparação: *bosque* — *salão* — *vestuário* — *avenida* — *soldado* — *pássaro* — *uniformes* — *sol* — *lua* (ex.: bosque verde *como uma grande esmeralda viva*).

ELOCUÇÃO. — Imitando Graça Aranha nos dois primeiros períodos do texto, tale: *a) das evoluções de numerosos escolares, numa festa desportiva; b) das evoluções de um batalhão de soldados; c) duma dança de tangarás.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva uma *dança antiga*, de que participem numerosos figurantes (quadrilhas, lanceiros, etc.).

9.º Grupos em ação.

II. — A DANÇA DOS SELVAGENS

Aos rescaldos do licor ebriático, alguns selvagens começaram a dançar. Ao princípio, dispostos em linha unida, êles executavam lentos movimentos de marcha, acompanhados, de espaço a espaço, pela pancada violenta dada no chão com a extremidade das longas varas de taboca, que todos empunhavam. Entraram a chocalhar depois os maracás, ao tempo em que o bate-pé se tornava mais nervoso e as figuras torvelinhavam ao redor do braseiro. Os corpos frenesiados e suarentos rutilavam ao clarão das labaredas altas e, por vêzes, tinha-se a impressão de que curupiras chamejantes rompiam do fogo vivo para tomar parte na sarabanda louca. Uma cantilena monótona e plangitiva, arrastada aos gemidos e suspiros, atenuava a agitação dos instrumentos rústicos, em que os sons agudos do boré feriam longamente a calada da noite densa que nos cercava. De onde a onde, um dos dançadores chegava até as nossas vizinhanças e, tomando entre as mãos uma das cuiambucas de caxiri, gargalaçava às pressas num nôvo trago.

GASTÃO CRULS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *rescaldos* — *ebriático* — *linha unida* — *taboca* — *chocalhar* — *maracás* — *braseiro* — *atenuava* — *rústicos* — *boré* — *cuiambucas* — *caxiri* — *gargalaçar*.

2 — Que significa aqui cada uma das expressões: *nervoso* — *torvelinhavam* — *os corpos frenesiados rutilavam* — *curupiras chamejantes* — *rompiam do fogo vivo* — *sarabanda louca* — *cantilena monótona e plangitiva* — *arrastada aos gemidos e suspiros* — *feriam longamente a calada da noite?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição? Resposta em poucas palavras.

2 — Em quantas partes pode esta descrição ser dividida? Indique-as, dando-lhes títulos expressivos.

3 — De que particularidades descritivas se compõe cada parte?

4 — Como se pode provar que esta descrição se acha enquadrada numa narrativa?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que nos desperta a curiosidade, nesta dança de selvagens?

2 — Em que se distingue esta dança de quaisquer outras danças civilizadas?

3 — Com que expressões traduziu o autor: *a*) suas *impressões pessoais*; *b*) os *movimentos dos selvagens?*

4 — Localize êste trecho no romance "A AMAZÔNIA MISTERIOSA", de Gastão Cruls.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em algumas orações curtas: *selvagem* — *silvícola* — *indígena* — *índio*; *dançar* — *bailar*; *cerrada* — *fechada* — *unida*; *vagarosos* — *lentos* — *lerdos* — *indolentes* — *negligentes* — *ronceiros*; — *convelir* — *convulsionar* — *revolucionar*.

2 — Empregue em pequenas orações: *extremidade* — *ponta*; *taboca* — *taquara* — *bambu*; *entrar* — *principiar* — *iniciar* — *encetar*; *nervoso* — *enérgico* — *vivo* — *exaltado* — *vigoroso* — *pujante*; *turbilhonar* — *redemoinhar* — *rodopiar* — *regirar* — *lábil*.

3 — Cite sinônimos de: *executar* — *de espaço a espaço* — *chão* — *longas* — *ao tempo* — *frenesi* — *suarentos* — *rutilar* — *labaredas* — *romper* — *plangitiva* — *indelével*.

4 — Cite substantivos terminados por *al* e *edo*, que indiquem coleção ou quantidade de cousas ou animais.

5 — Corrija as seguintes orações, explicando o motivo da correção: *Iremos à Santos amanhã e regressaremos à esta cidade no fim do mês.* — *Comecemos à trabalhar.* — *Falo à você.* — *Pouco à pouco, o tempo clareou.* — *Ela ofereceu um livro à Pedro.* — *As estacas foram fixadas de espaço à espaço.* — *Paulo pôs-se à rir.* — *Não prestais atenção à ninguém.* — *O grande autor enviou um livro à cada amigo.* — *Refiro-me à êle, não à ti.*

6 — Diga se o infinito não pode ser flexionado no seguinte exemplo: "Curupiras rompiam do fogo para *tomar parte* na sarabanda".

7 — Cite expressões que traduzam *vozearia* e ruídos de *bate-pé* (verbos, substantivos, adjetivos, comparações, etc.).

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor nos dois últimos períodos do texto, fale: *a*) de uma *cantoria cabocla em noite de luar*; *b*) de um "*desafio*" *de caipiras numa noite de S. João.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, imitando Gastão Cruls neste trecho, um *batuque* ou um *catereté*

9.º *Grupos em ação.*

III. — O ESTOURO DA BOIADA

Vai o gado na estrada mansamente, rota segura e limpa, chã e larga, batida e tranqüila, ao som monótono dos *eias!* dos vaqueiros. Caem as patas no chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconsciente resignação das alimárias, oscilantes as cabeças, pendente a magrém dos perigalhos, as aspas no ar em silva rasteira por sôbre o dorso da manada. Dir-se-ia a paciência em marcha, abstrata de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta andadura, espertada automàticamente pela vara dos boiadeiros. Eis senão quando, não se atina por que, a um acidente mínimo, um bicho inofensivo que passa a fugir, o grito de um pássaro na capoeira, o estalido duma rama no arvoredo, se sobressalta uma das reres, abala, desfecha a correr, e após ela se arremessa, em doida arrancada, atropeladamente o gado todo. Nada mais o reprime. Nem brados, nem aguilhadas o detêm, nem tropeços, voltas ou barrancos por davante. E lá vai, incessantemente, o pânico em desfilada, como se os demônios o tangessem, léguas e léguas até que, exausto o alento, esmorece e cessa, afinal, a carreira, como começou, pela cessação do seu impulso.

RUI BARBOSA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: — *rota* — *chã* — *bulha* — *alimária* — *magrém* — *perigalhos* — *aspas* — *manada* — *tintinar* — *espertada* — *automàticamente* — *atinar* — *capoeira* — *atropeladamente* — *aguilhadas* — *tropeços* — *davante* — *tanger* — *esmorecer.*

2 — Qual é a significação de: *caem as patas no chão* — *em bulha compassada* — *na vaga doçura dos olhos dilatados* — *transluz a inconsciente resignação das alimárias* — *em silva rasteira* — *em pachorrenta andadura* — *em doida arrancada* — *o pânico em desfilada* — *exausto o alento?*

3 — Que quer o autor dizer com as orações: *dir-se-ia a paciência em marcha, abstrata de si mesma* — *como se os demônios o tangessem?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Rui Barbosa nesta página?
2 — Quais são as expressões narrativas, que se encontram neste trecho?
3 — Divida esta descrição em duas partes, a saber:
   a) *a boiada em marcha;*
   b) *o estouro da boiada.*
4 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?
5 — Como se faz a transição da primeira parte para a segunda?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?
2 — Estude as expressões com que o autor descreve: *a*) o *aspecto da boiada, em sua pachorrenta andadura; b*) o *pânico dos animais.*
3 — Que impressão nos causam os dois grandes aspectos desta boiada?
4 — Analise, em poucas palavras, o estilo de Rui Barbosa.

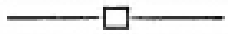
EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos às seguintes palavras: *mansamente — rola — segura — chã — tranqüila — bulha — compassada — vaga — doçura — transluzir — alimárias — oscilantes — aspas — rasteira — pachorrenta — reprimir — alento — esmorecer — espário — epinício — amarfanhar — ressaltar — debandar — falaz — estugar.*
2 — Que ações ou resultados de ações correspondem a: *ir — cair — transluzir — passar — fugir — sobressaltar — arremessar — reprimir — deter — esmorecer — cessar — tropel?*
3 — Cite palavras que indiquem grandes quantidades de animais.
4 — Cite verbos que exprimam: *a*) *correria; b*) *ruído.*
5 — Dê exemplos de orações coordenadas aditivas, alternativas, adversativas e conclusivas.
6 — Corrija as seguintes orações ou trechos de oração: *Fazem cinco anos que não a vejo. — Haviam já quatro semanas que êles não se encontravam. — Ruth saiu daqui há tempo de alcançar o trem. — Faça cada cousa há seu tempo e hora. — Vós dissesteis. — Tu falastes. — Carlos não disse-me nada. — Aquela que ama-te. — Quando falou-me.*
7 — Analise lògicamente o último período do texto.

ELOCUÇÃO. — Imitando Rui Barbosa na primeira parte dêste trecho, fale: *a*) de um *rebanho de carneiros que caminha por uma estrada; b*) de um *bando de cabras leiteiras que passa por uma rua.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva uma *galopada de cavalos* através dos pampas.



9.º Grupos em ação.

IV. — O ESTOURO DA BOIADA

Surge a boiada vagarosamente... De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando, num estremeção repentino, aquêles centenares de dorsos luzidios. Há uma pausa instantânea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada *estoura*... A boiada arranca. Nada explica, às vêzes, o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespêro dos campeiros. Origina-o o incidente mais trivial — o súbito vôo rasteiro duma araquã ou a corrida dum mocó esquivo. Uma rês se espanta e o contágio, uma descarga nervosa subitânea, transfunde o espanto sôbre o rebanho inteiro. É um solavanco único, assombroso, atirando, de pancada por diante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aquêles maciços corpos tão normalmente tardos e morosos. E lá se vão: não há mais contê-los ou

alcançá-los. Acamam-se as caatingas, árvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos tabuleiros ruído soturno e longo de trovão longínquo . . . Destroem-se em minutos, feitos montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvaziam-se, deixando os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo retilíneo em que se despenha a "arribada", — milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritível, de animal fantástico, precipitado na correria doida. E sôbre êste tumulto, arrodeando-o ou arremessando-se impetuoso na esteira dos destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largando numa disparada estupenda sôbre barrancos, e valos, e cerros, e galhadas — enristado o ferrão, rédeas sôltas, soltos os estribos, estirado sôbre o lombilho, prêso às crinas do cavalo — o vaqueiro!

EUCLIDES DA CUNHA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *entrebatem-se* — *enredam-se* — *arrancar* — *campeiros* — *araquã* — *mocã* — *embolados* — *acamam-se* — *caatingas* — *desbordam* — *as baixadas* — *tombadores* — *tabuleiros* — *leivas* — *ipueiras* — *apisoados* — *despenha* — *esteira* — *enristado* — *lombilho*.

2 — Que significam aqui: *ondula um frêmito* — *uma descarga nervosa* — *transfunde o espanto sôbre o rebanho* — *um solavanco* — *em vertiginosos disparos* — *marulho de chifres?*

3 — Qual é a significação de: *torrentes de cascos* — *rola ruído soturno e longo de trovão longínquo* — *um corpo único, monstruoso, informe, de animal fantástico* — *correria doida* — *êste tumulto* — *avalanche viva* — *disparada estupenda?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que descreve o autor nesta página?
2 — Quais são as expressões narrativas que nela se encontram?
3 — Divida esta descrição em partes, de acôrdo com o seguinte plano:

a) um *frêmito sacode a boiada;*
b) a *causa do susto;*
c) o *estouro;*
d) o *vaqueiro em ação.*

4 — Que pormenores descritivos contém cada uma destas partes?
5 — Localize êste trecho em: "Os sertões".

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Por que é a terceira parte mais longa do que as outras?
2 — Como descreve o autor:

a) os *movimentos da boiada ao assustar-se;*
b) os *movimentos da boiada quando estoura;*
c) os *ruídos;*
d) a *ação do vaqueiro?*

3 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.
4 — Localize êste trecho no livro "OS SERTÕES", de Euclides da Cunha.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em orações curtas: *ondular* — *ondear* — *encrespar; frêmito* — *arrepio* — *estremeção; instantânea* — *repentina* — *subitânea; enredar-se* — *embaraçar-se* — *emaranhar-se; fisgar* — *erpoar* — *espelar; vulgar* — *trivial* — *comum* — *corriqueiro; acontecimento* — *evento* — *sucesso.*

2 — Dê sinônimos a: *espanto* — *misturar* — *morosos* — *estalar* — *esfarelar* — *torrente* — *soturno* — *penosamente* — *apisoar* — *monstruoso* — *precipitar* — *arrodear* — *destroços* — *estupenda* — *cêrro* — *vaticinar* — *augurar* — *acuar* — *acossar.*

3 — Dê homônimos a: *aquêles* — *nada* — *vêzes* — *desespêro* — *contágio* — *sôbre* — *revôlto* — *rola* — *pelos* — *êstes* — *cêrro* — *sôltas* — *prêso* — *têrmo.*

4 — Forme pequenas expressões comparativas, em que entrem como segundo têrmo: *boiada* — *vôo* — *rês* — *árvore* — *lasca* — *pedra* — *torrente* — *trovão* — *roça* — *avalanche* — *cêrro* — *cavalo.*

5 — Cite substantivos, que indiquem quantidade de: *árvores* — *álamos* — *figueiras* — *pássaros* — *casas* — *pessoas* — *cães* — *carneiros* — *lôbos* — *cavalos* — *peixes.*

6 — Conjugue, em todos os tempos, os verbos *dizer* e *querer.*

7 — Analise lògicamente a passagem que vai desde "*Surge a boiada*" até "*a boiada estoura*".

8 — Explique o emprêgo do gerúndio.

9 — Que significam as seguintes palavras: *arrimo* — *despautério* — *descomunal* — *multifário* — *poliforme* — *cosmopolita* — *desalento* — *ressaber* — *relento* — *restrugir* — *grandiloquo* — *adejar* — *nosocômio* — *manicômio* — *encômios* — *lobrigar* — *livor* — *desavir* — *avir* — *despercebido* — *desapercebido?*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai desde: *E lá se vão...* até *trovão longínquo*, fale: *a*) de um *desmoronamento de pedras da lomba dum morro; b*) de um *assalto de tanques de guerra a uma posição inimiga.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, também, um "*estouro de boiada*", com elementos tirados das descrições de Rui Barbosa e Euclides da Cunha.

9.º Grupos em ação.

V. — AS BORBOLETAS

Nessas claras manhãs de firmamento escampo,
De ar mais puro e de sol mais livremente aberto,
Qual mais linda, elas vêm, ora através do campo,
Ora em trêmulo enxame através do deserto,

Como ao vento esparzido um punhado de flôres,
Buscar ao pé do rio as boninas singelas,
E entrecruzar-se à luz com as variadas côres,
Brancas, verdes, azuis, rajadas e amarelas.

Num sereno rumor indistinto, cortando
O ar de aromas que vêm das plantas saturado,
Vejo às vêzes passar o fugitivo bando
Várzea ao longe, estendendo o vôo prolongado.

Umas rente vão à crômula das fôlhas,
Outras voam mais alto, entrefechando e abrindo
A asa, outras vão do rio acompanhando as bôlhas,
A água, a pena erradia e as espumas seguindo . . .

Té que em meio de um vale onde a corrente brame
E revôlta borbulha e rodopia inquieta,
Em suspensa coluna, o selvático enxame
Baila e treme do sol à carícia secreta . . .

ALBERTO DE OLIVEIRA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras desta poesia: *escampo* — *singelas* — *cortando* — *saturado* — *várzea* — *crômula* — *entrefechar* — *borbulhar* — *rodopia* — *inquieta* — *baila.*

2 — Por que escreveu o poeta *té* em vez de *até?*

3 — Que significam as expressões: *sol mais livremente aberto* — *trêmulo enxame* — *sereno rumor* — *o fugitivo bando* — *a pena erradia* — *a corrente brame* — *suspensa coluna* — *o selvático enxame?*

4 — Quais são as inversões de têrmos que se encontram no texto? Para que servem?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta poesia? Responda em poucas palavras.
2 — Dê um título expressivo a cada estrofe.
3 — Que pormenores descritivos contêm cada estrofe?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?
2 — Como descreve Alberto de Oliveira:
   a) *o aspecto das borboletas;*
   b) seus *movimentos?*
3 — Com que expressões nos transmite o poeta suas sensações:
   a) de *cheiro;*
   b) de *ruído;*
   c) de *luz?*
4 — Que impressão geral nos produz êste quadro?

ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Quantas sílabas poéticas conta cada verso desta poesia?
2 — Sôbre que sílabas recaem os acentos predominantes?
3 — Estude nesta poesia: as cesuras; os *enjambements;* as rimas e sua disposição.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite antônimos de: *claras* — *escampo* — *linda* — *singelas* — *sereno* — *estender* — *alto* — *revôlta* — *inquieta*.

2 — Empregue como advérbios, em curtas orações: *alto* — *baixo* — *duro* — *claro* — *forte* — *barato*.

3 — Escolha algumas palavras na poesia; forme, com elas, 5 metáforas e 5 comparações.

4 — Explique o emprêgo do gerúndio, no texto.

5 — Explique o emprêgo do infinito, no exemplo: "*Vejo passar o fugitivo bando*".

6 — Analise lògicamente a terceira estrofe.

7 — Cite substantivos, adjetivos, verbos e comparações que traduzam os diversos tons das côres verde, amarela e vermelha.

8 — Forme expressões onomatopaicas que traduzam o barulho dum bando de araras em vôo.

ELOCUÇÃO. — Decore e recite, com expressão artística, esta poesia.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando Alberto de Oliveira, descreva, em prosa ou poesia, um *bando de araras* em vôo.

9.º *Grupos em ação.*

VI. — OS PASSARÕES

De espaço em espaço, mas sempre em imensas chusmas, os passarões calavam-se serenamente do azul e de asas ao pairo, revoluteando em lindos vôos espiralados, vinham ter às nossas vizinhanças. Era tal a profusão de corpos brancos, que se diria uma abundante e singular nevada, caindo de chôfre sôbre as galas da natureza verde. E, para que maior ainda fôsse a ilusão, à medida que as aves baixavam, as árvores iam-se vestindo de uma nívea florescência, que lhes tomava, a pouco e pouco, os troncos e os galhos e, surgindo aqui em pequenos flocos, rompendo ali em largas manchas, alastrava-se pelos ramos acima até assenhorear-se de tôda a copagem, que se enfunava então no mais esplendente dossel de arminho branco. E, assim, por todos os lados, uma só alcatifa de penas cândidas e frouxeladas, que afestoava a vegetação, cobria o solo, coalhava os lagos e se estendia pelas ribanceiras além, branquejando as perspectivas.

GASTÃO CRULS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das palavras: *chusmas* — *asas ao pairo* — *revoluteando* — *vôos espiralados* — *de chôfre* — *alastrava-se* — *assenhorear-se* — *copagem* — *enfunava* — *frouxeladas* — *afestoava.*

2 — Que significam aqui: *calavam-se serenamente do azul* — *abundante e singular nevada* — *as galas da natureza* — *iam-se vestindo* — *nívea florescência* — *pequenos flocos* — *largas manchas* — *esplendente dossel* — *arminho branco* — *alcatifa de penas cândidas* — *coalhava os lagos* — *branquejando as perspectivas?*

3 — Explique o emprêgo do pronome *se* neste trecho.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Divida o trecho em três partes, colocando-as pela ordem, sob os títulos:

a) a *descida dos passarões brancos;*
b) a *nívea florescência das árvores;*
c) a *alcatifa de penas cândidas.*

3 — Como se ligam estas partes?

4 — Que ordem seguiu o autor nesta descrição?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

2 — Quais são os movimentos de conjunto aqui descritos e que meios empregou G. Cruls para exprimi-los?

3 — Explique as mudanças de côr na paisagem.

4 — Qual é a impressão geral, resultante do estudo dêste trecho? Por quê?

5 — Quais são as expressões que denotam vigorosas *sensações visuais?*

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite palavras que exprimam vozes de pássaros.

2 — Cite palavras que indiquem linhas e figuras geométricas.

3 — Tome no trecho cinco palavras que estejam no sentido figurado e empregue-as, com o sentido próprio, em algumas sentenças.

4 — Forme cinco comparações, em que o segundo têrmo seja uma das palavras: *neve* — *arminho* — *sangue* — *carvão* — *anil* — *esmeralda* — *púrpura.*

5 — Cite 10 verbos que exprimam *côr.*

6 — Analise lògicamente o 1.º período do trecho.

7 — Não se poderia dizer *até assenhorearem-se* em vez de *até assenhorear-se?*

8 — Explique o emprêgo do gerúndio.

9 — Cite 3 verbos que exprimam *cheiro agradável* e 3 que exprimam *cheiro desagradável.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai desde "*De espaço a espaço*" até "*natureza verde*", fale: a) de uma *nuvem de gafanhotos;* b) de uma *tempestade iminente;* c) de *manobras militares.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, obedecendo ao plano do autor neste trecho, um *bando de andorinhas* que desce para o telhado de uma velha igreja.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE GRUPOS DE SÊRES EM AÇÃO

(Cenas)

1 — Descreva, de acôrdo com o seguinte plano, um *incêndio e a ação dos bombeiros:*

A) O *incêndio:* a hora, o prédio, o fogo e seus efeitos de luz, as labaredas crescentes, os balcões de fumo negro, os desabamentos.

B) Os *bombeiros:* a sereia, a chegada ruidosa dos carros, os homens do fogo, o cordão de isolamento, as escadas, as bombas, as mangueiras, os jorros de água.

2 — Descreva, de acôrdo com o seguinte plano, uma *caça às borboletas* no campo:

A) Um *piquenique:* uma árvore frondosa, sua sombra, uma toalha estendida, pratos, talheres, garrafas, cêstos, comestíveis, uma família numerosa.

B) A *borboleta:* as crianças avistam uma linda borboleta pousada numa flor. Um dos meninos procura apanhá-la... Que acontece? (Descreva as precauções que êle toma, para evitar que a borboleta se assuste e voe).

C) A *perseguição:* Gritos, correrias, risadas. Chapéus, lenços e bonés servem para tentar pegar a borboleta, que esvoaça doìdamente.

3 — Descreva, de acôrdo com o seguinte plano, os *vendedores de jornais*, a uma hora movimentada do dia:

A) Descreva a animação duma rua central, à tarde; os transeuntes, suas atitudes; os automóveis, os bondes (*movimento* e *ruído*).

B) Fale a seguir dos vendedores de jornais; seus gritos ao apregoarem as últimas edições, seus movimentos e suas ações.

C) Descreva, finalmente, os compradores, seus chamados, suas atitudes.

4 — Descreva uma cena de rua, em que um homem apresenta *cães amestrados*, de acôrdo com as seguintes indicações:

A) O homem.
B) Os cães.
C) O público.

5 — Descreva, procurando produzir uma impressão de repouso e intimidade, um *serão em família*, de acôrdo com as seguintes indicações:

A) A sala de jantar ou a sala de estar, à noite.
B) A família reunida.
C) Ações e atitudes de cada membro da família.

6 — Descreva o aspecto e os movimentos dum grupo de crianças nas seguintes cenas:

1.º — Uma demonstração de ginástica figurada.
2.º — Uma partida de futebol.
3.º — Um recreio escolar animado.
4.º — Um desfile da juventude.
5.º — Uma sessão de patinação.
6.º — A saída da escola no 1.º dia de férias.
7.º — Uma festa infantil no salão nobre da escola.
8.º — Um parque infantil nas horas de animação.
9.º — Uma representação teatral infantil.
10.º — Em tôrno da árvore de Natal.

7 — Descreva o aspecto e os movimentos dum grupo de homens ou duma grande multidão nas seguintes cenas:

1.º — Uma casa em construção.
2.º — A colheita do café.
3.º — Uma parada militar.
4.º — Um motim.
5.º — Uma missa dominical.
6.º — O fim do dia no centro da cidade.
7.º — A procissão do Entêrro.
8.º — Um baile.
9.º — Um casamento.
10.º — A chegada da FEB vitoriosa (Fôrça Expedicionária Brasileira).

8 — Descreva o aspecto e os movimentos dum grupo de animais nas seguintes cenas:

1.º — Uma grande jaula de feras.
2.º — Uma corrida de cavalos.
3.º — Uma briga de cães.
4.º — O despertar dum galinheiro.
5.º — Os papagaios no milharal.
6.º — A passagem duma boiada.

9 — Descreva as seguintes cenas históricas, guiando-se por gravuras, reproduções de quadros ou leitura:

1.º — O descobrimento da América.
2.º — O descobrimento do Brasil.
3.º — A primeira missa no Brasil.
4.º — A chegada de Tomé de Sousa à Bahia.
5.º — A batalha dos Guararapes.
6.º — A partida das Monções.

A DESCRIÇÃO DE AÇÕES NUM QUADRO

A descrição de ações num quadro assemelha-se, pela estrutura, à descrição de quadros ou vistas animadas, diferenciando-se ùnicamente pela proporção entre o quadro, que serve de fundo, e as cenas.

Na descrição de vistas animadas, o local, onde elas se passam, deve, geralmente, constituir uma ligeira, se bem que expressiva, *indicação*, enquanto que, na descrição de ações num quadro, êle será, quer pelo movimento descritivo, quer pelo seu próprio tamanho, *igual* ou quase igual às ações que formam as cenas.

Assim, por exemplo, ao descrevermos um navio em luta com os vagalhões, poderemos agir de duas formas, segundo o *interêsse* que desejamos despertar no leitor pelo conjunto do quadro ou, apenas, pelo barco em perigo: 1.º) emprestamos o mesmo desenvolvimento ao aspecto das águas turbilhonantes e às manobras do navio (*vista animada*); 2.º) ou, então, sugerimos a grandiosidade do cenário, em rápidas pinceladas, passando, em seguida, a mostrar as *ações* do navio (*ações num quadro*), por meio dos recursos literários indicados: variedade de pormenores descritivos, cuidadosa seleção de verbos de movimento, inversões de têrmos (para realçar a ação), orações curtas ou longas, conforme a vivacidade ou a lentidão dos movimentos, etc.

Quanto ao mais, temos de atender aos conselhos indicados nas anteriores explicações das diversas modalidades de descrição e nos "Conselhos práticos de redação" (pág. 30).

TEXTO EXPLICADO

10.ª Ações num quadro.

(Sem questionário)

NOITE JOANINA

No terreiro vasto vermelhejava, estalidante, a grande fogueira. A súcia das crianças dali tirava batatas e canas assadas, rompendo em grita na partilha. Espoucavam foguetes, rodinhas giravam na ponta de vassouras e bambus, bichas detonavam dentro de latas vazias. "Viva S. João! Viva!" gritava a miuçalha delirando. No céu límpido as estrêlas iam abrigar-se sob a tenda nívea da Via Láctea. Um balão subia, subia, ponto ígneo perseguido pelas curvas dos rojões, rojões de lágrimas desdobrados em arco-íris de centelhas, rojões de assovio zunindo a vaiarem o ar.

ESCRAGNOLLE DÓRIA.

O assunto. — Escragnolle Dória descreve aqui um dos aspectos mais pitorescos da noite de S. João numa fazenda brasileira: vemos a tradicional fogueira, a queima dos fogos e os balões.

O plano de composição. — Notam-se neste trecho duas partes:

a) o *terreiro* iluminado pela fogueira;
b) os *fogos*.

— O conteúdo de cada uma delas é o seguinte:

Da *primeira:* vasto terreiro — grande fogueira — crianças tirando do fogo, entre alegres gritos, batatas e canas assadas.

Da *segunda:* foguetes — rodinhas na ponta de vassouras e bambus — bichas e latas vazias — o entusiasmo da criançada — o céu límpido e as estrêlas — o balão e os rojões.

— A caprichosa disposição dêsses elementos descritivos reconstitui um pequeno *quadro*, formado pelo vasto terreiro, que uma fogueira ilumina e onde se praticam várias *ações*, constituídas pelo que fazem as crianças e pela queima dos fogos.

O interêsse descritivo. — O autor procura fazer-nos ver e *sentir* o que descreve, tentando representar com exatidão o aspecto das cousas, os ruídos, as ações. Em conseqüência, êle caracteriza os pormenores descritivos com palavras expressivas e evocativas. Assim, por exemplo:

— a fogueira *vermelhejava, estalidante;*
— as crianças *rompiam em grita* ou *gritavam, delirando;*
— os foguetes *espoucavam;*
— as rodinhas *giravam;*
— as bichas *detonavam* dentro das latas;
— um balão *subia*, como um *ponto ígneo;*
— atrás dêle, subiam *em curvas*, os rojões, dos quais uns se desfaziam em *arco-íris de centelhas* e outros *assoviavam, zunindo*.

— Com expressões tão bem escolhidas, e que transcrevem com precisão os aspectos, as côres e os ruídos, tem-se, na verdade, a impressão de assistir a uma noite de S. João na fazenda.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

NOITE JOANINA

1 — O *terreiro:* grande fogueira — crianças alegres — batatas e canas assadas.

2 — Os *fogos:* foguetes — rodinhas girando na ponta de vassouras e bambus — bichas detonando dentro de latas vazias — o entusiasmo da criançada — o céu límpido e as estrêlas — o balão nas alturas — rojões de lágrimas multicores e de assovio.

JACIR ANSELMO PEREIRA

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

10.º Ações num quadro.

I. — O TREM DE FERRO

Entre bulcões de fumo, indômito, ofegando,
Como ao sabor de um cego desatino,
Rola ruidoso o trem, ruidoso e formidando,
Por vales, serras e rechãs, vibrando
Na marcha triunfal do seu destino.

Ora num arremêsso agudo de investida,
Ora coleando, a exemplo das serpentes,
Exprime sempre o ardor de uma ânsia indefinida,
Fugaz, vencendo as várzeas e vertentes,

Pontes e túneis, curvas e tangentes.
E assim, de solidão em solidão fugindo,
Sempre na mesma irreprimível ânsia

De circundar, ovante, o Globo, em giro infindo,
Vive à mercê da própria e íntima instância,
Na sedenta conquista da distância . . .

LUÍS CARLOS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *indômito — ofegando — ao sabor — formidando — rechãs — colear — fugaz — vertentes — tangentes — ovante — instância.*

2 — Que significam as expressões: *bulcões de fumo — um cego desatino — a marcha triunfal do seu destino — um arremêsso agudo de investida — o ardor de uma ânsia indefinida — em giro infindo — a sedenta conquista da distância?*

3 — Que inversões de têrmos se encontram nesta poesia? Para que servem?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Luís Carlos neste trecho? Responda em poucas palavras:

2 — Quais são as partes desta descrição que se referem aos seguintes títulos:

a) *a marcha triunfal de um destino;*
b) *o ardor de uma ânsia indefinida;*
c) *a sedenta conquista da distância?*

3 — Que pormenores descritivos contêm cada parte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse dêste trecho?
2 — Quais são os quadros sucessivos por onde passa o trem?
3 — Que versos imitam o ruído do trem? Como se chama essa figura?
4 — Com que expressões transcreve o autor os movimentos do trem?
5 — Que impressão nos causa êsse trem? Prove-o com expressões tiradas do texto.

ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Quantas sílabas poéticas conta cada verso dêste trecho?
2 — Sôbre que sílabas recaem os acentos predominantes?
3 — Estude neste trecho as cesuras, as rimas e sua disposição.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Forme pequenas expressões comparativas, em que entrem como 1.º ou 2.º têrmo, as palavras: *trem* — *fumo* — *ofegar* — *cego* — *rolar* — *ruidoso* — *vibrar* — *colear* — *serpente* — *turbilhão*.

2 — Cite advérbios de modo, que signifiquem: *com avidez* — *com bondade* — *com generosidade* — *com prudência* — *com honra* — *com mêdo* — *sem paciência* — *sem obediência* — *sem atenção* — *sem regularidade* — *sem constância* — *em silêncio* — *em paz* — *em triunfo* — *de preferência* — *por hábito* — *por instinto*.

3 — Empregue em pequenas orações a expressão *é que* como realce de um sujeito, (modêlo: *Nós é que vencemos a batalha*).

4 — Empregue em curtas orações a palavra *que*: *a*) como *pronome relativo*; *b*) como *pronome interrogativo*; *c*) como *conjunção integrante*; *d*) como *conjunção temporal*; *e*) como *conjunção causal*; *f*) como *conjunção final*; *g*) como *conjunção consecutiva*; *h*) como *conjunção comparativa*.

5 — Empregue em orações curtas, no imperativo afirmativo e negativo, os verbos *dar* — *fazer* — *conduzir* — *compor* — *queixar-se* — *abster-se* — *manter* — *ir* — *vir* — *ver* — *pôr-se* — *ferir-se*.

6 — Cite expressões que traduzam: *a*) serenidade; *b*) agitação crescente de ondas; *c*) ruído de vento e de ondas.

ELOCUÇÃO. — Decore e recite, com expressão, êste trecho de poesia.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando o autor, descreva um navio a vapor cortando mares bonançosos ou procelosos, fundeando em ilhas e ligando continentes.

10.º Ações num quadro.

II. — CENA RURAL

Muito branca, numa eminência do terreno que se alongava para o rio, a igrejinha palpitava de flâmulas e bandeirolas multicores, com a larga porta central quase oculta por um grande arco de bambus entretecido de palmas e folhagens. Todo o caminho, descendo da casa da fazenda até a várzea, e daí subindo, quase em espiral, a contornar o

outeiro, para o adro da capela, estava coberto de areia clara do rio e juncado de fôlhas e flôres silvestres. Os sinos trinavam desde o alvorecer, alvissareiros e felizes, como se tivessem a noção de que se apossavam de uma terra nova, virgem até ali daquelas vibrações. E ainda nessa manhã chegavam sertanejos, por água e por terra. Os primeiros desciam o rio em canoas, a remo ou a varejão, em geral criaturas amarelentas, esgrouviadas e magras, tiritantes de sezões. Dos últimos — uns a pé, outros a cavalo. Quando eram famílias, o marido se repimpava no matungo desferrado, com uma criança à frente dos arreios, outra à garupa, e a mulher trotava a pé, à retaguarda, equilibrando uma trouxa à cabeça e sustendo ao colo o filho pequeno. Sob as árvores, à pequena distância da igreja, iam-se largando os cavalos arreados que, ao retroarem as primeiras bombas e morteiros, se assustavam, aos pinchos e corcovos, rebentando as rédeas, esfuziando pelos pastos em galopes desvairados, perseguidos logo pelos matutos em aliança, a chocalhar imaginários buçais, engodando-os: "có...o!...có...o!...có!..."

VEIGA MIRANDA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *eminência — entretecido — várzea — outeiro — adro — juncado — alvissareiros — varejão — esgrouviadas — se repimpava — retroar — morteiros — buçal — engodar.*

2 — Que significam aqui: *a igrejinha palpitava de flâmulas e bandeirolas — os sinos trinavam — tiritantes das sezões — o matungo desferrado — aos pinchos e corcovos — esfuziando pelos pastos — galopes desvairados?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Quais são as passagens desta descrição, que correspondem aos títulos:

a) *a igrejinha enfeitada;*
b) *o caminho de areia clara;*
c) *os sinos alvissareiros;*
d) *os sertanejos chegam;*
e) *os cavalos assustados?*

3 — Faça um curto resumo de cada uma destas passagens.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Qual é o quadro que serve de pano de fundo às ações descritas nesta página? Como o descreve Veiga Miranda?

2 — Quais são as ações que aparecem neste quadro? Como as descreve o autor?

3 — Que impressão nos causam: *a) o quadro de fundo; b) os sertanejos?*

4 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *rural — campestre — agreste; eminência — saliência — altura; outeiro — cêrro — coxilha — colina; areia — cascalho — saibro; juncar — atapetar — tapizar — alfombrar — alcatifar; esguias — esgrouviadas — esbeltas — galgazes — esgalgadas; prescrever — proscrever; prever — antever.*

2 — Dê sinônimos a: *branca* — *alongar* — *oculta* — *caminho* — *últimos* — *repimpar-se* — *arreio* — *suster* — *retroar* — *assustar-se* — *pinchos* — *desvairado* — *engodar* — *acúmen* — *zimbrar* — *vilta* — *augúrio* — *perene* — *baliza* — *torvelim*.

3 — Forme pequenas expressões comparativas, em que entrem como 2.º têrmo: *rio* — *flâmula* — *bambu* — *folhagem* — *outeiro* — *capela* — *areia* — *sino* — *alvorecer* — *manhã* — *água* — *canoa* — *árvore* — *bomba* — *tôrres cuspidatas* — *céu caliginoso*.

4 — Cite verbos que exprimam: *zunido* — *vozeria* — *estampido* — *corrida veloz*.

5 — Que diferença há entre: *engodar* e *engordar* — *eminência* e *iminência* — *emergir* e *imergir* — *ratificar* e *retificar* — *aspirar*, *inspirar* e *expirar*?

6 — Componha cinco períodos, em cada um dos quais entre: *a*) uma *subordinada integrante subjetiva*; *b*) uma *subordinada integrante objetiva direta*; *c*) uma *subordinada integrante predicativa*.

ELOCUÇÃO. — Imitando Veiga Miranda nos dois primeiros períodos, fale: *a*) de um *arco de triunfo, armado para a recepção de soldados vitoriosos*; *b*) de uma *rua de pequena vila, ornamentada para a passagem duma procissão religiosa*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva uma quermesse numa vila distante, realizada no jardim público fronteiro à igreja matriz. No meio da festa são queimados fogos de artifício, que assustam os cavalos amarrados, pelos roceiros, ao redor do jardim.

10.º Ações num quadro.

III. — O MILAGRE DAS CHUVAS NO NORDESTE

Uma manhã lá no Cajapió (Joca (*) lembrava-se como se fôra na véspera), acordara depois duma grande tormenta no fim do verão. A madrugada estava orvalhada, mas serena, e êle se erguera da sua rêde para ver o tempo. Um grande tapête de verdura fresca e úmida parecia ter descido do céu e coberto como um manto misterioso o campo... Os olhos perdiam-se na campina alegre; o gado festejava o rebentar da vida na terra e comia a erva tenra; um bando de marrecas passava grasnando, pousava aqui, levantava o vôo acolá, buscava mais longe a região dos eternos lagos... Dias inteiros de chuvas; o pasto agora era farto, a água porfiava em vencê-lo, e quando mais tarde o dilúvio se interrompia, viam-se na vasta savana verde pontos claros que eram o refrigério dos olhos. Eram os primeiros lagos. Em volta dêles uma multidão de aves aquáticas brincavam descuidosas e ostentavam as penas de côres vivas e quentes. Vinham pássaros de tôda a parte: pernaltas com o seu bico de colher, marrecas em algazarra, jaçanãs leves e tímidas; e à tarde, quando o céu se vestia de nuvens cinzentas, notava-se desfilar, ora o bando marcial e rubro dos guarás, ora a ala virgínia e branca das garças... No fundo dos lagos multidão de peixes borbulhavam por encanto. E em tudo o mesmo milagre de ressurreição, de rejuvenescimento, de expansão e de vida.

GRAÇA ARANHA.

(*) *Joca*: personagem do romance "Canaã", de Graça Aranha.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *tormenta* — *porfiar* — *savana* — *algazarra* — *jaçanã* — *guarás* — *garças* — *borbulhavam*.

2 — Substitua, no texto, por verbos mais expressivos: *viam-se* — *notava-se desfilar*.

3 — Que significam aqui: *Um grande tapête de verdura* — *como um manto misterioso* — *os olhos perdiam-se* — *campina alegre* — *o gado festejava o rebentar da vida* — *os eternos lagos* — *o dilúvio* — *o refrigério dos olhos* — *o céu se vestia de nuvens?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Divida o trecho em duas partes, a saber:

a) *o aspecto matinal dos campos, após a primeira chuva;*
b) *os primeiros lagos.*

3 — Que pormenores descritivos se encontram em cada parte?

4 — Como se faz a transição de uma para outra destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que proporções assumem, ordinàriamente, as sêcas no nordeste brasileiro?

2 — Que efeito produzem as chuvas nas terras dessa região?

3 — Com que expressões descreve Graça Aranha a ressurreição da terra?

4 — Estude as expressões com que êle caracteriza as aves aquáticas.

5 — Que impressão geral nos causa esta paisagem?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *lembrar* — *acordar* — *tormenta* — *verão* — *orvalho* — *tapête* — *manto* — *alegre* — *tenra* — *buscar* — *farto* — *multidão* — *pressagiar* — *enrascada* — *achincalhe* — *rebôto* — *monda* — *cerce* — *selva* — *umbrosa* — *ubérrimo* — *feraz* — *feral* — *redolente*.

2 — Empregue em curtas sentenças, no sentido próprio e no figurado: *tormenta* — *verão* — *lago* — *dilúvio* — *refrigério* — *céu* — *nuvem* — *vida* — *tapête* — *cerne*.

3 — Forme pequenas expressões comparativas, empregando como 2.º têrmo: *manhã* — *verão* — *madrugada* — *orvalho* — *rêde* — *manto* — *campina* — *bando* — *vôo* — *lagos* — *garças* — *peixes* — *fogo* — *gêlo* — *vulcão* — *abismo* — *energúmeno*.

4 — Forme curtas sentenças, empregando no sentido metonímico: *trabalho* — *garrafa* — *cruz* — *amor* — *audácia* — *champanha*.

5 — Tendo por assunto: *As chuvas e a terra*, componha uma pequena descrição constituída de seis orações coordenadas.

6 — Como se explica a concordância do verbo com o sujeito na oração: *uma multidão de aves aquáticas brincavam?*

7 — Cite expressões que traduzam: a) claridades evanescentes; b) penumbra crescente.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no trecho que vai desde "*Eram os primeiros lagos*" até "*jaçanãs leves e tímidas*", fale: a) de um grupo de crianças a brincar perto de um lago, num parque; b) de animais selvagens aproximando-se dum bebedouro.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva esta mesma paisagem, considerada, porém, ao anoitecer.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE AÇÕES NUM QUADRO

(Cenas)

I — Descreva, primeiramente num só período e depois em três, os seguintes quadros, assinalando os efeitos de conjunto, os grupos e os indivíduos:

1 — Uma linda praia à hora do banho.
2 — A piscina elegante dum clube, à hora dos exercícios de mergulho.
3 — A plataforma duma estação no momento da partida de um trem.
4 — O salão de festas duma escola, num dia de formatura.
5 — Um acampamento de ciganos, perto duma pequena cidade.
6 — Um casamento elegante numa bela igreja.
7 — O pátio arborizado duma escola à hora do recreio.

II — Descreva, primeiramente num só período e depois em três, os seguintes quadros, pintando alternadamente os cenários, as personagens e seus movimentos:

1 — Um baile carnavalesco num salão ornamentado a caráter.
2 — Um piquenique em lindo bosque.
3 — Uma festa íntima.
4 — Uma nuvem de gafanhotos descendo sôbre um cafêzal.
5 — Uma corrida de cavalos no Jóquei-Clube.

III — Descreva, tentando observar a côr local:

1 — Uma missa nas catacumbas de Roma, nos pródromos do cristianismo.
2 — Um combate de gladiadores no Circo de Roma.
3 — Uma representação de Molière na sala do Petit-Bourbon.
4 — Bandeirantes abrindo caminho através duma floresta.
5 — A proclamação da Independência do Brasil na colina do Ipiranga.
6 — A batalha do Riachuelo.
7 — A retirada de Laguna (assinalando o estoicismo do soldado brasileiro).
8 — O combate dos 18 de Copacabana perto do mar.
9 — Um veleiro em dificuldades no mar agitado.
10 — Uma caravana de exploradores nos gelos polares.

DESCRIÇÃO DE SUCESSÃO DE QUADROS OU DE FATOS

Nesta modalidade de descrição, transcrevem-se fatos ou quadros, que se vão sucedendo uns aos outros, em estreita conexão. Analisemos ràpidamente o que há de essencial, tanto em sua primeira, quanto em sua segunda forma:

1 — **A sucessão de fatos.** — Nesta forma, que freqüentemente coincide ou tem pontos comuns com a descrição de vistas animadas, de sêres em ação ou de ações num quadro, empregam-se orações curtas ou longas, — conforme se queiram traduzir movimentos vivos ou lentos, — assim como inversões de têrmos, onomatopéias e outras figuras de estilo, para pôr em realce um fato, uma ação, uma pessoa, e para exprimir com vigor os aspectos, os sons e os ruídos. — O que, todavia, caracteriza acentuadamente esta espécie de descrição, é que nela se notam três momentos: **antes, durante e depois,** indicando o *cenário* ou o *início*, o *apogeu*, e o *esmorecimento* ou o *fim* do desenrolar dos fatos, arrematado, às vêzes, por um complemento do cenário.

2 — **A sucessão de quadros.** — Esta forma apresenta uma série contínua, seja de pequenas descrições de paisagens, como as que se pode apreciar durante uma viagem ferroviária ou uma excursão automobilística, seja de cenas que, em determinado espaço de tempo, nos mostram como se iniciaram, desenvolveram e terminaram. É mister, aqui, evitar enumerações frias e vulgares, procurando-se sempre o *pinturesco*, isto é, tudo o que nos surpreende o olhar, tudo o que poderia constituir, pela variedade, beleza ou originalidade dos elementos descritivos, assunto de uma tela artística.

— As cenas ou quadros, que se sucedem, exigem, pela razão mesma de seu número, uma descrição curta, sugestiva e bela; devem guardar, também, relativamente umas às outras, certa *proporção* harmoniosa, embora o *interêsse*, que cada qual desperte, lhes possa determinar, ocasionalmente, um desenvolvimento algo maior do que o das outras.

— Ademais, as *transições* entre elas merecem todo o cuidado e todo o capricho, a fim de que não se rompa a continuidade da exposição, nem se esfacele a estrutura do conjunto.

TEXTO EXPLICADO

11.º Sucessão de fatos.

OS ELEFANTES

(Tradução de LECONTE DE LISLE)

O areal infinito é como um rubro oceano,
Que resplandece, mudo, em seu leito espraiado.
Ondula, imoto, o céu côr de cobre, do lado
Do horizonte em que habita o formigueiro humano.

Nem rumor e nem vida . . . O leão, farto, descansa
No antro afastado, em meio aos matagais infindos.
Vai beber a girafa esguia à fonte mansa,
Que a pantera conhece, ao pé dos tamarindos.

Dorme tudo. Sequer um pássaro no ar quente,
No ar em que gira um sol de fogo, um sol em chama.
Às vêzes, com volúpia, adormida serpente
Faz ondular, morosa, a rutilante escama.

O ar inflamado queima. O calor é mais denso.
E, bamboleando a massa — intrépidos viajantes,
Rumo do êrmo natal, pelo deserto imenso,
Vão-se, num bando escuro, os tardos elefantes.

Vêm êles do horizonte ensangüentado e quieto,
Vêm levantando o pó, que em nuvem grossa ondeia.
E, para não sair do caminho mais reto,
Desmoronam com a pata os cômoros de areia.

Velho chefe, talvez, é o que à frente caminha:
Rugosa como um tronco a pele do seu dorso;
É um rochedo a cabeça . . . O arco imenso da espinha
Dobra-se, com violência, ao mais pequeno esfôrço.

Os passos não estuga e também não lerdeia,
Que os passos pelo dêle o bando inteiro marca,
E, deixando após si fundos sulcos na areia,
Seguem todos, atrás do velho patriarca.

Seguem, levando a tromba apertada entre os dentes,
As orelhas em leque. O ventre bate e fuma . . .
E o suor dêles produz uma ligeira bruma
No ar cheio de tavões e de insetos ardentes.

Mas que importam a sêde e o calor sufocante?
Que lhes importa o enxame importuno que esvoaça?
Vai o bando a pensar numa silva distante
— Primeira habitação da primitiva raça.

Vai rever uma selva umbrosa o escuro bando . . .
E o caudal em que nada o hipopótamo enorme,
E onde, brancos de luar, iam beber, quebrando
Os juncos marginais com a grande pata informe.

Lá vão . . . E a linha escura e fantástica ondeia . . .
Lá vão êles, molgando as juntas lentamente.
Mas passam . . . e depois fica imóvel a areia,
Passam . . . e depois fica o deserto sòmente.

RICARDO GONÇALVES.

O assunto. — Esta poesia é uma tradução, em versos alexandrinos dispostos quatro a quatro, como no original francês, de Leconte de Lisle.

O poeta descreve, em algumas estrofes, um deserto tropical, pelo qual faz passar um bando de elefantes, que ruma para a terra natal.

Vêem-se, nesta descrição, quadros sucessivos, em que se podem observar três momentos distintos: *antes*, *durante* e *depois*.

A composição. — O plano de composição comporta seis partes, que apresentam, uma após outra, descrições diversas:

1.° — O deserto, silencioso e ardente;
2.° — as massas escuras dos elefantes ao longe;
3.° — o chefe do bando;
4.° — o desfile dos elefantes cansados e suarentos;
5.° — o estado de alma do rebanho em marcha;
6.° — o aspecto do deserto após a passagem.

O interêsse. — Apraz-nos ver passar êsses elefantes, cuja forma se precisa cada vez mais à medida que se aproximam, permitindo-nos distinguir-lhes os pormenores físicos e os movimentos, assim como reconhecer os sentimentos que os animam; depois, acompanhamo-los com os olhos até desaparecerem no horizonte.

O estilo — O estilo, que as freqüentes repetições de palavras enfraquecem sensìvelmente na tradução (*bando*, *ondula*, *passos*, *seguem*, *pela*, *ar*, etc.), ora é narrativo, ora descritivo, conforme quer o poeta representar o movimento do bando e seu obscuro sonho, ou pintar à parte um grupo de sêres ou o cenário.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

OS ELEFANTES

1 — **O deserto silencioso:** o areal imenso — o céu de cobre — o leão em repouso — os matagais infindos — a girafa — a fonte mansa — a pantera — os tamarindos — a quietude da natureza — sol de fogo — a adormida serpente.

2 — **Os elefantes ao longe:** o ar inflamado — o calor — o bando escuro dos elefantes — o horizonte ensangüentado e quieto — os cômoros de areia.

3 — **O chefe:** sua posição, em relação ao bando — sua pele rugosa — sua cabeça — seus movimentos.

4 — **O desfile:** a marcha do bando — os sulcos na areia — a tromba entre os dentes — as orelhas em leque — seu cansaço — os tavões e os insetos ardentes.

5 — **O estado de alma:** os *tormentos* (a sêde, o calor, os insetos) — a *preocupação* (a selva natal, o caudal onde bebiam).

6 — **Sua desaparição no horizonte:** a linha escura que ondeia — o deserto imóvel e silencioso.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

II.º Sucessão de quadros.

I. — A CAVALGADA

A lua banha a solitária estrada . . .
Silêncio . . . Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estranha cavalgada . . .

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando:
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada . . .

E o bosque estala, move-se, estremece . . .
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha . . .

E o silêncio outra vez soturno desce . . .
E límpida, sem mácula, alvacenta,
A lua a estrada solitária banha.

RAIMUNDO CORREIA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *fidalgos — trompas — remanso — cavalgada — estrépito — soturno — límpida — sem mácula — alvacenta.*

2 — Que significação têm aqui: *a lua banha a solitária estrada — estranha cavalgada — a noite embalsamada — o bosque estala, move-se, estremece — o estrépito perde-se?*

3 — Explique as inversões de têrmos, neste sonêto.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve Raimundo Correia neste sonêto?

2 — Quais são as passagens desta descrição que se referem:

a) *à estrada enluarada e silenciosa;*
b) *ao tropel que se aproxima;*
c) *aos fidalgos caçadores;*
d) *ao bosque estrepitante;*
e) *à volta ao silêncio?*

3 — Faça um curto resumo de cada uma destas passagens.

4 — Como se ligam elas umas às outras?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?
2 — Que pormenores descritivos pintam a paisagem noturna que serve de fundo ao desfile dos caçadores?
3 — Como descreve o poeta:

a) *o ruído crescente da cavalgada;*
b) *a atitude dos fidalgos que passam;*
c) *o apogeu do ruído e seu desvanecimento?*

ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Que é um sonêto? A que gênero pertence?
2 — De quantas sílabas poéticas se compõe cada verso dêste sonêto?
3 — Quais são as sílabas em que recaem os acentos predominantes?
4 — Mostre onde se acham as cesuras, neste sonêto.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite sinônimos de: *solitária — estrada — brando — longínquo — aproximar — estranha — fidalgos — voltar — alegres — remanso — embalsamada — estrépito — soturno — límpida — escuro — indelével — exício — confinar — enfunar.*

2 — Que diferença há entre: *estrada, rota, atalho e picada; alvacenta, alvejante e alvadio; silêncio e mutismo; trompa, trombeta e corneta; mácula, mancha e nódoa; involução e evolução; facticio e ficticio; acroático e acroamático; acro e agro?*

3 — Que verbos e adjetivos correspondem a: *luz — som — noite — centro — silêncio — mácula?*

4 — Forme sentenças, empregando em sentido figurado as palavras: *luz — som — noite — sol — calor — flor — jóia — víbora.*

5 — Faça a análise lógica dos dois tercetos.

6 — Cite expressões que pintem: a) o aspecto físico de 6 bois; b) nuvens de pó; c) uma planície.

ELOCUÇÃO. — Decore êste sonêto e recite-o com expressão.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva uma boiada que surge ao longe, clareada pelo luar, e que se aproxima, afasta e desaparece no horizonte.

II.º Sucessão de quadros.

II. — UM TREM PARTE DE SÃO PAULO

O chefe do trem trilou por duas vêzes o apito e, alternando, respondeu-lhe o mugido curto e rouco da locomotiva, num eco rápido pelas arcadas da estação da Luz. O comboio largou macio e resvalou ao longo da plataforma, ganhando velocidade em crescentes impulsos. A fumarada da chaminé anuviou o recinto, invadiu em ondas os carros e lançou nos ares novelos pardacentos que se desenrolaram turbilhonando, ascenderam esgarçados e se confundiram na garoa da manhã de inverno. Nos quadros das janelinhas perpassaram, instantâneas, a correr para trás, a ponte da Rua

Couto de Magalhães, as muralhas da Sorocabana, [1] cabinas, postes, máquinas, vagões. Apareceram, à direita, o Bom Retiro, bairro feito de cortiços a formigar em redor de grandes fábricas; à esquerda, os Campos Elíseos, na sua pretensiosa mediania de velho arrabalde aristocrático, que a Avenida [2] e o Higienópolis [3] desbancaram. A imagem do Sagrado Coração de Jesus, na ponta da tôrre salesiana, pareceu tombar para a frente, esfumada e indecisa na cerração. Passaram vertiginosamente as estações de Barra Funda, Água Branca e Lapa, [4] com um ar britânico em seus tijolos vermelhos, engradados de branco. O casario rareou, o P-3 cortou em reta várzeas planas como lagos e transpôs, num fragor de rebôos, a ponte do Tietê. [5] Para trás ficava a Capital paulista.

RÚBENS DO AMARAL.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique, sem recorrer a sinônimos, as seguintes palavras do texto: *trilou* — *alternando* — *arcadas* — *anuviou* — *turbilhonando* — *cortiços* — *aristocrático* — *desbancaram* — *esfumada* — *indecisa* — *vertiginosa* — *várzeas* — *transpôs*.

2 — Explique as seguintes expressões do texto: *mugido curto e rouco* — *largou macio* — *resvalou* — *crescentes impulsos* — *em ondas* — *novelos pardacentos* — *ascenderam esgarçados* — *se confundiram* — *a correr* — *a formigar* — *pretensiosa mediania* — *pareceu tombar* — *um ar britânico* — *tijolos vermelhos, engradados de branco* — *cortou em reta* — *fragor de rebôos*.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta descrição?

2 — Divida o trecho em duas partes, que correspondam aos títulos:

a) *Na Estação da Luz;*

b) *Aspectos de São Paulo.*

3 — Que pormenores descritivos contêm cada uma destas partes?

4 — Como se faz a transição da primeira parte para a segunda?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?

2 — De que modo traduziu o autor:

a) *a movimentação do trem;*

b) *o aspecto da fumaça;*

c) *os aspectos de São Paulo?*

3 — Mostre como as expressões empregadas no sentido figurado servem para exprimir as impressões pessoais do autor.

4 — Localize, se possível, êste trecho no romance "TERRA ROXA", de Rúbens do Amaral.

---

(1) *Sorocabana:* estrada de ferro paulista. (2) *Avenida Paulista:* avenida tôda ladeada de palacetes e edifícios suntuosos. (3) *Higienópolis:* um dos bairros elegantes de S. Paulo. (4) Outros bairros de S. Paulo. (5) *Tietê:* rio que banha a cidade de São Paulo.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *responder* — *replicar* — *retrucar; mugido* — *rugido* — *bramido* — *urro; rápido* — *ágil* — *veloz; macio* — *tenro* — *suave; resvalar* — *escorregar* — *deslizar; propagar* — *disseminar* — *noctívago.*

2 — Cite verbos da mesma família que: *ondas* — *novelos* — *manhã* — *inverno* — *quadros* — *direita* — *velho* — *imagem* — *frente* — *estação* — *lagos.*

3 — Forme pequenas comparações, cujo segundo têrmo seja: *trem* — *mugido* — *locomotiva* — *fumaça* — *muralha* — *lago* — *tôrre* — *mar.*

4 — Que diferença há entre: *ascender* e *acender; esfumado* e *esfumaçado; estação* e *estacionamento; mugir* e *mungir?*

5 — Explique a concordância do verbo com o sujeito em: *Passará o céu e a terra.* — *Remédios, mudanças de ares, dieta, nada lhe fêz bem.*

6 — Cite expressões que traduzam o aspecto: *a*) de casas de diversos estilos; *b*) de ruas, avenidas e praças; *c*) de pontes e rios; *d*) de campos, pastagens, rebanhos e bosques.

ELOCUÇÃO. — Obedecendo, tanto quanto possível, à construção fraseológica dos três primeiros períodos, fale: *a*) do início de uma *partida de futebol; b*) do início de uma *corrida de cavalos; c*) do início de uma *corrida de automóveis.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, em sucessão de quadros, a partida dum trem de outra cidade que não S. Paulo.

11.º Sucessão de fatos.

III. — O PRAZER DE VIAJAR

Ia viajar! Viajei. Trinta e quatro vêzes, à pressa, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala. Onze vêzes passei o dia no vagão, envolto em poeirada e fumo, sufocado, a arquejar, a escorrer de suor, saltando em cada estação para sorver desesperadamente limonadas môrnas que me escangalhavam a entranha. Catorze vêzes subi derreadamente, atrás dum criado, a escadaria desconhecida de um hotel; e espalhei o olhar incerto por um quarto desconhecido; e estranhei uma cama desconhecida donde me erguia, estremunhado, para pedir em línguas desconhecidas, um café com leite que sabia a fava, um banho de tina que me cheirava a lôdo. Oito vêzes travei bulhas abomináveis na rua com cocheiros que me espoliavam. Perdi uma chapeleira, quinze lenços e duas botas, uma branca, outra envernizada, ambas do pé direito. Em mais de trinta mesas-redondas esperei tristonhamente que me chegasse o boeuf-à-la-mode, já frio, com môlho coalhado — e que o copeiro me trouxesse a garrafa de Bordéus que eu provava e repelia com desditosa carantonha. Percorri, na fresca penumbra dos granitos e dos mármores, com pé respeitoso e abafado, vinte e nove Catedrais. Trilhei molemente, com uma dor surda na nuca, em catorze museus, cento e quarenta salas revestidas até aos tetos de Cristos, heróis, santos, ninfas, princesas, batalhas,

arquitetura, verduras, sombrias manchas de betume, tristezas das formas imóveis. E o dia mais doce foi quando em Veneza, onde chovia desabaladamente, encontrei um velho inglês de penca flamejante que habitara o Pôrto... Gastei seis mil francos. Tinha viajado.

EÇA DE QUEIRÓS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *bufar — arquejar — derreadamente — estremunhado — espoliar — mesa-redonda — penumbra — dor surda — ninfas — arquiteturas — verduras — desabaladamente — banho de tina.*

2 — Que significam aqui as expressões: *com todo o sangue na face — espalhei o olhar incerto — que sabia a fava — bulhas abomináveis — desditosa carantonha — com pé respeitoso e abafado — trilhei molemente — sombrias manchas de betume — tristezas das formas imóveis — penca flamejante?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta página?

2 — Que contém êste trecho: uma descrição ou uma narrativa? Por quê?

3 — Quais são, neste trecho, as passagens em que o autor fala:

a) de *suas viagens desagradáveis;*
b) de *suas passagens por hotéis desconhecidos;*
c) de *suas altercações com os cocheiros;*
d) de *seus objetos perdidos;*
e) de *suas melancólicas refeições;*
f) de *suas visitas a catedrais e museus;*
g) de *seu contentamento em Veneza?*

4 — Qual é o conteúdo de cada uma destas passagens?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Qual parece ser o estado de alma do viajante? Por quê?

2 — Em que tom narra êle seus dissabores?

3 — Se êle não encontrava prazer em suas viagens, por que as fazia, então, tantas vêzes?

4 — Prove, com exemplos tirados do texto, como o autor sabe ser pinturesco, não só em relação às cousas, como às próprias atitudes e movimentos.

5 — Que impressão nos causa a precisão com que êle enumera os sucessivos episódios de suas viagens?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — É artigo ou preposição o *a* da expressão: *sabia a fava?*

2 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *bufar — esbaforir — arquejar — ofegar; sufocado — abafado — estrangulado; sorver — absorver — beber; escangalhar — arruinar — estragar; lôdo — barro — limo — lama; desvanecer — dissipar — noctâmbulo — noctívolo — licnóbio.*

3 — Dê sinônimos a: *estremunhado — pedir — bulhas — abomináveis — espoliar — tristonhamente — desditosa — penumbra — respeitoso — molemente — manchas — imóveis — doce — desabaladamente — flamejante.*

4 — Dê sinônimos a: *esgueirar* — *esquivar* — *entabular* — *encabular* — *inefável* — *impoluto* — *estancar* — *inquinar* — *argüir* — *esgarçar* — *escurejar*.

5 — Diga quais são os homônimos de: *vêzes* — *lôdo* — *môlho* — *Pôrto* — *acêrto* — *côr* — *corte* — *devêras* — *êsse* — *êste* — *dêle* — *fôr* — *nêle* — *fôsse* — *pôde* — *sôbre* — *pêlo* — *colhêr* — *colhêres*.

6 — Quais são os verbos da mesma família que: *sangue* — *poeira* — *môrna* — *cama* — *lôdo* — *garrafa* — *fresca* — *dor* — *surda* — *santo* — *dia?*

7 — Cite expressões que traduzam: *a) cansaço; b) irritação.*

8 — Analise lògicamente o período que começa em "*E o dia mais doce*"

ELOCUÇÃO. — Imitando Eça de Queirós na passagem que vai desde o começo do trecho até "*entranha*", fale de viagens em trens elétricos, modernos, dotados de confôrto e luxo.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva, em sucessão de fatos, os incidentes, desagradáveis ou cômicos, sobrevindos a um viajante comercial novato, que vai pela primeira vez ao sertão.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÃO DE SUCESSÃO DE FATOS OU DE QUADROS

(Cenas)

I. — Descreva, como sucessão de fatos ou de quadros, as seguintes cenas:

1 — *A chegada dum trem à estação.*

(As plataformas e as pessoas que esperam. — O pessoal que se prepara. — O sinal da campainha. — O trem à vista. — A diminuição de velocidade. — A parada. — Viajantes que descem ou sobem. — A agitação. — O trem torna a partir).

2 — *Uma revista militar.*

(A avenida está livre. — A espera nas tribunas ou palanques. — Tropas estacionadas ao longe. — A chegada das autoridades. — Música. — O estado-maior. — A infantaria. — Fôrças do exército, da aeronáutica, da polícia militar. — A cavalaria — A artilharia. — As unidades motomecanizadas).

3 — *Regresso de barcas a um pôrto de pesca.*

(As mulheres e as crianças na praia. — Velas ao longe. — A chegada das barcas. — Desembarque dos pescadores e do peixe. — A manifestação de júbilo das famílias).

4 — *A chegada de uma corrida de cavalos.*

(Os cavalos partem. — Emoção dos espectadores. — As peripécias da corrida. — Luta final. — Ovação ao vencedor).

5 — *A passagem de um trem misto.*

(Você está, casualmente, perto de uma porteira de estrada de ferro. — Ruídos distantes. — Fumaça. — O barulho vai aumentando. — Passa o trem, rugindo e estrondando. — Viajantes debruçados às janelas. — Aonde irão?).

6 — *A chegada de um bando de andorinhas.*

7 — *Uma fita cinematográfica.*

8 — *Uma procissão.*

9 — *Um desfile escolar no dia 7 de setembro.*

10 — *Formigas retornando ao formigueiro.*

CONVERSAÇÃO

Na *conversação*, o que, principalmente, nos interessa, é a semelhança com a nossa linguagem cotidiana, é o assunto empolgante ou atraente, é o encanto ou a originalidade dos conceitos emitidos, é a vivacidade das interpelações, interrogações, réplicas, exclamações, e, até mesmo, do tom e das modulações da voz, das pausas e reticências expressivas, de todos os recursos, enfim, com que traduzimos as sutilezas de nossas impressões, opiniões, sentimentos e estados de alma.

Dela podem participar diversos interlocutores ou apenas dois (*diálogo*). Quando uma pessoa está só e fala consigo mesma, temos um *monólogo* ou *soliloquio*.

Encontra-se a conversação nos relatos, narrações, cartas, fábulas, anedotas, discursos, contos, romances e peças teatrais. Seu característico literário é, como nas cartas, a *linguagem afetiva*, que, conforme diz G. von der Gabelentz, não serve apenas para o homem exprimir alguma cousa, mas também para se exprimir a si próprio, traduzindo seus sentimentos:

— 1.º) por meio de uma construção fraseológica especial, na qual se deve levar em conta a escolha das palavras e o lugar que lhes é atribuído na frase;

— 2.º) pela entonação ou inflexão da voz, pela rapidez ou pela lentidão da fala, pela intensidade de tom de tal ou qual palavra;

— 3.º) pela atitude do corpo, pelo gesto, ou, mesmo, pela expressão do olhar.

— Ademais, pode a conversação ser expressa de duas formas, a saber:

— 1.º) pelo *discurso direto*, em que são textualmente reproduzidas as palavras, tais como foram enunciadas;

— 2.º) pelo *discurso indireto*, em que são, apenas, relatadas.

— É claro que a primeira destas formas apresenta muito mais ação, vigor e movimento.

TEXTOS EXPLICADOS

12.ª Conversação.

APÊLO DE D. JOÃO I A AFONSO DOMINGUES

D. João I fala a Afonso Domingues, arquiteto do Mosteiro de Santa Maria:

"Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei célebre o meu nome, a consciência mo diz, entre os príncipes do mundo, porque segui avante por campos de batalha; ela vos dirá, também, que a vossa fama será perpétua, havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra. Rei dos homens do aceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros, os cavaleiros portuguêses! Também vós fôstes um dêles; e negar-vos-eis a prosseguir na edificação desta memória, desta tradição de mármore, que há de recordar aos vindouros a história de nossos feitos? Mestre Afonso Domingues, escutai os ossos de tantos valentes que vos acusam de trairdes a boa e antiga amizade. Vem de todos os vales e montanhas de Portugal o soído dêsse queixume dos mortos: porque, nas contendas da liberdade, por tôda a parte se verteu sangue e foram semeados cadáveres de cavaleiros! Eia, pois: se não perdoais a D. João I uma suposta afronta, perdoai-a ao Mestre de Avis, ao vosso antigo capitão, que, em nome da gente portuguêsa, vos cita para o tribunal da posteridade, se refusais consagrar outra vez à Pátria vosso maravilhoso engenho, e que vos abraça, como antigo irmão nos combates, porque, certo, crê que não quererreis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado português".

ALEXANDRE HERCULANO.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Mestre — *título dado às pessoas que se tornavam peritas ou versadas numa arte ou ciência. Era também aplicado aos chefes de ordem militar ou religiosa.*
Mosteiro — *residência de uma comunidade religiosa.*
Perpétua — *que durará sempre.*
Vindouros — *que virão mais tarde (a posteridade).*
Feitos — *façanhas, atos heróicos.*
Soído — *som, ruído.*
Refusar — *recusar.*
Homens de aceso imaginar — *homens de imaginação viva, ardente.*
Memória — *monumento levantado para comemorar feitos históricos célebres.*
Tradição de mármore — *o próprio monumento, considerado como transmissor, à posteridade, de glórias do passado.*

Queixume dos mortos — *temos aqui uma figura, pela qual o autor como que avoca a si a queixa e a reclamação dos mortos.*

Contendas da liberdade — *lutas que visam a conquistar a liberdade.*

Maravilhoso engenho — *excelso talento.*

Trocar a espada pela pena — *no trecho, trocar a carreira militar pela arquitetura* (metonímia).

Foram semeados cadáveres de cavaleiros — *morreram tantos, que recobriam o solo como sementes lançadas pelo semeador.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

— É a transcrição das palavras dirigidas por D. João I, o Mestre de Avis, a Afonso Domingues, a quem apela, em veementes expressões de sentimento e nobreza, para que se coloque de novo, olvidando amargo ressentimento pessoal, à frente das obras do Mosteiro da Batalha, destinado a perpetuar a memória dos heróis mortos pela glória e independência de Portugal.

2 — Divida o trecho em quatro partes, dando-lhes títulos.

— No plano de composição dêste trecho, pode-se observar quatro idéias principais:

a) **Os ilustres guerreiros** (desde o princípio até *glória desta terra*).
b) **Os cavaleiros portuguêses** (desde *Rei dos homens do aceso imaginar* até *história de nossos feitos*).
c) **O queixume dos mortos** (desde *Mestre de Avis* até *semeados de cadáveres*, etc.).
d) **O tribunal da posteridade** (desde *Eia, pois*, até o fim).

3 — Como se ligam estas partes umas às outras?

— A primeira parte liga-se à segunda por uma transição suave, essa interpelação ao *rei dos homens do aceso imaginar*, com que D. João I, cioso de suas prerrogativas reais, faz questão de reconhecer a soberania do gênio.

— Da segunda para a terceira, faz-se a transição com nova apóstrofe: *Mestre Afonso Domingues*, em que o rei emprega magnífica e dramática prosopopéia, invocando os heróis tombados nos campos de batalha, onde aguardam, entre queixumes, a edificação do monumento que lhes perpetuará a memória.

— Da terceira para a quarta, êle conclui os seus argumentos com êsse *eia, pois*, que exprime, ao mesmo tempo, amizade e exortação, e quase a certeza de sua vitória sôbre o coração do velho arquiteto.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Quem foi D. João I?

— D. João I, o Mestre de Avis, foi filho de Pedro o Cruel e reinou de 1385 a 1433.

2 — Em que tom fala o rei para convencer o velho arquiteto?

— O rei emprega quase todos os recursos da eloqüência, atingindo o tom patético.

3 — Justifique a resposta anterior.

— Visando a despertar emoções na alma de Mestre Afonso Domingues, usa o rei dos seguintes recursos:

a) recorda a vida militar de ambos, passada nos campos de batalha;
b) alude, em seguida, à glória artística que aureolava o nome do maior arquiteto de Portugal;
c) compara a hierarquia da inteligência com a hierarquia nobiliárquica e política, colocando-se destarte em pé de igualdade com seu antigo irmão de armas;
d) evoca a memória dos antigos companheiros mortos, cujos ossos se acham espalhados por tôda a extensão do território pátrio;
e) e, num impulso de amizade pessoal pelo velho arquiteto, apela para o tribunal da posteridade, que o julgará severamente, se persistir em recusar à Pátria o serviço de sua inteligência privilegiada.

— Cada um dêsses argumentos tem singular fôrça persuasiva; em conjunto, êles hão de abalar as últimas resistências da alma sensível do velho artista.

4 — A que suposta afronta se refere D. João I?

— Refere-se à substituição de Mestre Afonso Domingues, que enceguecera, por outro arquiteto (*Mestre Ouguet*), na direção das obras do Mosteiro (*).

5 — Que impressão nos causa êste trecho?

— A impressão é a de um pequeno, mas completo discurso. Notamos aqui:

a) um *exórdio:* o soberano fala da celebridade de que tanto êle como o arquiteto souberam revestir os próprios nomes;
b) os *argumentos:* êle procura convencer o velho, empregando, numa riqueza de tons de voz que fàcilmente se adivinham, apóstrofes, interrogações, exclamações, isto é, figuras sentimentais características da eloqüência;
c) a *peroração*, com o apêlo pessoal à amizade do arquiteto e uma citação para o julgamento das gerações futuras.

— Neste discurso, o movimento fraseológico acompanha os movimentos da alma, formando assim o movimento oratório; e todo êle é um primor de composição e de estilo romântico, harmonioso, rico e pomposo.

(*) Ler "Lendas e Narrativas", de Alexandre Herculano.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

12.º Conversação.

I. — OS TRÊS TALISMÃS

— Que é preciso para aprender? perguntou um filho ao pai. — Para aprender, para saber e para vencer, respondeu o pai, é preciso buscar os três talismãs: a alavanca, a chave e o facho. — E onde encontrá-los? interroga o filho. — Dentro de ti mesmo, explica o pai. Os três talismãs estão em teu poder e serás poderoso, se quiseres fazer uso dêles. — Não compreendo, diz o filho cada vez mais intrigado. Que alavanca é essa? — A tua vontade. É preciso querer, é preciso remover obstáculos para aprender. — E a chave? — O teu trabalho. É preciso esfôrço para dar volta à chave e abrir o palácio do saber. — E o facho? — A tua atenção. É preciso luz, muita luz, para iluminar o palácio. Só assim poderás ver com clareza e descobrir a verdade, que vence a ignorância.

TEODORO DE MORAIS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras: *talismã* — *alavanca* — *facho* — *intrigado* — *remover obstáculos* — *o palácio do saber.*

2 — Explique a concordância da palavra *preciso* na expressão: *é preciso luz, muita luz.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

2 — Em quantas partes se divide esta historieta? Aponte-as no texto.

3 — Faça um curto resumo dêste trecho, empregando o *discurso indireto.*

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Mostre como o interêsse desta historieta está na lição que o pai deu ao filho.

2 — Que qualidades são necessárias para aprender?

3 — Com que símbolo designou o pai cada uma dessas qualidades?

4 — Em que venceu a verdade à ignorância?

5 — Por que são curtas e, muitas vêzes, elípticas as frases desta conversação?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em orações curtas: *preciso* — *indispensável* — *imprescindível*; *perguntar* — *interrogar* — *interpelar*; *responder* — *replicar* — *retorquir* — *retrucar*; *uso* — *serventia* — *emprêgo*; *multifário* — *multiforme* — *multífluo*; *carícias* — *blandícias*.

2 — Empregue em orações curtas: *intrigado* — *enleado* — *perplexo*; *remover* — *afastar* — *desviar* — *apartar*; *obstáculo* — *impedimento* — *rêmora* — *estôrvo* — *barreira* — *embaraço* — *óbice*; *teosofia* — *teogonia* — *cosmogonia*.

3 — Dê sinônimos a: *buscar* — *facho* — *encontrar* — *poderoso* — *querer* — *trabalho* — *luz* — *iluminar* — *clareza* — *ponta* — *base* — *engravitar-se* — *derreado*.

4 — Dê exemplos das seguintes figuras de estilo: *interrogação* — *exclamação* — *apóstrofe* — *imprecação* — *prosopopéia*.

5 — Que adjetivos correspondem a: *filho* — *pai* — *irmão* — *uso* — *vontade* — *trabalho* — *saber* — *atenção* — *luz* — *verdade* — *ignorância*? Quais são os étimos dêstes substantivos?

6 — Dê antônimos a: *aprender* — *saber* — *poderoso* — *uso* — *trabalho* — *abrir* — *palácio* — *atenção* — *luz* — *verdade*.

7 — Cite palavras, de qualquer categoria gramatical, que dêem idéia de *estudo*, *esfôrço* e *tenacidade*.

8 — Retire do texto as orações apositivas (*intercaladas*), analisando-lhes os têrmos.

9 — Que significam as seguintes palavras: *esquadrinhar* — *acoimar* — *acinesia* — *esfraldar* — *esfrangalhar* — *esfoguear* — *vágado* — *engulho* — *perfulgente* — *esgaivar* — *esgar* — *estomagar* — *esgraviado* — *esgalgar* — *estorcegar* — *esfuzilar* — *esguardar* — *esmoer* — *gazear*?

ELOCUÇÃO. — Imitando Teodoro de Morais no trecho que vai desde o começo do texto até "*uso dêles*", fale: *a*) dum *menino que conversa com o pai a respeito de lealdade, patriotismo e espírito de sacrifício*; *b*) duma *jovem que conversa com a mãe acêrca da fé, da esperança e da caridade*; *c*) dum *estudante que interpela o professor a respeito da liberdade, da igualdade e da fraternidade*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Reproduza, imitando o autor, um diálogo entre uma aluna e uma professôra, que tenta demonstrar àquela serem os estudos, o esfôrço e a tenacidade as chaves mágicas do sucesso na vida.

12.º Monólogo.

II. — OUVIR ESTRÊLAS

Ora (direis) ouvir estrêlas! Certo
Perdeste o senso! — E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos tôda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Iuda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: Tresloucado amigo,
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem quando estão contigo?

E eu vos direi: Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrêlas.

OLAVO BILAC.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *a Via Láctea — um pálio — cintila — inda — tresloucado amigo.*

2 — Qual é o sentido de: *pálido de espanto — o céu deserto?*

3 — Desenvolva o sentido da comparação existente neste soneto.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste soneto?

2 — Com quem imagina falar o poeta?

3 — Divida o soneto em duas partes:

a) *a conversa com as estrêlas;*

b) *o sentido da conversa.*

4 — Que contém cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — O interêsse desta poesia está no próprio autor. Por quê?

2 — Qual é o estado de alma do poeta?

3 — Como exprimiu êle seus sentimentos?

4 — De que modo conseguiu o poeta emprestar ritmo a seus versos?

5 — Mostre como êste soneto é, pela expressão das impressões pessoais do poeta profundamente romântico.

ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Quantas sílabas poéticas tem cada verso dêste soneto?

2 — Aponte no texto: a) as *cesuras;* b) os *enjambements.*

3 — Estude no texto as rimas e sua disposição.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *ouvir — escutar — perceber — auscultar; senso — siso — juízo — entendimento — raciocínio — julgamento; pálido — lívido — exangue; denegrir — denegrecer — infamar — caluniar; portentoso — maravilhoso.*

2 — Empregue em curtas orações: *espanto — pasmo — estupefação — perplexidade — assombro — surprêsa; conversar — falar — discorrer; pálio — manto — capa — sobrecéu; cintilar — tremeluzir — faiscar — fagulhar — esfuzilar — reluzir.*

3 — Substitua no texto as seguintes expressões por outras equivalentes: *certo perdeste o senso — no entanto — ao vir do sol — em pranto.*

4 — Dê antônimos a: *perder — senso — despertar — abrir — pálido — deserto — tresloucado — amigo — amar — estulto — estólido.*

5 — Que substantivos correspondem a: *perder* (ex.: perda, perdição) — *ouvir* — *abrir* — *pálido* — *conversar* — *cintilar* — *vir* — *procurar* — *dizer* — *amar* — *entender?*

6 — Dê exemplos das seguintes figuras de estilo: *amplificação* — *ironia* — *descrição* — *imagem* — *comparação.*

7 — Que verbos correspondem a: *estrêla* — *pálido* — *noite* — *sol* — *pranto* — *capaz?*

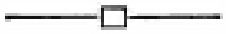
— Quais são os étimos destas palavras?

8 — Analise lògicamente o primeiro quarteto dêste sonêto.

9 — Cite substantivos, adjetivos, verbos e comparações, que traduzam: *a*) claridade lunar; *b*) amargura; *c*) tristeza.

ELOCUÇÃO. — Reproduza em prosa êste sonêto, empregando o *discurso indireto.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Reproduza, em *prosa poética*, o monólogo dum poeta boêmio, que fala à lua de seu amor não correspondido e de sua doce tristeza.



12.º Conversação.

III. — O BOM MÉDICO

Semicúpio: Ora, senhores, capitulemos a queixa. Êste fidalgo (se é que o é, que isto não pertence à medicina) teve uma colérica procedida de paixões internas... — *Dom Lancerote:* Eu não lhe entendi palavra. — *Dom Tibúrcio:* Eu morro sem saber de quê. — *Semicúpio:* Conhecida a queixa, votem o remédio, que eu, como mais antigo, votarei em último lugar. — *Dom Gil:* Eu sou de parecer que o sangrem. — *Dom Fuas:* E eu que o purguem. — *Semicúpio:* Senhores meus, a grande queixa, grande remédio; o mais eficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso de baixo para cima. — *Dom Tibúrcio:* Como é isso de bichas nas meninas dos olhos? — *Semicúpio:* É um remédio tópico; não se assuste, que não é nada. — *Dom Tibúrcio:* Vossa Mercê quer me cegar? — *Dom Lancerote:* Calai-vos, sobrinho, que êle médico é, e bem o entende. — *Dom Tibúrcio:* Por vida de Dom Tibúrcio, que primeiro há de levar o diabo o médico e a receita, do que eu tal consinta. — *Semicúpio:* Deite-se, deite-se: o homem está maníaco e furioso.

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *capitular* — *sangrar* — *bichas* — *as meninas dos olhos* — *o humor* — *um remédio tópico* — *maníaco.*

2 — Explique a concordância do verbo com o sujeito na oração: *Primeiro há de levar o diabo o médico e a receita.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?
2 — Quantas personagens aparecem neste trecho?
3 — Em quantas partes se divide êste trecho? Quais são elas?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — A que gênero pertence êste trecho: drama ou comédia? Por quê?
2 — Mostre como o interêsse dêste trecho está na prescrição absurda de um médico pernóstico e ignorante.
3 — Que relação há entre a moléstia diagnosticada e o tratamento médico indicado?
4 — Qual é a reação do doente? Por que se encoleriza êle?
5 — Há, ou não, vivacidade na conversação travada entre as personagens?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de orações, o sentido de: *capitular* — *qualificar* — *descrever*; *fidalgo* — *nobre* — *cavalheiro*; *morrer* — *perecer* — *sucumbir*; *assustar* — *amedrontar* — *atemorizar* — *intimidar* — *apavorar*; *inovar* — *renovar*.
2 — Dê sinônimos a: *procedida* — *entender* — *antigo* — *último* — *parecer* — *receita* — *consentir* — *maníaco* — *furioso* — *empertigar-se* — *aventar* — *emanação*.
3 — Dê antônimos a: *fidalgo* — *internas* — *morrer* — *saber* — *antigo* — *último* — *eficaz* — *retrocesso* — *calar* — *consentir* — *furioso*.
4 — Forme palavras com os prefixos *a*, *ab*, *ad*, *anti*, *pre*, *pro*, *re* e *retro*.
5 — Cite palavras da mesma família que: *queixa* — *fidalgo* — *medicina* — *paixão* — *interno* — *entender* — *antigo* — *grande* — *eficaz* — *cegar*.
6 — Forme três orações em que seja empregada a figura *metáfora*.
7 — Que verbos correspondem a: *senhor* — *paixão* — *interno* — *remédio* — *último* — *ôlho* — *retrocesso* — *cima* — *médico*?
8 — Classifique as seguintes orações do texto: *que isto não pertence à medicina* — *que eu, como mais antigo, votarei em último lugar* — *que o sangrem* — *que tome umas bichas nas meninas dos olhos* — *para que o humor faça retrocesso de baixo para cima* — *que não é nada* — *que êle médico é* — *do que eu tal consinta*.
9 — Analise os têrmos das orações do exercício n.º 8.
10 — Cite expressões que traduzam *sofrimento*, *espanto* e *cólera*.

ELOCUÇÃO. — Imitação dialogada desta cena por cinco alunos, cada um dos quais representará um papel. O que faz de médico diagnostica uma cólica hepática no paciente, ao qual prescreve um regime de ovos, conservas, condimentos picantes e vinhos.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Descreva uma cena semelhante, em que um charlatão pernóstico receita alcoolato de pimenta a um dispéptico.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

CONVERSAÇÃO

(Diálogos)

I — Dois colegas conversam, ao se aproximarem as férias, a respeito de seus projetos. Um prefere ir para a praia; o outro, para a montanha.
II — Dois meninos falam dos presentes que preferem receber por ocasião das festividades de Natal. O primeiro deseja uma bicicleta; o segundo, um par de patins.

III — Duas môças mantêm conversação acêrca de divertimentos. Uma gosta de teatro, e, a outra, de cinema.

IV — Dois alunos falam do interêsse que os estudos lhes despertam. Um prefere as ciências; o outro, as letras.

V — Dois meninos discutem suas preferências em matéria de história antiga. Um prefere os atenienses; o outro, os espartanos.

VI — Duas jovens conversam sôbre literatura. Uma prefere as literaturas estrangeiras; a outra, a literatura brasileira.

VII — Dois rapazes conversam acêrca de desportos. Um gosta mais de futebol; o outro, de tênis.

VIII — Duas meninas falam, nas vésperas de Natal, dos brinquedos que desejariam ter. Uma sonha com uma linda boneca; a outra, com um velocípede.

IX — Duas môças conversam acêrca das carreiras que pretendem seguir. Uma quer ser professôra; a outra, enfermeira.

X — Dois soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira, que luta nos campos de batalha da Itália, conversam, num momento de repouso em sua trincheira, fazendo planos para o após-guerra. Um pretende continuar os estudos interrompidos; o outro pensa em trabalhar na lavoura.

CARTAS

O que caracteriza uma carta é que, falando, geralmente, em nosso próprio nome, expomos o que vimos, pensamos ou sentimos: ela é, pois, a redação de nossas impressões, expressas quase sempre em prosa, e, às vêzes, com maior cunho artístico, em versos.

Uma carta pode conter descrições, cenas, narrativas, simples notícias, votos de felicidade, cumprimentos ou expressão de pêsames, transcritas ou relatadas, conforme o assunto, desde o mais grave dos tons, até o mais frívolo, desde o mais terno e sentimental, até o mais frio e ríspido; mas deve sempre ser tratada segundo as opiniões e o estado de alma de quem a redige. Uma criança não escreve, naturalmente, como um adulto. Cada pessoa revela sua cultura e seu caráter nas cartas, sobretudo se tem marcante personalidade.

Tanto nas cartas como nos diálogos, a frase escrita *imita* as construções da linguagem falada: em ambos se empregam, parca ou copiosamente, os *eu*, os *você*, os *nós*, *Sr.*, *Sra.*, etc., assim como os movimentos interrogativos ou exclamativos. Dissemos que *imita* porque, na realidade, ninguém escreve como fala. Procura-se, na verdade, dar a ilusão da conversação, mas evitam-se as insignificâncias e a prolixidade, isto é, tudo o que é supérfluo e difuso; conseqüentemente, torna-se mais firme e conciso o estilo.

— Em resumo: podem as cartas ser familiares, descritivas, narrativas e cerimoniosas. As cartas de negócios, que não cabem neste estudo, são, por natureza, muito simples, claras e objetivas, devendo, por seu conteúdo, despertar vivamente o interêsse do destinatário por um oferecimento de prestação de serviços ou por uma transação comercial.

TEXTO EXPLICADO

13.º Cartas.

O PINTASSILGO

Consolai-vos, minha senhora, consolai-vos do fim trágico do vosso pobre pintassilgo, e se sentistes até aqui a sua perda a respeito do vosso desgôsto, alegrai-vos agora a respeito do seu descanso. O pintassilgo é ditosíssimo, e não há cousa mais verdadeira, sendo êle o mesmo que mo assegurou. Tendo-me deitado, e estando para dormir, senti voar o quer que era à roda da minha cama. Ao princípio entendi que era imaginação, porém, ouvindo que se aumentava o ruído ou o sussurro, temi que fôsse algum daqueles espíritos que aparecem sempre à meia-noite. Inùtilmente pretendi desembaraçar-me com o salmo para adormecer, porque o pintassilgo era o que voava e, precipitando a vivacidade de seu vôo e servindo-se da faculdade de falar que tinha adquirido no outro mundo, me contou sua história nos seguintes têrmos: "Ainda que vós me tirastes da prisão, me disse êle, para me mandardes para as galés, nem por isso estou mal convosco . . . Posso dizer-vos que vos devo uma sincera obrigação; porque a felicidade no outro mundo se mede sôbre a desgraça que se tem neste. Todos os pássaros que erraram aqui com liberdade, misturando-se indiferentemente uns com os outros, têm limites prescritos na outra vida, de que não podem passar. Os que viveram aqui como em conventos, fechados nas celas das suas gaiolas, não têm no outro mundo limites, ocupando, em companhia de todos os pássaros que estiveram em prisão, um lugar de infinita graciosidade. São muito respeitados, principalmente os pintassilgos. O vermelho, que temos aqui sôbre a cabeça, muda-se no outro mundo num rubi muito brilhante e muito superior ao das minas terrestres. O amarelo das asas se nos doira com tanta delicadeza que ficamos ainda mais lindos e mais ligeiros do que éramos antes. Trazemos sôbre o peito uma pequena cadeia de ouro, da qual pende um diamante ornado de resplendores. Julgai qual será o admirável efeito que produzem tôdas estas pequenas formosuras em um ar puro e sereno, onde a noite não rouba jamais a claridade ao dia, e onde em lugar das tempestades só se sentem os continuados e agradáveis sopros do zéfiro. Todos êstes pássaros fazem concertos maravilhosos que sucedem uns aos outros sem cessar." — Foi-se finalmente o pintassilgo, prometendo aparecer-me segunda vez. Consolai-vos, como vos peço, sabendo o bem de que êle logra. Chamam-me para uma conferência onde vos prometo que não direi uma só palavra do que aqui vos digo.

FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta carta?

— É uma carta a uma senhora, na qual o autor pretende consolá-la da morte de um pintassilgo; imagina, então, que o pássaro lhe apareceu para descrever a vida que leva no outro mundo.

2 — Nesta carta há uma narrativa; onde começa ela e onde termina?

— Começa em: "*Tendo-me deitado*" e termina em: "*prometendo aparecer-me segunda vez*".

3 — Como poderíamos denominar as outras partes da carta?

— *Introdução* seria a parte em que o autor procura, inicialmente, tranqüilizar o espírito da senhora, e, *final*, aquela em que, reiterando o seu pedido inicial, promete silenciar sôbre o assunto.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta carta?

— O interêsse consiste na *narrativa*, em que o autor fala da aparição do pintassilgo e descreve o original paraíso das aves.

2 — De que modo procura o autor consolar a proprietária do pintassilgo morto?

— Imaginando que êle goza, nesse paraíso, da bem-aventurança eterna.

3 — Em que tom escreveu o autor sua carta?

— Escreveu-a num tom irônico e zombeteiro, parecendo ridicularizar um tanto a dor da senhora, dor que tinha por causa um motivo tão fútil.

4 — Que outra qualidade, além da ironia, demonstra possuir o autor desta carta?

— A *imaginação*.

5 — Como imagina êle o paraíso das aves e sua glória eterna?

— Imagina o paraíso como uma luz eterna, onde um ar puro e sereno é doce e ligeiramente agitado por brisas agradáveis. A glória dos pintassilgos consiste no embelezamento eterno, porque se transformam em jóias vivas e preciosas: transmuda-se-lhes em valioso rúbi o vermelho das cabeças, doira-se-lhes o amarelo das asas e êles trazem sôbre o peito uma pequena corrente de ouro, da qual pende resplendoroso diamante.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

13.º Cartas.

I. — CARTA A FREI FRANCISCO DE MONTE ALVERNE

Ainda me estou deliciando, meu caro e excelente amigo, com os abraços tão da alma, com as expressões tão do coração, com que Vossa Reverendíssima no nosso apartamento me carregou de saudades e gratidão por tôda a vida. Viajantes sempre têm muito que narrar, hão de poetar ainda que o não queiram. Quanto a mim, a mais interessante, a mais poética de quantas notícias eu trouxe do Brasil, e me ufano de espalhar aqui, é ter reconhecido a Vossa Reverendíssima, ter apertado essa mão que tão ricamente dotou a língua e a literatura comum dos nossos dois países, ter ouvido essa nobre e bela voz doutrinadora de povos, e para comigo dispensadora de mimos e extremos de benevolência. Os literatos que me escutam quando lhes eu retrato o Cícero cristão e americano, invejam-me com razão; e muito mais quando lhes dou a ler alguns dêstes oitenta discursos, que, repartidos, dariam com que fundar oitenta famas de oradores. Lamentam êles que Vossa Reverendíssima haja dado ao público a sua última despedida com o sermão da Glória: eu não: êsse monumento de Vossa Reverendíssima está completo e coroado como cumpria, ao mesmo tempo que a atividade, a fecundidade sempre juvenil de Vossa Reverendíssima, pode junto dêle erigir outros não menos valiosos. Vossa Reverendíssima não é dêsses homens que, em sabendo, ou presumindo haverem conquistado a celebridade, adormecem à sombra dos seus louros, verdadeiros ou imaginários... Sou de Vossa Reverendíssima o mais sincero admirador, perfeito amigo, respeitoso discípulo e obrigadíssimo servo.

A. FELICIANO DE CASTILHO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique, sem recorrer a sinônimos, as seguintes palavras do texto: *apartamento — ufanar-se — dotar — literatos — púlpito — sermão — monumento — coroado.*

2 — Qual é a significação de: *abraços tão da alma — expressões tão do coração — essa bela e nobre voz — doutrinadora de povos — dispensadora de mimos — extremos de benevolência — o Cícero cristão e americano — famas de oradores — à sombra dos seus louros?*

3 — Explique a colocação dos pronomes neste trecho.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta carta? Qual o tratamento empregado?
2 — Em que tom a escreveu o autor?
3 — Quais são as passagens desta carta, que correspondem aos títulos:

a) *as saudades do autor;*
b) *a poética notícia do Brasil;*
c) *o Cícero cristão e americano;*
d) *o sermão da Glória;*
e) *a atividade de Frei Mont'Alverne?*

4 — Que contém cada uma destas passagens?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Quem foi: a) *Antônio Feliciano de Castilho;* b) *Frei Francisco de Mont'Alverne?*

2 — Mostre como o interêsse desta carta consiste no retrato moral de Frei Francisco de Mont'Alverne.

3 — Quais foram as virtudes sociais do retratado, que cativaram o coração do autor?

4 — Como se referiu Castilho aos dotes de inteligência e cultura de seu amigo?

5 — Que impressão causou o grande orador sacro aos literatos do círculo de Castilho?

6 — Como considerou Castilho o célebre sermão da Glória?

7 — Que sabe o aluno acêrca dêsse sermão?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de orações curtas, o sentido de: *deliciar — gozar — encantar — deleitar; carregar — cumular — encher; ufanar-se — lisonjear-se — gabar-se — vangloriar-se; ricamente — faustosamente — pomposamente — suntuàriamente; mimos — afagos — carícias — blandícias; náusea — engulho — enjôo; áulico — fidalgo — aristocrata; cosmografia — cosmogonia — mitologia.*

2 — Dê sinônimos às seguintes palavras: *caro — viajantes — narrar — espalhar — apertar — nobre — fundar — fama — lamentar — erigir — presumir — pressagiar — acariciar — refulgência — latejante — inflar — pando — parcidrio — relutar — renitir — retinir — lampejar — fausto.*

3 — Que substantivos correspondem a: *narrar* (ex.: narração, narrativa) — *dotar — retratar — dar — fundar — lamentar — corar — erigir — presumir?*

4 — Dê exemplos dos seguintes tropos: *metáfora — metonímia — sinédoque.*

5 — Analise lògicamente os dois primeiros períodos do texto.

6 — Forme expressões que traduzam: a) *glória;* b) *encantamento;* c) *nobreza de sentimentos.*

7 — Conjugue em todos os tempos os verbos *valer* e *argüir.*

8 — Que significam as seguintes palavras: *exegese — palinódia — palimpsesto — hermenêutica — palinuro — palingenesia — êxedra — demopsicologia — ateísmo — monoteísmo — panteísmo — antropomorfismo?*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no primeiro período desta carta, agradeça a um amigo as felicitações que lhe enviou por ter passado nos exames escolares.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva uma carta ao romancista ou ao poeta de sua predileção, dizendo-lhe das razões por que o admira e estima.

13.º Cartas

II. — CARTA A A. FELICIANO DE CASTILHO

...Não pretendo contrariar o juízo que formais de mim, não posso entrar na luta convosco; mas tenho a convicção de que os vossos louvores devem ser considerados mais por filhos da vossa amizade e da vossa benevolência para mim, do que o resultado dum juízo severo e filosófico. Como quer que seja, sábio ou pedante, eloqüente ou pindarista, pobre ou rico na literatura, eu vos abraço com tôda a minha cordialidade; eu vos aperto com tôda a expressão da fraternidade. Se me admitirdes por vosso irmão de armas, aceitarei êste título, não só como uma ovação, mas tê-lo-ei ainda por uma recompensa. No caso de me concederdes êste favor, uma vez ligado convosco pelos vínculos mais indissolúveis, peço-vos aperteis por mim a mão dêstes distintos literatos, que convosco formam essa brilhante constelação que irradia o belo céu da vossa pátria, e cujos raios espancam as trevas do pedantismo e afugentam as sombras da ignorância que ameaçam tudo invadir e abafar. Adeus, meu adorável amigo: êste adeus renovou tôda a amargura da minha saudade. Enquanto me restar um sôpro de vida, a recordação que conservo de vós, a consciência da vossa amizade, será um lenitivo no meio das tribulações que me cercam. Adeus, outra vez adeus — O vosso amigo, o vosso admirador, o vosso irmão. —

FR. F. DE MONTE ALVERNE.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *o juízo — pedante — eloqüente — pindarista — cordialidade — uma ovação — vínculos indissolúveis — abafar — um lenitivo — tribulações.*

2 — Que significam aqui: *filhos da vossa amizade — um juízo severo e filosófico — com tôda a expressão da fraternidade — irmão de armas — essa brilhante constelação — as trevas do pedantismo — as sombras da ignorância — um sôpro de vida — a consciência da vossa amizade?*

3 — Modifique o 4.º período (*No caso de...*), de modo que as orações subordinadas adjetivas relativas fiquem com o mesmo antecedente.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho de carta? Qual o tratamento empregado?

2 — Aponte no texto as partes que se enquadram dentro dos seguintes títulos:

a) *os louvores de Castilho;*
b) *o abraço;*
c) *irmão de armas;*
d) *a despedida.*

3 — Que contém cada uma dessas partes?

4 — Como se faz a transição entre cada parte e a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — O interêsse dêste trecho decorre das qualidades do autor, reveladas por assim dizer, em cada palavra e em cada frase. Por quê?

2 — Onde encontramos aqui expressões que traduzem: sua *modéstia* — sua *afetividade* — sua *cortesia?*

3 — Como encara o autor a ação dos intelectuais portuguêses? De que forma exprime êle sua opinião?

4 — Analise, em poucas palavras, seu estilo nesta carta.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de orações apropriadas, o sentido de: *pretender — desejar — querer — intentar — diligenciar; contrariar — contradizer — impugnar; juízo — conceito — parecer — opinião; pedante — pretensioso — afetado — enfatuado.*

2 — Dê sinônimos às seguintes palavras: *luta — considerados — resultado — ovação — conceder — favor — vínculos — brilhante — espancam — abafar — amargura — lenitivo — tribulações — asco — vágado — refundir.*

3 — Substitua, no texto, por outras expressões de igual valor: *entrar em luta — tenho a convicção — com tôda a minha cordialidade — com tôda a expressão da fraternidade.*

4 — Forme comparações, em que entrem, como segundo têrmo, as seguintes palavras: *luta — louvor — filho — sábio — rico — armas — mão — sôpro — amigo — consciência.*

— Quais são os étimos destas palavras?

5 — Analise lògicamente o primeiro período dêste trecho.

6 — Forme sentenças em que entrem conjunções subordinativas *temporais, causais, finais, concessivas, condicionais, comparativas* e *conformativas.*

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta carta, recorrendo o menos possível às palavras do texto.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva a um amigo, com quem não tem ainda muita intimidade, agradecendo os elogios que êle lhe fêz por ocasião de seu aniversário natalício (tratamento: *o Senhor*).

13.º Cartas.

III. — O ANIVERSÁRIO DUMA IRMÃ

Minha irmã. — No dia de teus anos, que queres que eu te diga? Que os anos da virgem são como as manhãs das flôres e que na aurora da vida, flôres e donzelas, cintilantes do orvalho de Deus, têm mais pureza e perfume? Não. Dir-te-ei sòmente uma coisa: É que lá no Rio vale talvez a pena fazer anos. Numa tarde de primavera e de esperança, vivendo e sentindo-se viver, é doce porventura sentir que mais um ano passou como um sonho, mais um ano de saudade e felicidade. Aqui não acontece assim. O céu tem névoas, a terra não tem verdura, as tardes não têm perfume. É uma miséria! É para desgostar um homem tôda a sua vida, de ver ruínas! Tudo aqui parece velho e centenário... até

as môças! São insípidas como a mesma velhice. O dia 12 de setembro está para chegar. Estou quase não fazendo anos desta vez. Adeus, minha irmã! A página nova da vida que se abriu hoje, seja tão feliz como a saudade é doce! Adeus! É a palavra que dentre as taipas em ruínas da nossa terra te envia — "Teu irmão".

ÁLVARES DE AZEVEDO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras e expressões: *a aurora da vida* — *cintilantes* — *o orvalho de Deus* — *tarde de esperança* — *névoas* — *verdura* — *centenário* — *insípidas* — *a página nova da vida* — *taipas*.

2 — Desenvolva o sentido das comparações existentes no texto.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta carta?
2 — De quantas partes se compõe ela? Leia-as, dando-lhes títulos.
3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?
4 — Como se faz a transição entre cada uma dessas partes e a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Quais são as formas sentimentais e convencionais das figuras de estilo empregadas por Álvares de Azevedo nesta carta? Que exprimem elas?

2 — Quais são as formas translatas, ou *tropos*, que aqui se encontram? Explique-as.

3 — Que diferenças de ambiente nota o autor entre o Rio e S. Paulo? Como as exprime êle?

4 — Em que tom escreve êle esta carta? Prove-o.

5 — Que pormenores descritivos nos podem dar uma idéia de S. Paulo antigo?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de orações apropriadas, o sentido de: *manhã* — *aurora* — *alva* — *alvorada* — *diluculo* — *crepúsculo*; *cintilante* — *tremeluzente* — *esplendente* — *rutilante*; *orvalho* — *rocio* — *aljôfar* — *rorejo*; *delir* — *diluir*.

2 — Empregue em curtas orações: *perfume* — *odor* — *cheiro* — *fragrância*; *doce* — *agradável* — *suave* — *deleitoso*; *névoa* — *neblina* — *cerração* — *bruma* — *nevoeiro* — *nevoaça*; *deliquio* — *vágado* — *desmaio* — *desfalecimento* — *relutância*.

3 — Dê sinônimos a: *porventura* — *acontecer* — *miséria* — *ruínas* — *velho* — *insípido* — *feliz* — *fechar* — *belo* — *suave* — *enviar* — *aventar* — *linde*.

4 — Que adjetivos correspondem a: *irmã* (ex.: fraterna, fraternal) — *ano* — *virgem* — *primavera* — *esperança* — *saudade* — *felicidade* — *céu* — *névoa* — *terra* — *homem* — *vida* — *ruína*?

5 — Que verbos correspondem a: *irmã* (ex.: irmanar) — *dia* — *manhã* — *flor* — *orvalho* — *pureza* — *perfume* — *tarde* — *terra* — *velho* — *môça* — *suave* — *taipa*?

6 — Dê exemplos das seguintes figuras de estilo: *metáfora* — *antonomásia* — *hipérbole* — *antítese*.

7 — Cite palavras que caracterizem: *a*) um *profundo afeto*; *b*) uma *grande cidade*.

8 — Forme sentenças em que entrem orações subordinadas interrogativas, iniciadas pelas palavras *quando*, *como*, *onde* e *se* (Ex.: Desejo saber *quando partirás*).

ELOCUÇÃO. — Leia de novo esta carta, mudando o tratamento: 1.º) para você; 2.º) para vós.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imitando Álvares de Azevedo nesta carta, escreva a seu irmão, que estuda em Paris, apresentando-lhe felicitações pelo brilhantismo de seus exames (tratamento: você).

13.º Cartas.

IV. — UMA CARTA DE OLAVO BILAC

Excelentíssima Senhora. — Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada. Porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprêzo. Dizem que V. Excia. me ama. *Dizem*, porque da bôca de V. Excia. nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia., nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosa, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vêzes lhe pedi humildemente uma palavra de consôlo. Nunca a obtive, porque V. Excia. ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi tôda a esperança de ser amado. Separemo-nos. Para que hei de eu, que a amo tanto, fazer a sua desgraça? É preciso que V. Excia. saiba que a minha vida tem sido um grande combate. Já sofri fome: sôbre essa miséria criei a minha independência. Chamaram-me infame: sôbre essa afronta criei a minha honestidade. Chamaram-me estúpido: sôbre essa injustiça criei o meu talento. E foi sôbre êsses três alicerces que eu edifiquei o meu orgulho. Amo-a tanto, que esta separação há de cedo ou tarde matar-me. Acima, porém, do meu amor está o meu orgulho. Não o quebrei aos pés de meu pai, não o quebraria aos de minha mãe: não posso, nem quero, quebrá-lo aos pés de V. Excia. Creio que nos valemos, minha Senhora: V. Excia. está muito acima de tôdas as outras mulheres, mas não está acima de mim. Há de reconhecer que nunca houve um noivado cercado de tanto gêlo e de tanta indiferença. Por quê? Talvez porque V. Excia. acredite que os homens devem viver esmagados pelas mulheres. Concordo. Mas isso é bom quando se trata de homens vulgares: e eu não sou um homem vulgar. Quando, pela última vez, nos falamos, eu preveni V. Excia. de que tomaria esta resolução, se não se modificasse o seu modo de proceder. Desta vez, como de tôdas as outras, ficou V. Excia. impassível. Paciência. Peço, suplico a V. Excia. que me perdoe ter perturbado a tranqüilidade de sua existência. Mas eu amava-a muito, amava-a como ainda hoje a amo, e queria, depois de tanta luta e de tanto sofrimento, ter um pouco de felicidade. Perdoe-me e fique certa de que, para seu sossêgo, nunca mais me verá.

OLAVO BILAC.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *infame* — *estúpido* — *talento* — *alicerces* — *esmagado* — *impassível* — *luta*.

2 — Qual é a significação de: *ironia cruel* — *um grande combate* — *quebrar o orgulho* — *gêlo* — *homens vulgares?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta carta?

2 — De quantas partes se compõe esta carta? Aponte-as no texto, dando-lhes títulos expressivos.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta carta?

2 — De que modo, segundo sua própria confissão, formou Olavo Bilac sua personalidade?

3 — Quais as qualidades mestras dessa personalidade?

4 — Que pensa Olavo Bilac de sua noiva? Prove-o com elementos tirados do texto.

5 — Analise em poucas palavras o *tom* em que o poeta escreveu esta carta e seu estilo.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *surpreender* — *espantar* — *assombrar*; *certeza* — *convicção* — *exatidão*; *piedade* — *compaixão* — *dó* — *comiseração*; *afetuosa* — *meiga* — *amorosa* — *terna*; *carinho* — *ternura*; *ironia* — *sarcasmo*; *parlapatice* — *bazófia* — *vanglória* — *vaniloqüência*; *egoísta* — *egotista* — *egocêntrico* — *ególatra*; *visos* — *resquícios*.

2 — Dê sinônimos a: *cruel* — *desgraça* — *combate* — *afronta* — *estúpido* — *alicerces* — *suplicar* — *perturbar* — *felicidade* — *sossêgo* — *vêzo* — *reminiscência* — *ressaibo*.

3 — Dê antônimos a: *crer* — *certeza* — *piedade* — *sofrer* — *amar* — *comovido* — *humildemente* — *cruel* — *desgraça* — *saber* — *estúpido* — *orgulho*.

4 — Quais são os homônimos de: *súplica* — *posso* — *gêlo* — *última* — *sossêgo* — *fêz* — *mêdo* — *prêto* — *gôta* — *acêrca* — *bôlo* — *bôca* — *lôdo?*

5 — Analise lògicamente o último período desta carta.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai desde "*É preciso que V. Excia. saiba*" até "*eu edifiquei o meu orgulho*", explique como pretende formar sua própria personalidade.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva, num tom delicado, mas nobre e altivo, a um amigo ou uma amiga, que o (a) ofendeu gravemente em seu amor-próprio.

13.º Cartas.

V. — CARTA A RUTH

Ontem, querida, a esta hora, a tarde decadente
Trançava laivos de ouro e sangue no ocidente;
E na larga amplidão do azul do firmamento
O bailado de luz era um deslumbramento.
— Uma poeira de fogo ardia no ar sereno
E o zéfiro agitava os ramos, brando e ameno.

— Lembrava-me de ti... Lembrava-me do dia
Em que, vibrando ao longe um som de "Ave-Maria",
Eu te olhava e dizia, em meu poema de amor,
O que me significa a tua vida em flor:

"Tu és o Encanto
que, em música rimada, agora exalto e canto,
de uma vida de dor, de amargura e de pranto."

"Tu és o Albor
da madrugada, após uma noite de Horror."

"E tu és a Agua
que dissipa o travor de minha grande mágoa."

"Tu, amor de minha alma e alma de meu amor,
— Tu, que és minha alegria,
e tu, que és minha Dor, —

"Tu és o jacto de luz com que um farol distante
Abre, na noite escura, o mar ao navegante!"

"Tu, para mim, querida, és tudo neste mundo:
O objeto e o resplendor de um afeto profundo,
E o fausto divinal da própria Natureza,
Que é o reflexo de Deus, na glória e na beleza!"

"Seguindo o meu caminho, olhos fixos no Norte,
Numa imensa tristeza, esquálido e arquejante,
Eu levo na retina a ardente e deslumbrante
Imagem dêste amor, que há de vencer a Morte!"

"Pois um dia, afinal, repousarei na terra..."

"Mas no negror da tumba eterna que me aterra,
Irromperás de meu coração,
Qual flama rúbida de um vulcão,
Iluminando-me assim, querida,
O misterioso Horror que há, lá no além da Vida."

OLIVÉRIO LOPES.
(C.L.O.)

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *decadente — amplidão — ardia — deslumbramento — vibrando — exaltar — albor — travor — resplendor — esquálido — arquejante — retina — rúbida.*

2 — Qual é a significação de: *laivos de ouro e sangue — bailado de luz — poeira de fogo — ar sereno — vida em flor — música rimada — jacto de luz — abre o mar — fausto divinal — reflexo de Deus — tumba eterna?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta poesia?

2 — Divida esta poesia em três partes, a saber:

a) a *tarde decadente;*
b) a *recordação;*
c) o *poema de amor.*

3 — Qual é o conteúdo de cada parte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta carta poética?

2 — De que modo exprime o autor:

a) o *aspecto da tarde decadente;*
b) o *sentimento de amor?*

3 — Quais são suas impressões pessoais e com que recursos as traduz?

4 — Com que compara o poeta a eternidade de seu amor?

LIGEIRO ESTUDO DA METRIFICAÇÃO

1 — Quantas sílabas poéticas contém cada um dos seguintes versos:

"Tu és o Albor
da madrugada, após uma noite de horror."
"Irromperás de meu coração
Qual flama rúbida de um vulcão"?

2 — Aponte na poesia: a) as cesuras; b) os *enjambements.*

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *ocidente — amplidão — arder — brado — amargura — dissipar — mágoa — distante — resplendor — fausto — pespegar — assacar.*

2 — Dê antônimos a: *beleza — tristeza — esquálido — ardente — repousar — negror — eterna — reminiscência.*

3 — Dê homônimos a: *água* — *dêste* — *desce* — *fôlha* — *molho* — *colhêr* — *portuguêses* — *inglêsa* — *rolo* — *rôla* — *troco* — *enfêrmo* — *fecho* — *côr*.

4 — Forme comparações, em que entrem como segundo elemento: *tarde* — *ouro* — *sangue* — *luz* — *fogo* — *flor* — *madrugada* — *água* — *farol* — *mar* — *amor* — *morte* — *tumba* — *vulcão* — *tôrres acuminadas*.

5 — Analise lògicamente a última estrofe desta poesia.

6 — Forme três orações em que o verbo concorde com as seguintes expressões tomadas como sujeito: *uma multidão de homens e mulheres* — *mais de cinco mil soldados* — *a maior parte dos homens*.

7 — Forme expressões afetuosas com os seguintes elementos: *esteio de minha vida* — *anjo tutelar* — *espírito de luz* — *bálsamo de dores* — *refúgio suave* — *estrêla norteadora* — *luz distante*.

ELOCUÇÃO. — Faça oralmente a reprodução em prosa desta poesia.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva uma carta a sua mãe, falando-lhe de seu ardente amor filial.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

1 — CARTAS FAMILIARES

I — Um menino escreve ao pai, que se acha ausente, por ocasião do Ano Novo (tratamento: *Senhor*).

II — Um jovem escreve a um colega, pedindo-lhe emprestado um livro (tratamento: *você*).

III — Um rapaz escreve a um amigo, insistindo com êle para que compareça a uma festa íntima que seus pais vão oferecer (tratamento: *tu*).

IV — Uma menina, que passa as férias na fazenda dos pais, escreve a uma colega, residente na cidade, convidando-a a ir fazer-lhe companhia (tratamento: *você*).

V — Uma jovem escreve a sua melhor amiga, dando-lhe pêsames pelo falecimento de uma irmã (tratamento: *tu*).

VI — Um menino escreve a seu melhor amigo, felicitando-o pelas notas que alcançou nos exames (tratamento: *você*).

2 — CARTAS DESCRITIVAS OU NARRATIVAS

1.º — Uma excursão ao campo (tratamento: *Senhor*).
2.º — Uma fita cinematográfica (tratamento: *vós*).
3.º — Um baile à fantasia (tratamento: *vós*).
4.º — Uma viagem (tratamento: *Vossa Senhoria*).
5.º — Uma comédia engraçada (tratamento: *você*).

3 — CARTAS CERIMONIOSAS

I — Escreva uma carta a Sua Santidade o Papa, rogando-lhe uma bênção especial (tratamento: *Vossa Santidade*).

II — Escreva ao Presidente da República, felicitando-o pelas fecundas realizações de seu govêrno (tratamento: *Vossa Excelência*).

III — Escreva ao Diretor ou à Diretora do colégio religioso em que você estudou, recordando os dias felizes que ali passou (tratamento: *Vossa Reverendíssima*).

4 — REQUERIMENTOS

I — Requeira à autoridade competente, como se fôsse funcionário público, uma licença para tratamento de saúde (tratamento: *Vossa Excelência*).

II — Com o mesmo tratamento de Vossa Excelência, requeira a um Secretário de Estado ou a um Ministro o pagamento da gratificação a que você fêz jus, por ter substituído o Diretor de sua Repartição ou Escola.—

III — Ainda com o mesmo tratamento, requeira a um Secretário ou Ministro sua remoção ou promoção para outro cargo.

IV — Redija um requerimento dirigido ao Diretor do Departamento de Educação do Estado, solicitando inscrição ao concurso de ingresso no magistério oficial (tratamento: *Vossa Senhoria*).

V — Requeira à autoridade competente uma certidão de seu tempo de exercício (tratamento: *Vossa Senhoria*).

VI — Requeira a um Diretor-Geral de Secretaria de Estado uma cópia de sua ficha de exercício como funcionário público (*Vossa Senhoria*).

VII — Requeira sua matrícula em uma Escola Normal, Instituto de Educação ou Ginásio.

5 — CORRESPONDÊNCIA COMERCIAL

I — Escreva ao Diretor de um Banco, solicitando-lhe colocação.

II — Ofereça, numa carta comercial, mercadorias: *a*) a um antigo freguês; *b*) a um provável cliente.

III — Cobre uma dívida atrasada.

IV — Solicite a um freguês a devolução duma letra de câmbio, com o devido aceite.

V — Peça a um comerciante o pagamento de uma duplicata.

VI — Comunique a um freguês o recebimento de seu pedido e a remessa das mercadorias solicitadas.

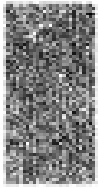
VII — Escreva a um negociante, comunicando que vai mandar uma letra de seu aceite a protesto, por não ter sido paga na data do vencimento.

VIII — Escreva uma carta em resposta à anterior, explicando que havia depositado em juízo a importância da dívida, em virtude de mandado judicial.

PARTE II

EXPLICAÇÃO DE TEXTOS E COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS — FÁBULAS — ANEDOTAS — IMPRESSÕES PESSOAIS — DISCURSOS — IDÉIAS MORAIS — DISSERTAÇÕES



NARRATIVAS

A narrativa, conforme o critério didático que adotamos neste livro, é a exposição, oral ou escrita, de um fato real ou imaginário; é, pois, uma narração curta ou relativamente curta.

As qualidades, que a distinguem e lhe emprestam interêsse, são naturalmente, além de um assunto original ou atraente, a simplicidade, a clareza, a brevidade, a movimentação e a verossimilhança. Verossímil é tudo aquilo que tem aparência de realidade.

"Deve-se, diz Antenor Nascentes, tirar tudo o que não fôr essencial à narrativa, tudo o que não interessa ao leitor; colocar os fatos na ordem cronológica; evitar as repetições, que são fastidiosas."

Ela aparece nas cartas, narrações, contos, romances, discursos e poesias. Muitos dos recursos desaconselhados nas descrições são permitidos nas narrativas, em virtude de nelas haver uma personagem narradora, que goza de certa liberdade de intervir no que se escreve, comunicando suas opiniões, suas impressões e seus sentimentos, interpretando ou comentando os aspectos e os fatos do mundo exterior ou do mundo subjetivo. Assim, se o narrador *descreve*, pode dar expansão a seus sentimentos, por meio de adjetivos, como *belo, lindo, maravilhoso, estupendo, esplêndido, magnífico, horrendo, ensurdecedor, emocionante*, etc., desde que tais adjetivos, correspondendo, como geralmente correspondem, a um conceito universal daquilo que êle sente, encontrem repercussão simpática na alma do leitor. Êle pode ainda, referir-se, visto como é possível que os observe ou tenha observado, a aspectos anteriores ou futuros da natureza exterior, tais como nestes exemplos, já citados: *Os campos*, **ainda há pouco tempo** *verdes, estavam secos; — o céu*, **antes azul**, *está* **agora** *recoberto de nuvens.*

Existindo ou transparecendo na narrativa uma personagem observadora e narradora, que observa, sente e julga, e que muitas vêzes representa o escritor, com êle confundindo-se freqüentemente, é natural que nela se encontre a expressão de sentimentos, opiniões, julgamentos, e que surjam *formas pessoais* de pronomes, adjetivos, verbos, assim como frases de cunho narrativo, que se refiram a momentos passados: **Caminhávamos** *pelas estradas.* — **Nossos** *companheiros embrenharam-se na floresta. Era em 1912...* — *Tinham-se picado alguns bois.* — *Atrás de* **nós** *vinham os mendigos*, etc. — Não se confunda, entretanto, esta exteriorização da personalidade sentimental ou intelectual do narrador com a expressão de impressões pessoais, que, sendo uma das características do romantismo, têm cabimento em todos os gêneros românticos, exprimindo-se, sobretudo, por meio de imagens e adjetivos.

BRANT HORTA faz, a respeito das narrativas, uma recomendação, que pode parecer excessiva, mas que não deixa de ser útil, reconhecidas como são por todos, e principalmente pelos professôres, certas tendências defeituosas dos alunos, quando tentam compor um trabalho literário. Diz o ilustre e erudito educador: "O mestre há de ter o necessário cuidado de evitar os tiques freqüentes nos alunos, tais como o abuso de adjuntivos (*aí, então, talvez, agora, depois*, etc.), o uso insistente das mesmas fórmulas, etc.

— Em nosso estudo, as narrativas, como as descrições, se encaminham para um desenvolvimento mais amplo do gênero narrativo, as narrações, cujos elementos construtivos elas preparam. As menos complexas são as *narrativas simples*, que são, como o próprio nome o indica, o simples relato de um fato.

TEXTO EXPLICADO

14.º Narrativas simples.

O ANHANGABAÚ (*)

Entre fráguas correndo, outrora no deserto
Êle tinha o horizonte apenas por baliza . . .
Vivia no sertão, beijado pela brisa,
O velho leito sempre ao grande sol aberto.

Até que, certa vez, à luz do luar incerto,
Do vale, já no fim da noite que agoniza,
De repente, êle viu entre brumas, indecisa,
Uma cidade nova erguendo-se bem perto.

Enterrado, porém, não mais a luz de prata
E nem a luz do sol enxerga . . . é quase um monge . . .
É um prisioneiro até dessa cidade ingrata.

Mas, mesmo assim, sem ver êste clarão dos astros,
Tôda a lenda, talvez, de um tempo que vai longe,
Êle canta na treva, a caminhar de rastros.

GIRALDES FILHO.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Frágua — *fraga, rocha escarpada.*
Baliza — *limite, marco.*
Sertão — *o ponto ou sítio mais afastado dos terrenos cultos.*
Beijado pela brisa — *tocado levemente, como numa carícia.*
Leito — *depressão do terreno, por onde correm as águas do rio.*
Grande sol — *o sol, em tôda a pujança de seu brilho e calor.*
Luar incerto — *luar vago, oscilante.*
Agoniza — *acaba.*
Brumas — *névoa, cerração, nevoeiro.*
É quase um monge — *está encerrado em seu cano, como um monge em sua cela.*

ESTUDO DA COMPOSIÇÃO E DAS IDÉIAS

1 — Qual é o assunto dêste sonêto?

— O poeta conta-nos, em versos alexandrinos, a ingratidão da cidade (*S. Paulo*) para com o rio Anhangabaú, que outrora corria livremente em seu solo.

2 — Em quantas partes se pode dividir êste sonêto e qual é o conteúdo de cada uma delas?

— Apresenta-nos êste sonêto dois aspectos do rio:

a) o rio em liberdade;
b) o rio prisioneiro.

(*) O professor deve, antes de iniciar a explicação, ler êste sonêto na ordem direta.

Primeira parte: É uma paisagem grandiosa e rude, que se estende a perder de vista até à linha do horizonte; corre o rio entre fráguas, com suas águas encrespadas ao toque leve da brisa e rebrilhantes à luz forte do sol. O quadro é evocativo, em sua majestade primitiva. Passam-se os séculos e, certa vez, vê o rio, surprêso, erguer-se-lhe bem perto uma cidade, cujas linhas pareciam diluir-se na densa cerração.

Segunda parte: As exigências do progresso fazem com que a cidade encerre o rio num grande cano subterrâneo; êle já não pode ver a claridade argêntea do luar, nem a luz perfulgente do sol. Parece um monge enclausurado em sua cela, afastado para sempre do mundo; pior ainda, parece um prisioneiro fechado em cárcere, no fundo da terra. Mas, mesmo assim, dentro das trevas espêssas, recorda-se o rio dos episódios épicos das "bandeiras" e das guerras, que êle vai, como um aedo da antigüidade clássica, traduzindo em harmonias monótonas, com o marulho suave de suas águas aprisionadas e escuras.

3 — Em que consiste o interêsse dêste sonêto?

— O interêsse é simultâneamente *descritivo* e *narrativo:* o **primeiro**, caracterizado pela pintura de três quadros, de amplitude decrescente: — *a*) o rio a correr pelo vasto sertão, em seu velho leito batido de sol; — *b*) a cidade, que, em noite de luar, surgiu perto do vale, envôlta num lençol de neblina; — *c*) o rio em seu leito subterrâneo e tenebroso;

o **segundo**, em que o poeta intervém na descrição, seja para explicar, em frases narrativas, aspectos duradouros, mudanças de aspectos ou hipóteses (*êle tinha o horizonte... vivia no sertão... até que, certa vez... já no fim da noite... de repente, êle viu... enterrado, porém... mas, mesmo assim... talvez...*), seja para interpretar estados e atitudes do rio, a que êle empresta ações humanas (*não mais enxerga a luz de prata e nem a luz do sol — é quase um monge... é um prisioneiro... sem ver êste clarão... êle canta tôda a lenda... a caminhar de rastros*).

4 — Faça um estudo sucinto da metrificação dêste sonêto.

— Êste sonêto compõe-se de versos *alexandrinos*, isto é, de versos que contam 12 sílabas poéticas:

"En	tre	frá	guas	cor	ren	do, ou	tro	ra	no	de	ser	to"
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	

— Os acentos predominantes recaem na 6.ª e na 12.ª sílabas; a 7.ª sílaba é, neste verso, formada da última sílaba gramatical duma palavra paroxítona e da primeira de outra, iniciada por vogal. Noutros versos, como no seguinte, a 6.ª sílaba confunde-se com a sílaba gramatical, por pertencer a uma palavra oxítona:

"Vi	vi	a	no	ser	tão,	bei	ja	do	pe	la	bri	sa"
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	

— Quanto às rimas, são tôdas graves e sua disposição é a seguinte:

1.º quarteto: 1-2-2-1 (ou: a-b-b-a)
2.º quarteto: 1-2-2-1 (ou: a-b-b-a)
1.º terçêto: 3-4-3 (ou: c-d-c)
2.º terçêto: 5-4-5 (ou: e-d-e).

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O ANHANGABAÚ

1 — *O rio em liberdade:* fráguas — deserto — horizonte — sertão — brisa — leito — sol — luar — vale — fim da noite — brumas — cidade.

2 — *O rio prisioneiro:* luz de prata — luz do sol — monge — prisioneiro — clarão dos astros — cântico — trevas — modo de caminhar.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

14.º Narrativas simples.

I. — A BORBOLETA PRETA

No dia seguinte, como eu estava preparado para descer, entrou no meu quarto uma borboleta . . . Depois de esvoaçar muito em tôrno de mim, pousou-me na testa. Sacudi-a, ela foi pousar na vidraça; e porque eu a sacudi de novo, saiu dali e veio parar em cima de um velho retrato de meu pai. O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha um certo ar escarninho, que me aborreceu muito. Dei de ombros, saí do quarto; mas tornando lá, minutos depois, e achando-a ainda no mesmo lugar, senti um repelão dos nervos, lancei mão de uma toalha, bati-lhe e ela caiu. Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça. Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela. Era tarde; a infeliz expirou dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido. — "Também por que diabo não era ela azul?" disse comigo. E esta reflexão, — uma das mais profundas que se têm feito, desde a invenção das borboletas, — me consolou do malefício, e me reconciliou comigo mesmo.

MACHADO DE ASSIS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique, sem recorrer a sinônimos, o sentido das seguintes palavras do texto: *esvoaçar — sacudi-a — farpinhas — peitoril — a infeliz — malefício.*

2 — Explique as seguintes expressões do texto: *gesto brando — ar escarninho — dei de ombros — um repelão dos nervos — lancei mão — por que diabo.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa? Não é um pequeno drama, representado por dois atores: o homem e a borboleta?

2 — Mostre que, como tôda peça dramática, contém esta narrativa uma exposição, peripécias e um desfêcho trágico, que provoca uma reflexão por parte da personagem narradora.

3 — Como se faz a passagem de cada parte para a seguinte?

4 — Localize êste trecho em: "MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS."

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Analise as expressões que traduzem a irritação crescente do homem.

2 — Mostre como a perseguição à borboleta e sua morte decorre de um sentimento supersticioso do narrador.

3 — Que quer o autor dizer com sua reflexão final?

4 — Qual é o tom do autor, nesta narrativa?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite verbos da mesma família que: *borboleta* — *preta* — *dia* — *vidraça* — *nôvo* — *velho* — *brando* — *certo* — *ar* — *nervos* — *mão* — *corpo*.

2 — Quais são os substantivos abstratos que correspondem a: *nôvo* — *velho* — *brando* — *certo* — *aborrecido* — *profundas?*

— Qual é o étimo de cada uma destas palavras?

3 — Empregue no sentido figurado, em curtas orações: *esvoaçar* — *testa* — *asas* — *mão* — *cabeça*.

4 — Conjugue em todos os tempos o verbo *apiedar-se*.

5 — Analise lògicamente os três primeiros períodos do texto.

6 — Forme seis orações onomatopaicas que traduzam:

a) *zumbido* (3 orações);
b) *estalidos* (3 orações).

7 — Como se chama a ação de matar: um *ser humano* — um *rei* — um *deus* — a *espôsa* — uma *criança?*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no trecho que vai desde o começo da narrativa até: *me aborreceu muito*, fale de um menino que se irrita contra uma môsca impertinente.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva uma narrativa que tenha assunto semelhante ao desta, mas substituindo a borboleta por uma vespa alegre e zumbidora. Modifique, também, os pormenores e acrescente outras peripécias.

14.º Narrativas simples.

II. — UM CHÁ PRECIOSO

O Grilo trazia um presente do Grão-Duque — uma caixa de prata, forrada de cedro, e cheia dum chá precioso, colhido, flor a flor, nas veigas de "Kiang-Sou" por mãos puras de virgens, e conduzido através da Ásia, em caravanas, com a veneração duma relíquia. Então, para despertar o nosso torpor, lembrei que tomássemos o divino chá — ocupação bem harmônica com a tarde triste, a chuva grossa alagando os vidros, e a clara chama bailando no fogão. Jacinto acedeu — e um escudeiro acercou logo a mesa de Efraim para que nós lhe estreássemos os serviços destros. Mas meu Príncipe, depois de a altear, para meu espanto, até os cristais do lustre não conseguiu, apesar de uma suada e desesperada batalha com as molas, que a mesa regressasse a uma altura humana e caseira. E o escudeiro de nôvo a levou, levantada como um andaime, quimérica, ùnicamente aproveitável para o gigante Adamastor. Depois veio a caixa de chá entre chaleiras, lâmpadas, coadores, filtros, todo um fausto de alfaias de prata, que comunicavam a essa ocupação tão simples e doce em casa de minha tia, *fazer chá*, a majestade dum rito. Prevenido pelo meu camarada da sublimidade daquele chá de "Kiang-Sou", ergui a chávena aos lábios com reverência. Era uma infusão descorada que sabia a malva e a formiga. Jacinto provou, cuspiu, blasfemou... Não tomamos chá.

EÇA DE QUEIRÓS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *veigas* — *caravanas* — *veneração* — *relíquia* — *torpor* — *um escudeiro* — *altear* — *quimérica* — *sublimidade* — *reverência* — *infusão* — *sabia* — *malva*.

2 — Qual é a significação de: *um chá precioso* — *o divino chá* — *ocupação harmônica* — *a tarde triste* — *alagando os vidros* — *bailando no fogão* — *os serviços destros* — *uma suada e desesperada batalha* — *uma altura humana e caseira* — *todo um fausto de alfaias de prata* — *a majestade dum rito?*

3 — Diga o que sabe do *gigante Adamastor*.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Quais são as passagens dêste trecho que se referem:

a) *ao chá precioso;*
b) *à proposta do narrador;*
c) *à mesa de molas;*
d) *à majestade dum rito;*
e) *ao mau gôsto do chá?*

3 — Que pormenores contém cada uma destas passagens?

4 — Localize êste trecho no romance: *"A Cidade e as Serras"*.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que estado de alma se achavam as duas personagens desta narrativa? Por quê?

2 — Que resolveram elas fazer para afugentar o tédio?

3 — Por que chama uma das personagens *meu Príncipe* à outra?

4 — Que há de cômico no armar a mesa presenteada por Efraim?

5 — Como se chama a figura de estilo que serve para exagerar? Foi ela empregada aqui? De que forma?

6 — Está o ritual da preparação do chá de acôrdo com sua preciosidade? Por quê?

7 — Qual é sua opinião a respeito do contraste existente:

a) entre *essa preparação do chá* e *a preparação caseira evocada no texto?*
b) entre *os requintes quase sagrados da colheita do chá* e *seu desagradável sabor?*

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *precioso* — *valioso* — *rico* — *fino* — *magnífico* — *delicado*; *forrada* — *revestida* — *recoberta*; *cheia* — *repleta* — *plena*; *puras* — *imaculadas* — *inocentes*; *veneração* — *acatamento* — *respeito*; *despertar* — *acordar* — *avivar* — *animar* — *excitar* — *estimular*; *torpor* — *adormecido* — *modôrra* — *letargia*; *parandia* — *loucura* — *paroxismo*; *cairel* — *orla* — *borda* — *fimbria*.

2 — Empregue em curtas orações: *divino* — *sublime* — *perfeito* — *excelente*; *harmônica* — *congruente* — *apropriada* — *conveniente*; *alagar* — *inundar*; *bailar* — *dançar*; *acercar* — *aproximar* — *achegar*; *inédia* — *abstinência* — *abstenção*; *opimo* — *opíparo* — *lauto*.

3 — Dê sinônimos a: *colhêr* — *veiga* — *conduzir* — *lembrar* — *tomar* — *ocupação* — *triste* — *clara* — *chama* — *aceder* — *destros* — *altear* — *espanto* — *apesar de* — *regressar* — *quimérica* — *depois* — *fausto* — *simples* — *majestade* — *prevenir* — *camarada* — *erguer* — *reverência*.

4 — Quando se emprega o infinito pessoal? Dê exemplos.

5 — Quais são os adjetivos que, à semelhança de *argênteo*, se formam de: *ouro — terra — pedra — mármore — ferro — chumbo — leite — lenho — vinho?*

6 — Em curtas sentenças, empregue as seguintes palavras no sentido figurado: *prata — forrar — flor — puro — relíquia — despertar — torpor — tarde — triste — chuva — alagar — claro — chama — bailar — vomitar.*

7 — Classifique as orações contidas nos dois primeiros períodos dêste trecho.

8 — Cite expressões que traduzam o aspecto: *a*) dum *cafêzal*; *b*) dum *algodoal*; *c*) de um *campo de pastagem*; *d*) de um *bosque* e de um *lago*.

9 — Forme expressões onomatopaicas que traduzam: *a*) zumbido de abelhas; *b*) mugido de bois; *c*) balido de ovelhas; *d*) nitrido de cavalos.

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta narrativa.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Como se escrevesse em seu "diário", narre um episódio passado numa fazenda, onde você assistiu ao cerimonioso preparo de um café extrafino, colhido pelas próprias filhas do fazendeiro. Termine, ao contrário do texto, por uma exclamação de maravilhada surprêsa.

14.º Narrativas simples.

III. — O CORONEL HOLANDÊS

O encontro dá-se pela manhã. Logo ao primeiro combate o coronel holandês reconhece que os tempos já não são os mesmos de dez anos passados, que um nôvo sangue palpita nas veias dos heróicos defensores da terra brasileira. Dá ordens e contra-ordens, mas os ataques dos pernambucanos têm tal vigor e tal loucura que êle, velho soldado, se estonteia no meio da refrega. Manda avançar, recua, desorienta-se e, quando menos espera, uma bala trespassa-lhe a perna. Cai. Os soldados carregam-no. Ferido, vendo as suas tropas em destrôço, manda cessar o combate e ordena aos seus que voltem para o Recife. Ao chegar, em maca, ao palácio do Conselho, arde-lhe a garganta penosamente. A ferida provoca-lhe uma sêde incontida. Tudo faz para calmar-se, mas cada minuto que vem é uma tortura maior. — *Água! Um pouco de água!* — decide-se a pedir. — Um oficial traz-lhe o púcaro. É a mesma água de dias antes, a água horrenda e salobra das miseráveis cacimbas de beira do mar. Schkoppe toma o púcaro na mão, bebe o primeiro trago, o segundo, com uma profunda tristeza nos olhos azuis. Em roda, olham-no os oficiais silenciosamente, com uma eloqüência irônica naquele silêncio. Êle compreende a linguagem daquela mudez lancinadora. E levantando o púcaro diante dos olhos, fita-o como um vencido fitaria os destroços de sua derrota. Move duas vêzes a cabeça e, com o braço apontado para os lados do nôvo arraial de Bom-Jesus, diz com uma expressão que arrepia o cabelo dos seus compatriotas: "*Oh! mas êles combatem como se estivessem enfadados de viver!*"

VIRIATO CORREIA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *refrega* — *trespassar* — *destrôço* — *maca* — *pácaro* — *salobra* — *cacimba* — *lancinadora* — *arraial*.

2 — Que significam aqui: *um novo sangue* — *loucura* — *uma sêde incontida* — *uma eloqüência irônica?*

3 — Que se deve entender por: *cada minuto é uma tortura maior* — *com uma profunda tristeza nos olhos azuis* — *como um vencido fitaria os destroços de sua derrota* — *êles combatem como se estivessem enfadados de viver?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

> *O coronel Schkoppe, que por diversas vêzes vencera os brasileiros, retira-se para a Holanda, donde só regressa dez anos depois. Encontra a situação inteiramente mudada: vitoriosos os pernambucanos e os holandeses sitiados em Recife, passando privações, bebendo uma água salobra e esverdinhada, tirada das cacimbas. Schkoppe promete a seus compatriotas, para depois do primeiro combate, a água pura e boa do passado...*

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Divida o texto em duas grandes partes, que possam ser denominadas: *a*) no *campo de luta*; *b*) no *palácio de govêrno*.

3 — Que fatos são narrados: *a*) na primeira parte; *b*) na segunda parte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que sentimentos se sucedem na alma do coronel holandês?

2 — Que queria êle dizer com a última frase?

3 — Que impressão de conjunto nos causa esta narrativa?

4 — Analise o estilo do autor.

5 — Localize êste trecho no livro: "*Histórias de Nossa História*".

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê um sinônimo a cada palavra seguinte: *vigor* — *loucura* — *soldado* — *refrega* — *trespassar* — *calmar* — *tortura* — *horrenda* — *enfadados* — *indelível* — *glauco* — *fulvo* — *flavo* — *exímio* — *perene* — *exicial* — *caliginoso* — *induzir* — *deduzir* — *reduzir* — *dríade* — *hamadríade* — *ninfa*.

2 — Cite substantivos que designem armas: *a*) de *infantaria*; *b*) de *cavalaria*; *c*) de *artilharia*.

3 — Classifique as orações subordinadas existentes neste trecho.

4 — Cite palavras que traduzam *silvos* e *estampidos*.

5 — Que significam as seguintes palavras: *remerecer* — *refôlgo* — *matroca* — *remancho* — *romanescer* — *relvado* — *agonia* — *angústia* — *obnubilar* — *obumbrar* — *reivindicação* — *vindicta* — *fabril* — *filologia* — *filosofia* — *filantropia?*

ELOCUÇÃO. — Conte resumidamente êste mesmo episódio.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Narre, segundo um plano prèviamente traçado, um episódio heróico da retirada da Laguna.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS SIMPLES

I — *Narre as seguintes cenas, conforme o plano indicado, procurando observar a verossimilhança e a seqüência dos fatos ou dos sentimentos.*

1.º **Uma expulsão.** — Um casal de pardais instala-se num ninho de andorinhas. Pouco tempo depois, regressam os antigos donos, que o encontram cheio de biquinhos esfaimados. Retiram-se as andorinhas, soltando gritos de furor. Logo retornam, acompanhadas de fortes reforços e cercam o ninho. Os intrusos são expulsos.

2.º **O moscardo.** — Você está cômodamente deitada no quarto de uma chácara, descansando e lendo revistas. Radiosa é a manhã; penetra o sol em jorros de luz dourada pela janela escancarada. Entra alegremente um moscardo, esvoaçando e zumbindo. Você se levanta e tenta afugentá-lo. Êle voa para o alto, escapando a seus golpes. Você se irrita. A perseguição. Finalmente, você toma de uma toalha úmida e arremessa-a com fôrça contra o moscardo, que cai. A morte do inseto.

3.º **O desastrado.** — Joãozinho voltou da escola, preocupado e inquieto. Teve notas más e teme as perguntas de seus pais. Para evitá-las, ajuda solicitamente a mãe, que está servindo chá a algumas amigas. Esmera-se no serviço com uma complacência febril e começa a ter esperanças de que se esqueçam de lhe perguntar as notas. Mas sùbitamente vem a pergunta. Perturbado, Joãozinho deixa cair no colo de uma senhora um prato de bolos e a xícara de chá que lhe apresentava.

4.º **Uma visita ao cemitério.** — Você vai a um cemitério no dia 2 de novembro e acompanha os passos duma velhinha, vestida de luto, que visita os mortos queridos. Perto do cemitério, ela entra na loja duma florista e dali sai com uma grande braçada de flôres; depois, atravessa o portão, toma por uma álea à direita, e, a passos trôpegos, começa sua peregrinação de túmulo em túmulo. Ajoelha-se diante de cada um, persigna-se, murmura uma prece, distribui flôres, arranja-as, arranca uma haste de capim. Levanta-se em seguida, olha algum tempo sonhadoramente, conversa baixinho com o morto como para se despedir e encaminha-se trêmula para outra pedra branca, sob a qual dorme outro pedaço de seu coração. Terminada a visita, retira-se lentamente, envolvida num silêncio de dor e de saudade.

II — *Faça, depois de organizar um plano, uma narrativa, que tenha por assunto:*

1 — "A maior travessura de minha vida."
2 — "Meu primeiro baile."
3 — Voltando das férias.
4 — Na praia.
5 — Na montanha.
6 — No vale.
7 — As festas de Ano-Bom.
8 — O Natal.
9 — O castigo da gulosa.
10 — À margem de um rio.

AS DIVERSAS ESPÉCIES DE NARRATIVAS

Compreendem as narrativas, de acôrdo com as modalidades características de cada qual, as *narrativas simples*, que já estudamos; as *narrativas descritivas*, em que o narrador descreve, com certo desenvolvimento, alguma cousa; as *narrativas demonstrativas*, em que o fato relatado serve para demonstrar um truísmo ou uma verdade de experiência, como as contidas em provérbios; as *narrativas dramáticas* ou emocionantes, cujos episódios podem agitar ou perturbar a alma; as *narrativas humorísticas*, relatos de um fato que desperta alegria ou faz rir; as *narrativas com reflexões*, em que uma historieta serve de motivo ou base para reflexões do narrador; as *narrativas com conversação*, em que o autor faz falar as suas personagens; as *narrativas com retratos*, em que o narrador descreve uma pessoa ou um animal; as *narrativas exóticas*, em que o narrador nos apresenta cenas, tipos e costumes estranhos aos nossos; as *narrativas antigas*, em que o autor nos conta episódios e fatos, reais ou fictícios, passados noutras eras.

A estas dez espécies de narrativas, adiremos, por serem do gênero narrativo, a *expressão de impressões pessoais*, mais ou menos longa seqüência de sensações, impressões, evocações e imagens, resultantes da reação estética ou sentimental do narrador a uma excitação externa ou subjetiva; as *fábulas*, curtos contos, quase sempre em verso, que ocultam uma moralidade sob o véu duma ficção; e, enfim, as *anedotas*, contos sucintos, rápidos, cujo assunto consiste numa particularidade histórica ou numa aventura curiosa e divertida.

TEXTOS EXPLICADOS

15.º Narrativa descritiva.

I. — A VILA DA PRAIA

Chegado ao alto do morro, *Serafim* estacou. Espraiou um largo olhar, que abrangia tudo, sôbre a casaria espalhada em baixo, salpicando, com os tons claros das paredes caiadas e o amarelo esfumaçado dos tetos de sapé, a verdura da vargem. Na praia, que o mar agitado franjava de ondas espumantes, canoas descansavam sôbre rolos, rêdes secavam ao sol, estiradas nos varais. Ao longe, na fonte que descia do morro, cascateando, mulheres lavavam e, dispersas aqui e ali, refulgiam brancuras de roupas estendidas ao sol, sôbre o capim ondulante.

VICENTE DE CARVALHO.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Estacar — *parar de repente.*
Espraiar um olhar — *lançar um olhar que abrange todo o quadro.*
Salpicar — *matizar com salpicos ou manchas espalhadas.*
Franjava — *orlava com espumas semelhantes a franjas.*
Descansar sôbre rolos — *estar deitado sôbre toros roliços de madeira.*
Varais — *fio de arame ou cordel distendido de uma estaca a outra ou de uma parede a outra.*
Brancuras de roupas — *peças de roupa alvas* (metonímia).

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

O assunto. — Vicente de Carvalho descreve uma paisagem, onde se vêem as casas rústicas duma vila, uma praia pinturesca, um morro, uma fonte e uma vargem.

A composição. — Faz o autor a descrição através duma personagem: *Serafim*, cujo olhar percorre o quadro, observando-lhe os elementos pictóricos mais interessantes. É a presença dessa personagem que empresta à descrição um caráter narrativo.

Distinguem-se aí três partes, além de uma introdução inicial.

— Na *introdução* nota-se a chegada da personagem a seu ponto de observação: o cimo do morro.

— Na *primeira parte*, avistam-se as casas rústicas salpicando a vargem recoberta de vegetação.

— Na *segunda*, vêem-se a praia, o mar agitado, as canoas e as rêdes que secam ao sol.

— Na *terceira*, enfim, observa-se a fonte que desce, cascateante, do morro, as lavadeiras e o capim ondulante, sôbre o qual alvejam peças de roupa.

A transição de cada parte para a seguinte se faz suavemente, por estreita sucessão de pormenores descritivos, que vão aparecendo segundo o movimento do olhar observador.

ESTUDO DAS IDÉIAS

O interêsse. — O autor deseja fazer-nos *ver* a paisagem da mesma forma por que a vê Serafim: o interêsse de sua descrição reside, portanto, nos pormenores descritivos, que nos permitem reconstituir todo o quadro. Alguns dêsses pormenores estão caracterizados por expressões, que, figuradas ou não, indicam:

— **côr:** *tons claros* das paredes, o *amarelo esfumaçado* dos tetos, a *verdura* da vargem, refulgiam *brancuras*.
— **forma:** salpicando, franjava, cascateando.
— **aspecto:** casaria *espalhada*, mar *agitado*, ondas *espumantes*, rêdes *estiradas*, roupas *dispersas* e *estendidas*, capim *ondulante*.
— **ação:** mulheres *lavavam*.

Impressão geral. — Notemos que existe nesta paisagem a trindade pinturesca: *desenho*, *relêvo* e *côr*, qualidades essenciais a quem pinta ou descreve.

ESQUEMA DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

Observador: *Serafim*

Ponto de observação: *o alto dum morro*

A VILA DA PRAIA

1 — A *casaria:* as paredes — os tetos de sapé — a vargem verde.

2 — A *praia:* o mar — as canoas sôbre rolos — as rêdes nos varais.

3 — A *fonte:* o morro — as lavadeiras — as roupas — o capim ondulante.

15.º Narrativa descritiva.

II. — O QUADRO DO "ESTIO"

No quadro do "Estio" de Durameau, acho encantadora a abóbada viridente das matas, o braço das vergônteas dos parques, as dríades vertendo jorros de água límpida das orvalhadas ânforas, os regatos serpeando por entre a madressilva e o rosmaninho, as messes ondulando beijadas pelos zéfiros brincões, o tentilhão saltitando de França para França, os arvoredos rumorejando com uma soidosa toada, o rouxinol, cantando aos salgueiros as suas tristezas. Tudo isto vejo no quadro, vivendo, movendo-se, falando; mas, se a tentação de ver a realidade me vence, vem o pó, e cega-me; vem o calor, e reduz-me a manteiga; uma farpa da silva rasga-me o casaco; o chapéu fica-me espetado em um galho, outro fura-me o ôlho; e um porco, picado pelas vespas, bufa-me às pernas, enraivecido. Oh! como é delicioso o estio!

CAMILO CASTELO BRANCO.

(1) Soidosa: *saudosa*. (2) O professor explicará, neste trecho, o emprêgo do gerúndio e do pronome pessoal *me*.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos descreve o autor nesta narrativa?

— O autor descreve um quadro artístico e, em seguida, o satiriza, fazendo comentários sarcásticos a respeito da realidade que êle representa.

2 — Em que é descritiva esta narrativa?

— É narrativa, porque o autor fala na primeira pessoa, como um narrador; e descritiva, porque descreve um quadro.

3 — Em quantas partes se divide êste trecho?

— Divide-se em duas partes, das quais a primeira termina na palavra *falando;* são:

a) o quadro artístico;
b) o quadro real.

4 — Como se ligam ambas essas partes?

— Ligam-se pela conjunção coordenativa adversativa **mas**, que inicia uma série de considerações opostas aos pormenores da primeira parte.

5 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

— Na primeira parte, encanta-se o autor com os parques viridentes, onde se encontram estátuas de dríades, regatos, trigais ondulando à brisa, pássaros canoros, árvores rumorejantes.

— Na segunda, êle se aborrece com a poeira que o cega, com o calor que o atormenta, com a natureza agressiva que o envolve, com o animal que o ataca.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

— O interêsse decorre do contraste entre os dois quadros.

2 — Com que expressão traduz o autor: *a*) a beleza do quadro artístico; *b*) a realidade prosaica do quadro real?

— As expressões estão de acôrdo com os respectivos temas: na **primeira** parte as palavras são escolhidas, nobres e tão apropriadas, que os pormenores pinturescos nos incidem imediatamente sob os sentidos. Êles evocam com nitidez uma *forma*, uma *côr* ou, ainda, particularidades expressivas doutros aspectos das cousas; como, por exemplo:

— a *abóbada viridente*, para designar a forma e a côr de todo o conjunto da folhagem das árvores;
— o *braço enlaçado*, para indicar o entrançamento das longas hastes flexíveis;
— o adjetivo *límpida*, para mostrar a clareza pura da água;
— o particípio *orvalhadas*, que pinta a umidade da superfície das ânforas;
— o verbo *serpear*, que descreve o movimento dos regatos, etc.

Encontram-se ainda, no quadro, outras notas de beleza estética, que agradam aos olhos e ao ouvido, como a soidosa toada dos arvoredos, o tentilhão saltitando de frança para frança e os rouxinóis cantando nos salgueirais.

— Na segunda parte, Castelo Branco emprega expressões vulgares ou exageradas para acentuar seu desapontamento e sua cólera: o calor que o *reduz a manteiga*, o pó que o *cega*, etc. O autor acumula pormenores escolhidos, de tal forma que o quadro se torna um ambiente desagradável.

3 — Quais são os sentimentos do autor e em que tom os exprime?

— Os sentimentos que transparecem no trecho são de desapontamento e cólera, sendo que o autor exalta a beleza artística do quadro como simples pretexto para os manifestar. Exprime-se num tom de ironia e mesmo de sarcasmo, como se depreende da seqüência dos pormenores e da frase exclamativa final.

4 — Em que é a verossimilhança a qualidade primordial duma narrativa?

— Tôda narrativa deve ser ou verdadeira, ou verossímil, isto é, ter aparência de verdadeira, até mesmo nos contos fantásticos ou de maravilhas: do contrário, perde o interêsse. Aqui, o interêsse está, como já vimos, no contraste existente entre o quadro artístico e a realidade; e como, quase sempre, a arte embeleza a natureza, pois que na arte há a sensibilidade de uma alma esteta, é bastante provável que a realidade possa, com tôda a verossimilhança, apresentar-nos os fatos desagradáveis que Camilo Castelo Branco nos relata espirituosamente.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

15.º Narrativa descritiva.

I. — O ARROZ-DOCE

Depois chegara a hora das luzes e do jantar. Eu encomendara pelo Grilo ao nosso magistral cozinheiro uma larga travessa de arroz-doce, com as iniciais de Jacinto e a data ditosa em canela, à moda amável da nossa meiga terra. E o meu Príncipe à mesa, percorrendo a lâmina de marfim onde no 202 se inscreviam os pratos a lápis vermelho, louvou a idéia patriarcal: "Arroz-doce! Está escrito com dois ss, mas não tem dúvida... Excelente lembrança! Há que tempos não como arroz-doce! Desde a morte da avó". — Mas quando o arroz-doce apareceu triunfante, que vexame! Era um prato monumental, de grande arte! O arroz, maciço, moldado em forma de pirâmide do Egito, emergia duma calda de cereja, e desaparecia sob os frutos secos que o revestiam até o cimo, onde se equilibrava uma coroa de Conde feita de chocolate e gomos de tangerina gelada! E as iniciais, a data, tão lindas e graves na canela ingênua, vinham traçadas nas bordas da travessa com violetas pralinadas! Repelimos, num mudo horror, o prato acanalhado. E Jacinto, erguendo o copo de "Champagne", murmurou como num funeral pagão: "— *Ad Manes*, aos nossos mortos!"

EÇA DE QUEIRÓS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *magistral* — *vexame* — *maciço* — *moldado* — *emergir* — *cimo*.

2 — Qual é a significação de: *data ditosa* — *nossa meiga terra* — *a idéia patriarcal* — *um prato monumental* — *a canela ingênua* — *violetas pralinadas* — *um mudo horror* — *um funeral pagão?*

3 — Que significa a expressão latina: *Ad Manes?* — Por que a empregou aqui o autor?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?
2 — Em que é descritiva esta narrativa?
3 — Divida o trecho em duas partes, a saber:

a) *o arroz-doce encomendado;*
b) *o arroz-doce monumental.*

4 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?
5 — Que conjunção liga a segunda parte à primeira? com que sentido?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Como exprime o autor:

a) a *expectativa do Príncipe;*
b) a *decepção dos comensais?*

3 — Por que chama Príncipe ao seu amigo a personagem narradora dêste episódio?

4 — Que impressão nos causa o arroz-doce preparado pelo cozinheiro? Por quê?

5 — Por que Jacinto e seu amigo desejavam tanto o arroz-doce à portuguêsa?

6 — Localize êste trecho no romance "A CIDADE E AS SERRAS", de Eça de Queirós.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Determine, por meio de orações apropriadas o sentido de: *magistral — perfeito — irrepreensível — insuperável; amável — gentil — delicada — graciosa; louvar — elogiar — exaltar — gabar — vangloriar — jactar — adular; espertina — insônia; transigir — condescender — concordar; linde — fronteira — raia.*

2 — Empregue em curtas orações: *fervor — ardor — calor — zêlo — empenho; dúvida — hesitação — incerteza; triunfalmente — vitoriosamente — gloriosamente; vexame — vergonha — escândalo — afronta — desonra; maciço — compacto — encorpado; recesso — imo — recôndito; comprazer — aprazer; prover — provir.*

3 — Dê sinônimos a: *depois — larga — ditosa — meiga — vermelho — excelente — lembrança — morte — aparecer — emergir — revestir — cimo — lindas — graves — ingênua — mudo — horror — acanalhado — erguer — mortos — inquinar — contíguo.*

4 — Substitua, no texto, por expressões equivalentes: *com fervor — de marfim — excelente lembrança — do Egito.*

5 — Explique a concordância do verbo com o sujeito em: *A vida e o tempo nunca pára.*

6 — Dê antônimos a: *depois — chegar — luzes — magistral — doce — ditosa — amável — fervor — dúvida — morte — emergir — lindas — mudo — erguer.*

7 — Empregue em curtas orações, tanto no sentido próprio como no figurado: *luz — doce — meiga — marfim — morte — fruto — coroa — gelada.*

8 — Forme pequenas expressões comparativas com as palavras do exercício n.º 7.

9 — Retire do trecho as orações subordinadas, classificando-as.

10 — Cite expressões que traduzam uma idéia:

a) de *encantamento;*
b) de *decepção;*
c) de *repugnância.*

11 — Conjugue os verbos *repelir* e *emergir.*

ELOCUÇÃO. — Faça a reprodução oral dêste trecho.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva, imitando o tom de Eça de Queirós, uma pequena narrativa, que tenha por assunto a descrição dum banquete oferecido por um ricaço ignorante e vaidoso.

15.º *Narrativa descritiva.*

II. — OS FOGUETES

Era um comêço de tarde amarela e quente, de ar parado. Fora dos seus hábitos, meu pai saíra depois do almôço, deixando a sôlita sesta cochilada à rêde, na varanda. Quando voltou, à hora do jantar, vinha acompanhado de um certo Carlito, meu camarada de escola e empregado na loja de ferragens do Góis. Carlito sobraçava um molho de foguetes, cuja vista desde logo me alvoroçou. E, à ordem de ir à cozinha pelo tição indispensável, não esperei outros esclarecimentos, pois via já os rojões a subir pelos ares, o que era muito bonito. Via também que os rojões eram nossos, o que era lindo. Voei para o fogão. Momentos depois, içados pelo Carlito, espoucavam abafadamente no ar as respostas daqueles deliciosos órgãos do regozijo político paterno. No momento, não curei dêsse regozijo nem das suas causas. O caso concreto dos foguetes é que me interessava. E êles subiram, um a um, e lá em cima deitaram os estampidos alvissareiros. Até o último da dúzia. Muito tempo fiquei ainda ali na calçada, seguindo com a vista a sombra das últimas fumaradas a esvaírem do ar. Quando acordei, havia em redor de mim uma chusma de pirralhos do bairro, que comentavam variadamente o feito. Carlito já os informara da família que dera as salvas. E eu gozei por alguns momentos a superioridade de ser daquela família. Tentei mesmo prolongar o meu prestígio, declarando o preço dos fogos, mas o Carlito corrigiu-me, reduzindo-o à têrça parte, o que instantâneamente de todo desfez a minha glória. Os garotos acompanharam Carlito, deixando-me só, a amargar da efemeridade das glórias da terra.

LEO VAZ.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Qual é o sentido de: *sólita — sesta — sobraçar — molho — içados — surar — chusma — pirralhos — o feito — as salvas?*

2 — Que significam aqui: *tarde amarela — ar parado — voei para o fogão — espoucavam abafadamente — órgãos do regozijo político paterno — estampidos alvissareiros — amargar da efemeridade das glórias da terra?*

3 — Explique a colocação dos pronomes, neste trecho.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos conta Leo Vaz nesta narrativa?

2 — Divida esta narrativa em três partes, dando-lhes os títulos:

a) *a compra dos foguetes;*
b) *soltando os foguetes;*
c) *os meninos.*

3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Prove que o interêsse desta narrativa está principalmente nas sensações e nos sentimentos do narrador.

2 — Que impressão nos produz o pequeno herói desta narrativa? Por quê?

3 — Como descreve o autor:

a) *o estampido dos foguetes;*
b) *a satisfação do menino;*
c) *sua desilusão?*

4 — Prove que a verossimilhança é a primeira qualidade duma narrativa.

5 — Localize êste trecho no romance: "O PROFESSOR JEREMIAS."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite nomes de *fogos de artifício.*

2 — Cite adjetivos e verbos que exprimam *côres fulgurantes.*

3 — Forme três comparações que exprimam *fulgor.*

4 — Cite verbos e substantivos que traduzam *silvos, chiados* e *estampidos.*

5 — Forme onomatopéias que exprimam: *a) sucessão de chiados; b) sucessão de estrondos.*

6 — Dê exemplos de complementos circunstanciais de *tempo, causa, fim, modo, meio, instrumento, preço* e *matéria.*

7 — Explique qual a função da expressão *é que* nos seguintes exemplos: *O caso concreto dos foguetes é que me interessava. O mau tempo é que me prende em casa.* — Forme três orações semelhantes.

8 — Explique a concordância do verbo com o sujeito na oração adjetiva: que *comentavam variadamente o feito.*

9 — Acrescente, aos seguintes substantivos, adjetivos que traduzam *estampidos* ou *silvos: bombas — foguetes — granadas — canhões — fuzis — obus — busca-pé — rodinhas* (de fogo).

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no trecho que vai desde "*Muito tempo fiquei*" até "*o feito*", fale de: *a) um menino que adormece, deitado na grama do quintal de sua casa, e acorda rodeado de pombas e galinhas; b) um homem que adormece no cinema e desperta nas trevas do salão.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Narre suas impressões durante os festejos de São João, descrevendo os fogos de artifício que se queimam e os balões que sobem ou pairam no espaço. Empregue onomatopéias.

15.º Narrativa descritiva.

III. — A TEMPESTADE NA SELVA

Nessa tarde, quando regressávamos, uma formidável tempestade surpreendeu-nos na mata. O mar de frondes verdes encapelara-se de súbito, estopetado por ventania louca, que ululava com voz rugidora e ameaçante. Os pegões eram contínuos e ia no ar a zanguizarra das franças atritadas e o remoinho das fôlhas sôltas e dos galhos partidos. Por vêzes, tinha-se a impressão de que as árvores não resistiriam às lufadas mais fortes, que lhes vergavam os troncos e torciam as ramas, abrindo clareiras por onde se di-

visavam nesgas dum céu de chumbo. E fêz-se a noite na floresta, uma noite espêssa e tormentosa, entremeada apenas de onde a onde pela fosforescência lívida dos relâmpagos. As bátegas caíam pesadas enquanto os trovões restrugiam sôbre as nossas cabeças, aumentando a atoarda do furacão em que se ouvia o alarido de mil bôcas em rinchavelhadas histéricas, uivos e assovios. Não seria maior a algazarra se uma multidão de gigantes andasse às sôltas, resfolegando uma pocema de guerra.

GASTÃO CRULS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *encapelara-se* — *estopelado* — *os pegões* — *a zanguizarra* — *franças atritadas* — *remoinho* — *lufadas* — *clareiras* — *nesgas* — *bátegas* — *restrugiam* — *atoarda* — *furacão* — *resfolegando.*

2 — Que significam aqui: *o mar de frondes verdes* — *ventania louca* — *ululava* — *a voz rugidora e ameaçante* — *céu de chumbo* — *fêz-se a noite* — *a fosforescência lívida dos relâmpagos* — *o alarido de mil bôcas* — *rinchavelhadas histéricas.*

3 — Substitua no texto os adjetivos em itálico por expressões que caracterizem com mais energia os substantivos: ventania *louca* — voz *ameaçante.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Divida o trecho em duas partes, a saber:

a) a *ventania;*

b) a *escuridão.*

3 — Como se liga a primeira parte à segunda?

4 — Que pormenores descritivos se encontram em cada uma delas?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que mais nos interessa nesta narrativa?

2 — Como descreve Gastão Cruls:

a) a *ventania* e seus ruídos;

b) a *tempestade* e seus efeitos?

3 — Prove como são bem empregadas aqui as seguintes expressões, que ficariam mal numa descrição pura: *por vêzes, tinha-se a impressão* — *se divisavam nesgas* — *fêz-se a noite* — *se ouvia o alarido.*

4 — Quais são as impressões pessoais do autor? Como as exprime êle?

5 — Mostre como o autor empregou expressões que produzem sensações vivas.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *tempestade* — *temporal* — *procela; floresta* — *mata* — *bosque; formidável* — *terrível* — *tremenda* — *pavorosa* — *temerosa* — *medonha; frondes* — *copas* — *franças* — *folhagens; encapelar-se* — *levantar-se* — *encrespar-se* — *encristar-se* — *arrepiar-se* — *enrugar-se* — *eriçar-se; tonitruante* — *ribombante* — *reboante* — *estrondeante.*

2 — Empregue em curtas orações: *estopelar* — *despentear; ventania* — *vendaval* — *tufão* — *furacão; louca* — *violenta* — *impetuosa* — *furiosa; ulular* — *bradar* — *bramir* — *uivar; pegões* — *rajadas* — *lufadas; atritadas* — *friccionadas* — *esfregadas; remoinho* — *redemoinho* — *turbilhão* — *torvelinho; ressarcir* — *indenizar.*

3 — Cite palavras que signifiquem: *regressar* — *de súbito* — *rugidora* — *ameaçante* — *partidos* — *fortes* — *vergar* — *divisar* — *espêssa* — *tormentosa* — *bátegas* — *restrugir* — *atoarda* — *alarido* ou *alarida* — *rinchavelhada* — *algazarra* — *multidão* — *resfolegando* — *poema*.

4 — Substitua no texto as seguintes expressões por outras equivalentes: *o mar de frondes verdes* — *com voz rugidora e ameaçante* — *de chumbo* — *fêz-se a noite na floresta* — *de onde a onde* — *em rinchavelhadas histéricas* — *de guerra*.

5 — Explique a concordância do verbo com o sujeito em: *Uma palavra, um gesto, um olhar bastava*.

6 — Forme pequenas expressões comparativas que emprestem energia à idéia de: *a) ventania; b) escuridão; c) refulgência; d) estrépito*.

7 — Cite palavras que caracterizem: *a) o mar à noite; b) um rio à noite; c) um vendaval; d) um aguaceiro*.

8 — Cite expressões que traduzam sensações auditivas.

9 — Dê exemplos de subordinadas relativas, interrogativas, reduzidas infinitivas e reduzidas participiais.

10 — Conjugue o verbo *resfolegar*.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que começa em: "*Nessa tarde*" e termina em "*galhos partidos*", fale: *a) de uma festiva recepção que lhe é feita em casa de seus avós, quando você termina seu curso secundário ou normal; b) de um incêndio na mata*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Você tem a oportunidade, numa viagem marítima ou fluvial, de assistir a uma tempestade, que lhe causa forte impressão. Com êste assunto, componha uma narrativa, tendo o cuidado de fazer com que a descrição seja apresentada como uma série de impressões.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS DESCRITIVAS

I. — *Faça as seguintes narrativas descritivas, tendo o cuidado de que as descrições sejam apresentadas como impressões do narrador:*

1.º **Uma viagem de automóvel.** — "Que belo dia passei! — Meu pai convidou-me para uma viagem de automóvel. Como a vila aonde íamos era muito distante, partimos em boa velocidade. Atravessamos a cidade adormecida, por avenidas e ruas ainda mergulhadas nas brumas da madrugada. Depois desfilamos através de campos, de vales e de bosques. Passamos por uma ponte. Contornamos uma montanha. Meus olhos viam, embevecidos, paisagens que pareciam aproximar-se de nós e logo desapareciam. Confiando na perícia de meu pai, nem sequer pensava eu nos perigos da estrada. Divertiam-me todos os incidentes. A chegada a nosso destino arrancou-me de um sonho encantador.

OBSERVAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA NARRATIVA

A composição. — Descreve esta narrativa um passeio de automóvel, cujo itinerário lhe constitui a estrutura. O carro passa sucessivamente pela *cidade adormecida*, por *avenidas* e *ruas* mergulhadas nas brumas da madrugada, por *campos*, *vales*, *bosques*, uma *ponte*, etc.

Cada um dêsses lugares deve ser objeto duma descrição rápida, não se limitando o aluno a enumerar os pormenores, mas fazendo-nos vê-los nitidamente e assinalando, portanto, com êsse fim, o que pode interessar ou comover; destarte, êle partilhará com o leitor as próprias impressões.

A unidade. — Numa semelhante narrativa, é mister evitar as repetições, assim como uma enumeração fria e banal, não se devendo, também, interromper a narrativa para desenvolver longas descrições das cousas ou quadros vistos. Tanto num como noutro caso, ficaria rompida a proporção entre as ações e a descrição, e não haveria mais *unidade*.

Obtém-se esta unidade entre ambas as espécies de desenvolvimento (descritivo e narrativo), ligando uma e outra ao pensamento de quem escreve. A jovem viajante experimenta aqui uma impressão de *surprêsa* e *encantamento;* assim, pois, deve-se escolher pormenores que possam traduzir esta impressão.

O pinturesco. — Tudo o que nos surpreende o olhar, tudo o que possa constituir assunto de um quadro, é o que se chama *pinturesco*. É, pois, à procura de efeitos pinturescos que se deve dedicar o aluno, esforçando-se por emprestar, às cousas, características de *forma*, *côr*, e *relêvo*, distribuindo-as, ainda, de acôrdo com os princípios da perspectiva.

A narrativa descritiva. — Observando êstes princípios de composição, isto é, ligando, a uma série de ações, passagens descritivas cujo pinturesco corresponda à preocupação de quem narra, poderá o aluno fazer uma narrativa descritiva, em que haverá *verossimilhança*, *proporção*, *unidade* e *interêsse*.

— Êstes mesmos princípios, *mutatis mutandis*, devem ser aplicados às narrativas seguintes.

2.º **Do farol.** — Fomos visitar um farol situado no cimo dum penhasco. — Estava baixo o mar; ante nossos olhos, estendiam-se as praias arenosas. — As águas azuis do oceano pareciam imóveis ao longe; tôda a vida da costa como que se paralisara. — Terminada a visita, regressamos pelo mesmo caminho. — A maré subia; a praia, o mar, o próprio céu começavam a animar-se. E êste contraste nos interessou vivamente.

II. — *Desenvolva os seguintes temas em forma de narrativa descritiva, tendo o cuidado de que as descrições, curtas e expressivas, sejam apresentadas como impressões suas:*

1.º Uma excursão à montanha.
2.º Uma excursão fluvial.
3.º Uma excursão ao campo.
4.º Um passeio pela mata.
5.º A hora de saída da escola.
6.º As cavalhadas.
7.º Num circo.
8.º Um piquenique de estudantes.
9.º Uma viagem aérea.
10.º O Presidente da República em revista às tropas.
11.º Uma procissão de Entêrro.
12.º Uma viagem de trem.

TEXTO EXPLICADO

16.º Narrativa demonstrativa.

O CALIFA E O ANCIÃO

Ia o califa Harum-al-Raschid por um campo, aonde andava a folgar à caça, quando sucedeu de passar por pé dum homem já mui velho, que estava a plantar uma nogueirinha. Então disse o califa aos do seu séquito: "Em verdade, bem louco deve ser êste homem em estar a plantar agora esta nogueira, como se estivesse no vigor da mocidade, e contasse como certo vir a gozar dos frutos desta planta". — Indo-se então o califa em direitura ao velho, perguntou-lhe quantos anos tinha. — "Para cima de oitenta, respondeu o velho; mas, Deus seja louvado, sinto-me ainda tão robusto e saudável, como se tivesse apenas trinta." — "Sendo assim, redargüiu o califa, quanto pensas tu que ainda hás de viver, pois que nessa idade já tão adiantada estás a plantar uma árvore que por natureza só daqui a largos anos dará fruto?" — "Senhor, disse o velho, tenho grandes contentamentos em a estar plantando, sem inquirir se serei eu ou outros atrás de mim quem lhe colherá os frutos. Assim como nossos pais trabalharam por nos legar as árvores que nós hoje desfrutamos, assim é justo que deixemos outras novas, com que nossos filhos e netos venham a utilizar-se e a enriquecer-se. E, se hoje nos sustentamos dos frutos do seu trabalho e se foram nossos pais tão cuidadosos do futuro, como havemos de retribuir em desamor aos nossos filhos o que de nossos pais recebemos em carinho e previdência? Assim, semeia o pai para que o filho possa vir a colhêr."

LATINO COELHO.

O assunto. — Narra o autor, neste trecho, um episódio passado com o califa Harum-al-Raschid, quando, num passeio pelo campo, se encontrou com um ancião que estava a plantar uma nogueira. Estabeleceu-se entre ambos, então, um diálogo a respeito dos proveitos que o velho esperava, apesar da sua avançada idade, retirar dos frutos da futura árvore.

O plano de composição. — No desenvolvimento do plano de composição, três tópicos principais constituem as partes de que se compõe esta narrativa:

1.º O encontro do califa com o velho;
2.º A interpelação que lhe faz;
3.º As reflexões do velho.

O interêsse narrativo. — O interêsse desta narrativa reside nas respostas do velho, que formam uma lição de moral e de solidariedade humana, *demonstrando*-nos que o trabalho de cada um de nós não se deve deter nos limites de nossa vida, mas projetar-se no futuro, em benefício da posteridade.

O estilo. — A nobreza e a serenidade de tom em que falam os protagonistas desta historieta, assim como o vocabulário de Latino Coelho e seu movimento fraseológico, emprestam à narrativa pronunciado sabor clássico.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

16.º Narrativa demonstrativa.

I. — O AMOR MATERNO

No fundo da chácara, numa touceira de arbustos, um menino encontrou um ninho, onde três avezinhas mal emplumadas dormiam. Contente do seu achado e no desejo inconsciente de se apoderar dêle, o menino meteu o braço por entre a trama dos galhos e das fôlhas e aproximou a mão cobiçosa dos pobres inocentes, que logo ergueram para êle o biquinho guloso. Nesse momento, o menino ouviu pipilos angustiados e o sussurro duma asa que lhe roçou pelo rosto. Depois sentiu que essa asa lhe batia nos olhos e que um bico audaz lhe espicaçava o rosto. Tímido, receoso dessa inesperada agressão, retirou o braço e olhou. Era um tico-tico, a mãe das avezinhas do ninho, que defendia a prole, e continuou a atacar o menino, enquanto êle permaneceu junto à touceira de arbustos. Saindo dali, muito admirado da audácia e da coragem dessa ave minúscula, o menino contou o caso à mãe. E a mãe disse-lhe: "Não há que estranhar, meu filho; essa avezinha faz pelos filhos o que eu faria por ti".

GARCIA REDONDO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *touceira — mal emplumadas — a trama dos galhos — roçar — espicaçar — prole — audácia — ave minúscula.*

2 — Que significam aqui: *desejo inconsciente — a mão cobiçosa — pobres inocentes — o biquinho guloso — pipilos angustiados — um bico audaz?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Divida o trecho em três partes, a saber:

a) *o encontro do ninho;*
b) *a enérgica atitude do tico-tico;*
c) *a explicação da mãe do menino.*

3 — Quais são os fatos narrados em cada uma destas partes?

4 — Como se liga cada uma destas partes à parte seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Por que é êste trecho uma narrativa e não uma simples descrição de pessoa em ação?

3 — Como se pode provar que há, nesta narrativa, *unidade, verossimilhança* e *proporção?*

4 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor, neste trecho.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos às palavras: *constante* — *inconsciente* — *aproximar* — *pobres* — *guloso* — *audaz* — *atacar* — *feraz* — *sáfaro* — *ressarcir* — *labéu* — *sobressalto* — *escorraçar* — *rechaçar*.

2 — Forme, com as palavras indicadas no exercício n.º 1, curtas orações, que terminem com uma comparação.

3 — Dê exemplos de hipérbole, antítese e metáfora.

4 — Cite substantivos, adjetivos e verbos que caracterizem o aspecto e a ação de um galo enraivecido.

5 — Explique a concordância do verbo com o sujeito em: *Nenhum vestígio de sua presença deixou o autor ou autores do crime.* — *Nem um, nem outro falou a verdade.*

6 — Classifique as orações subordinadas do trecho.

7 — Empregue apropriadamente em orações as seguintes palavras: *precípuo* — *primordial* — *primacial*; *sucinto* — *curto* — *apoucado*; *geocentrismo* — *heliocentrismo*; *fulgurar* — *fulminar* — *relampejar*; *vestígio* — *resquício*; *apegar-se* — *aferrar-se* — *afeiçoar-se*; *mendicidade* — *mendacidade*.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai do começo da narrativa até "*pobres inocentes*", fale: *a*) de *um menino que encontra, numa moita de capim, um ninho de galinha cheio de ovos*; *b*) de *um mendigo que quer apanhar um charuto, caído do bôlso dum transeunte*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Conte, numa narrativa semelhante a esta, como você se assustou com o ataque de um galo, ao pretender brincar com os pintainhos, no quintal de sua casa.

16.º Narrativa demonstrativa.

II. — O TESOURO DO MUJIQUE

Certo mujique miserável descobriu, no cemitério da aldeia, ao enterrar a própria mulher, um vaso repleto de ouro e, para tranqüilizar a consciência, contou ao Pope do lugar a sua extraordinária aventura. Êste, que era um velho inescrupuloso e rapace, imaginou, de pronto, um meio de arrancar êsse tesouro ao mujique. Chegando à casa, matou um bode, tirou-lhe a pele, com os cornos e a barba, e, à noite, meteu-se nela, mandou que a mulher a cosesse, e dirigiu-se à cabana do camponês, onde estacou, berrando e dando marradas: "Quem é?" — gritou o mujique, acordando sobressaltado. — "É o Diabo; abre!" — "Isto aqui é um santo lugar" — respondeu o camponês, persignando-se. — "Escuta, velho" — berrou o Pope; — "eu tive piedade de ti quando te vi sem um copeque para o entêrro da tua mulher; dei-te dinheiro e, no entanto, tu o pões fora, esbanjando-o. Anda, entrega-me o meu ouro ou eu levo a tua alma!" O mujique espiou pela fresta da porta e, vendo os cornos do bode, não se ateve em dúvidas; pegou o vaso de ouro, pô-lo fora da cabana, reen-

trando nesta apressadamente, rendendo graças a Deus e a S. Nicolau, por se ter livrado com alma e com vida. Quanto ao Pope, apanhou o tesouro e saiu a galope, rumo de casa. Chegando aí, chamou pela mulher, para que o despisse da pele caprina. A velha trouxe uma faca e principiou a cortar os fios da costura. Mal, porém, cortara o primeiro, o Pope soltou um grito de dor: "Ai! estás me cortando! Não me cortes! Não me cortes!" — A pele do bode havia-se identificado com a do Pope, que ficou sendo bode por todo o resto dos seus dias.

HUMBERTO DE CAMPOS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Que significam as seguintes palavras do texto: *mujique* — *inescrupuloso* — *rapace* — *estacar* — *dar marradas* — *sobressaltado* — *copeque* — *esbanjar* — *ater-se em dúvidas* — *pele caprina* — *havia-se identificado?*

2 — Explique o sentido das seguintes expressões: *tranqüilizar a consciência* — *extraordinária aventura* — *arrancar* — *por se ter livrado com alma e com vida.*

3 — Que diferença há entre *chamar a mulher* e *chamar pela mulher?*

4 — Que representa S. Nicolau para os crentes russos?

5 — Que diferença há entre: *o pôs fora* e *pô-lo fora?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos conta Humberto de Campos nesta página?

2 — Mostre que esta narrativa nos apresenta uma pequenina comédia dramática, com personagens, uma introdução, peripécias e um desfêcho.

3 — Que nos mostra o *princípio* desta comédia? a *continuação?* o *fim?*

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que mais nos desperta a curiosidade nesta narrativa: as personagens, a fantasia do autor, o interêsse demonstrativo ou o estilo? Por quê?

2 — Prove que esta narrativa demonstra que *o mal, cedo ou tarde, sempre é castigado.*

3 — Que podemos pensar do caráter: *a)* do *mujique; b)* do *Pope?*

4 — Com que expressões empresta Humberto de Campos *côr local* a sua narrativa?

5 — Qual é a sua opinião acêrca da capacidade narrativa do autor? Justifique-a.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite palavras da mesma família que: *ciência* — *saber* — *velho* — *campo* — *santo* — *ouro.*

2 — Cite nomes: *a)* de *metais preciosos; b)* de *pedras preciosas.*

3 — Cite verbos que exprimam idéias: de *côr luminosa;* de *refulgência.*

4 — Forme seis sentenças curtas, em que exprima, por meio de figuras, suas impressões pessoais a respeito de gemas e metais preciosos.

5 — Explique a concordância do verbo com o sujeito em: *Já lhe ficava atrás mais de 50 léguas.* — *O rico e o pobre, o orgulhoso e o humilde, ninguém escapa à morte.*

6 — Analise lògicamente o trecho que começa em: *Chegando à casa* e termina em: *É o Diabo; abre!*

7 — Que significam as seguintes palavras: *resplendor* — *resplendência* — *resplandecência* — *rutilância* — *rutilação* — *fulgurância* — *fulgor* — *lampejo* — *coruscação* — *refulgência* — *faiscação?*

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta narrativa, substituindo o *discurso direto* pelo *indireto*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Conte, demonstrando que a *sorte surge, muitas vêzes, nos momentos mais inesperados*, a história dum homem que, desesperado com uma vida de privações e angústias, tenta matar-se por enforcamento, para o que prende sólida corda a um gancho de sua velha casa. Com o pêso do corpo, vem o teto abaixo e, em meio da poeira que se levanta e dos destroços que se abatem sôbre o homem atordoado, rola, tinindo, enorme quantidade de jóias e moedas de ouro.

16.º Narrativa demonstrativa.

III. — A MENINA MÁ

Havia em casa uma cadelinha, côr de ganga, bonita — era uma perfeição. Fiel e boa amiga como quem era, limpa e nédia a não poder ser mais. Era a pérola de espécie canina: só lhe faltava falar. Em mansidão não havia excedê-la. Brincava com as duas meninas como se tivesse entendimento. Deixava-se arrastar, torcer e beliscar pela diabólica Luísa, sem de tudo aquilo se mostrar ofendida; antes, de cada vez lhe lambia mais e mais as mãos, fazendo-lhe festas, com ar queixoso, sim, mas não agastado. Cansada de ver que todos os seus maus tratos não enraiveciam a boa cadelinha, ou talvez inspirada pelo demônio tentador das meninas más — que eu não quero acreditar possa haver maldade bem profunda nestas almas novinhas, ainda de pouco saídas dentre as mãos do Criador — quereis saber o que ela fêz? Sem se importar com os bons conselhos da irmã, que lhe pedia com as lágrimas nos olhos não fizesse tal, pegou de um cordel muito forte, e, chamando a cadelinha com o engôdo de alguns bolos — arrepiam-se-me os cabelos só de pensá-lo — ata-lho à cauda e começa a apertar-lha sem alma, cada vez mais e mais, com muito prazer seu e muitas sentidas queixas da pobre cadelinha, que tôda se torcia e gemia com a grande dor . . . A cadelinha era muito mansa, muito dócil, mas não era de pedra. Afinal secaram-se-lhe tôdas as lágrimas do seu padecer, fugiram-lhe os gemidos dolorosos. Estava já a ponto de desmaiar de puro sofrer, quando, por um instinto de defesa, mais poderoso do que a vontade, por um movimento rápido, muito cego e muito cheio de desesperação, voltou a cabeça e cravou os dentes nas mãos da cruel menina.

MENDES LEAL.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *ganga* — *nédia* — *entendimento* — *agastado* — *engôdo* — *puro sofrer*.

2 — Qual é a significação de: *a não poder ser mais* — *pérola da espécie canina* — *diabólica* — *almas novinhas* — *sem alma* — *não era de pedra* — *as lágrimas do seu padecer* — *fugiram-lhe os gemidos* — *movimento cego?*

3 — Quais são as comparações do texto? Explique-as.

4 — Explique a supressão do *que* nas orações: *não quero acreditar... possa haver maldade — lhe pedia... não fizesse tal.*

5 — Que diferença há entre *pegar um cordel* e *pegar de um cordel? puxar a espada* e *puxar da espada? beber o vinho* e *beber do vinho?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Divida o trecho em três partes, a saber:

a) as *qualidades da cadelinha;*
b) sua *tortura;*
c) sua *reação.*

3 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

4 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Como exprimiu o autor: a) as *qualidades da cadelinha;* b) seus *sofrimentos;* c) seu *instintivo movimento de defesa?*

3 — Que podemos pensar do caráter da menina?

4 — Diga, numa frase expressiva, o que pode esta narrativa demonstrar.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Forme algumas orações curtas, em que entrem as seguintes palavras: *sofrer — padecer — agoniar; tormento — tortura — suplício — sacrifício; angústia — aflição — agonia; prazer — gôzo — alegria; opalino — coralino — esmeraldino.*

2 — Quais são os adjetivos correspondentes a: *crueldade — maldade — tortura — suplício — cão — gato — tigre — cabra — boi — cavalo — ouro — prata — esmeralda — ferro — pedra — marfim — mármore — revivescência?*

— Qual é o étimo de cada uma destas palavras?

3 — Dê exemplos de metáfora, comparação, metonímia e sinédoque.

4 — Cite verbos e adjetivos que dêem idéia de *dor* (Ex.: doer, pungente, etc.).

5 — Classifique as orações subordinadas do trecho.

6 — Empregue apropriadamente em orações curtas: *admitir — demitir — emitir — imitir — omitir.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai do início até *agastado*, fale: a) de um *macaco domesticado;* b) de um *papagaio divertido;* c) de um *gato manso.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Narre, desenvolvendo um plano semelhante ao desta narrativa, a história dum pequerrucho que, por inconsciência, atormenta seu gatinho predileto, até que um dia êste lhe arranha as mãos.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS DEMONSTRATIVAS

— *Narre, segundo planos prèviamente organizados, historietas demonstrativas de que:*

1.º Duro com duro não faz bom muro.
2.º De cruzeiro em cruzeiro se faz um milheiro.
3.º Quem não tem consciência não ofende, por mais que insulte.

4.º A alegria atrai simpatia.
5.º Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
6.º Para pé torto, só chinelo velho.
7.º Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
8.º Pedra que rola não apanha musgo.
9.º Quem não tem cão, caça com gato.
10.º A instrução é a luz do espírito.
11.º A caridade abre as portas do céu.
12.º A economia é a base da prosperidade.
13.º Quem tem bôca vai a Roma.
14.º O amor a tudo vence.
15.º Pela bôca morre o peixe.
16.º A verdade vem sempre à tona.
17.º De pequenino é que se torce o pepino.
18.º Tal pai, tal filho.
19.º Amor com amor se paga.
20.º Sem trabalho a vida é insípida.
21.º Cão que ladra não morde.
22.º Nem tudo o que luz é ouro.
23.º A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.
24.º Em bôca fechada não entram môscas.
25.º Quem corre cansa, quem anda alcança.
26.º Cumpre o teu dever, custe o que custar.
27.º Ama o teu próximo como a ti mesmo e teu será o reino do Céu.
28.º Ajuda-te, que o Céu te ajudará.
29.º A verdade fala pela bôca dos pequenos.
30.º Quem dá ao pobres, empresta a Deus.
31.º Quando o espírito é grande e forte, não se deve temer a morte.
32.º As boas ações enriquecem a alma.
33.º Em casa de ferreiro, espêto de pau.
34.º Gato escaldado tem mêdo de água fria.
35.º Um tambor faz barulho, mas é ôco.
36.º Quem canta, seus males espanta.

TEXTO EXPLICADO

17.º Narrativa dramática.

A MORTE DE ROSA

No seu leito alto e branco, Rosa morria... Os olhos azuis, inexpressivos e tristes, abriam-se como se projetassem em tôrno a derradeira expressão de dor e saudade. O seu corpo desaparecia sob os lençóis, inerte e esguio. Uma das mãos caíra, no último movimento que fizera, sôbre o colo da tia Amélia, que à sua cabeceira tremia e beijava-a na fronte. Uma réstia de sol dourava-lhe os cabelos em desordem, e, no seu rosto, cada vez mais pálido e mais frio, a morte ia imprimindo uma serenidade gelada. A pouco e pouco a respiração diminuía: era apenas um sôpro débil, que parecia vir da garganta num estertor de asfixia, e terminava logo nos lábios descorados. Uma névoa turvava-lhe os olhos que se dilatavam no terror da noite infinita que os envolvia. A bôca moveu-se para articular a última palavra, porém nenhum som perpassou pelo aposento, onde pairava um silêncio de subterrâneo. Enfim, um suspiro doce, breve, macio, fugiu-lhe dos lábios e o seu corpo imobilizou-se para sempre. Para sempre! Para sempre! — Tia Amélia fechava-lhe os olhos, a tremer, a tremer, como se êsse movimento lhe esgotasse, afinal, tôdas as fôrças. E depois, de joelhos à borda do leito, agarrada loucamente à mão branca de Rosa, gemia, esmagada: "Adeus, minha filha! Minha filha!" — Pelo claro aposento corria um frêmito que era ao mesmo tempo de pavor, de tristeza e de desolação, como se aquêle pequenino e extremo suspiro fôsse um brusco vento de tempestade que nos arrojasse no seu ímpeto formidável, dilacerados e exangues, para a suprema tortura de uma dor lancinante. De todos os olhos espontavam lágrimas, de tôdas as bôcas partiam palavras de despedida — e do quarto, do corredor, de tôda a casa, subia, ululante e aflito, o mesmo pranto de desespêro.

AURÉLIO PINHEIRO.

O assunto. — Aurélio Pinheiro faz-nos assistir à agonia e à morte duma jovem, assim como à reação emotiva das pessoas que se achavam presentes.

A composição. — O trecho apresenta uma série de fatos, de gestos ou atitudes que, juntamente com a construção fraseológica, lhe dão cunho narrativo. As frases que parecem puramente descritivas aí se acham para servir de explicação às frases narrativas.

Quanto ao plano de composição, distinguem-se nesta narrativa duas partes:

1.ª) *a agonia e morte de Rosa;*
2.ª) *a dor angustiosa dos familiares da casa.*

Ambas se ligam por meio da repetição dolorosa duma expressão exclamativa (*Para sempre! Para sempre!*), que denota uma explosão de desespêro e com que se finaliza a primeira parte: *seu corpo imobilizou-se para sempre.*

— A transição de uma para outra torna-se, dêste modo, bastante suave.

O interêsse dramático. — A *dramaticidade*, que forma o interêsse desta narrativa, vai-se intensificando gradualmente, desde a descrição pormenorizada da marcha evolutiva da morte, até a crise final de desespêro dos circunstantes.

Assim, entristecemo-nos, ao notarmos:

— a expressão de *dor* e *saudade* dos olhos azuis;
— a *serenidade gelada* que a morte ia imprimindo ao rosto *cada vez mais pálido e mais frio da agonizante;*
— a *respiração estertorosa*, que ia diminuindo aos poucos;
— a *névoa* que lhe turvava os olhos aterrorizados;
— a bôca que se movia como para articular a *última palavra;*
— o derradeiro suspiro e a imobilização do corpo.

Interessa-nos, ainda, a *dor das pessoas* presentes: a velha tia a tremer, sacudida de emoção, seu agoniado adeus maternal, a impressão de pavor, tristeza e desolação que empolgava, naquele ambiente claro, todos os corações, lágrimas que rebrilhavam nos olhos de todos, as palavras soluçantes das despedidas e o pranto aflito e ululante que vibrava na casa tôda, — tudo concorre para nos despertar na alma um vivo sentimento de emoção.

A personagem narradora. — A personagem narradora transparece do pronome pessoal *nos*, que se encontra no final do trecho. Seus sentimentos, ao presenciar aquela morte, traem um estado de alma: o último suspiro da jovem pareceu-lhe desencadear *formidável tempestade*, que arrojou a todos para a suprema tortura de uma *dor lancinante*.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

17.º Narrativa dramática.

I. — A POBRE ESCRAVA

Era uma pobre cativa que saía tôdas as madrugadas a vender pão pelos caminhos. Andava léguas e léguas, por êsse mundo afora, até se esvaziar o balaio que tinha sempre cheio. Se não vendia depressa ou se algum era refugado, havia de ajustar contas com o feitor . . . Andava ferida e acabada, de tanto açoite e tanta canseira . . . Um dia, já tarde, não pudera vender todos os pães, porque alguns, amassados e moles, não acharam comprador, ou eram enjeitados. Voltava para casa, à bôca da noite, pensando nas lágrimas que a esperavam. No caminho começou a ouvir, adiante, uns gemidos, à beira do mato . . . A dor dos outros distrai a nossa. Aproximou-se. Era uma pobre sertaneja, corrida pela sêca, que vinha de longe, carregando um filho e que aí caíra, exausta de fome e de fadiga. Pediu-lhe uma esmola pelo amor de Deus . . . o filho estava morrendo à míngua. Considerou a escrava que havia ainda algum mais infeliz do que ela, alguém que sofria por ver morrer um filho e lhe pedia uma esmola para o salvar. Era mulher . . . arriou o balaio, abriu a baeta vermelha que os envolvia e tirou para a mendiga os pães amassados. Depois, continuou a andar. Pareceu-lhe que tudo mudara . . . estava mais forte . . . já não sofria tanto . . . esperava até o castigo sem temor. Caminhou ainda. Numa volta da estrada a casa maldita, iluminada de luzes sinistras, apareceu-lhe à vista, em frente. Parou . . . chegaria tarde . . . não trazia mais pães, nem trazia o dinheiro de todos êles . . . roubara sem dúvida para comer . . . O castigo seria maior que sempre, porque, além do mais, agora era ladra . . . Morreria sob o açoite. Aquela árvore ali junto do caminho, esgalhada, com um ramo torto, ao alcance, pareceu-lhe um convite para a liberdade. Fêz um laço com a baeta e enforcou-se.

AFRÂNIO PEIXOTO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *balaio* — *refugado* — *feitor* — *enjeitados* — *à míngua* — *arriou* — *baeta* — *esgalhada.*

2 — Que significam aqui as expressões: *por êsse mundo afora* — *ajustar contas* — *à bôca da noite* — *corrida pela sêca* — *exausta de fome e de fadiga* — *a casa maldita* — *luzes sinistras?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?
2 — Divida esta narrativa em três partes, dando-lhes títulos expressivos.
3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes? Responda em orações seguidas, não se limitando, apenas, a enumerar os pormenores.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?
2 — Quais são os fatos que tornam emocionante esta narrativa?
3 — Explique o solilóquio da pobre escrava, sem esquecer o sentido das reticências.
4 — De que modo exprimiu o autor: *a*) o *sofrimento da escrava; b*) sua *bondade?*
5 — Localize êste trecho no romance: "A ESFINGE."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em orações curtas as seguintes palavras: *pobre — mísera — infortunada — desventurada; madrugada — alva — aurora; refugar — rejeitar — enjeitar — recusar — refusar — repudiar; ajustar — acertar; míngua — penúria — carência; considerar — ponderar — meditar; sinistras — tétricas — lúgubres — ferais; involução — evolução — revolução; intercalar — entremear — interferir.*

2 — Dê sinônimos a: *caminho — açoite — canseira — mole — beira — dor — aproximar — morrer — arriar — castigo — temor — iluminar — roubar — ladra — inquinar — espertina — insito — insídia — furna — renitir — entrosar — profligar — calcorrear.*

3 — Forme palavras com o auxílio dos prefixos: *con — retro — super — sub;* com o auxílio dos sufixos: *dria — eira — eda — ês.*

4 — Forme pequenas expressões comparativas com: *pobre — mundo — pão — mole — Deus — dor — forte — torto,* empregando-as em curtas sentenças.
— Qual é o étimo de cada uma destas palavras?

5 — Aponte no trecho as orações adjetivas, indicando-lhes os antecedentes e analisando a função do relativo.

6 — Cite expressões (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, comparações, etc.) que traduzam idéias de *lassidão, fome, desespêro, escuridão* e *misericórdia.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que começa com as palavras "*Era uma pobre cativa*" e termina em "*canseira*", fale: *a*) de *um pequeno vendedor de jornais, maltratado por uma cruel madrasta; b*) de *uma pequena operária, que teme uma contramestra demasiado rigorosa.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Conte a história trágica dum ex-presidiário, a quem a polícia persegue por infundada suspeita de novo crime, e que, fugindo dentro das trevas da noite, faminto e cansado, dá, num gesto de piedade, suas últimas moedas a um mendigo.

17.º Narrativa dramática.

II. — A MORTE DE NUNO GONÇALVES

Quando o trôço dos homens de armas que levavam prêso Nuno Gonçalves, vinha já a pouca distância da barbacã, os besteiros que coroavam as ameias encurvaram as bestas, os homens dos engenhos preparavam-se para arrojar sôbre os contrários os seus quadrelos e virotões,

enquanto o clamor e o chôro se alevantava no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado. Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã; tôdas as bestas se inclinaram para o chão, e o ranger das máquinas converteu-se num silêncio profundo. — "Môço alcaide, môço alcaide!" bradou o arauto, "teu pai, cativo do mui nobre Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantado de Galiza, pelo muito excelente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fora do teu castelo". — Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro, e chegando à barbacã, disse ao arauto: "A Virgem proteja o meu pai; dizei-lhe que eu o espero". — O arauto voltou ao grosso dos soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora o tropel aproximou-se da barbacã. Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saiu dentre os seus guardadores e falou com o filho: . . . — "Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever dum leal alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo ao inimigo, embora fique enterrado debaixo das ruínas dêle?" — "Sei, ó meu pai! . . . Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?" — Nuno Gonçalves clamou então: "Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castelo de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castelo, sem tropeçarem no teu cadáver!" — "Morra!" gritou a almocadém castelhano, "morra o que nos atraiçoou" — E Nuno Gonçalves caiu no chão, atravessado de muitas espadas e lanças.

ALEXANDRE HERCULANO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *o tôpo dos homens de armas* — *barbacã* — *besteiros* — *bestas* — *engenhos* — *máquinas* — *quadrelos* — *virotões* — *arauto* — *alcaide* — *castelo* — *Adiantado* — *o tropel* — *almocadém castelhano.*

2 — Diga o que sabe a respeito de: *D. Henrique de Castela* — *D. Fernando de Portugal.*

3 — Que significam as seguintes expressões: *que coroavam as ameias* — *o povo inerme* — *estava apinhado* — *a vanguarda inimiga* — *o grosso dos soldados* — *sem tropeçarem no teu cadáver?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Em quantas partes se pode dividir esta narrativa? Indique-as no texto, dizendo qual o princípio e o fim de cada uma e dando-lhes, ao mesmo tempo, um título expressivo.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

4 — Localize êste trecho no livro: "LENDAS E NARRATIVAS."

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Tem esta narrativa caráter histórico? Em quê?

2 — Mostre que o interêsse desta narrativa reside na dramaticidade da ação.

3 — Em que empresta o diálogo entre pai e filho maior vivacidade à ação?

4 — Que impressão nos causa cada um dos protagonistas dêste drama?

5 — Em que época se passou a ação da narrativa? Que pormenores nos indicam?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *prêso — encarcerado — agrilhoado; arrojar — arremessar — atirar — pojetar; clamor — brado — gritaria — vozerio; chôro — pranto — lamentação; inerme — desarmado — inofensivo; apinhado — agrupado — reunido; converter-se — transformar-se — metamorfosear-se; silêncio — mutismo — quietude; espinho — aguilhão — acúleo — ferrão — espeque; escorraçar — afugentar — destroçar.*

2 — Cite nomes de armas e engenhos de guerra: *a)* da *Idade Média; b)* dos *tempos modernos.*

3 — Dê sinônimos a: *cativo — temido — rodear — enterrado — ruínas — atraiçoar — atravessado — incitar — açular — condolente — conducente — condicente — desbaratar.*

4 — Cite palavras que traduzam: *a) retinido de armas brancas; b) estampido de fuzis; c) estrondo de peças de artilharia.*

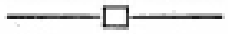
5 — Forme seis comparações com que se possa emprestar vigor descritivo à expressão do aspecto de línguas de fogo, ao saírem das bôcas das peças de artilharia.

6 — Forme três comparações que emprestem vigor descritivo ao aspecto da fumarada que enegrece a atmosfera, durante um combate.

7 — Explique a concordância do verbo com o sujeito nas orações: *quando o trôço dos homens de armas* **vinham** *já a pouca distância — enquanto o clamor e o chôro se* **alevantava** *no terreiro.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no primeiro período desta narrativa, fale: *a)* de *um início de ataque, pelos alemães, às nossas posições, na segunda Guerra Mundial; b)* de *um lance emocionante, numa partida de futebol.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva, recorrendo a suas leituras e a sua imaginação, duas narrativas que tenham por assunto: *a)* o episódio de Greenalgh, na batalha do Riachuelo; *b)* a morte do Cavaleiro de Assás, na véspera do combate de Clostercamp.



TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS DRAMÁTICAS

I. — *Desenvolva as seguintes narrativas, esforçando-se por que a graduação dos fatos sirva para provocar sentimentos gradualmente crescentes:*

1.º **O sucuri.** — Em pleno sertão, passa descuidadamente um homem, seguindo pela margem dum rio de águas remansosas. — Afasta do caminho verdes ramos de árvores, corta com um facão a trama dos cipós. — De repente, tropeça em grosso e luzidio tronco. — Solta um grito de horror, pois o tronco ràpidamente o enlaça. — É um sucuri, que nêle se enrosca e o derruba. — Alucinado, num esfôrço gigantesco, levanta-se para lutar. — Mas a brutal tensão de seus músculos é esmagada pela implacável constrição do sucuri. — O homem tomba de novo e os anéis que o cercam estreitam-se ainda mais. — Estalam-se-lhe os ossos, esguicha-lhe o sangue pela bôca e pelo nariz. — Seus gritos diminuem, tornam-se gemidos, depois estertôres. — A constrição aumenta e o homem morre.

2.º **Acidente de automóvel.** — Nosso carro corria, em regular velocidade, por uma bela estrada, sob um claro sol primaveril. — Estávamos alegres e despreocupados. — De súbito, fomos surpreendidos pelas constantes e impacientes buzinadas do chofer. — Uma carroça ziguezagueava na estrada, sem direção certa; o homem que a guiava devia estar embriagado. — Ficamos inquietos. — O chofer diminuiu a velocidade e procurou, aproveitando-se de um desvio da carroça, passar-lhe ao lado; mas o bêbedo contrariou essa manobra. — Naquele momento, ergui meu coração a Deus e fui tomado

de vertigem; quis gritar, mas então me senti arremessado ao ar, e, quando dei acôrdo de mim, estava deitado ao lado da estrada, com uma perna a sangrar. — A meu lado, gemiam e choravam meus companheiros.

3.º **A batalha de Itororó.** — 6 de dezembro de 1868. — Um dia de grande perigo, que se transformou em memorável triunfo para a nacionalidade. — As fôrças brasileiras, em luta contra a tirania, avançavam para a ponte de Itororó. — Em sucessivas ondas, tropeçam os nossos ante os obstáculos e o fogo inimigo. — No meio do fragor da peleja, o grande Caxias, num lance épico, toma a vanguarda das tropas, bradando: "Sigam-me os que forem brasileiros!" — E os brasileiros, eletrizados, conquistam a dura vitória de Itororó.

4.º **O martírio dos cristãos.** — O circo, construído inteiramente de madeira sob a direção dos célebres arquitetos Severus e Céler, era dotado de extraordinárias dimensões. — O povo, que lhe ocupava as arquibancadas, ao longo das quais corriam canais de água gelada das montanhas a fim de manterem em todo o edifício uma temperatura agradável, conversava em altas vozes, comentando os lances mais emocionantes do último combate, travado entre um reciário e um gladiador, cujo sangue um belo jovem, no recinto, recobria de areia branca. — Imenso velário de púrpura interceptava os raios solares. — Por entre as fileiras dos assentos tinham sido dispostos incensórios, em que ardiam aromas da Arábia. — Engenhoso aparelho fazia chover sôbre os espectadores um contínuo orvalho de açafrão e verbena. — Nos camarins de luxo, Nero conversava com os nobres, dirigindo-se, por vêzes, às vestais. — Os rugidos das feras famintas, que farejavam exalações humanas, ressoavam furiosas, de quando em quando. — De repente, rangeram as portas de ferro e, nos corredores sombrios, retumbou o grito dos mastigóforos: "Para a arena!" — Os cristãos correram para o centro e aí se ajoelharam. Do meio do bando, saíram vozes que cantavam e ressoou um hino: "Cristo reina!" — Abrem-se as portas das jaulas e os leões entram, um a um, como que fascinados pela claridade avermelhada que inundava o ambiente. — Uma das feras aproxima-se de um cristão, que traz nos braços uma criança. O menino chora, apavorado. O leão, soltando rouco bramido, esmaga-lhe com uma patada a cabecinha. — Tôdas as feras se atiram então aos mártires; êstes são despedaçados, arrebentados: e no meio da sangueira e das vísceras arrancadas, ouve-se estalar os ossos, triturados pelos dentes dos animais. — Alguns leões agarram as vítimas nos flancos ou nas costas, correm pela arena em saltos vertiginosos, procurando um lugar retirado para devorá-las; outros se batem e fazem estremecer o anfiteatro com rugidos semelhantes a trovões. Nero venceu na terra? Muitos espectadores do terrível drama julgam ver descer do Céu uma multidão de anjos luminosos, que recolhem carinhosamente as almas dos mártires cristãos...

II. — *Recorrendo a reminiscências de suas leituras, componha uma narrativa dramática, que tenha por assunto:*

1.º O suplício de Prometeu, que, por ter roubado o fogo do céu, foi acorrentado por Vulcano no alto do Cáucaso, onde um abutre lhe devorava o fígado.

2.º Hércules, torturado pela túnica de Néssus, faz-se consumir por uma fogueira, no cume do monte Oeta.

3.º O desespêro de Hécuba, ao assistir à morte de seu netinho Astianax, assassinado por Ulisses.

4.º A morte de Sócrates.

5.º O assassínio de Júlio César, no senado Romano, ao pé da estátua de Pompeu.

6.º A morte de Ugolino Della Gherardesca, com seus filhos, na tôrre que lhes serviu de prisão.

7.º A morte de Roldão em Roncesvales.

8.º A execução de Maria Stuart.

III. — *Componha uma narrativa dramática ou emocionante com um episódio de:*

1.º A retirada de Laguna.

2.º A batalha de Riachuelo.

3.º As guerras holandesas.

4.º Os Bandeirantes.

5.º A chegada ao Brasil dos feridos da Fôrça Expedicionária Brasileira.

TEXTO EXPLICADO

18.º Narrativa humorística.

O SONÂMBULO

Certo indivíduo, conhecido como vivedor, aboletou-se, no caminho de sua vida, no solar dum homem bonacheirão e ábastado, que lhe abrira as portas para um descanso ligeiro. Nos primeiros dias, o dono suportou galhardamente o hóspede, oferecendo-lhe o melhor trato, fornecendo-lhe a melhor cama, o melhor vinho, os melhores charutos. Passada, porém, a primeira quinzena, começou a pensar em um meio, que não fôsse grosseiro, de livrar-se do importuno, e achou-o. Tinham os dois acabado de almoçar e repousavam, lendo jornais e fumando "havanas", à sombra das árvores. De repente, o hospedeiro recosta-se pesadamente na cadeira, cerra os olhos, deixa cair a fôlha e o charuto, simulando um sono profundo. E, como em sonho, principia a falar: "Vejam só: que maçada! Êsse cavalheiro vem, aloja-se em minha casa, come, bebe, fuma, diverte-se, e nada de entender que sua presença já me está sendo desagradável! Será possível que êle não compreenda isso?" — E, soltando um suspiro, pulou da cadeira, esfregando os olhos: "Que diabo! É eu dormir depois do almôço, vêm-me logo os pesadelos. E que sonho mau tive eu! Parece até que falei alto, não?" — E o outro, que de cenho cerrado, prestava atenção a tudo: "É exato; você estêve para aí falando; e eu, como vi que se tratava de cousas de sonho, procurei não ouvir para não ser indiscreto. As palavras dos homens só têm valor, mesmo, quando êles as proferem acordados". — E o hóspede continuou na casa por mais três anos e quatro meses, isto é, até a transferência da propriedade, comendo do melhor prato, dormindo na melhor cama, bebendo do melhor vinho, fumando os melhores charutos.

HUMBERTO DE CAMPOS.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Maçada — *aborrecimento.*
Sonâmbulo — *pessoa que anda, dormindo. Por extensão, pessoa que age, dormindo (fala, pula, come, etc.).*
Vivedor — *que é solícito em tratar de sua vida, em agenciar os meios de subsistência.*
Aboletar-se — *alojar-se.*
Bonacheirão — *homem, cujos traços característicos são a bondade e a simplicidade.*
Galhardamente — *gentilmente, com elegância.*
"Havanas" — *charutos finos, fabricados de início em Havana.*
Pesadelo — *sonho mau.*
Simular — *fingir.*
No caminho de sua vida — *no decurso de sua vida.*
Abrir as portas a alguém — *recebê-lo.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

— É a história de um homem tímido que, para se ver livre de um explorador importuno, recorre a um ardil ingênuo e cômico, sem resultado algum, aliás.

2 — De quantas partes se compõe esta historieta?

— Compõe-se esta historieta, de acôrdo com o plano de composição, de três partes:

a) a *recepção* feita ao parasita: o dono da casa recebe-o e dá-lhe bom passadio, julgando que a hospedagem seria de pouca duração;

b) o *estratagema* do anfitrião: consiste em simular um sonho, no qual disse o que pensava do importuno e indesejável hóspede;

c) o *cinismo* do hóspede, que fingiu nada ter ouvido.

3 — Por meio de que expressões indicou o autor o bom passadio em casa do hospedeiro?

— Êle apenas empregou expressões de sentido geral e indeterminado: *melhor cama, melhor vinho, melhores charutos.*

4 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte e, desta, para a terceira?

Da primeira para a segunda, nota-se uma transformação nos sentimentos do dono da casa: a princípio alegre ou aparentemente alegre, desfaz-se em desvelos pelo hóspede, a quem proporciona o máximo confôrto; passando-se dias, porém, aborrece-se de sua atitude e pensa num modo de se livrar dêle. Da segunda para a terceira, a transição decorre do cinismo do homem, que não deseja partir e que se prevalece do próprio estratagema de seu hospedeiro, para fingir que não atribui valor algum a palavras proferidas em sonho...

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

— O interêsse está em seu caráter anedótico.

2 — Que impressão nos causa cada um dos protagonistas desta historieta?

— O dono da casa produz impressão de uma criatura de bondade extrema, sem energia, e tão tímido que chega a lançar mão de recursos ridículos.

— O hóspede é um parasita ousado, espertalhão e cínico.

3 — Que impressão geral nos causa esta narrativa?

— A impressão geral deve ser proveniente do choque entre os temperamentos das duas personagens, o que provocou uma situação cômica, porque expôs ao ridículo o hospedeiro.

Essa situação cômica deriva dum contraste: a *gravidade* dum homem de idade madura, como era o hospedeiro, e a *infantilidade* de seu estratagema.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

18.º Narrativa humorística.

I. — O ORADOR ATRAPALHADO

Espoucam foguetes no ar, convocando o povo para o comício. Os manifestantes, ao compasso da banda municipal, conduzem o deputado Eumolpo Peçanha do Centro Cívico 15 de Novembro para o peristilo da Prefeitura. Os bombachudos, disseminados em grupos, não se fartam de dar vivas sem repercussão. O ambiente é mais de expectativa do que de entusiasmo. Do lado de fora do quiosque as mesas estão literalmente ocupadas de curiosos, que aguardam, indiferentes, o início dos discursos. A banda cessa de tocar. Silêncio. O promotor, na sua fatiota preta destinada às grandes cerimônias, sobe a uma armação de madeira, improvisada em tribuna, corre os olhos sôbre aquela reduzida multidão, prepara a garganta e mete a mão no bôlso de dentro do casaco, à procura dos papéis. Não os encontra do lado esquerdo. Simulando calma, procura-os do outro lado. Também não estão ali. Começa a impacientar-se. Suas mãos entram em atividade nos bolsos de fora. Nada. Repete a busca, agitado. Ouvem-se murmúrios na multidão. Nervosismo nas escadarias. O orador vai ràpidamente perdendo todo o contrôle de si mesmo. Agita desesperadamente os bracinhos curtos, bate no peito com as duas mãos, apalpa-se nas ancas, volta a bater com fôrça no peito. Uma voz de moleque parte do meio do povo: "Fiquem quietos que êle vai cantar . . . !"

VIANA MOOG.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Que significam as seguintes palavras do texto: *espoucam* — *comício* — *peristilo* — *os bombachudos* — *ambiente* — *expectativa* — *quiosque* — *fatiota* — *tribuna* — *contrôle?*

2 — Que significação têm aqui as expressões: *ao compasso da banda* — *vivas sem repercussão* — *estão literalmente ocupadas* — *as grandes cerimônias* — *corre os olhos* — *prepara a garganta* — *entram em atividade?*

3 — Substitua, no texto, o verbo *ouvem-se* por outro mais expressivo.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Em quantas partes se pode dividir esta narrativa e quais são elas?

3 — Qual é o conteúdo de cada parte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Mostre como as frases e orações curtas dão mais vivacidade a esta narrativa e servem para manter em suspenso a curiosidade do leitor.

3 — Estude as expressões com que o autor descreve as atitudes e as ações do orador.

4 — Demonstre como esta narrativa foi, quanto ao desenvolvimento e ao desfêcho, construída como uma anedota humorística.

5 — Localize êste trecho no romance: "UM RIO IMITA O RENO."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *espoucar — explodir — estalar — estrugir — ribombar; comício — assembléia — reunião; disseminados — esparsos — espalhados; expectador — espectador; simular — fingir — aparentar; inspissar — engrossar — condensar; furna — gruta — caverna; tasquinhar — debicar.*

2 — Dê sinônimos a: *conduzir — aguardar — início — cessar — faliota — reduzida — encontra — calma — agitada — murmúrios — ràpidamente — quietos — inquirir — perquirir — indagar — sugerir — incutir — percutir — adunar — escorraçar — chibatar — fruir — invicto — insípido.*

3 — Com o auxílio do sufixo **mente**, transforme em advérbios os adjetivos: *populoso — aéreo — entusiástico — curioso — grande — simples — bom — cômodo — instantâneo — insidioso — sub-repticio.*

4 — Cite palavras que digam respeito: *a) a cousas de teatro* (palco, cenário, ribalta, etc.); *b) à aflição duma pessoa* (expressão do rosto, dos olhos, gestos, etc.).

5 — Explique a concordância verbal em: *El-rei com a rainha Dona Isabel, sua mulher, entraram na sala do trono. — Deus ou o demônio torceu-lhe os desígnios.*

6 — Analise lògicamente: *Ouvem-se murmúrios na multidão.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai do comêço do trecho até "*discursos*", fale: *a) de um alegre comício de estudantes; b) de um "trote" de estudantes.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Conte, num tom humorístico, o episódio de um ator que, no auge do drama, se esquece sùbitamente de seu papel.

18.º Narrativa humorística.

II. — TRAVESSURAS

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino-diabo"; e verdadeiramente não era outra cousa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça duma escrava, porque me negara uma colher do doce de côco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guiza de freio, eu trepava-lhe no dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e êle obedecia, — algumas vêzes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nho-

nhõ!" — ao que eu retorquia: "Cala a bôca, bêsta!" — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas dêste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vêzes me repreendia, à vista da gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

MACHADO DE ASSIS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *alcunha* — *maligno* — *arguto* — *traquinas* — *voluntarioso* — *malefício* — *tacho* — *pirraça* — *fustigar* — *matronas* — *façanhas* — *jaez*.

2 — Que significam aqui as expressões: *do meu tempo* — *quebrei a cabeça* — *o meu cavalo de todos os dias* — *dava mil voltas* — *rabos de papel* — *pessoas graves* — *o rabicho das cabeleiras* — *gênio indócil* — *espírito robusto* — *simples formalidade?*

3 — Explique a colocação do pronome *me* na oração subordinada causal: *porque meu pai tinha-me em grande admiração.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos conta Machado de Assis nesta narrativa?

2 — Divida esta narrativa em quatro partes, a saber:

a) o *menino-diabo;*
b) o *doce de côco;*
c) o *"cavalo" de todos os dias;*
d) as *expressões de um espírito robusto.*

3 — Qual é o conteúdo de cada parte desta narrativa?

4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

5 — Procure êste trecho em: "MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS."

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que mais nos interessa nesta narrativa?

2 — De que modo traça o narrador seu próprio perfil moral? E em que época de sua existência?

3 — Com que expressões descreve êle:

a) suas *traquinices;*
b) sua *maldade infantil?*

4 — Que quer o narrador dizer com a oração: *e eu tinha apenas seis anos?*

5 — Qual é a nota cômica desta narrativa?

6 — Que impressão nos causa êsse menino? E o pai dêsse menino? Por quê?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *travêsso* — *traquinas* — *turbulento* — *buliçoso; arguto* — *fino* — *sutil; voluntarioso* — *caprichoso* — *birrento; fustigar* — *açoitar* — *verberar* — *flagelar; retorquir* — *retrucar* — *replicar; convelir* — *deslocar* — *subverter.*

2 — Dê sinônimos a: *escrava* — *contente* — *deitar* — *travessura* — *trepar* — *dorso* — *esconder* — *graves* — *façanhas* — *jaez* — *indócil* — *robusto* — *repreender* — *enxotar* — *empêço* — *iludir* — *eludir* — *ilidir* — *elidir* — *ditério* — *chufa* — *genuflexo* — *engodar* — *embair.*

3 — Com o auxílio do sufixo *mente*, transforme em advérbios os adjetivos: *maligno* — *arguto* — *indiscreto* — *voluntarioso* — *grave* — *indócil* — *robusto* — *particular*.

4 — Empregue no sentido figurado, em orações curtas: *voar* — *correr* — *murmurar* — *gemer* — *morrer* — *arder* — *gelar* — *ensangüentar*.

5 — Explique a concordância verbal em: *Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres penetraram na caverna.*

ELOCUÇÃO. — Faça a reprodução oral dêste excerto, mudando a pessoa para *nós*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Conte em tom humorístico, inspirando-se no plano de composição desta narrativa, um episódio de sua infância.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS HUMORÍSTICAS

1.º **Uma briga.** — Caminhando displicentemente por uma calçada, vem elegante cavalheiro, que estaca sùbitamente, para acender um enorme charuto. — Atrás dêle, vem, descuidoso, um operário, que carrega comprida tábua. — De repente, a tábua bate no belo chapéu do homem, atirando-o todo amassado a uma poça de água. — Volta-se o cavalheiro, furioso, e invectiva o operário, que arremessa ao chão a tábua e o ameaça com os punhos. — Trocam-se sôcos, engalfinham-se ambos. — Cerca-os uma multidão curiosa. — Acorrem guardas-civis. — E, então, os dois homens apanham os chapéus e retiram-se, de braços dados, dizendo aos basbaques que os rodeiam: "Evitem as brigas, tomando todos os dias dois ou três chopes da Antártica, que acalmam os nervos e alegram o coração".

2.º **Uma desobediência.** — Estávamos na estação ferroviária, para nos despedirmos de alguns parentes que iam viajar. — Esperando a hora da partida, na plataforma atopetada de gente, todos trocavam recomendações, promessas de cartões-postais, etc. — Meu irmãozinho Luís, a quem aborreciam essas demonstrações, nada achou mais interessante do que entrar num vagão e brincar com os passageiros. — Papai repreendeu-o, fê-lo sair; mas, escapando a nossa vigilância, êle tornou a entrar no vagão. — Eis que retine a campainha, vão todos para seus lugares, apita a locomotiva e põe-se o trem em movimento; brada-se um último adeus, agitam-se mãos em despedida, quando, de repente, vemos aparecer numa janela um rostinho convulso, que grita de desespêro. — Era Luizinho que partia, sem o querer, para uma viagem inesperada.

3.º **Um susto.** — Deitara-me já tarde da noite, impressionado com a leitura emocionante duma novela policial. — Tinha pendurado meu terno num cabide, perto de uma janela, que eu deixara aberta por causa do calor. — Meu sono, agitado, foi de curta duração. — Acordei sobressaltado, sob a pressão dum terrível pesadelo, e qual não foi meu terror, vendo delinear-se uma silhueta ameaçadora dentro da claridade indecisa que vinha da janela! — Quis gritar, mas pavorosa angústia me sufocava. — Consegui, enfim, estender o braço e premer o botão elétrico. — Jorrou a luz, profusa, e reconheci, então, ainda arquejante, meu inofensivo terno, que minha imaginação transformara em espantalho.

4.º *Componha uma narrativa humorística, que tenha por assunto:*

1 — Um colega espirituoso.
2 — Um papagaio engraçado.
3 — Um palhaço de circo.
4 — Um episódio dum filme de Carlitos (ou doutro cômico qualquer).
5 — Um episódio dum filme do Gordo e do Magro.

TEXTO EXPLICADO

19.º Narrativa com reflexões.

O ESCRAVO

Do taquaral à sombra, em solitária furna,
(para onde, com tristeza, o olhar curioso alongo)
sonha o negro, talvez, na escuridão noturna,
com os límpidos areais das solidões do Congo.

Ouve-lhe a noite a voz tristíssima e soturna,
num profundo suspiro, entrecortado e longo;
é o rouco, surdo som, zumbindo na cafurna,
é o urucongo a gemer na cadência do jongo.

Bendito sejas tu, a quem, certo, devemos,
a grandeza real de tudo quanto temos!
Sonha em paz! Sê feliz! E eu que fique de joelhos:

Sob o fúlgido céu a relembrar, magoado,
que os frutos do café são glóbulos vermelhos
do sangue que escorreu do negro escravizado.

CIRO COSTA.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste sonêto?

— Neste sonêto, o poeta exalta a figura humilde e enternecedora de um negro escravo, que, dentro da noite enluarada, evoca com nostalgia sua terra africana.

2 — Divida êste sonêto em partes, dando-lhes títulos expressivos.

— De acôrdo com o plano de composição do autor, o assunto geral desenvolve-se em tôrno de quatro idéias essenciais, que são:

a) o sonho do negro;
b) as vozes da África;
c) a bênção do poeta;
d) as bagas rubras do café.

3 — Que contém cada uma destas partes?

— Na *primeira parte*, o olhar curioso do poeta descobre, numa solitária furna e à sombra de um taquaral, um negro que parece sonhar com os claros desertos do Congo.

— Na *segunda*, enche-se a noite de seu canto triste e surdo; suspirando saudosamente, evoca o antigo escravo os sons roucos que vibram nas cavernas de sua terra natal e em seu espírito perpassa a visão de um quadro: seus companheiros selvagens dançando o jongo.

— Na *terceira*, abençoa-o comovidamente o poeta, por ter criado a grandeza agrícola do Brasil.

— Na *quarta*, o autor, ajoelhado à luz dos astros noturnos, recorda, magoado, o sofrimento dos escravos, cujo sangue lhe parece ter-se transformado nas bagas vermelhas do café.

4 — Como poderíamos englobar em duas estas quatro partes?

Focalizando as personagens com suas ações e sentimentos, isto é:

a) o negro cantando, nostálgico;
b) o poeta emocionado.

5 — Estude, em poucas palavras, a metrificação dêste sonêto.

— Versos alexandrinos; acento predominante na 6.ª e na 12.ª sílaba: cesura após a 6.ª sílaba; rimas graves dispostas alternadamente (exceção feita nos dois primeiros versos do primeiro tercêto); "enjambements".

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Por que imagina Ciro da Costa que as bagas rubras do café são glóbulos de sangue do negro escravizado?

— Porque os escravos, quando punidos, eram muitas vêzes açoitados até o sangue: imagina o poeta, então, que a terra absorvia êsse sangue precioso, para, generosamente, fazê-lo irromper nos frutos maduros do café.

2 — Que simboliza êsse negro? Por que o abençoa o poeta, com emoção?

— Simboliza tôda a escravidão, com suas qualidades sonhadoras e seu trabalho rude e incessante: o próprio poeta o eleva às alturas de um símbolo, quando, ajoelhado reverentemente, o abençoa e estende essa bênção a todos os negros, que fecundaram a terra com um labor insano e seu próprio sangue, engrandecendo econômicamente o Brasil.

3 — Como exprime o autor os sons da África?

— Exprime-os por meio da **onomatopéia**. Assim, o terceiro verso do segundo quarteto imita, pela alternação ou combinação de *ss*, *zz* ou *rr*, o silvo rouco do vento nas grandes cavernas. No último verso do mesmo quarteto, alternam-se sons fracos e sons fortes, imitando, numa cadência ritmada, o bater dolente do urucongo (*é o urucongo a gemer na cadência do jongo*). — **Urucongo**: espécie de bombo grosseiro usado pelos negros. — **Jongo**: dança africana.

4 — Explique o sentido das inversões de têrmos de oração que se encontram no texto.

— As inversões de têrmos decorrem duma necessidade artística de harmonia ou de realce. Neste sonêto, as principais são:

Do taquaral à sombra: colocando-se em primeiro lugar *taquaral*, chama-se a atenção do leitor para o pormenor pinturesco mais importante. Além disto, a transposição de sons, acarretada pela inversão, traz mais harmonia ao verso.

O olhar curioso alongo: esta inversão põe em destaque a curiosidade do poeta, que lhe fêz buscar o assunto para sua poesia.

Sonha o negro: o sonho é a idéia mais importante do verso e, por êste motivo, o verbo que o exprime vem em primeiro lugar.

Ouve-lhe a noite: a noite parece prestar atenção à cantilena plangente do negro; o verbo em primeiro lugar mostra-nos essa atitude.

Bendito sejas tu: embora sejam freqüentes as inversões nas orações optativas, nota-se fàcilmente que a idéia principal, a *bênção*, está em primeiro lugar.

5 — Que impressão nos causa êste sonêto?

— A de um belo quadro, em que há perspectiva, luz, sombra, formas, côr e relêvo, tocados de profundas notas de emoção, tristeza e nostalgia. Os versos são notàvelmente harmoniosos, graças à riqueza de sons que se combinam e alternam.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

19.º Narrativa com reflexões.

I. — ARTAXERXES E DEMÓCRITO

Artaxerxes, rei, sentiu com tal extremo a morte de um seu amigo que pretendeu ressuscitá-lo, e, ouvindo os retumbantes ecos da grande ciência de Demócrito, o chamou a si desde Jônia. — "Dificultosa cousa pedes, ó rei, disse o filósofo afetando sisudeza, e dissimulando a impossibilidade; porém, se fizeres o que eu te disser, confio, poderei obrar o que me mandas." — Prometeu o rei tudo, assinando em branco, e parecendo-lhe que já via o seu desejado amigo saltar da sepultura. — "Eia, disse Demócrito, escrevam-se no túmulo do defunto os nomes de trinta homens que chegassem aos vinte anos de sua idade sem padecer queixa alguma, nem no corpo, nem na alma, e logo ressuscitará." — Mandou o rei fazer logo a diligência; porém até o fim do mundo poderia continuar-se sem efeito; porque de semelhantes privilégios não há um só, quanto mais trinta. E, se ainda antes de nascermos já todos somos miseráveis, qual será o que no encerramento das suas contas não lhe passe a despesa do que padece pela receita do que vive? No mundo todo não há mais que três classes de homens: uns inocentes; outros pecadores, mas já arrependidos; e outros pecadores, mas ainda obstinados. E para que todos soubessem que haviam de ter cruz, três cruzes se arvoraram no monte Calvário; uma para Cristo, e esta toca aos inocentes; outra para Dimas, e toca aos arrependidos; outra para Gestas, e toca aos obstinados.

Padre MANUEL BERNARDES.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *extremo* — *filósofo* — *afetando sisudeza* — *queixa* — *diligência* — *privilégios* — *receita* — *obstinados* — *arvorar.*

2 — Que significa cada uma das seguintes expressões: *os retumbantes ecos* — *assinando em branco* — *o encerramento das suas contas* — *haviam de ter cruz?*

3 — Diga o que sabe acêrca das personagens citadas nesta narrativa.

4 — Onde estava situada a Jônia?

5 — Como se explica o emprêgo da preposição *desde*, em vez de *de*, na expressão *o chamou desde Jônia?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

2 — Divida esta narrativa em duas partes, dando-lhes títulos expressivos.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

4 — Como se faz a transição da primeira parte para a segunda?

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?
2 — Que havia de absurdo no pedido do rei?
3 — Como respondeu o filósofo para não magoá-lo, nem lhe incorrer na cólera?
4 — Por que já somos todos miseráveis antes de nosso nascimento?
5 — Que quer o autor dizer com as expressões comerciais de que se serve?
6 — Qual é o símbolo do sofrimento para tôda a humanidade?
7 — Explique o sentido profundo do último periodo dêste trecho e diga quais são as figuras que nêle se encontram.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *extremo* — *morte* — *retumbante* — *dificultosa* — *afetar* — *sisudeza* — *mandar* — *sepultura* — *defunto* — *padecer* — *convelir* — *vilta* — *zimbrar* — *cinorréia* — *delgado* — *cômputo* — *descanso* — *empelota* — *empíreo* — *candente* — *cadente* — *comburente* — *combusto* — *escravo* — *imberbe*.

2 — Cite palavras da mesma família que: *corpo* — *rei* — *fim* — *mundo* — *miserável* — *conta* — *classe* — *homem* — *monte* — *cruz*.

3 — Quais são os verbos que correspondem a: *eco* — *branco* — *nome* — *alma* — *efeito* — *despesa?*

4 — Forme pequenas expressões comparativas, em que entrem, como segundo têrmo, as palavras: *rei* — *morte* — *sepultura* — *mundo* — *cruz* — *monte*.

5 — Explique a concordância verbal em: *Uma das cousas que mais me* **espantou**. — *Fui também o primeiro que* **mostrei** *êste engano.* — *Fui eu quem* **escreveu** *esta carta.* — *Nem eu, nem ninguém* **tem** *anos nem dias.*

6 — Estude, no texto: *a) o emprêgo do infinitivo; b) as orações subordinadas conjuncionais.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que começa em "*No mundo todo*" e termina em "*toca aos obstinados*", fale: de *três grupos de crianças — dóceis, traquinas e rebeldes — para as quais se preparam três diferentes árvores de Natal.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Conte uma historieta, que se preste a reflexões sôbre o patriotismo (por exemplo: o episódio da heroína Maria de Sousa, que, tendo perdido três filhos e um genro na luta contra os holandeses, instigou os dois últimos filhos, crianças ainda, a empunhar a espada para servir a Deus, a El-Rei e à Pátria).

19.º Narrativa com reflexões.

II. — A MORTE DE UM HERÓI

Todos os esforços que fêz o intrépido barão do Cêrro Largo para conter os seus soldados, foram inúteis. A carga do inimigo seguiu-se o completo destrôço dos bravos e infelizes voluntários, que, confundidos com os orientais, vieram sôbre a segunda divisão. Esta, não podendo distinguir os contrários dos amigos, formou quadrado e rompeu o fogo sôbre a massa desordenada e confusa que lhe vinha em cima, sendo nessa ocasião mortalmente ferido o velho barão do Cêrro Largo. Poucos momentos depois expirava o nosso bravo, com a mesma serenidade de ânimo com que tantas vêzes se arrojara aos perigos dos combates. Assim terminou sua carreira gloriosa êsse distinto veterano. A vida, que inteira consagrara

à Pátria, devia ser também sacrificada a ela, e, de feito, sua espada só deixou de combater quando a mão que a brandia tombou desfalecida. Com tantos serviços, com tantas glórias, com tantas virtudes, tanta abnegação e civismo, o ilustre barão do Cêrro Largo teve, nos últimos dias de sua vida, como prêmio e recompensa, a ingratidão e o esquecimento do govêrno do seu país! Bem o disse Madame de Sévigné: "Há serviços tão grandes e tão importantes que só a ingratidão os pode pagar!" Mas acima das fragilidades e misérias dos contemporâneos, acima de seus ódios e de seus erros, eleva-se um dia o juízo da posteridade, sempre sereno, inflexível e imparcial; e a posteridade, pode-se já dizê-lo, há de destinar a tão exímio cidadão e a tão ilustre vítima um lugar entre os mais gloriosos e prestantes filhos da terra de Santa Cruz.

BARÃO DO RIO BRANCO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *herói* — *intrépido* — *os orientais* — *se arrojara* — *veterano* — *brandia* — *abnegação* — *civismo* — *contemporâneos* — *severo* — *inflexível* — *a posteridade* — *prestantes.*

2 — Que significam aqui as expressões: *completo destrôço* — *formou quadrado* — *rompeu fogo* — *a massa desordenada e confusa* — *serenidade de ânimo* — *a mão tombou desfalecida* — *o juízo da posteridade* — *exímio cidadão* — *ilustre vítima?*

3 — Quem foi Madame de Sévigné?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos diz o autor nesta página?

2 — Divida esta narrativa em duas partes, a saber:

a) *o combate;*

b) *reflexão do autor* em tôrno da personalidade do barão de Cêrro Largo.

3 — Que contém cada uma destas partes?

4 — Como se liga a primeira parte à segunda?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Por que os soldados da segunda divisão atiraram contra os próprios patrícios?

3 — Que qualidades demonstrou possuir o barão do Cêrro Largo?

4 — Que reflexões faz o autor a respeito dos méritos do herói morto?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *intrépido* — *destrôço* — *infelizes* — *distinguir* — *expirar* — *serenidade* — *arrojar* — *combater* — *desfalecida* — *ilustre* — *esquecimento* — *copioso* — *licnóbio* — *leptoprosopo* — *leptorrino.*

2 — Empregue apropriadamente, em curtas orações: *conter* — *deter; inimigo* — *adversário; gloriosa* — *triunfal; consagrar* — *devotar* — *dedicar; abnegação* — *renúncia; civismo* — *patriotismo; fragilidade* — *debilidade; fome* — *apetite* — *cinorréia; derrotar* — *desbaratar* — *destroçar; abalar* — *abalroar* — *atropelar; derruir* — *derrocar* — *desmoronar* — *solapar* — *esbarrondar.*

3 — Empregue em sentido figurado: *soldado* — *inimigo* — *fogo* — *combate* — *espada* — *mão* — *vítima* — *hóstia* — *verdugo* — *empíreo* — *bulímia* — *obtuso.*

4 — Conjugue os verbos *poder, seguir* e *rir.*

5 — Aponte, no texto, as orações subordinadas adjetivas.

6 — Explique a concordância verbal em: *A maior parte dos nossos usam de pão amassado.*

7 — Cite expressões que traduzam: *a*) estampidos; *b*) tropel; *c*) ruído de quedas; *d*) gemidos e gritos.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor nos três primeiros períodos desta narrativa, fale: *a*) de *três grupos de meninos, brincando de "guerra"*; *b*) de *uma partida de futebol.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Durante a segunda conflagração mundial, houve um dia, na Itália, em que as tropas alemãs, contra-atacando, se confundiram com as tropas brasileiras, num tremendo corpo-a-corpo. Componha uma pequena narrativa sôbre êste assunto, fazendo reflexões sôbre o heroísmo de nossos jovens soldados.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS COM REFLEXÕES

Desenvolva os seguintes assuntos, completando o relato dos fatos com reflexões apropriadas; mas evite inserir, apenas, reflexões numa narrativa. A composição e a seqüência das idéias devem preparar as reflexões; e é preciso fazer de modo que essas reflexões sejam as que nós próprios faríamos, se quiséssemos exprimir nossa opinião a respeito dos fatos que nos são expostos:

1.º **A cachoeira.** — Subíamos por um desfiladeiro, ainda úmido da tempestade que caíra. — Paramos, encantados, diante duma cachoeira. — Suas águas escachoantes tombavam, rugindo, de grande altura, e mergulhavam num mundo de brancas e fervilhantes espumas, sôbre as quais se encurvava rútilo arco-íris. — Perto havia uma usina elétrica e grossos tubos rastejavam no solo. — E a água colérica, aprisionada e canalizada, fazia girar os dínamos, que roncavam sob as telhas vermelhas. — Adeus, encantamento! — Ali chegara o homem, armado de sua ciência, para escravizar a natureza.

2.º **As formigas.** — Passeando certa tarde por um bosque verde e cheiroso, em cujo solo esverdinhado e úmido dançavam, de espaço a espaço, rendilhados de sol, sentei-me num velho tronco de árvore, à beira de um córrego, para descansar. — Voejavam, no ar puro, bandos multicores de borboletas, e, pássaros, escondidos na folhagem, gorjeavam triunfalmente. — Baixei os olhos, pensativamente. — A meus pés, vi um formigueiro trabalhando. — Interessei-me vivamente pelas ações daqueles animaizinhos industriosos; e admirei as leis daquela sociedade animal tão bem organizada, na qual não há lugar para os ociosos e em que cada indivíduo deve realizar pontualmente uma tarefa necessária ao bem comum.

3.º **As andorinhas.** — Assisti um dia, da janela de casa, à partida rumorosa das andorinhas, que iam em busca dum clima quente, fugindo aos rigores do inverno. — Era de manhã. — O céu, cinzento, recobria a atmosfera saturada de brumas frias. — Os telhados e os fios telefônicos estavam cobertos de avezinhas que chilreavam e esvoaçavam. — De repente, como se fôsse dado um sinal, elas partiram, em bando compacto, rumo ao norte. — Acompanhei-as, em pensamento, no vôo, e comecei, de imaginação, a ver as regiões que elas iam atravessar.

4.º **O cão fiel.** — Contaram-me um fato extraordinário. — Um de meus amigos tinha um cão, do qual desejava desembaraçar-se. — Enviou-o, de presente, a um primo, que morava noutra cidade, a cêrca de 300 quilômetros de distância. — Cinco ou seis dias depois, o pobre animal, que fôra despachado pela estrada de ferro, chegava de volta à casa, esfomeado e sedento, mas cheio de alegria. — Êle encontrara o caminho de regresso e fizera-o a pé. — Desde então a família tôda vê nesse cão o modêlo do devotamento aos donos, cercando-o de afeto e de carinho.

5.º **Os milagres de Cristo.** — A caminho do Calvário, Jesus Cristo cura, com um gesto de imensa bondade, grupos angustiados de leprosos. Um nobre romano, que acompanha a marcha para o suplício, aproxima-se do Salvador e interpela-O sôbre o sentido profundo de seus milagres. — Imagine a resposta e narre a cena.

TEXTO EXPLICADO

20.º Narrativa com conversação.

DEMONSTRAÇÃO MATEMÁTICA

Nas férias, ao chegar do colégio, onde estivera interno todo o ano, o Eduardo andava à espreita de uma oportunidade para mostrar aos pais quanta cousa por lá aprendera. Ao jantar, chegou-lhe, enfim, o ensejo. Papai e mamãe iam ficar deslumbrados com a sua sapiência. — "Papai, aí, nesse prato a sua frente, quantos croquetes pensa o Sr. ver? Dois, não é assim? — Nem mais nem menos: isso mesmo, respondeu o pai. — Pois eu vou provar ao Sr. que são três. Aqui está um; aqui estão dois. 2 + 1 são 3. Logo . . . há três croquetes no prato. — Mas onde estava eu com os olhos?! Perfeitamente, são três croquetes. Vejo-os agora. Com que clareza você demonstra! Que grande matemático você vai dar! Você merece uma recompensa. Vamos repartir os croquetes. Quinoca ficará com o primeiro, porque é a mamãe; eu ficarei com o segundo, porque sou o papai; e você, Eduardo, ficará com o terceiro inteirinho, porque foi você quem o achou."

TEODORO DE MORAIS.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Demonstração — *é um raciocínio donde se deduz a verdade de uma proposição, isto é, do enunciado de um problema ou questão que se pretende resolver.*
Interno — *aluno que vive no colégio durante o ano letivo, sujeito às regras de disciplina que aí vigoram.*
Oportunidade — *ocasião propícia.*
Deslumbrados — *profundamente admirados, como se a sapiência do filho fôsse tão luminosa que deslumbrasse a inteligência dos pais.*
Andava à espreita — *procurava, atento e vigilante.*
Onde estava eu com os olhos? — *onde os tinha eu, que não via isso?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta historieta?

— É a história de um menino que, em férias, retorna à casa e que deseja mostrar aos pais sua sapiência, provando-lhes, por meio dum jôgo de raciocínio, serem 3 os dois croquetes servidos à mesa.

2 — Como considerou o autor êste assunto?

— Considerou-o o autor como uma lição, ministrada sob a forma duma anedota dialogada, em que se cruzam vivamente as interpelações e as respostas.

3 — De quantas partes se compõe esta narrativa?

— O autor apresenta esta narrativa como uma pequenina comédia, em que se notam, segundo a divisão clássica:

a) um *prólogo:* a ansiosa espera duma oportunidade;
b) as *peripécias:* a demonstração matemática;
c) o inesperado *desfecho:* a recompensa a Eduardo.

4 — Explique sucintamente o conteúdo de cada uma destas partes.

— No *prólogo*, nota-se a ansiedade do menino pelo momento em que possa assombrar os pais, não com conhecimentos úteis adquiridos à fôrça de estudos, mas com um jôgo fútil, aprendido no convívio dos colegas.

— Nas *peripécias*, chegada a oportunidade, êle faz a demonstração, baseada num jôgo bastante conhecido: contam-se os objetos e somam-se, no fim, os algarismos que lhes constituem a ordem numérica.

— No *desfecho*, ridiculariza-o o pai com exageradas exclamações admirativas, distribuindo em seguida os croquetes de acôrdo com a demonstração, em virtude da qual lhe cabe o terceiro, isto é, o inexistente; o que, sem dúvida, lhe causou grande desapontamento.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Como conseguiu o autor dar movimento e vida a esta historieta?

— Conseguiu-o por meio de uma rápida sucessão de idéias, expressas em orações curtas, ordenadas como as de uma narrativa simples e movimentadas como as de uma conversação animada. O movimento fraseológico torna-se, destarte, vivo bastante para nos prender a atenção e despertar a curiosidade, e vai, gradualmente, desde o tôm mais familiar até a ironia.

2 — Analise, em poucas palavras, a personalidade do menino.

— Nota-se, nesse menino, **vivacidade** e, também, um pouco de **vaidade** em seu desejo de aparecer aos olhos paternos como um raciocinador espirituoso.

3 — De que modo o puniu o pai?

— Puniu-o o pai com a ironia de suas exclamações e valeu-se, como vimos, da própria demonstração matemática do filho para privá-lo do croquete, com o fim de dar-lhe uma lição, que o corrigisse de sua falta de respeito.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

20.º Narrativa com conversação.

I. — O FILHO PRÓDIGO

Certo homem rico tinha dois filhos, dos quais o mais môço pediu ao pai que lhe desse, em vida, a parte da herança que lhe havia de caber por sua morte, porque desejava lograr o seu. Concedeu-lhe o pai o que pedia, e daí a poucos dias, ausentando-se para um país distante, desbaratou e consumiu tôda a herança em larguezas e prodigalidades, chegando a tal excesso de miséria que foi obrigado a servir um amo e a guardar um rebanho de gado imundo. No meio do montado desejava matar a fome que padecia, com o mesmo comer de que o gado se sustentava, mas nem êsse lhe davam, e perecia. Lembrava-se da abundância com que até os criados de soldada viviam em casa de seu pai, e êle estava ali morrendo à fome. Com esta consideração desenganado, tornou em si, e, arrependido da vida passada, resolveu-se a ir buscar outra vez seu pai e confessar a sua culpa. Pôs-se a caminho: e estando ainda longe da casa do pai, vendo-o êste e reconhecendo-o, penetrado de piedade e compaixão, apressou os passos e o foi abraçar, e o chegou a seu rosto com muitas carícias e amplexos. Então o filho, lançando-se a seus pés, lhe disse: "Meu pai, contra Deus e contra vós pequei, e não mereço que me chameis mais vosso filho; peço-vos que me admitais por um dos vossos jornaleiros". — Porém o pai, mandando-o vestir do mais precioso vestido, e metendo-lhe no dedo um estimável anel, provendo-o também de calçado, lhe fêz preparar um banquete do melhor vitelo, e com grandes festas celebrou a vinda do filho que julgava por morto. Estando à mesa chegou do campo o filho mais velho, e ouvindo tanta festa, informando-se do que se passava, não quis entrar em casa, antes se mostrou tão sentido e queixoso, que saindo o pai fora para o buscar, lhe disse o filho: "Há tanto tempo que vos sirvo com obediência, como vós sabeis, e nunca me destes um cabrito para comer com os meus amigos; e agora que chegou êsse vosso filho que desperdiçou todo o seu patrimônio, logo lhe deste a comer o vitelo mais gordo e melhor". — "Filho, respondeu o pai, vós sempre estais comigo, e tudo quanto tenho é vosso; porém como vosso irmão estava já perdido, foi justo que me alegrasse com a sua vinda."

João Batista de Castro.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Que significa cada uma das seguintes palavras: *pródigo* — *lograr* — *o seu* — *desbaratou* — *consumiu* — *largüezas* — *um amo* — *montado* — *parecia* — *soldada* — *amplexos* — *jornaleiros* — *estimável* — *patrimônio?*

2 — Qual é a significação de: *excesso de miséria* — *gado imundo* — *tornou em si* — *penetrado de piedade* — *ouvindo tanta festa?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos conta o autor nesta página?

2 — Divida esta narrativa em duas partes, a saber:

a) o *filho pródigo;*

b) sua *volta à casa paterna.*

3 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte?

4 — Qual é o conteúdo de cada uma das seguintes passagens desta narrativa:

a) o *êrro do filho;*

b) seu *arrependimento;*

c) a *alegria do pai;*

d) a *justificação de sua alegria?*

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Que verdade serve ela para demonstrar? Prove-o com elementos tirados do texto.

3 — Em que *tom* a escreveu o autor?

4 — Donde foi extraído o episódio que ora estudamos?

5 — Que simboliza o filho pródigo?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações as seguintes palavras: *pródigo* — *perdulário; lograr* — *gozar* — *fruir* — *desfrutar; desbaratar* — *malbaratar* — *dissipar; rebanho* — *manada* — *alcatéia* — *matilha; apressar* — *estugar; enlamear* — *enxovalhar* — *atassalhar; neofobia* — *misoneísmo.*

2 — Cite sinônimos de: *rico* — *pedir* — *miséria* — *obrigar* — *imundo* — *padecer* — *perecer* — *desenganar* — *carícias* — *precioso* — *banquete* — *responder* — *redundar* — *advir* — *perlustrar* — *perambular* — *incidir.*

3 — Cite verbos que exprimam: *a) estado; b) incidência no estado; c) permanência no estado.*

4 — Forme curtas sentenças, em que entrem, no sentido figurado, as seguintes palavras: *pródigo* — *rico* — *vida* — *país* — *miséria* — *matar* — *cairel.*

5 — Que diferença de sentido há entre: *amôres* e *amores; fôlha* e *folha; professôra* e *professora; aquêle* e *aquele; nêle* e *nele; dêle* e *dele; estêve* e *esteve; sonêto* e *soneto; lôbo* e *lobo; lôdo* e *lodo; bôlo* e *bolo; bôca* e *boca; côco* e *coco?*

6 — Analise lògicamente o período: *Foi justo que me alegrasse com a sua vinda.*

7 — Cite expressões que traduzam idéias de *atividade, lucro, opulência* e *alegria.*

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta narrativa, substituindo o *discurso direto* pelo *indireto.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Modernize a parábola do *filho pródigo,* escrevendo a história dum jovem que consegue, apesar da relutância da família, a sua "legítima" e a aplica em grandes empreendimentos industriais, regressando milionário à casa paterna.

20.º *Narrativa com conversação.*

II. — O RICO AVARENTO

Houve um homem mui opulento, que não vestia senão púrpuras e holandas, e todos os dias se banqueteava esplêndidamente. À sua porta jazia de ordinário um pobre chamado Lázaro, coberto de chagas, que, para matar a fome, não alcançava nem as migalhas que caíam da mesa do rico; sòmente os seus cães lhe vinham às vêzes lamber as feridas. Sucedeu que, morrendo ambos no mesmo dia, Lázaro foi levado pelos anjos ao Seio de Abrão, e o rico foi sepultado no inferno. Ardendo naqueles tormentos, olhou para cima, e vendo Lázaro no Seio de Abrão, disse falando com êle: "Pai Abrão, tende compaixão de mim; mandai a Lázaro que me venha refrigerar a língua ao menos com a parte extrema de um dedo molhado na água; porque me abrasa e atormenta muito êste fogo". — Respondeu-lhe Abrão: "Lembra-te, filho, que na tua vida gozaste os bens, e Lázaro padeceu os males; agora tu padeces os tormentos, e êle logra os gostos. Daqui não se pode passar para lá, nem de lá para cá; porque entre nós e êsse lugar se mete uma grande separação e dilatado espaço". — "Ao menos, tornou o rico avarento a fazer segunda petição, peço-vos que mandeis Lázaro a casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, para que lhes diga o que por cá passo; pois não suceda que êles, vivendo com o meu exemplo, venham também a parar neste lugar de tormentos." — Disse-lhe Abrão: "Êles lá têm Escrituras e Profetas a quem podem ouvir". — Instou o avarento: "Com mais eficácia se moverão a fazer penitência, se um morto ressuscitado os fôr advertir". — Porém Abrão lhe tornou a responder: "Se êles não crêem a Moisés, nem aos Profetas, muito menos darão crédito a um morto ressuscitado".

JOÃO BATISTA DE CASTRO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *avarento — opulento — púrpuras — holandas — jazia — ardendo — refrigerar — abrasa — logra — petição — instou.*

2 — Diga o que sabe de: *Abrão — Moisés — As Escrituras.*

3 — Que significam as expressões: *matar a fome — coberto de chagas — foi sepultado no inferno — uma grande separação — dilatado espaço — vivendo com o meu exemplo — êste lugar de tormentos?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos conta Batista de Castro nesta narrativa? Responda de modo expressivo, em poucas palavras.

2 — Quais são as partes desta narrativa, que correspondem aos títulos:

a) *a introdução da historieta;*
b) *o diálogo de Pai Abrão e do rico avarento?*

3 — Como se liga a primeira parte à segunda?

4 — Que pormenores formam a estrutura de cada uma destas partes?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que é que nos vai prendendo a curiosidade, à medida que lemos esta narrativa?
2 — Como conseguiu o autor graduar o interêsse crescente de sua narrativa?
3 — Que verdade bíblica serve esta narrativa para demonstrar?
4 — Desenvolva o sentido da frase final de Pai Abrão.
5 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor, nesta página.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos às seguintes palavras: *opulento* — *esplêndidamente* — *jazer* — *de ordinário* — *chagas* — *padecer* — *migalhas* — *suceder* — *morrer* — *tormentos* — *compaixão* — *molhar* — *abrasar* — *inspissar* — *condensar* — *adensar* — *fugaz* — *fugidio*.
2 — Empregue em curtas orações, no sentido próprio e no figurado: *chaga* — *migalha* — *morte* — *fogo* — *brasa* — *céu* — *inferno* — *calor* — *flor* — *úlcera* — *obtuso*.
3 — Quais são os adjetivos correspondentes a: *púrpura* — *dia* — *fome* — *cão* — *anjo* — *pai* — *compaixão* — *dedo* — *água* — *fogo* — *vida* — *profeta* — *eficácia* — *penitência?*
4 — Substitua, no texto, as seguintes expressões por outras de igual valor: *mui opulento* — *todos os dias* — *esplêndidamente* — *de ordinário* — *coberto de chagas* — *que caíam* — *tende compaixão*.
5 — Aponte no texto as orações substantivas objetivas e subjetivas.
6 — Que diferença de sentido há entre: *êste* e *este*; *fôr* e *fôr*; *côr* e *cor*; *côres* e *cores*; *fecho* (subst.) e *fecho* (verbo); *portuguêses* e *portugueses?*
7 — Cite expressões que traduzam *auréola*, *apoteose*, *amargura* e *arrependimento*.

ELOCUÇÃO. — Faça a reprodução oral desta narrativa, substituindo o *discurso direto* pelo *indireto*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Escreva, em forma de narrativa dialogada, uma prosopopéia: Domingos Fernandes Calabar, vendo a glória de Felipe Camarão e Henrique Dias, pede ao Brasil que lhe perdoe a felonia.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS COM CONVERSAÇÃO

I. — *Desenvolva as seguintes narrativas, nelas introduzindo diálogos breves e expressivos, que dêem vida e movimento à narração:*

1.º **O indeciso.** — Alguns rapazes, agrupados a um canto do pátio de recreio dum colégio, conversam animadamente acêrca das profissões que pretendem abraçar: — um deseja ser militar, outro, médico, e outro, ainda, aviador, engenheiro, advogado, professor, etc., etc. Cada qual julga ter boas razões para determinar assim o próprio destino. — De todos êles, apenas um a nada se decidiu ainda. — Êle não vê senão inconvenientes em tôdas as carreiras de que lhe falam os colegas. — Êle quer e não quer; tem aspirações, mas teme qualquer esfôrço e muda de opinião a cada instante. — Seus companheiros caçoam dessa indecisão.

2.º **Uma aposta.** — Na opinião de nosso amigo Barnabé, ninguém, melhor do que êle, se distingue nos desportos. — Com os bolsos sempre atulhados de revistas e fôlhas desportivas, com a lapela sempre ornada de distintivos de diversos clubes, êle se gabava de seus triunfos no futebol, no lançamento de discos, no tênis, na luta, na

esgrima, etc. Causava-nos admiração, sobretudo, pelos louvores que fazia ao salto à vara, seu exercício predileto. — Um dia, no campo, pedimos-lhe uma demonstração de sua habilidade. — Estando em jôgo o seu amor-próprio, êle apostou que haveria de transpor à vara um riacho próximo. — Tomando impulso, após vários preparativos, correu, saltou... e foi cair no meio da água lamacenta, onde deixou todo o seu prestígio.

3.º **O pequeno negociante.** — Temos em nossa classe um colega, que é um tipo fora do comum. — Desdenhando nossos folguedos costumeiros, êle se preocupa com algo mais elevado: comercia. — Traz sempre os bolsos cheios dos mais diversos objetos. — Realiza compras e trocas. — Quando participa duma conversa, é para tentar algum ingênuo com algum negócio, — muito vantajoso, segundo afirma. — Seu prazer consiste em permutar figurinhas de artistas cinematográficos por selos raros, um sêlo comum por um bom canivete, ou em vender por elevado preço lápis baratos e canetas ordinárias. — Êle se anima calorosamente ao fazer suas propostas, torna-se insinuante e eloqüente; e, muitas vêzes, é o protagonista de cenas engraçadas.

II. — *Componha uma narrativa interessante, em que apareçam diálogos expressivos sôbre os seguintes temas:*

1.º Uma jovem conversa com sua amiga a respeito de seu primeiro baile.
2.º Uma menina explica à irmãzinha como é sua vida no colégio.
3.º Um professor explica à classe o que é Pátria.
4.º Um sacerdote explica a jovens ouvintes o que é Religião.
5.º Um rapazinho explica a um amigo as impressões que experimentou, ao usar pela primeira vez calças compridas.
6.º O padre Anchieta procura convencer os índios a se manterem em paz.
7.º Esopo explica a Xantus as vantagens e desvantagens da língua.

TEXTO EXPLICADO

21.º *Narrativa com retrato.*

O IDEAL DE NHONHÔ

Eu era pequeno e rechonchudo como uma bola. O nariz escondia-se-me entre as bochechas e não havia mostrado ainda essa tendência para disparar pela cara, como aconteceu mais tarde. Pediam-me beijos e diziam, segurando-me no queixo: "Que menino bonito!" — Não se riam, a gente daquele tempo não era lá das mais exigentes. O meu ideal, sem ser republicano, era o da liberdade sem limites. No dia em que o grito de: *férias!* ecoava pelos quatro cantos do colégio, uma sensação inexprimível se apoderava de todo o meu ser. Férias! Nesta palavra mágica não se encerrava só a ausência da palmatória e o abandono dos livros, mas principalmente a roça com todos os seus prazeres e encantos. Quinze dias a correr pelos campos, a perseguir como um louco as borboletas azuis, virar cambalhotas na relva, adormecer extenuado à sombra do arvoredo, tudo isto bulia-me por tal forma com o sistema nervoso que eu sentia comichões em todo o corpo e não podia estar cinco minutos sem dizer: "Chi! Que belo! Vamos amanhã! Tomara que fôsse hoje já! Trá lá lá, lá, li, li!"

FRANÇA JÚNIOR.

O assunto. — A personagem desta narrativa mostra-nos, através dum auto-retrato descritivo, o seu aspecto físico em criança, contando-nos, ao mesmo tempo, qual era então, o seu ideal.

O plano de composição. — O autor emprega a *forma pessoal*, que é essencialmente narrativa, e desenvolve sua matéria em duas partes, a saber:

1.ª o *menino bonito;*

2.ª o *seu ideal.*

Elementos descritivo-narrativos. — Na *primeira parte*, vemos o garôto, pequeno e rechonchudo como uma bola, com seus traços fisionômicos de boneco: bochechas rosadas, entre as quais desaparecia o narizinho (que mais tarde cresceu enormemente).

— Na *segunda*, confessa-nos êle que, sendo seu ideal a liberdade sem limites, embora não fôsse republicano (frase que constitui uma crítica de monarquista aos partidários dêsse regime político), adorava as férias pelo que representavam de correrias através dos campos da fazenda, de caças às borboletas, de cambalhotas na relva e de sonos à sombra dos arvoredos: só à expectativa dêsses prazeres, enchia-se de entusiasmo.

Entre a primeira parte e a segunda, lembra-se a personagem daqueles que o achavam bonito e lhe pediam beijos, acrescentando a essa lembrança um comentário jocoso: é o que constitui a *transição* de uma parte para outra.

O interêsse narrativo. — Êste retrato, assim composto, não é uma simples descrição, mesmo porque são exíguos os caracteres físicos apresentados; êle está enquadrado numa *narrativa*, que o autor desenvolve num tom humorístico e onde o emprêgo da primeira pessoa pronominal parece dar mais vida e realce ao menino, colocando-o ante nossos olhos em plena ação: observamo-lo e vemo-lo então tal como já fomos, com a mesma alegria exuberante nas vésperas das férias e com idênticas manifestações de entusiasmo, embora se compreenda que êstes sentimentos pudessem ser mais intensos naquela época, quando a palmatória era o terror dos pequenos escolares.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

21.º Narrativa com retrato.

I. — O MESTRE DE PRIMEIRAS LETRAS

Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada menos do que quer a vida, que é das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias mêdo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um prêto velho, — ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.

MACHADO DE ASSIS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *primeiras letras — compostura — obscuro — pontual — rudimentos — escrita.*

2 — Que significam as expressões: *que é das últimas letras — bufar — grunhir — absorver uma pitada inicial — sem enfadar o mundo — dar o grande mergulho nas trevas?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta página?

2 — Por que é uma narrativa o que encerra esta página?

3 — Divida esta narrativa em três partes, dando títulos a cada uma delas e dizendo em seguida qual é o respectivo conteúdo.

4 — Explique como se faz a transição de cada parte para a seguinte.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Que impressão nos quer dar o autor, do velho mestre que êle descreve?

3 — Que considerações faz êle em tôrno da pessoa do velho mestre? E em que tom?

4 — Localize êste trecho no livro: "MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS", de Machado de Assis.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue no sentido figurado, em curtas orações: *berrar* — *urrar* — *uivar* — *roncar* — *silvar* — *gemer* — *chorar* — *devorar* — *fuzilar*.

2 — Dê exemplos das seguintes figuras de estilo: *interrogação* — *apóstrofe* — *imprecação* — *amplificação*.

3 — Dê sinônimos a: *últimas* — *mêdo* — *nunca* — *zanga* — *calado* — *enfadar* — *falaz* — *trevas* — *salvo* — *chorar* — *irrisão* — *exegese* — *nímio* — *castigo* — *fanático* — *infletir* — *empecer* — *reinadio*.

4 — Cite adjetivos que exprimam: *velhice* — *austeridade* — *bondade* — *altivez* — *energia*.

5 — Explicar o emprêgo do infinitivo no texto; indicar os infinitivos que façam parte de orações subordinadas reduzidas infinitivas.

6 — Cite palavras que indiquem particularidades fisionômicas: *a*) de *um homem*; *b*) de *uma mulher*.

7 — Cite 10 adjetivos terminados em *udo*, como *narigudo*.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai de: *Que querias tu...* a *chamar-nos depois à lição*, fale: *a*) de *um velho avô*; *b*) de *um professor atual*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Evoque, numa curta narrativa, a figura de seu primeiro professor (ou de sua primeira professôra) e faça algumas ligeiras reflexões a respeito dêle (ou dela).

21.º Narrativa com retrato.

II. — REMINISCÊNCIAS DA VIDA COLEGIAL

Tôda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas côres, que parecem frescas de ontem... Vejo o enxame dos meninos, alvoroçando na loja que servia de saguão; assisto aos manejos da cabala para a próxima eleição do monitor geral; ouço o tropel do bando que sobe as escadas e se dispersa no vasto salão, onde cada um busca seu banco numerado. Mas o que sobretudo assoma nessa tela é o vulto grave de Januário Mateus Ferreira, como eu o via passando diante da classe, com um livro na mão e a cabeça reclinada pelo hábito da reflexão. Usava êle de sapatos rinchadores; nenhum dos alunos do seu colégio ouvia de longe aquêle som particular, na volta de um corredor, que não sentisse um involuntário sobressalto. Januário era talvez ríspido e severo em demasia; porém nenhum professor o excedeu no zêlo e entusiasmo com que desempenhava o seu árduo ministério. Identificava-se com o discípulo; transmitia-lhe suas emoções e tinha o dom de criar no coração infantil os mais nobres estímulos, educando o espírito com a emulação escolástica para os grandes certames da inteligência.

JOSÉ DE ALENCAR.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *alvoroçando* — *saguão* — *cabala* — *monitor geral* — *tropel* — *assomar* — *rinchadores* — *ríspido*.

2 — Que significam aqui: *o enxame dos meninos* — *essa tela* — *vulto grave* — *árduo ministério* — *coração infantil* — *os mais nobres estímulos* — *emulação escolástica* — *certames da inteligência?*

3 — Que quer o autor dizer com a oração: *identificava-se com o discípulo?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos conta o autor nesta página?

2 — Divida esta narrativa em três partes, a saber:

a) *a evocação da vida colegial;*
b) *o enxame dos meninos;*
c) *o professor Januário.*

3 — Que contêm cada uma destas partes?

4 — Explique como se faz a transição de cada parte para a seguinte.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Como considera o autor a personalidade do professor Januário?

3 — Era Januário um bom professor? Por quê?

4 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor, neste trecho.

5 — Localize êste trecho em: "COMO E POR QUE SOU ROMANCISTA."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite 10 substantivos coletivos, empregando-os em curtas orações.

2 — Empregue apropriadamente, em orações: *desenhar* — *pintar* — *debuxar; alvoroçar* — *tumultuar* — *alegrar; dispersar* — *espalhar* — *disseminar; particular* — *característico* — *especial; painel* — *quadro* — *panorama; estólido* — *estulto; horóscopo* — *predição* — *vaticínio* — *augúrio* — *presságio; redito* — *rédito*.

3 — Dê exemplos das seguintes figuras de estilo: *ironia* — *descrição* — *imagem* — *comparação*.

4 — Dê sinônimos a: *sobressalto* — *ríspido* — *severo* — *zêlo* — *árduo* — *nobres*.

5 — Explique a concordância verbal em: *Nem Lucas, nem algum outro dos Evangelistas dizem expressamente quando o diabo tornou a tentar Cristo.*

6 — Analise lògicamente: *Nós é que somos os alunos.* — *O livro que você quer que eu leia está na biblioteca.* — *Comemos do pão e bebemos do vinho.* — *O soldado puxou da espada.*

7 — Cite palavras que indiquem aspecto, forma e côr de olhos, nariz, fronte, cabelos e queixo duma mulher.

8 — Forme curtas comparações, em que entrem as palavras *olhos*, *lábios* e *dentes*.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai desde: *Tôda a minha vida* até *banco numerado*, fale: *a)* de seus *folguedos infantis, em companhia de seus irmãos e primos; b)* da *hora de recreio numa escola primária.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Faça, numa pequena narrativa, um ligeiro retrato descritivo de sua mãe; mostre como ela lhe guiava os primeiros passos na vida com inteligência, firmeza e ternura.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS COM RETRATOS

Componha as seguintes narrativas, pondo em realce, no decurso das ações narradas, o caráter das personagens:

1.º **O colecionador de selos.** — Tive um amigo, com quem gostava de passear todos os dias. — Fui forçado a renunciar-lhe à companhia, desde que se fêz colecionador de selos. — Da última vez em que o vi, não consentiu em sair comigo senão depois de me mostrar todos os seus álbuns. — Em seguida, tive de acompanhá-lo à casa de outros colecionadores, onde fêz compras e permutas. — Aborrecido por esperá-lo tanto tempo, procurei um pretexto e retirei-me, amaldiçoando a mania que me fazia perder um amigo.

2.º **Os velhos marujos.** — Na cidadezinha praiana, onde estou passando as férias, gosto de procurar a companhia de alguns marinheiros idosos, que se reúnem tôdas as manhãs no pequeno pôrto. — São velhos lôbos-do-mar, de rostos queimados e linguagem rude. — Mas como sabem criticar as manobras dos navios que entram ou saem! — Como sabem prever o bom ou o mau tempo! — Como se tornam eloqüentes quando falam de suas viagens e nos caprichos do mar, onde envelheceram e sofreram, e do qual não podem desviar os olhos!

3.º **O amigo dos cães.** — Meu amigo Paulo tem, na linda chácara de seus pais, grande número de cães de todos os tamanhos e raças. — Quando volta da escola ou dum passeio, tôda a matilha o cerca em algazarra, ladrando alegremente e procurando lamber-lhe as mãos. — E êle os acaricia um por um, entre demonstrações de alegria dos outros. — Se um dos animais adoece, Paulo fica preocupado e não sai mais a passeio, a fim de tratar do doente com carinhosa solicitude. — À tarde, antes do jantar, caminha pelos campos com uma escolta de "policiais", galgos e perdigueiros, que não lhe dão um momento de descanso. — Parece que os amigos de Paulo o vão abandonando aos poucos; mas êle de nada se queixa, sentindo-se completamente feliz no meio de seus cães.

4.º **Prazeres de viagem.** — Um de meus maiores prazeres, quando viajo, consiste em procurar conhecer, por seu exterior, as pessoas que se acham ou cruzam comigo num vagão ou num hotel. — Observo-lhes as fisionomias, o vestuário, as maneiras, ouço-lhes as conversas. — E fico satisfeito quando lhes descubro o caráter e a profissão. — É êste um passatempo que vale bem qualquer outro.

TEXTO EXPLICADO

22.º *Narrativa exótica.*

NA CHINA DE OUTRORA

Fomos até as entradas das pontes sôbre os canais, onde saltimbancos seminus, com máscaras simulando demônios pavorosos, fazem destrezas dum picaresco bárbaro e sutil; e muito tempo estive a admirar os astrólogos de longas túnicas, com dragões de papel colocados às costas, vendendo ruidosamente horóscopos e consultas de astros. Oh! cidade fabulosa e singular! De repente ergue-se uma gritaria! Corremos: era um bando de presos, que um soldado, de grandes óculos, ia impelindo com o guarda-sol, amarrados uns aos outros pelo rabicho! Foi aí nessa avenida, que em vi o estrepitoso cortejo de um funeral de Mandarim, todo ornado de auriflamas e de bandeirolas; grupos de sujeitos fúnebres vinham queimando papéis em fogareiros portáteis; mulheres esfarrapadas uivavam de dor, espojando-se sôbre tapêtes; depois erguiam-se, galhofavam e um cule [1] vestido de luto branco servia-lhes logo chá, de um longo bule em forma de ave. Ao passar junto ao Templo do Céu, vejo apinhada num largo uma multidão de mendigos; as mulheres, com os cabelos entremeados de velhas flôres de papel, roíam ossos tranqüilamente; e cadáveres de crianças apodreciam ao lado, sob o vôo dos moscardos. Adiante topamos com uma jaula de grades, onde um condenado estendia, através das grades, as mãos descarnadas à esmola... Depois Sá-Tó [2] mostrou-me respeitosamente uma praça estreita; aí, sôbre pilares de pedra, repousavam pequenas gaiolas contendo cabeças de decapitados; e, gôta a gôta, ia pingando delas um sangue espêsso e negro...

EÇA DE QUEIRÓS.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

— São cenas duma velha cidade chinesa, que um português, com espírito de turista, nos descreve.

2 — Em que é esta narrativa, ao mesmo tempo, descritiva e exótica?

— É descritiva, pelos fatos que encerra; e exótica, por apresentar cenas típicas da velha China.

---

(1) *Cule:* trabalhador chinês. (2) *Sá-tó:* companheiro chinês da personagem narradora.

3 — Quais são as principais passagens desta narrativa?

— Ei-las, de acôrdo com o plano de composição:

a) saltimbancos e astrólogos: desde o início até "*cidade fabulosa e singular*";
b) os presos: desde *de repente* até *rabicho*;
c) os funerais do Mandarim: desde *foi aí* até *forma de ave*;
d) os mendigos: desde *ao passar* até *moscardos*;
e) os condenados: desde *adiante* até o fim.

4 — Que contêm cada uma destas passagens?

— São os seguintes, os pormenores destas passagens:

a) saltimbancos seminus, com máscaras, fazendo destrezas, e astrólogos, de longas túnicas, vendendo ruidosamente horóscopos e consultas de astros;
b) presos, amarrados uns aos outros pelo rabicho e que são impelidos por um soldado de grandes óculos;
c) o cortejo dum funeral de Mandarim, de que participam grupos de homens fúnebres, carpideiras e um cule vestido de luto branco;
d) junto ao Templo do Céu, uma turba de mendigos; mulheres famintas e, ao lado, cadáveres de crianças apodrecendo;
e) a jaula, donde um condenado pedia esmolas e, numa estreita praça, pequenas gaiolas que continham cabeças de decapitados.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

— O interêsse decorre da grande variedade de pormenores descritivos, agrupados em pequeninos quadros pinturescos e exóticos, cuja sucessão observamos com a mesma curiosidade da personagem narradora.

2 — Quais são os pormenores descritivos que emprestam *côr local* à narrativa?

— Côr local é a representação fiel do lugar e do tempo da ação, com seus usos, costumes, linguagem, etc. Aqui, os pormenores que emprestam côr local à narrativa são:

Saltimbancos com máscaras que simulam demônios; astrólogos de longas túnicas, com dragões de papel colocados às costas; presos amarrados pelo rabicho; o soldado de guarda-sol; o cortejo de um funeral, todo ornado de auriflamas e bandeirolas; as carpideiras que ora choram, ora riem; o cule, vestido de luto branco, servindo chá; o prêso na jaula; as cabeças decapitadas dentro de pequenas gaiolas.

3 — Que impressão nos causa cada uma das cenas descritas?

— O cortejo fúnebre do Mandarim causa-nos uma impressão de *pomposidade*, que contrasta violentamente com a triste *miséria* do povo, miséria que se patenteia nas mulheres esfarrapadas e nas mendigas que roem ossos, indiferentes ao horrível quadro dos pequenos cadáveres em decomposição; e tudo isto, conjuntamente com os demais quadros surpreendentes a que assistimos, nos produz uma impressão geral de *exotismo*.

(Trabalho da aluna L. YAMANISHI)

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

22.º *Narrativa exótica.*

I. — EXTRAVAGANTE COSTUME DOS CIPRIOTAS

A gente popular de todo êste reino pela maior parte é cativa dos senhores das cidades, vilas e aldeias, salvo aquêles que por alguma via têm privilégio para o não serem. E êste cativeiro é coisa de muitos anos. Um costume mui novo vi nesta cidade (*Nicósia*) que me põe em admiração; o qual é que, indo eu um dia por uma rua, vi levar e enterrar à igreja um fidalgo mui principal, e iam com êle todos seus parentes e amigos, e diante os escravos e escravas, os quais levavam pelas rédeas quatro ou cinco cavalos e dois machos, e todos cobertos de dó; chegando junto ao alpendre da igreja, sùbitamente saíram dela os clérigos com grandes paus nas mãos, e começaram de dar nos escravos e escravas, trabalhando por prendê-los; como prenderam um ou dois, os outros com os cavalos fugiram. Fiquei eu admirado de ver um tão súbito desatino, a meu parecer, e depois da cousa quieta, perguntei a significação dela. Disseram-me ser costume naquela terra, quando falecia alguma pessoa nobre e rica, irem adiante todos os seus escravos e escravas, mulas e tôda outra cavalgadura até à porta da igreja, como eu vira aquêles, e, que, saindo os clérigos com os paus, as escravas ou escravos ou cavalgaduras que podiam tomar eram seus, e os outros ficavam livres e forros.

FR. PANTALEÃO DO AVEIRO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *extravagante — cipriotas — alguma via — privilégio — fidalgo — mui principal — machos — alpendre — clérigos — súbito desatino — cavalgadura — forros.*

2 — Qual é a significação de: *a gente popular — os senhores das cidades — que me pôs em admiração — cobertos de dó — a meu parecer?*

3 — Onde fica a ilha de Chipre? Que sabe a respeito dela?

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos narra Fr. Pantaleão do Aveiro neste trecho?

2 — Divida esta narrativa em três partes, dando-lhes títulos expressivos.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?
2 — Em que é extravagante o costume dos cipriotas?
3 — Não lhe parece cômico tal costume? Por quê?
4 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor, neste trecho.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Que significam as palavras: *extravagante — cativa — enterrar — fidalgo — principal — dó — sùbitamente — trabalhando — falecer — arrulhar — rezingar — esgalgado — misologia — misofobia — mizogamia — filoneísmo.*

2 — Dê sinônimos a: *cativeiro — nôvo — enterrar — quieta — nobre — rica — livres — aquelar — abroquelar — ab-rogar — afetar — afitar — adergar — adentrar-se — desdouro — arrugar — adentrar — embrenhar — coligir — assacar — chufa — enfarar — debrum — esquadrinhar — inquirir — esmolambado.*

3 — Quais são os homônimos de: *aquêles — fôrro — vêzo — vêdes* (verbo ver) *— vêdo trêmulo — tresdôbro — topete — tôpo — toldo — tôla — tôco — têsto — têso — têrço — têrmo — tempêro — tapête — surprêso — surprêsa?*

4 — Empregue apropriadamente, em curtas orações: *senhor — amo — dono; admiração — espanto — estupefação; desatino — loucura — insânia; livre — liberto — fôrro; advir — sobrevir; emagrecido — emaciado; destroçar — afugentar — derrotar.*

5 — Empregue em orações, no sentido figurado: *luz — murmurar — flor — fruto — neve — calor — sangue — voar — mar — chuva — arder — safira.*

6 — Classifique as orações subordinadas existentes neste trecho.

7 — Conjugue os verbos *ver* e *vir* na forma negativa.

8 — Cite expressões que traduzam: *a*) o aspecto fisionômico dos japonêses; *b*) o aspecto de seu vestuário tradicional; *c*) o aspecto de seus móveis e utensílios.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai desde *Um costume mui novo* até *trabalhando por prendê-los*, fale de um *bando de garotos a perseguir balões, na tarde de São João.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Você foi visitar uma colônia japonêsa, numa grande fazenda de café, e estranhou-lhe os costumes. Conte o que viu, numa pequena narrativa.

22.º *Narrativa exótica.*

II. — NO CASTELO DE CHAPULTEPEQUE

O castelo se soergue numa elevação rochosa e domina, assim, tôda a planura do vale do México. Em tôrno dêle, circundando a montanha em que jaz, o envolve o bosque de Chapultepeque, que, com verdade, pode ser pôsto ao lado do *Bois de Boulogne*, orgulho da elegância parisiense... Na visita que fiz ao castelo, serviu-me de cicerone o próprio Presidente. Corremos aquelas salas do pequeno Versalhes e êle, em cada peça, a propósito de cada objeto, contava-me um caso interessante. Assim, referindo-se à opulência dos adornos de mesa, baixelas e talheres, narrou-me o que se passara num banquete que ali dera o famoso aventureiro Pancho Vila. No dia em que Vila, com sua tropa, entrou vitorioso na cidade

do México, instalou-se no Castelo e mandou servir a seus generais, ajudantes e sequazes um grande banquete com tudo o que no Palácio houvesse de mais rico e luxuoso. E o banquete foi preparado, servido, e, naturalmente, regado pelas bebidas mais incandescentes. Ao terminar o lauto ágape, que correu na maior animação e concêrto, o guardião do Palácio aproximou-se de Vila e o informou de que haviam desaparecido quase tôdas as peças do rico serviço que havia sido pôsto na mesa. Vila ordenou ao guardião que nada dissesse e fechasse tôdas as portas do salão. Feito isso, ergueu-se, e, de revólver em punho, dirigindo-se com veemência a seus comensais, ordenou que se pusessem sôbre a mesa tôdas as peças que haviam sido escondidas, declarando que ninguém dali sairia antes que se verificasse que não faltava uma só peça. O expediente foi providencial. Cada qual foi retirando, do próprio bôlso, garfos e colheres até que a contagem, que se ia fazendo, houvesse atingido ao resultado satisfatório.

RODRIGO OTÁVIO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Que sabe você a respeito: do *castelo de Chapultepeque* — do *Bois de Boulogne?*

2 — Explique as seguintes palavras do texto: *soergue* — *planura* — *em que faz* — *cicerone* — *peça* — *baixelas* — *sequazes* — *o lauto ágape* — *o guardião* — *rico serviço* — *veemência* — *comensais* — *o expediente* — *providencial.*

3 — Que significam aqui: *uma elevação rochosa* — *orgulho da elegância parisiense* — *o pequeno Versalhes* — *a opulência dos adornos de mesa* — *bebida incandescente?*

4 — Que quer o autor dizer com a oração: *que correu na maior animação e concêrto?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta página?

2 — Quais são as partes desta narrativa, que correspondem aos títulos:

a) *a situação do castelo;*
b) *no interior do castelo;*
c) *a narrativa do Presidente?*

3 — Qual é o conteúdo de cada uma destas partes?

4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta narrativa?

2 — Sabe você alguma cousa a respeito de Pancho Vila? Que há de interessante em sua personalidade: seu espírito aventureiro? o conhecimento que tinha de seus companheiros? o modo por que os tratava? seu inesperado gesto de honestidade?

3 — Por que é mais longa do que as outras a terceira parte desta narrativa?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em orações apropriadas: *soerguer-se* — *solevantar-se* — *elevar-se; planura* — *planalto* — *planície; peça* — *aposento; a propósito* — *a respeito* — *acêrca;*

opulência — abundância — fausto — magnificência; adôrno — ornato — ornamento — enfeite — atavio; baixela — serviço; banquete — festim; famoso — célebre — famigerado — reputado — egrégio — insigne; tática — estratégia; guloso — glutão — gastrônomo.

2 — Cite palavras do mesmo sentido que: *circundar — montanha — delicioso — ensombrado — quieto — luminosa — beleza — vitorioso — sequaz — rico — incandescente — faulo — ágape — animação — concôrto — veemência — comensais — verificar — alvanel — circundar — opiparo — faustoso — profanar.*

3 — Com o auxílio dos verbos *informar, notificar* e *lembrar*, forme seis orações em que os verbos aparecerão, alternadamente, com regências diferentes.

4 — Forme três orações com o verbo *assistir*, empregado em seus diferentes sentidos.

5 — Analise lògicamente o primeiro período do trecho.

6 — Cite palavras que exprimam: *a*) o aspecto noturno de um rio ladeado de florestas; *b*) o aspecto de um aldeamento de selvagens.

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta narrativa, empregando, tanto quanto possível, sinônimos.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Internando-se pelo sertão juntamente com uma expedição civilizadora, você e seus companheiros acampam, certa noite, à margem de caudaloso rio, sob a luz cintilante das estrêlas. Um dos sertanistas conta-lhe, então, uma história: não muito longe dali, há muitos anos, um grupo de aventureiros se encontrou com uma tribo de selvagens, que os receberam festivamente, oferecendo-lhes alimentos e bebidas, e mostrando-lhes seus tesouros. Então... (termine a história).

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS EXÓTICAS

Desenvolva as seguintes narrativas, procurando assinalar a côr local, que suas reminiscências de leituras, de projeções, fotografias ou gravuras lhe permitam empregar:

1.º **Os "cow-boys".** — Você viu no cinema uma fita em que há uma série de cenas da vida dos "cow-boys" nas campinas do "Far-West". — Pareceu-lhe bastante interessante êsse espetáculo. — Escreva a um amigo que estuda num internato, descrevendo-lhe a fita com expressões repassadas de entusiasmo e admiração.

2.º **As touradas.** — Você assistiu a uma fita cinematográfica, cujas principais cenas são de touradas na Espanha. — Você vai narrar suas impressões, descrevendo a entrada, na pista, dos toureiros, o jôgo das capas e bandarilhas, os ataques dos picadores, os incidentes e acidentes, a morte do touro. — Você terminará com algumas reflexões a respeito dêsse jôgo bárbaro.

3.º **Uma viagem de longo curso.** — Um môço, ao terminar os estudos superiores, vai em viagem de recreio à Europa. — Escrevendo ao irmão mais môço, estudante num colégio de São Paulo, narra-lhe suas impressões. — Conta-lhe como, depois de percorrer a França, subiu, atravessando a Bélgica e a Holanda, até a Dinamarca, a Noruega e a Suécia, descendo depois pela Alemanha até a Suíça e a Itália, passando dali para a Grécia, e, desta, para os Balcãs. — Pôde, assim, observar paisagens, povos, costumes e civilizações, que lhe despertaram viva curiosidade, fazendo ao irmão um pequeno curso de geografia vivida.

TEXTOS EXPLICADOS

23.º *Narrativa antiga.*

I. — NA JUDÉIA ANTIGA

Sebes de cactos em flor bordavam a estrada; e para além eram verdes outeiros onde os muros baixos de pedra sôlta, vestidos de rosas bravas, delimitavam os hortos. Tudo ali resplandecia, festivo e pacífico. A sombra das figueiras, debaixo dos pilares das parreiras, as mulheres, encruzadas em tapêtes, fiavam o linho ou atavam os ramos de alfazema e mangerona que se oferecem na Páscoa; e as crianças em redor, com o pescoço carregado de amuletos de coral, balouçavam-se em cordas, atiravam à seta . . . Pela estrada descia uma fila de lentos dromedários levando mercadorias para Jopé: dois homens robustos recolhiam da caça, com altos coturnos vermelhos cobertos de pó, a aljava batendo-lhes a coxa, uma rêde atirada para as costas, e os braços carregados de perdizes e de abutres amarrados pelas patas: e diante de nós caminhava devagar, apoiado ao ombro duma criança que o conduzia, um velho pobre, de longas barbas, trazendo prêsa ao cinto como um bardo a lira grega de cinco cordas, e sôbre a fronte uma coroa de louro . . . Ao fundo dum muro, coberto de ramos de amendoeiras, diante duma cancela pintada de vermelho, dois servos esperavam, sentados num tronco caído, com os olhos baixos e as mãos sôbre os joelhos.

EÇA DE QUEIRÓS.

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Sebes de cactos — *cactos entrelaçados, formando cêrcas vivas.*
Bordavam — *acompanhavam as bordas; beiravam.*
Outeiro — *colina; pequena eminência de terra firme.*
Hôrto — *pequeno bosque.*
Pilares de parreiras — *colunas tôscas que sustentam a videira, levantada em latada e estendida sôbre uma armação horizontal, de madeira.*
Encruzadas nos tapêtes — *sentadas sôbre os calcanhares, em cima de tapêtes, e com as pernas cruzadas.*
Amuletos — *objetos a que se atribui a virtude de afastar malefícios, doenças, acidentes, etc.*
Vestido de rosas bravas — *recoberto de rosas silvestres.*
Tudo ali resplandecia, festivo e pacífico — *havia ali uma grande serenidade, sob a luz clara e alegre do sol.*
Recolhiam da caça — *voltavam da caça para suas casas.*
Coturnos — *espécie de borzeguins que chegavam até ao meio da perna e se atavam por diante.*
Aljava — *carcaz, bôlsa ou estôjo em que se metiam as setas.*
Bardos — *poetas ocidentais, que cantavam poemas ao som da lira.*
Jopé — *cidade da Palestina* (atualmente Jafa).
Páscoa — *ocasião em que os Judeus comemoram a saída do Egito.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

— É uma estrada da Judéia, com seu aspecto pinturesco e o movimento que lhe empresta animação.

2 — Quantas partes se distinguem nela?

— Distinguem-se aí quatro partes:

a) a estrada florida (desde o início até *pacífico*);
b) à sombra das figueiras (até *seta*);
c) os viandantes (até *louro*);
d) os dois servos (até o fim).

3 — Que vemos em cada uma destas partes?

— São os seguintes os pormenores descritivos de cada parte:

a) cactos em flor — verdes outeiros — muros de pedra sôlta;
b) as mulheres e seu trabalho — ramos de alfazema e mangerona — as crianças;
c) a fila de dromedários — os dois caçadores — o velho pobre e a criança;
d) o muro — ramos de amendoeiras — a cancela — os dois servos — o tronco.

4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

— Faz-se pela distribuição dos pormenores descritivos, na ordem em que o foi observando o olhar do narrador. Êste caminha também pela estrada, em companhia de outrem (*diante de nós caminhava...*), de modo que êle vai, na verdade, vendo uma sucessão de pequenos quadros.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — O autor pinta uma estrada. Como é ela?

— Êle pinta uma estrada da Judéia antiga, ladeada de "vilas"; por ela descem ou sobem dromedários e pessoas trajadas de modo característico.

2 — Em que consiste a animação desta estrada?

— A animação nesta estrada, ligeira e tranqüila, não denota *pressa* ou *agitação*; tudo aí é calmo: primeiro, um quadro familiar, em que vemos mulheres trabalhando *sossegadamente*, enquanto crianças lhes brincam ao derredor; depois, a fila de dromedários descendo *lentamente*, os dois homens que voltam carregando perdizes e abutres, o velho pobre que caminha *devagar*.

3 — Mostre que o autor tem qualidades de pintor.

— Êle sabe distribuir os bem escolhidos pormenores, de acôrdo com as leis da *perspectiva*, e caracterizá-los, ao mesmo tempo, com expressões precisas e sugestivas, que lhes emprestam *colorido*, *relêvo* e *movimento*, de tal forma que nos é possível ver a paisagem e as personagens, tais como deviam existir na Judéia antiga.

— Na **paisagem** resplandecente, vemos *sebes de cactos em flor* beirando a estrada; mais além, *verdes outeiros cheios de hortos*, a que cercam *muros baixos*, de *pedra sôlta*, vestidos de *rosas bravas*.

— Na **estrada**, mulheres *fiam* linho ou *atam* ramos de alfazema e mangerona, sentadas, de pernas *encruzadas*, em *tapêtes* colocados à *sombra das figueiras*, debaixo dos *pilares das parreiras*; em redor delas, crianças *balouçam-se* em cordas ou *atiram* à seta; desce uma *fila* de *lentos* dromedários carregados de *mercadorias*; *recolhem* da caça dois homens *robustos*, com *altos coturnos vermelhos*, uma aljava, uma rêde, os braços carregados de perdizes e abutres; um velho de *longas barbas* sobe pela estrada, levando prêsa ao cinto uma lira.

— Ao **lado da estrada**, enxergamos, ao *fundo* dum *muro*, diante duma *cancela* pintada de *vermelho*, dois *servos* sentados num *tronco*, em atitude expectante.

4 — Analise o estilo do autor, neste trecho.

— Tentando, como acabamos de ver, procurar, pela observação, a imagem pinturesca, Eça de Queirós é essencialmente *plástico*, tendendo, antes de tudo, a satisfazer-nos os olhos pela representação precisa das formas, das côres, das atitudes e dos cenários. Em sua preocupação de reconstituir minuciosamente o quadro, não abandona um só pormenor pinturesco, cujo aspecto retraça com grande vigor expressivo: os coturnos vermelhos estão cobertos de *pó*, a aljava *vai batendo* na coxa dos caçadores, enquanto andam; a rêde está *atirada para as costas*, as aves estão *amarradas pelas patas*; o velho, *coroado de louro*, caminha *apoiado ao ombro duma criança* e sua lira tem *cinco cordas*; o muro aparece *coberto de ramos de amendoeiras*, os servos sentam-se num *tronco caído*, seus olhos estão *baixos* e as mãos *sôbre os joelhos*.

— Em conseqüência desta sábia escolha dos elementos descritivos e da fina observação de seus menores característicos, o quadro assume notável caráter de **verdade** e de **vida**.

23.º *Narrativa antiga.*

II. — O HOMEM-DEUS

À borda do Tiberíades, um homem vestido com a túnica do povo, sentado nas ribas da montanha, alonga a vista pelas orlas do mar de Galiléia, e contempla as ondas espêssas das multidões, que se lhe avizinham, bradando clamores de vassalagem, como se a montanha fôra um trono, e o homem do povo o rei das multidões. Êste homem, saudado pelas turbas, fugira ao alarido, que reclamava a coroa de Davi para aquela fronte real, onde a mão do Senhor escrevera os gloriosos destinos da Judéia. Entre os que lhe apregoavam a majestade, estavam uns que juravam a grandeza daquele homem pela formosa luz, que a sua vontade onipotente lhes abrira nos olhos, cerrados desde o ventre materno. Outros, há pouco levantados do estrado da agonia, juravam a presença do Messias naquele homem que os mandara erguer, e caminhar, como se a sua voz tivesse o império da que se ouviu entre os relâmpagos do Sinai. O filho da viúva de Naim, invocado das regiões da morte pela voz daquele homem, jurava, em nome de Deus, a divindade do que fôra sentar-se no cimo da montanha, para dominar o universo, como rei e autor da criação. As irmãs de Lázaro, rodeadas de povo, contavam a ressurreição de seu irmão; e Maria de Magdala rompia, veemente de amor, por entre as turbas, para derramar novas lágrimas aos pés daquele homem de Nazaré.

CAMILO CASTELO BRANCO.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

— Nesta narrativa, o autor mostra-nos Cristo sentado nas ribas da montanha, em frente ao mar de Galiléia; em seguida, diz o que d'Êle pensam as multidões e relata uma pequena série de seus mais impressionantes milagres.

2 — De quantas partes se compõe êste trecho?

— O plano geral da composição é bastante nítido nesta narrativa, que apresenta duas partes:

a) o homem que contempla as multidões;
b) os que lhe juram a divindade.

3 — Como se ligam entre si estas duas partes?

— Na **primeira**, fala o autor de *turbas*, e, nessas turbas há elementos a que faz alusão na frase inicial da **segunda** parte: *entre os que lhe apregoavam*, etc. De modo que não se interrompe a continuidade narrativa, existindo, portanto, uma transição suave de uma para outra destas partes.

4 — Que ordem seguiu o autor nesta narrativa?

— Êle vê primeiramente, em sua personagem, um *homem do povo*, depois um soberano aclamado pelas multidões e, finalmente, um *homem-Deus*, que se manifesta por meio de milagres.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Faz o autor, neste trecho, referência ao nome de Cristo?

— Embora se não faça referência ao nome, verifica-se logo que se trata de Cristo, não só pela citação de seus principais milagres, como pela indicação de sua ascendência real.

2 — Que pensa o autor quando diz que "a mão do Senhor escrevera os destinos da Judéia sôbre aquela fronte real"?

— Interpreta o autor um modo de sentir de grande parte do povo judaico. Êste julgava ser Jesus um predestinado, que, subindo ao trono de seus antepassados, libertaria a Judéia do jugo romano e a conduziria a altos destinos. Mas "o reino de Jesus não era dêste mundo", no qual, todavia, Êle lançou a semente fecunda de um grande reino espiritual.

3 — Quais foram os milagres de Cristo a que se refere a segunda parte desta narrativa? Como os relatou Castelo Branco?

— Os milagres citados são:

a) a restituição da vista aos cegos;
b) a cura dos paralíticos, que se puseram a andar, e de outros doentes, que sararam;
c) a ressurreição de Lázaro; a ressurreição do filho da viúva de Naim.

— Relatou-os o autor, como sendo apregoados pelos próprios beneficiados, em curtas e rápidas sentenças, o que, aliás, constitui um dos característicos do estilo descritivo de Camilo Castelo Branco.

TEXTO PARA EXPLICAÇÃO

23.º Narrativa antiga.

O GÓLGOTA E AS SANTAS MULHERES

Dum lado cavava-se o Vale de Hinon, abrasado e lívido, sem uma erva, sem uma sombra, juncado de ossos, de carcassas, de cinzas. E diante de nós o morro ascendia, com manchas leprosas de tojo negro, e a espaços furado por uma ponta de rocha polida e branca como um osso. O córrego, onde os nossos passos espantavam os lagartos, ia perder-se entre as ruínas dum casebre de adôbe: duas amendoeiras, mais tristes que plantas crescidas na fenda dum sepulcro, erguiam ao lado a sua rama rala e sem flor, onde cantavam àsperamente cigarras. E na sombra tênue, quatro mulheres descalças, desgrenhadas, com rasgões de luto nas túnicas pobres, choravam como num funeral. Uma, sem se mover, hirta contra um tronco, gemia surdamente sob a ponta do manto negro: outra, exausta de lágrimas, jazia numa pedra, com a cabeça caída nos joelhos, e os esplêndidos cabelos louros desmanchados, alastrados até ao chão. Mas as outras duas deliravam, arranhadas, ensangüentadas, batendo desesperadamente no peito, cobrindo a face de terra; depois, lançando ao céu os braços nus, abalavam o morro com gritos — "Oh! meu encanto! oh! meu tesouro! oh! meu sol!" — E um cão, que farejava entre as ruínas, abria a goela e uivava sinistramente.

EÇA DE QUEIRÓS.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *cavava-se* — *vale* — *juncado* — *carcassas* — *ascender* — *adôbe* — *desgrenhadas* — *túnicas* — *hirta* — *alastrados* — *sinistramente*.

2 — Que significam aqui as expressões: *abrasado* — *lívido* — *manchas leprosas de tojo negro* — *furado por uma ponta de rocha* — *gemia surdamente?*

3 — Explique o sentido das comparações contidas neste trecho.

4 — Que é o *Gólgota?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta narrativa?

2 — Divida esta narrativa em duas partes, dando-lhes títulos expressivos.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma delas?

4 — Como se faz a transição da primeira para a segunda?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Qual a grande tragédia da humanidade, que transparece de cada pormenor desta narrativa?

2 — Analise as expressões que denotam a *desolação* da paisagem; mostre que a paisagem é mesmo *sinistra*.

3 — Estude as expressões que revelam o *desespêro das mulheres*.

4 — Das mulheres, qual era a mais agoniada? Por quê?

5 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor, neste trecho, mostrando que é *objetivo* e *pinturesco*.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Cite 10 nomes de peças de vestuário e de armas do tempo de Cristo.

2 — Indique os nomes das peças de uniforme e das armas de um legionário romano.

3 — Empregue em curtas orações, no sentido próprio e no derivado: *abrasado* — *branco* — *triste* — *flor* — *pobre* — *gemer* — *cinza* — *imarcescível* — *inflar*.

4 — Cite palavras derivadas de: *lado* — *brasa* — *sombra* — *cinza* — *negro* — *osso* — *ruína* — *triste* — *rama* — *flor*.

5 — Forme 5 comparações que exprimam *tristeza*.

6 — Analise lògicamente o período que começa em "*O córrego*" e termina em "*cigarras*".

7 — Conjugue o verbo *jazer*.

8 — Que significam as seguintes palavras: *amolgar* — *nublar* — *enuviar* — *obnubilação* — *enublar* — *anuviar* — *aragem* — *atribulação* — *atônito* — *exultar* — *silente* — *rescender* — *estupefato* — *ênfase* — *díscolo* — *esgazear*?

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai desde: "*Mas as outras duas deliravam*", até: "*oh! meu sol!*", fale: *a*) do *delírio de um soldado ferido, no hospital de sangue*; *b*) do *sonho absurdo de um louco, no hospício*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Seguindo o plano do trecho estudado, descreva em tom narrativo, como se fôsse espectador ou espectadora, a Crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo, salientando o aspecto e o movimento da populaça e dos soldados, assim como os gestos e as atitudes das santas mulheres.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRATIVAS ANTIGAS

I. — *Desenvolva as seguintes narrativas, em cenas animadas, a que você tentará imprimir uma côr antiga, servindo-se das reminiscências de suas leituras:*

1.º **Um triunfo em Roma.** — Após a batalha de Zama, Cipião, vencedor de Aníbal, recebe as honras do triunfo. — Em Roma, exaltada pela alegria da vitória e pela lembrança dos sofrimentos que provara, há, entre frenéticas aclamações da multidão, um grande desfile do exército vitorioso, que traz ricos despojos e numerosos cativos: os soldados vencedores entram por uma das portas da cidade, naquele tempo vastíssima; seguem-se reproduções das montanhas escaladas, dos caudalosos rios atravessados, das fortalezas capturadas. — Depois vêm as armas e as máquinas de guerra tomadas ao inimigo, numerosos carros atopetados de despojos e de riquezas; em seguida a multidão dos cativos, e, por fim, numa carroça de ouro e pedraria tirada por elefantes, tigres ou leões dourados, o famoso triunfador. — O cortejo sobe ao Capitólio, onde o vencedor celebra um sacrifício em homenagem a Júpiter, protetor da cidade.

2.º **Sileno e as abelhas.** — Enquanto a comitiva de Baco atravessava um verde e fresco bosque, o velho Sileno, montado num jumento, afasta-se, com a idéia de encontrar uma colmeia, guiando-se pelo zumbido fino e alegre das abelhas. — Descobre-a no tronco ôco dum velho carvalho, mas tão no alto, que, para alcançá-la e tirar-lhe o mel, aproxima o animal da árvore e lhe sobe ao dorso. — E então saem voando as abelhas, aos enxames, atacando furiosamente nosso herói, que cai e rola por terra, gritando de dor. — A seus gritos, acorrem os sátiros e Baco, que riem às gargalhadas de seu rosto tumefato. — Em seguida, tratam dêle, tornam a montá-lo em sua cavalgadura e prosseguem na sua caminhada, entre motejos e canções.

3.º **Os Dez Mil e o mar.** — Depois de terem, sempre combatendo, atravessado tôda a Ásia Menor, os Dez Mil, chefiados por Xenofonte, chegam a Trebizonda, no mar Negro. — Quando avistam o mar, tão caro aos gregos, esquecem-se de tôdas as fadigas. — Erguem-se no espaço vibrantes cantos de alegria. — Organizam-se jogos para celebrar o acontecimento, pois, por assim dizer, êles haviam, de nôvo, encontrado a pátria.

4.º **O jovem macedônio.** — Alexandre, certo dia, celebrava um sacrifício. — A sua frente, um jovem macedônio apresentava o incensório. — Por acaso, caiu uma brasa ardente no braço do rapaz que não fêz sequer um movimento. — Êle preferia deixar-se queimar a perturbar a cerimônia. — Comovido com tal coragem, Alexandre recompensou-o pùblicamente.

5.º **As jóias de Cornélia.** — Certo dia, uma matrona romana, Cornélia, mãe dos Gracos, recebe a visita duma amiga. — Esta, demasiadamente vaidosa, depois de fálar de modas, escravos e festas, mostra-lhe, gabando-as, tôdas as lindas e ricas jóias que trazia. — Cornélia admira-as e tem para elas uma palavra delicada de louvor. — A amiga, numa curiosidade muito feminina, pergunta pelas de Cornélia. — A dama romana manda, então, chamar os filhos e apresenta-lhos como suas mais belas e preciosas jóias.

II. — *Desenvolva, em forma de narrativa, os seguintes temas, após organizar um plano de composição:*

1.º Aristides, o *Justo*, e o camponês.
2.º Aristeu e as abelhas.
3.º A lenda de Argus.
4.º Ariadna, a filha de Minos.
5.º Os trabalhos de Hércules.
6.º O assassínio de César.
7.º A morte de Cícero.
8.º A morte de Cleópatra.

III. — *Desenvolva, em forma de narrativa com ações animadas, os seguintes temas:*

1.º Henrique Dias na batalha de Pôrto Calvo.
2.º O Anhangüera e o episódio da aguardente inflamada.
3.º A aclamação de Amador Bueno.
4.º A execução de Tiradentes.
5.º As refeições de D. João VI.
6.º A coroação de D. Pedro I.

A FÁBULA

Histórico da fábula. — A fábula é a narração de uma pequena cena, cujos figurantes são, geralmente, animais, sendo pouco numerosas aquelas em que as personagens são vegetais ou sêres humanos. Tem ela por fim mostrar uma verdade de experiência ou um preceito moral. Parece ter nascido na Índia, onde, talvez por causa da crença

na metempsicose, havia mais interêsse pelo estudo e observação dos costumes característicos dos animais. Ao que diz a lenda, foi o brâmane *Pilpai* quem lhe deu forma escrita, em sânscrito.

Passou depois para a Grécia, onde, com *Esopo*, atingiu alto grau de perfeição. Cultivaram-na, também, os Romanos, entre os quais se distinguiu *Fedro*, que se limitou a introduzir em Roma as fábulas gregas, imitindo-lhes, todavia, o fogo de seu gênio.

Na Idade Média, surgiu ela no Ocidente, sob a forma duma coleção de história natural moralizadora, intitulada *Bestiários*.

Mais tarde, no século XVII, La Fontaine adotou-a na França, dando-lhe a estrutura de um drama em miniatura, que tem por cenário a paisagem das diversas províncias francesas, observadas segundo o curso das estações ou das diferentes horas do dia.

— Com êstes três autores, atingiu o ápice da perfeição.

Outros há, porém, que, em épocas diversas, brilharam neste gênero: *Babrius*, que pôs em versos as fábulas de Esopo; *Florian*, *Aubert*, *Lamotte* e *Lachambeaudie*, na França; *Gay* e *Dreyden*, na Inglaterra; *Gellert*, *Lessing Borner* e *Hans Sacha*, na Alemanha; *Juan Ruiz*, *Juan Manuel*, *Iriarte* e *Samaniego*, na Espanha. Em português, não temos fabulistas; nossos poetas não fizeram mais que uma grosseira e fria cópia de La Fontaine ou de Fedro. Em compensação, o povo anônimo das Américas é senhor de vastíssimo folclore animalista, a que falta, apenas, uma bela forma artística. É todo um repertório de peças interessantes, à procura de autor...

Características da fábula. — Deve a fábula ser curta, fácil e expressiva. Quando suas personagens são animais, convém conservar-lhes as qualidades predominantes (por exemplo: a *timidez* no carneiro, a *voracidade* no lôbo, etc.), sem lhes falsear nem forçar a natureza, de modo que a conclusão seja a conseqüência lógica das circunstâncias e dos caracteres postos em jôgo.

Os elementos da fábula. — Conta a fábula, quase sempre, dois elementos: a *narrativa*, ou exemplo, e a *máxima*, ou argumento; mas pode constar ùnicamente da primeira.

1.º *A narrativa.* — A matéria da narrativa é, às vêzes, simplesmente uma **descrição de animal**, em que se transcrevem, além de particularidades físicas, suas qualidades e defeitos, suas atitudes e seus movimentos; outras vêzes, é um **contraste** ("*O carvalho e o caniço*"), porém, as mais das vêzes, é um **conflito**, e a forma dramática da narrativa se torna mais impressionante: o conflito é *cômico*, quando um espertalhão ludibria um tolo ("*A rapôsa e o corvo*"); é *trágico*, quando o mais fraco se torna vítima do mais forte ("*O lôbo e o cordeiro*").

2.º *A máxima.* — As máximas nem sempre ensinam a virtude, pois são, antes de tudo, lições de prudência prática, de experiência, desprovidas de otimismo e que nos mostram quais são as exigências e as cruéis realidades da vida.

O sentido simbólico das fábulas. — As fábulas foram consideradas de modos assaz diferentes.

1.º Viu-se nelas a pintura satírica da sociedade do tempo em que foram compostas; a jerarquia dos animais representaria, então, a jerarquia social: o leão seria o rei; o tigre, o leopardo, o lôbo, etc., simbolizariam os nobres e poderosos senhores da côrte; o urso seria o fidalgo camponês; a rapôsa e o macaco, os cortesãos bajuladores; o burro, a cabra, o carneiro, etc., a gente do povo; e o gato de pêlos sedosos, o magistrado.

2.º Viu-se nelas, ainda, uma pintura de tôda a humanidade; e, já que tal pintura não envelheceu, é porque são os homens de todos os tempos que, mascarados de animais, encarnam as personagens de uma ampla comédia, cujo cenário é o universo.

3.º Viu-se nelas, enfim, uma concepção filosófica, que reconduz o homem ao *naturalismo* de alguns antigos, aproximando-o da natureza, dando-lhe por modelos os costumes simples e inocentes dos animais, ensinando-lhe que, entre nós e os brutos, não há muito grande diferença e que com êles podemos aprender muita coisa.

TEXTO EXPLICADO

24.º *Fábulas.*

O LEÃO VELHO

Decrépito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrépidos tornou sua fraqueza.

Eis o lôbo cos (*) dentes o maltrata,
O cavalo cos pés, o boi cas pontas,
E o mísero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas afrontas.

Não se queixa dos fados; porém, vendo
Vir o burro, animal de ínfima sorte,
— Ah! vil raça! — lhe diz — morrer não temo,
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte!

M. M. B. DE BOCAGE.

O assunto. — Nesta fábula, mostra-nos o autor o leão, já decrépito e fraco, ao ser atacado pelos outros animais, ansiosos por se vingarem, impunemente, de quem outrora lhes causava terror.

O plano de composição. — De acôrdo com o plano de composição, distinguem-se aqui três partes:

1.ª o ataque ao leão debilitado;
2.ª sua paciência;
3.ª sua revolta.

— Na *primeira* parte, o leão, velho e sem fôrças, saudoso dos tempos em que reinava nas florestas, é atacado pelos outros animais: maltrata-o o lôbo com dentadas, o cavalo com coices e o boi com chifradas.

— Na *segunda*, o mísero, impossibilitado de reagir às afrontas, ruge apenas, mas não se queixa do destino.

— Na *terceira*, êle se encoleriza, porém, e se lamenta, vendo chegar o burro, animal de raça vil, cujas ofensas são piores do que a própria morte.

Da primeira para a segunda parte, faz-se a transição por meio da conjunção aproximativa *e*; da segunda para a terceira, por meio da conjunção adversativa *porém*.

— Quanto aos versos, são decassílabos, com incidência dos acentos na 6.ª e na 10.ª sílabas.

O interêsse narrativo e moral. — O interêsse consiste na *narrativa*, cujo desenvolvimento acompanhamos com curiosidade até a expressão de cólera amargurada do leão, e no *ensinamento* que dela decorre e que nos mostra como são geralmente tratados os grandes e poderosos, quando decaem de sua posição.

(*) *CO, CA, COS, CAS: com o, com a, com os, com as.* São formas atualmente desusadas, a não ser, por vêzes, no linguajar do povo.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

24.º *Fábulas.*

I. — A COBRA E O GATURAMO

O tempo era de grande esterilidade e os animais andavam esfomeados. Uma cobra, que se arrastava, todo o dia, ao sol, pelo areal abrasado, à procura de alguma cousa com que atendesse à fome que lhe roía as entranhas, perdida tôda esperança, enroscou-se em uma pedra e ali deixou-se ficar à espera da morte. Iam-se-lhe fechando os olhos de fraqueza, quando um passarinho se pôs a cantar num ramo sêco, lançando tão alegres vozes, que a cobra, que era matreira, logo percebeu que tinha de avir-se com um novato, porque passarinho velho não seria tão indiferente a rolar gorjeios em tempo tão infeliz. Assim, instruída pela experiência, imaginou uma traça astuta e, espichando o pescoço, pôs-se a gemer com altos guaiados: — "Ai! de mim, que vou morrer sem alguém que me valha. Ai! de mim..." — Ouviu-a o gaturamo e, porque era curioso, voou do galho ao chão. Pondo-se diante da cobra, interrogou-a. "Que tendes, senhora cobra? Por que assim gemeis tão aflita?" — "Ai de mim! Fui ali acima à fonte, achei água tão fresca e pus-me a beber tão sôfrega, que enguli um diamante do tamanho de uma noz. Tenho-o atravessado na garganta e morrerei se não encontrar pessoa de caridade que mo queira tirar. Vale um reino a pedra e eu a darei por prêmio a quem me fizer o benefício de arrancar-ma da goela, onde se encravou." — Tufou-se em agrado pretensioso o enfatuado gaturamo e, pensando no tesouro que ali tinha ao alcance do bico, redargüiu à cobra: "Não é pelo que vale o diamante, mas pelo alto preço em que vos tenho, que me ofereço para aliviar-vos. Abri a bôca!" — Não se fêz a cobra rogar e, tanto que sentiu o passarinho, foi um trago. Então, saciada e rindo — como riem as cobras, — enrodilhou-se de nôvo e adormeceu, contente.

COELHO NETO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *gaturamo* — *enroscou-se* — *matreira* — *avir-se* — *uma traça* — *astuta* — *guaiados* — *sôfrega* — *se encravou* — *enfatuado* — *enrodilhou-se.*

2 — Que significam aqui as expressões: *areal abrasado* — *alegres vozes* — *rolar gorjeios* — *instruída pela experiência* — *pessoa de caridade* — *foi um trago?*

3 — Que quer o autor dizer com as expressões: *o tempo era de grande esterilidade* — *que lhe roía as entranhas* — *sem alguém que me valha* — *vale um reino a pedra* — *tufou-se em agrado pretensioso* — *o alto preço em que vos tenho?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Que nos conta o autor, nesta fábula?

2 — De quantas partes se compõe esta fábula?

3 — Qual é o conteúdo de cada parte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta fábula?

2 — Que qualidades demonstra possuir: *a*) a *cobra*; *b*) o *gaturamo*?

3 — Como exprime o autor essas qualidades?

4 — Forme uma frase que possa servir de máxima a esta fábula.

5 — Faça um ligeiro estudo comparativo entre esta fábula e a que La Fontaine escreveu sob o título: "*Le loup et la cigogne*", acentuando as semelhanças ou diferenças de assunto, de plano e de expressões.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *esterilidade* — *aridez* — *escassez*; *arrastar* — *rastejar* — *rojar*; *abrasado* — *ardente* — *incandescente*; *enroscar* — *enrolar* — *enrodilhar*; *fraqueza* — *debilidade* — *malacia*; *matreira* — *astuta* — *manhosa* — *ardilosa* — *sagaz*; *traça* — *ardil* — *artifício* — *plano*; *blaterar* — *deblaterar*.

2 — Dê sinônimos a: *gorjear* — *fechar* — *alegres* — *infeliz* — *interrogar* — *sôfrega* — *fufar-se* — *enfatuado* — *redargüir* — *saciada* — *contente* — *empombar* — *cimbrar*.

3 — Cite substantivos da mesma família que: *sêco* — *alegre* — *matreira* — *velho* — *indiferente* — *infeliz* — *astuta* — *curioso* — *aflita* — *sôfrega* — *pretensioso* — *enfatuado*.

4 — Cite palavras que se refiram ao aspecto físico: *a*) de um *corvo*; *b*) de uma *rapôsa*.

5 — Analise lògicamente o período que começa em "*Iam-se-lhe fechando*" e termina em: "*tão feliz*".

6 — Que significam as seguintes palavras: *lograr* — *fruir* — *usufruir* — *medrar* — *coligir* — *matraquear* — *bimbalhar* — *abantesma* — *escarcéu* — *brunir* — *barrir* — *zurrar* — *chilrear* — *grasnar* — *desídia* — *dissídio* — *dirimir* — *desgarre* — *licnóbio*?

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor na passagem que vai desde — "*O tempo era*", até: "*à espera da morte*", fale: *a*) de um *mendigo que está morrendo de fraqueza*; *b*) de um *explorador perdido nos gêlos árticos*.

REDAÇÃO IMITATIVA. — 1. Conte a conhecida fábula do corvo que, empoleirado no galho duma árvore, segura no bico um queijo apetitoso. Lisonjeado em sua vaidade pela rapôsa, quer mostrar-lhe a bela voz e abre a bôca para cantar, deixando cair a rica prêsa, logo arrebatada pela astuta aduladora. — 2. Noutra fábula, imagine que o corvo, finório e astuto, prevendo o que lhe aconteceria um dia, dispusera logo abaixo de seu galho predileto uma rêde, disfarçada entre a folhagem; nela caiu o queijo, o que lhe permitiu zombar e rir da rapôsa desapontada.

24.º *Fábulas.*

II. — O LEÃO E A LEBRE

Era uma lebre engraçada,
Estimada
Na côrte d'El-Rei Leão:
Todos os bobos o são
Sempre na côrte dos reis.
— "Meu senhor, não me direis,
Se é verdade ou se é mentira,
Que dum galo o triste canto
Pode tanto,
E tanto terror inspira,
Que até chegue a ser capaz
De fazer voltar atrás
Um leão?!" — "É bem verdade,
— Diz El-Rei — fragilidade
Essa é nossa; e outras tais
Vês nos grandes animais,
Por exemplo, o elefante,
Grande, enorme,
Tão possante,
Já não dorme
Nem sossega
Se junto dêle se chega,
A grunhir, o porco imundo."
— "Agora percebo a fundo
— A lebre diz — o segrêdo
Por que os cães me metem mêdo."

V. DE SANTA MÔNICA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *côrte* — *bôbo de côrte* — *o triste canto* — *fragilidade* — *possante* — *a fundo.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta fábula?

2 — De quantas partes se compõe ela? aponte-as no texto, dando-lhes títulos expressivos.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma delas?

4 — Estude sucintamente a metrificação desta fábula.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que é esta fábula uma pequenina comédia?
2 — Que há de engraçado na réplica final da lebre?
3 — O desenvolvimento da fábula se encaminha para esta réplica. Prove-o.
4 — Por que é dialogada tôda a fábula, com exceção do princípio?
5 — Que impressão nos causa esta fábula?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue em curtas orações: *engraçada — espirituosa — graciosa — jovial; bôbo — truão — chocarreiro — farsista — tolo — estulto — palhaço; mentira — inverdade — falsidade — impostura — mendacidade; terror — pavor — susto — mêdo; estratagema — ardil; exaltação — exultação; feraz — ferino — falaz.*

2 — Empregue apropriadamente em orações: *inspirar — incutir — infundir — causar; fragilidade — fraqueza — tibieza; possante — forte — robusto — poderoso — majestoso; sossegar — acalmar — aquietar — serenar — tranqüilizar — apaziguar.*

3 — Conjugue os verbos *aguar, desaguar, argüir* e *redargüir.*

4 — Cite palavras do mesmo sentido que: *estimar — senhor — triste — capaz — grande — junto — imundo — mêdo.*

5 — Dê antônimos a: *engraçada — estimada — bobos — triste — fragilidade — possante — dormir — sossegar — mêdo.*

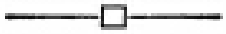
6 — Quais são os adjetivos que correspondem a: *leão — lebre — côrte — rei — senhor — terror — animal — elefante — porco — cão?*

7 — Analise lògicamente o trecho que vai desde: "*Meu senhor, não me direis*", até: "*De fazer voltar atrás um leão?*"

8 — Cite expressões que traduzam o aspecto físico: *a*) duma onça; *b*) dum macaco.

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta fábula.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Componha, em prosa, uma pequena fábula semelhante a esta, mas que tenha por figurantes a onça e o macaco.



TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

FÁBULAS

I. — *Desenvolva as seguintes fábulas, procurando, de um lado, observar a verdade da observação e da descrição; e esforçando-se, de outro, por dar à sua composição a forma de uma narrativa com diálogo:*

1.º **Os cavalos.** — No pasto duma fazenda, pastavam dois cavalos: um, de passeio; outro, de carroça. — O primeiro falava com desprêzo do trabalho rude e vulgar do seu companheiro e louvava os encantos de sua própria vida. — Um belo dia, é êle adquirido por um homem da cidade e parte todo orgulhoso, sem mesmo despedir-se do outro. — Anos depois, o cavalo de carroça, sempre vigoroso, levava à cidade um carregamento de legumes. — Qual não lhe foi a surprêsa ao reconhecer seu brilhante amigo de outrora a puxar um velho carro de praça, perto duma estação de estrada de ferro! — O acaso aproximou-os; puseram-se a conversar, evocaram o passado, falaram do presente. — "Sofri muitos dissabores e muitas desgraças", disse um. — "Uma vida brilhante acarreta decepção, replicou o outro; uma vida humilde é sempre mais segura."

2.º **A cigarra e a formiga.** — Leia a fábula "A cigarra e a formiga". — Suponha que a cigarra, prosseguindo seu caminho, encontra outra formiga, meiga e caridosa, que, em vez de repeli-la duramente, a recebe com afetuosidade, rogando-lhe apenas, em retribuição, que cante alguma canção para distraí-la.

3.º **O cão e o gato.** — Algumas crianças brincam numa rua com um cão e um gato que lhes pertencem. — De repente, aparecem três homens de má catadura. — As crianças gritam e o gato foge, mas o cão se atira contra os vagabundos, afugentando-os. — Em seguida, o cão admoesta o gato, que lhe retruca nada de mau ter feito ao seguir a máxima: "Cada qual para si." — Então o cão, indignado, exprobra-lhe a ingratidão, exaltando a felicidade que todos podem encontrar no devotamento.

II. — *Desenvolva, em forma de narrativa dialogada, as seguintes fábulas* (se não as conhecer, peça ao professor que lhas explique):

1.º O lôbo e o cordeiro.
2.º O galo e a pérola.
3.º O lôbo e a cegonha.
4.º A galinha dos ovos de ouro.
5.º A Morte e o lenhador.
6.º O homem e a cobra.
7.º A raposa e as uvas.
8.º A leiteira e o jarro de leite.
9.º O lôbo e o cão.
10.º O lavrador e seus filhos.
11.º O leão e o rato.
12.º O milhafre e o rouxinol.

TEXTO EXPLICADO

25.º *Anedotas.*

— **A anedota é:**

1.º) *o relato dum pequeno fato histórico;*
2.º) *uma historieta;*
3.º) *uma narrativa curta, espirituosa ou curiosa.*

X TIRO AO ALVO

Dois soldados faziam exercícios de tiro e não conseguiam acertar no alvo. Um oficial que vinha passando, parou e ficou a observá-los. Vendo que as balas se perdiam, aproximou-se dos recrutas e os admoestou: — "Que falta de jeito a de vocês! Como acertar sem alvejar? Apontem primeiro . . . Vocês precisam aprender a dormir na pontaria. Sem isso, babau! é bala perdida . . . Vejam, é assim". — O oficial toma um dos fuzis, visa e atira. A bala passa à direita do alvo. O instrutor oficioso não se desconcerta. Volta-se para o soldado e diz: "Viu, *seu* bicho? Era assim que você estava atirando". — Aponta segunda vez, dispara a arma, e a bala recalcitrante passa à esquerda do alvo. O oficial não se dá por achado nem perde o entono. Volta-se para o segundo recruta e diz: "Viu você também, *seu* desajeitado? Era assim que você estava atirando". — Enfim, uma terceira bala atinge o alvo. Diz, então, o oficial aos dois recrutas boquiabertos de admiração: — "Aí está como eu atiro. Aprendam. Não é difícil".

TEODORO DE MORAIS.

O assunto. — É o seguinte, o assunto: Um oficial passa perto de dois soldados, que faziam improfícuos exercícios de tiro ao alvo, observa-os algum tempo e, depois, chama-lhes a atenção, decidindo-se de repente a dar-lhes uma aula prática de tiro.

O plano de composição. — O plano é o de uma *anedota*, isto é, o de um episódio curto, curioso e divertido, que se compõe, aqui, de três partes:

1.ª o exercício de tiro ao alvo;
2.ª a admoestação do oficial;
3.ª a lição prática de tiro.

Desenvolve-se esta última parte em três *fases;* o oficial demonstra:

1.º como atira o primeiro soldado;
2.º como atira o segundo;
3.º como atira êle próprio.

A seqüência dos fatos. — A seqüência dos fatos, nesta anedota, é bastante cerrada: nada há que não tenha sua explicação no que precede.

Assim,

1.º o autor mostra-nos os dois soldados que atiram ao alvo, sem conseguirem acertar;
2.º êle faz passar por ali o oficial, que se detém, a observá-los;
3.º o oficial admoesta os soldados pela imperícia que demonstram;
4.º num movimento subitâneo de decisão ("*Vejam, é assim*"), êle toma de um fuzil, visa, faz fogo, erra, e, sem se desconcertar, explica, como se fôsse um êrro a evitar, que daquele modo atirava o primeiro soldado;
5.º aponta novamente, dispara, erra pela segunda vez, e, calmamente, como se fôsse outro êrro a evitar, diz ser êsse o modo por que atirava o segundo soldado;
6.º acertando na terceira tentativa, diz com empáfia aos recrutas: "Aí está como eu atiro".

O interêsse. — O interêsse decorre da bonacheirona presunção do oficial, sem a qual não se formaria a anedota. Sua presunção nos diverte, porque, sempre numa atitude superior, sabe atribuir, com espírito e no tom de quem dá camaradamente uma lição ("Viu, *seu* bicho? Viu, *seu* desajeitado?"), os próprios erros aos soldados, que ficam boquiabertos de admiração quando êle, acertando ao terceiro tiro, se erige modêlo dos atiradores.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

25.º *Anedotas.*

I. — COM AMOR DE PAI NÃO SE BRINCA

Um gôdo por nome Tocho se jactou, em presença do rei Heraldo, que pondo-se qualquer pomo na ponta dum báculo, certamente o cravava com o primeiro tiro. O rei bárbaro mandou logo pôr em lugar do báculo a um filho do mesmo Tocho, e sôbre a sua cabeça o pomo; para que, se errasse, ficasse castigada a sua jactância. Êle, pôsto em tão estreito apêrto, que havia de perder o crédito se quisesse salvar o filho sem perigo, mandou ao môço voltar o rosto para a parte contrária, para que não tremesse ao ver sacudir a seta; e avisou que persistisse com a cabeça direita porque assim importava a ambos. E logo, com despejada confiança, tirou da aljava três setas; e sem demora, para não fazer esperar mais ao palpitante coração do filho, assentou a seta e a disparou tão inocentemente como lhe convinha e como prometera. Admirou-se o rei, e perguntou: "Por que aparelhaste três setas se a experiência devia fazer-se só com uma?" — Aqui, Tocho, formando da língua também arco, e da palavra seta, lhe disparou outra mais atrevida. — "Se errasse, lhe disse, com dano de meu filho, as outras duas eram para ti, e para alguém que por ti acudisse; pois não era bem que a inocência levasse a pena, e a violência injusta ficasse impunida."

Padre MANUEL BERNARDES.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *um gôdo — se jactou — pomo — báculo — cravava — jactância — aljava — assentou — inocentemente — aparelhar — dano.*

2 — Que significam aqui as expressões: *tão estreito apêrto — havia de perder o crédito — com despejada confiança — o palpitante coração do filho — a violência injusta?*

3 — Que quer o autor dizer com a frase: *formando da língua também arco, e da palavra seta?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta historieta?

2 — Quantas partes aí encontramos?

3 — Que plano seguiu o autor neste trecho?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que lenda nacional suíça tem assunto igual ao desta anedota?
2 — Que aconteceu a Guilherme Tell?
3 — Que impressão nos causa cada uma das personagens desta narrativa? Por quê?
4 — Que sentimentos nos desperta a cena descrita?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *rei* — *pomo* — *báculo* — *jactância* — *apêrto* — *despejada* — *aparelhar* — *pena* — *estrafêgo* — *estracinhar* — *presságio* — *aziago* — *tétrico* — *feral* — *precito*.

2 — Quais são os antônimos de: *presença* — *ponta* — *errar* — *castigar?*

3 — Substitua as seguintes expressões do texto por outras de valor equivalente: *certamente* — *com despejada confiança* — *sem demora* — *tão inocentemente*.

4 — Substitua, no texto, o discurso direto pelo indireto.

5 — Quando se emprega *até* e *até a?*

6 — Analise lògicamente os dois primeiros períodos do texto.

7 — Dê exemplos de orações proporcionais (*tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos*, etc.).

8 — Cite palavras que exprimam *angústia* e *temor*.

9 — Explique o sentido das seguintes palavras: *altivez* — *orgulho* — *arrogância; revolta* — *cólera* — *ira* — *furor; firmeza* — *segurança* — *convicção* — *certeza; audaz* — *atrevido* — *impávido*. Empregue estas palavras em curtas orações.

ELOCUÇÃO. — Obedecendo à construção fraseológica dos três primeiros períodos, fale de um colega que, na escola, se gaba de poder atingir, a uma distância de 15 metros, qualquer objeto com seu estilingue.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Obedecendo ao plano do trecho estudado, conte o que aconteceu, de semelhante, a Guilherme Tell.

25.º *Anedotas.*

II. — O SABICHÃO

O doutor Paulo Florêncio, apóstata de certa religião, gloriava-se de mui versado nas línguas grega, hebraica, siríaca, caldaica e outras muitas. Viera à mão do padre da Companhia de Jesus, Jorge Scherer, uma nômina das que as velhas costumam pendurar ao peito dos meninos por defensivo das febres ou casos desastrados; estava escrito em caracteres desconhecidos e quis averiguar o que continha, para o que foi valer-se da perícia do Dr. Florêncio, que a fama celebrara. Mostrou-lhe o papel, e êle, sem mais detença, afetando conhecimento antigo daquela espécie de caracteres, disse: "Estas são palavras dos sacerdotes egípcios, que usavam no rito dos seus sacrifícios". — Voltou o padre para casa, e porque já suspeitava a mentira, fêz segundo exame nesta forma. Escreveu em outro papel

três palavras da sua língua materna (que era alemã), viradas as letras da última para a primeira. Ponhamos o exemplo em português, para melhor vermos o extraviado da interpretação que lhe foi dada: "*andam os patos sem sapatos*". — Inversa a ordem das letras, dizia: "madna so sotap mes sotapas". — E logo tomou por companheiro o padre Cristiano, que lia teologia, e o fêz participante do segrêdo. E foram buscar a interpretação do mesmo oráculo. E êle, nada menos confiado, respondeu: "Isso é o mesmo que tenho dito a Vossa Paternidade do outro papel: são fórmulas que usavam os egípcios quando sacrificavam". — Ouvindo isto, o padre Cristiano tomou depressa a porta, porque não podia reprimir o riso, mas o padre Scherer, representando sisudeza, lhe rendeu as graças pelo benefício, e saiu com o desengano que desejava.

Padre MANUEL BERNARDES.

QUÉSTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *apóstata* — *gloriava-se* — *versado* — *nômina* — *perícia* — *afetando* — *rito* — *participante* — *oráculo* — *reprimir* — *benefício* — *desengano*.

2 — Que significam as expressões: *que a fama celebrara* — *sem mais detença* — *o extraviado da interpretação* — *que lia teologia* — *nada menos confiado* — *Vossa Paternidade* — *tomou depressa a porta* — *representando sisudeza* — *lhe rendeu as graças?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto desta anedota?

2 — Divida esta anedota em duas partes, dando-lhes títulos.

3 — Qual é a estrutura de cada uma dessas partes?

4 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Mostre que o interêsse desta anedota está no estratagema de que se serviu o padre para desmascarar um impostor.

2 — Em que tom conta o Padre Manuel Bernardes esta anedota?

3 — Que impressão nos causa: *a*) o Dr. Paulo Florêncio; *b*) o Padre Scherer; *c*) o estratagema dêste último?

4 — Analise, em poucas palavras, o estilo de Manuel Bernardes, nesta anedota.

EXERCÍCIOS

1 — Dê sinônimos a: *apóstata* — *gloriar-se* — *desastrado* — *averiguar* — *perícia* — *sem mais detença* — *afetando* — *agro* — *atro* — *tenebroso* — *pressago* — *agoirento* — *auspicioso*.

2 — Quais são os homônimos de: *sem* — *casa* — *fêz* — *êle* — *êsse?*

3 — Substitua por uma oração conjuncional a oração reduzida infinitiva: *para melhor vermos o extraviado da interpretação*.

4 — Empregue no sentido figurado, em curtas orações: *febre* — *língua* — *papel* — *riso*.

5 — Conjugue o verbo *averiguar* no indicativo presente, no pretérito perfeito, no imperativo presente e no subjuntivo presente.
6 — Analise lògicamente o 2.º período do texto.
7 — Cite expressões que tenham analogia com *vanglória* e *satisfação*.

ELOCUÇÃO. — Reproduza oralmente esta historieta, tornando, contudo, mais vivo o diálogo.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Componha uma anedota a respeito de um colega, que costuma gabar-se de seu profundo conhecimento do latim (fazendo êle, por exemplo, uma "tradução" fonética da oração: *Uvas Athenas portas*).

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

ANEDOTAS

I — *Conte, em prosa, fábulas anedóticas, tais como:*

1.º A morte e o lenhador.
2.º O lôbo e o cordeiro.
3.º O velho e os três moços.
4.º A rapôsa e as uvas.
5.º Perrette e o jarro de leite.
6.º O macaco e a lanterna mágica.
7.º O corvo e a rapôsa.
8.º O galo e a pérola.

II — *Conte, inventando acidentes cômicos, uma anedota tomada à vida real e que tenha por título:*

1.º Um preguiçoso inteligente.
2.º Um "filante" espirituoso.
3.º O estudante e o avarento.
4.º Uma lição de economia.
5.º Um guloso castigado.
6.º O ladrão alegre.
7.º O soldado esperto.
8.º O papagaio guarda-noturno.

III — *Conte uma cena da vida real, a respeito, de:*

1.º Um belo ato de caridade.
2.º Um rasgo de coragem.
3.º Uma ação de valor.
4.º Uma afirmação de patriotismo.
5.º Uma demonstração de fé religiosa.
6.º Um ato de heroísmo guerreiro.

IV — *Conte uma anedota, descrevendo:*

1.º Um papagaio engraçado.
2.º A astúcia de um gato.
3.º A esperteza de um macaco.
4.º A teimosia de um burro.
5.º A dedicação de um cão.
6.º O susto de uma rapôsa ao ouvir a voz de um papagaio.

A EXPRESSÃO DE IMPRESSÕES PESSOAIS

Em geral, o mecanismo da expressão de impressões pessoais apresenta três fases:

1.ª o autor observa o que há ou o que se lhe passa em tôrno;

2.ª a cousa observada desperta-lhe, no espírito, a lembrança de outra cousa, pela semelhança que existe entre ambas ou que seu sentimento artístico cria;

3.ª o autor procura transmitir, de modo vigoroso, essa impressão ao leitor, seja por meio de *comparações*, em que ambas as imagens — a observada e a evocada — sirvam de elementos, isto é, o elemento *que se compara* e o elemento *a que se compara;* seja por meio de *metáforas*, ou de outras figuras, para cuja formação essas mesmas imagens concorram; seja, ainda, de *considerações* ou *reflexões*, que assumem quase sempre, caráter narrativo.

Assim, por exemplo, um lago, que reflete, em suas tranqüilas águas, as árvores marginais, o céu azul e farrapos de alvas nuvens, evoca-nos logo a imagem de um espelho e esta impressão se traduz, quer por uma comparação ("O lago, *como um espelho*, reflete" etc.), quer por uma metáfora ("O lago *espelha* as árvores", etc.).

Vimos, no estudo da DESCRIÇÃO MESCLADA DE IMPRESSÕES PESSOAIS, que a *impressão* constitui um elemento coadjuvante da *descrição*, emprestando relêvo, colorido e nitidez à forma e ao aspecto das cousas objetivas, realçadas e embelezadas pela reação estética do autor; a natureza observada, no entanto, conserva o primeiro lugar no interêsse de quem a descreve, interêsse de que deve, naturalmente, participar o leitor.

Aqui, porém, a descrição como que se transfigura: o subjetivo transborda o objetivo e as impressões vão empolgando o escritor, numa sucessão de imagens que se tornam tanto mais atraentes, quanto mais aguda fôr sua sensibilidade, mais profunda sua cultura, mais ampla sua capacidade expressiva e maior sua originalidade. O que há, então, de interessante, é o próprio autor, com suas interpretações e reações à natureza exterior, observada diretamente ou imaginada.

Veja-se, por exemplo, quão rico de imagens é o seguinte trecho de Coelho Neto, em que a Vida é simbolizada por uma montanha escarpada, cujo cimo é o destino glorioso do homem e, o sopé, um atoleiro de vícios sedutores e de crimes:

> "... *montanha escarpada: a glória, e pureza, estão no cimo; no sopé, alastra-se o tremedal dos crimes, cheio de seduções, de miragens, de enganos. Quem se inclina sente a vertigem e sofre a atração. Se desce um passo, resvala, rola, precipita-se, aprofunda-se. Raros são os que conseguem agarrar-se às raízes do arrependimento, às arestas da vontade, salvando-se da perda fatal*".

TEXTOS EXPLICADOS

26.º *Expressão de impressões pessoais.*

I. — NOTURNO

Ó grande noite serena, mãe dos lírios, dá-nos a luz da tua lâmpada suave para que ainda possamos ver êsses caminhos por onde vamos, que dizem ser de lindo aspecto: bueiros de mármore e todo o leito da estrada de cascalho de gandarela. Vem ao céu, plenilúnio argentino, desabrocha e aclara o nosso itinerário. Sôbre o cimo de um monte um revérbero diáfano aparece: é o luar; emerge uma aresta aguda e, vagaroso, o crescente rutila, recortando o azul como a lâmina de uma foice. — "Linda noite!" murmuram. Debruço-me à janela do vagão, olhando a paisagem banhada no alvo e transparente luar... Abrupto, densas trevas cegam-me; de chôfre range o trem, solavanca, trepida, estronda, através da espessidão tenebrosa de um túnel... O luar de nôvo, com grandes acúmulos de sombra e fagulhas que passam no ar frio da noite sossegada. Ao longe, raro em raro, luzes — choças; decerto cantam lá dentro modas sertanejas. Que saudades me trazem essas cabanas pobres. Minha terra! Minha terra! nas campinas do teu sertão é assim que a gente mora — uma cabana de palha e o vasto campo em tôrno; entanto... a Felicidade parece que prefere as choças — raro é o pranto, e o sorriso é o penate rústico.

COELHO NETO.

O assunto. — O autor descreve, num tom comovido, as belezas do luar, apreciadas durante uma viagem noturna.

O plano de composição. — Êste trecho participa da natureza da *narração*, porque o autor emprega formas pessoais que caracterizam êste gênero literário, e da *descrição*, porque descreve uma paisagem.

— Notam-se nêle três partes:

1.ª a *invocação* ao luar: o autor pede à lua que ilumine os caminhos; ela parece atender a esta súplica;

2.ª a *paisagem*: a claridade argêntea, os montes e suas sombras, o túnel, as fagulhas, as choças iluminadas ao longe;

3.ª a *evocação* do viajante: as saudades e a divagação do autor, ao ver as cabanas pobres, que lhe recordam um aspecto da terra natal.

Estudo das idéias. — O que há de mais interessante neste trecho é o próprio autor, cujos sentimentos reagem ao espetáculo exterior, expandindo-se sob a forma de impressões pessoais.

Estas impressões são, naturalmente, de *forma* e *luz*, expressas, seja por meio de adjetivos (*grande, serena, suave, linda, frio*), seja por meio de comparações e metáforas (*mãe dos lírios, lâmpada, desabrocha, revérbero, aresta, recortando o azul, como a lâmina de uma foice, banhada no luar, espessidão tenebrosa*).

— A *emoção* do autor, também, se transfere de sua própria alma para a alma do leitor, que, juntamente com êle, sofre a nostalgia de regiões e moradias quase primitivas, onde a vida decorre simples e feliz.

O estilo. — O estilo é pomposo, eloqüente, algo declamatório, deixando transparecer, nas reticências e nas exclamações, os movimentos da emoção do autor, estética no início e sentimental no fim. A paisagem noturna, que lhe agita a alma, está transcrita de modo essencialmente *plástico*, com palavras e expressões que desenham, com nitidez, o pormenor pinturesco e que nos satisfazem os olhos pela representação precisa das formas, do relêvo, do jôgo de luz e sombra, do quadro, enfim, visto através dum chuveiro de fagulhas. E a nota de *serenidade transparente* e leitosa do ambiente claro e sossegado é apenas cortada pela fugaz escuridão do túnel e pelo ruído do trem rápido, traduzido vigorosamente por uma onomatopéia:

> *"de chôfre range o trem, solavanca, trepida, estronda, através da espessidão tenebrosa de um túnel."*

26.º *Expressão de impressões pessoais.*

II. — O VELHO LAR

A casa resistira ao tempo: rija nos seus formidáveis esteios de cabiúna, tôda aberta ao ar e à luz, muito branca, destacava-se sôbre o fundo escuro da mata que dominava sobranceira o alto da colina. As grandes alas caiadas, os espaçosos quartos, os corredores imensos estavam impregnados de recordações. Havia ainda um vago aroma do passado — os manes dos que ali haviam expirado pareciam errar na luz e na brisa, festejando as almas que voltavam como para aninhar-se no aconchego do ninho, pressentindo perto o duro inverno da velhice.

COELHO NETO.

O assunto. — O autor descreve um velho e sólido casarão rural, traduzindo as emoções de quem regressa ao lar, após longa ausência.

Estudo do plano de composição. — O trecho apresenta três partes:

1.ª a velha casa e sua situação pinturesca;
2.ª os compartimentos impregnados de recordações;
3.ª a presença espiritual dos antepassados.

— Na *primeira* parte, aparece a velha casa tôda aberta ao ar e à luz, muito branca contra o fundo escuro da mata que recobre a colina.

— Na *segunda*, vemos os compartimentos, que despertam emoção na alma do observador.

— Na *terceira*, parece a êsse observador que os espíritos dos antepassados pairam no ar transparente e luminoso, jubilosos com o regresso dos entes queridos ao velho lar comum.

As impressões pessoais. — Nota-se nesta descrição uma série de impressões pessoais: em primeiro lugar, uma observação de cunho artístico, expressa em poucas palavras e em que se assinala o contraste das côres entre a casa branca e o fundo verde-escuro

da mata; depois, a casa desperta no espírito sensível do observador recordações suaves que se exprimem através de um sentimento de apêgo à *tradição familiar* (vago *aroma do passado*) e do *culto religioso aos mortos* (os *manes*). Deixa o autor transparecer ainda, em poucas, mas escolhidas expressões, a sensação de *segurança* oferecida pelo velho lar aos que a êle retornam na velhice (*aninhar-se... aconchego do ninho*).

26.º *Expressão de impressões pessoais.*

III. — AS NAUS

Sôbre as asas pairando, as naus entram na lenta
marcha das aves do mar, que chegam fatigadas,
e, enquanto aos pés, em flor, uma vaga rebenta,
outras cantam solaus, rindo, em tôrno grupadas.

Parecem catedrais marmóreas, torreadas,
fugindo a um velho mundo e fugindo à tormenta,
que entre nichos de pedra e agulhas lanceoladas
rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedários do mar — intérmino Saara —
ó naus, vós afrontais os ciclones, o grito
que vem do abismo fundo e uracões, cara a cara!

Sois mais do que êsses troféus lendários de granito,
no seu panejamento enorme de Carrara...
Vós, cuja base é o oceano e cúpula o infinito!...

LUÍS DELFINO.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste soneto?

— O poeta descreve, em versos alexandrinos, a entrada das naus num pôrto e a série de impressões pessoais que elas lhe vão despertando no espírito.

2 — Quantas partes se notam nesta descrição? Qual o conteúdo de cada uma?

— Cada estrofe, dentro do plano de composição seguido pelo poeta, apresenta-nos uma parte distinta:

a) a *entrada das naus:* Como grandes aves marinhas, entram as naus lentamente no pôrto, enquanto as vagas, em tôrno, se desfazem num marulho agradável;

b) as *catedrais:* O autor, em ousada imagem, compara os navios a catedrais de mármore, que rolam sôbre as águas sua mole cheia de nichos e eriçada de tôrres esguias, fugindo a seu velho mundo e às tormentas;

c) os *dromedários do mar:* Outra impressão fere o espírito do poeta: as naus assemelham-se agora a dromedários, que afrontam os ciclones e os vendavais dêsse deserto imenso — o mar;

d) as *naus monumentos:* Em vigorosa apóstrofe, diz o poeta às naus serem elas maiores que os monumentos de granito erigidos pelos homens, porque sua base e sua cúpula são duas vastidões eternas: — o oceano e o céu.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse dêste sonêto?

— O interêsse consiste no vigor das impressões pessoais.

2 — De que modo exprime o autor suas impressões pessoais?

— Por meio de comparações e imagens, originais umas, outras expressas vigorosamente, mas correspondendo tôdas a uma visão íntima do poeta (*sôbre as asas pairando — aos pés — em flor — cantam solaus — rindo em tôrno grupadas — parecem catedrais — dromedários do mar — intérmino Saara*, etc.).

— Infelizmente, o poeta descai de sua vigorosa capacidade expressiva, ao servir-se duma expressão vulgar: *cara a cara*.

3 — Que é solau?

— São versos acompanhados por música, num ritmo ordinàriamente triste e cuja letra o é também. No sonêto, é o ruído ritmado e monótono das ondas.

4 — Que aspecto marítimo mais impressionou o poeta, no quadro em que se movimentam as naus?

— Foi o aspecto tempestuoso (*fugindo à tormenta, afrontais os ciclones*, etc.).

5 — Que caráter literário empresta a êste sonêto a expressão das impressões pessoais do autor?

— A expressão das impressões pessoais é um dos característicos do *romantismo*.

6 — Por que acha o poeta que as naus constituem monumentos mais grandiosos que os monumentos de mármore de Carrara?

— Porque, além de sua finalidade de unir continentes, elas têm por pedestal a vastidão do oceano, e, por cúpula, a imensidade do céu.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

26.º *Impressões pessoais.*

I. — OS VAGALUMES

Os primeiros vagalumes começavam no bôjo da mata a correr suas lâmpadas divinas. No alto, as estrêlas miúdas e sucessivas principiavam também a iluminar. Os pirilampos iam-se multiplicando dentro da floresta, insensìvelmente brotavam silenciosos e inumeráveis nos troncos das árvores, como se as raízes se abrissem em pontos luminosos. Serenavam aquelas primeiras ânsias da Natureza, ao penetrar no mistério da noite. O que havia de vago, de indistinto, no desenho das cousas, transformava-se em límpida nitidez. As montanhas acalmavam-se na imobilidade perpétua; as árvores esparsas na várzea perdiam o aspecto de fantasmas desvairados . . . No ar luminoso tudo retomava a fisionomia impassível. Os pirilampos já não voavam, e miríades e miríades dêles cobriam os troncos das árvores, que faiscavam cravados de diamantes e topázios. Era uma iluminação deslumbrante e gloriosa dentro da mata tropical, e os fogos dos vagalumes espalhavam aí uma claridade verde, sôbre a qual passavam camadas de ondas amarelas, alaranjadas e brandamente azuis. As figuras das árvores desenhavam-se envôltas numa fosforescência zodiacal. E os pirilampos se incrustavam nas fôlhas e aqui, ali e além, mesclados com os pontos escuros, cintilavam esmeraldas, safiras, rubis, ametistas e as mais pedras que guardam parcelas das côres divinas e eternas. Ao poder dessa luz o mundo era de um silêncio religioso, não se ouvia mais o agouro dos pássaros da morte; o vento que agita e perturba, calara-se . . .

GRAÇA ARANHA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *pirilampos — ânsias — várzea — miríades — tropical — fosforescência tropical — se incrustavam — mesclados — parcelas — agouro.*

2 — Que significam aqui: *o bôjo da mata — lâmpadas divinas — iam-se multiplicando — brotavam — o mistério da noite — o desenho das cousas — límpida nitidez — as montanhas acalmavam-se — imobilidade perpétua — fantasmas desvairados?*

3 — Qual é a significação de: *ar luminoso — fisionomia impassível — que faiscavam cravejados de diamantes e topázios — uma iluminação deslumbrante e gloriosa — os fogos dos vagalumes — camadas de ondas — as figuras das árvores desenhavam-se — as côres divinas e eternas — um silêncio religioso — os pássaros da morte — o vento que agita e perturba?*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?
2 — De quantas partes se compõe esta descrição? Aponte-as no texto, dando-lhes títulos expressivos.
3 — Que pormenores se encontram em cada parte?
4 — Como se faz a transição de cada parte para a seguinte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição? Por quê?
2 — Que impressões pessoais causa ao autor o aspecto noturno da mata?
3 — Com que meios literários exprime êle essas impressões? Explique-os, mostrando que êle emprega elegantemente têrmos produtores de sensações.
4 — Analise, em poucas palavras, o estilo de Graça Aranha, nesta página.
5 — Procure êste trecho no romance: "CANAÃ."

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos às seguintes palavras: *bôjo* — *brotavam* — *silenciosos* — *se abrissem* — *luminosos* — *serenavam* — *perpétua* — *desvairados* — *mesclados* — *ressarcir* — *restribar* — *restrugir* — *ressudar* — *autoclismo*.
2 — Quais são os verbos da mesma família que: *divinas* — *miúdas* — *dentro* — *árvore* — *raiz* — *ponto* — *esparsas* — *ar* — *gloriosa* — *fogo* — *verde?*
3 — Forme comparações em que entrem, como segundo elemento, as palavras: *lâmpadas* — *estrêlas* — *pirilampos* — *noite* — *montanha* — *diamantes* — *fogo* — *ondas* — *esmeraldas* — *rubis*.
4 — Classifique as orações subordinadas existentes no trecho.
5 — Conjugue, nos tempos simples, o verbo *ouvir*.
6 — Cite expressões (substantivos, adjetivos, verbos, comparações e metáforas) que traduzam o aspecto: *a*) de uma gruta; *b*) de gemas: diamantes, esmeraldas, rubis, etc.
7 — Que diferença há entre *estalagmite* e *estalactite? imediato* e *mediato?*

ELOCUÇÃO. — Faça um resumo oral dêste trecho, mas assinalando vigorosamente as côres luminosas.

REDAÇÃO IMITATIVA. — Imagine o aluno (ou a aluna) que, penetrando numa gruta com uma tocha acesa, encontra deslumbrante tesouro de pedras preciosas. Descreva o aspecto da gruta e do tesouro, desenvolvendo uma série de impressões pessoais.

26.º *Impressões pessoais.*

II. — OS VAGALHÕES

Pedro, executada a manobra, demorou a vista no ponto que o pai acabara de indicar. Correndo e cercando o baixio, as vagas acometiam volumosas, caíam espraiando muito, e a espuma esfarelada nos ares parecia fumegar como o cachão das cachoeiras. Também já vira, e muito, aquilo. Pelas noites de lua embaciada, nesse tempo chuvoso e ventoso, quantas vêzes não deixava os olhos esquecidos na transparência daqueles líqüidos turbilhões! E a idéia que lhe acudiu, o que julgava entrever à luz verde e pálida do céu, nem êle sabia definir . . . Era alguma cousa

semelhante a uma batalha de monstros, de cavalos informes, crinalvos, furiosos... Surgiam do largo êsses urcos marinhos e galopando investiam, sacudindo as comas brancas, que às vêzes se derramavam no baixio como uma chuva de diamantes. Apenas êste empinava, saltava aquêle, trepava-lhe à garupa, fazia-o rojar ao seu pêso; e atrás dêsse, outro, mais outro, inumeráveis, infinitos, agredindo-se e embaraçando as grenhas antes de rolar estatelados no banco de areia.

XAVIER MARQUES.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *vagalhões* — *baixio* — *acometiam* — *espraiando* — *cachão* — *entrever* — *crinalvos* — *urcos marinhos* — *investiam* — *comas* — *grenhas* — *estatelados*.

2 — Que significam aqui: *espuma esfarelada nos ares* — *lua embaciada* — *líquidos turbilhões* — *chuva de diamantes* — *banco de areia?*

3 — Que quer o autor dizer com as expressões: *demorou a vista* — *deixava os olhos esquecidos* — *a idéia que lhe acudia?*

4 — Substitua, por outra expressão, o advérbio **muito** (*espraiando...*).

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?
2 — Divida êste trecho em duas partes, dando-lhes títulos expressivos.
3 — Que pormenores contêm cada parte?
4 — Como se faz a transição da primeira para a segunda parte?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta descrição?
2 — Como descreve Xavier Marques os vagalhões agitados?
3 — Que forte impressão produzem êsses vagalhões no espírito de Pedro?
4 — Como descreve o autor essa impressão?
5 — Analise, em poucas palavras, o estilo do autor, neste trecho.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *executada* — *indicar* — *fausto* — *acometer* — *espraiando* — *turbilhões* — *grenhas* — *estatelados* — *açular* — *instigar* — *cavoucar* — *derrisão* — *inspissar*.

2 — Cite palavras da mesma família que: *vaga* — *volume* — *praia* — *espuma* — *farelo* — *fumo* — *noite* — *lua* — *tempo* — *chuva* — *vento*.

3 — Forme metáforas com as seguintes palavras: *vagas* — *espuma* — *chuva* — *cachoeira* — *luz* — *céu* — *batalha*.

4 — Conjugue, nos tempos simples, os verbos: *fazer*, *saber*, *acudir*, *agredir* e *definir*.

5 — Qual é, no texto, o sujeito do verbo *rojar?* Forme quatro períodos semelhantes, empregando, como verbo principal: *ver* — *ouvir* — *mandar* — *sentir*.

6 — Analise lògicamente os dois primeiros períodos do trecho.

7 — Cite expressões que traduzam evocativamente: *a*) diversos e variados aspectos de nuvens (rebanhos, monstros, cidades em ruínas, geleiras, etc.); *b*) os coloridos delas, ao pôr do sol.

ELOCUÇÃO. — Obedecendo à construção fraseológica dos três primeiros períodos, fale: *a) do que você pode ver, em dia chuvoso, num determinado rio; b) do aspecto de um milharal, em dia de forte ventania.*

REDAÇÃO. — Transcreva, em seqüência cerrada, as impressões pessoais que você experimenta à vista de um céu recoberto de nuvens cambiantes.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

IMPRESSÕES PESSOAIS

Desenvolva os seguintes assuntos, procurando exprimir impressões pessoais, não só falando em seu próprio nome, com verbos expressivos na primeira ou na segunda pessoa, como, ainda, empregando comparações, metáforas, etc.:

1.º **Pôr do sol.** — Muitas vêzes, à hora do crepúsculo, tanto no mar, como na planície ou na montanha, aconteceu-me contemplar o pôr do sol. — Gosto de ver as côres que iluminam o horizonte; encantam-me os aspectos que a natureza toma, com colorações tão diversas. — Compreendo a imaginação dos antigos, que viram, neste fenômeno do anoitecer, a morte refulgente de um deus. — A mitologia apresenta-se-me com uma nova significação.

2.º **As nuvens.** — Como é divertido sonhar, deitado de costas na grama e olhando as nuvens! — Ora formam jardins de árvores fantásticas; ora parecem um rebanho de estranhos animais. — Outras vêzes avançam unidas, como um exército de invasão; ou cruzam-se como bailarinos monstruosos, ou chocam-se como gigantes em luta. — Nelas vejo, também, pássaros em vôo, geleiras polares, aspectos de oceanos ou de desertos, cidades em ruínas. — Na verdade, as belas nuvens falam, do mesmo modo que os belos versos, a minha imaginação.

3.º **O couraçado.** — Achando-me no Rio de Janeiro, obtive permissão de visitar um couraçado. — Admirei as tôrres, os canhões e as máquinas; fiquei assombrado com o poderio daquela fortaleza flutuante. — Mas compreendi, também, a organização daquela fôrça, mais interessante e mais digna de observar, do que a tonelagem da belonave ou o alcance de suas peças. — Ali, centenas de homens, centenas de almas que são outras tantas fortalezas de sentimento patriótico, concorrem, por sua atividade disciplinada, para transformar aquêle conjunto de máquinas complicadas num ser prodigioso, que não tem senão um único pensamento e um único dever.

4.º **O vento.** — Que personagem é o vento, para nós, marinheiros! — Falamos dêle como de um poderoso soberano, ora terrível, ora benévolo. — Êle nos enche os pensamentos, dia e noite. — Vocês, que não são do mar, não o conhecem como nós. — Conhecemo-lo mais do que a nossos pais e sabemo-lo tremendo, caprichoso, astuto, traiçoeiro e feroz. — Amamo-lo e tememo-lo em suas carícias e suas cóleras, que os sinais do céu e da terra nos ensinam a prever. — Êle nos absorve os pensamentos a cada momento, pois que nunca se interrompe a luta travada entre nós. — Inimigo algum nos dá, tanto quanto êle, a sensação do combate, porque é o senhor do mar, aquêle que podemos evitar ou utilizar, mas nunca domar. — E a alma do marujo é tomada de um misterioso, religioso e infinito temor ao vento, assim como por um grande respeito a seu poder.

5.º **A bandeira brasileira.** — No dia 19 de Novembro, sob um céu azul e um sol dourado, desfilam tropas em homenagem à Bandeira. — Suas côres evocam nossa paisagem e nossas riquezas; suas estrêlas de prata afirmam a união indissolúvel de todos os Estados, dentro da ordem e do progresso. — Mas essa bandeira, que nos é sagrada, simboliza também algo mais grandioso. — Ela é a própria alma da Pátria, por cuja grandeza trabalhamos, geração após geração, com tôdas as energias da inteligência e do coração. — Se um dia fôr atacada, lutaremos de armas na mão, sem mêdo da morte, nem dos mais atrozes sofrimentos. — Teremos, então, o ardor invencível dos heróis, que jamais aceitam uma derrota e só descansam depois da vitória.

GÊNERO ORATÓRIO

A faculdade dominante neste gênero é a **eloqüência**, isto é, o talento de falar bem, de persuadir e comover por via da palavra, das atitudes e do gesto, necessitando assim o orador de **argumentos**, para convencer, tanto quanto de **atrativos** e de **costumes oratórios**, para deleitar a sensibilidade do auditório e captar-lhe a benevolência. Os atrativos consistem, em geral, no *belo*, no *sublime*, no *grandioso* e no *patético*; e os costumes oratórios, na *modéstia*, na *imparcialidade*, na *bondade*, na *probidade*, na *elevação de idéias*, na *virtude*, na *majestade*, na *dignidade*, etc.

Necessita o orador, ainda, de *paixões*, ou afetos patéticos, que se podem despertar de dois modos:

1.º diretamente, pela paixão do próprio orador;
2.º indiretamente, pela exposição de fatos, que por si apaixonem os ouvintes.

* * *

Há três gêneros de eloqüência:

1.º a eloqüência *deliberativa*, que tem por escopo resolver alguma questão importante, ocupando-se dos interêsses públicos ou de interêsses de classes sociais;

2.º a eloqüência *judiciária*, que compreende os discursos de acusação e defesa, pronunciados nos tribunais ou assembléias com autoridade para proferir sentença sôbre um assunto;

3.º a eloqüência *demonstrativa*, que compreende os discursos acadêmicos, os discursos sacros, as proclamações militares, as saudações festivas, as orações fúnebres, os discursos de comemorações e os discursos de comícios.

— O gênero deliberativo ocupa-se do *útil*; o judiciário ou forense, do que é *justo*; e o demonstrativo, do que é *belo* e *verdadeiro*.

* * *

O discurso deve ser uma composição oratória, com um princípio, um meio e um fim.

— O princípio chama-se **exórdio**;
— O meio denomina-se **exposição** ou **argumentos**;
— O fim ou remate tem o nome de **peroração**.

O **exórdio** é a primeira parte do discurso, na qual o orador procura dispor os ouvintes em seu favor, captando-lhes a simpatia, interessando-os naquilo que vai expor e preparando-os para que compreendam fàcilmente a matéria.

A **exposição** é a parte principal do discurso, na qual se dá a conhecer o assunto ou a argumentação.

A **peroração** resume, de maneira rápida ou emocionante, os principais argumentos do discurso, ou os encerra de modo brilhante.

* * *

Como, no discurso, é mister empregar um movimento oratório para comover e persuadir, deve o aluno fazer uso, no tom de voz adequado, de interrogações, de exclamações, de apóstrofes, de citações, de fórmulas enérgicas de afirmação e de negação, de oposições, de imprecações, de prosopopéias, de amplificações, de ironia, da preterição, da próplese, da dúvida e da concessão, isto é, das formas sentimentais e convencionais das *figuras* de estilo, escolhendo, naturalmente, as que convenham a seu assunto e a seu estado de alma. São estas as formas ordinárias da eloqüência e as que podem exprimir uma convicção apaixonada.

TEXTO EXPLICADO

27.º *Discursos.*

A CATEDRAL DO ARCEBISPO

"Tôda ciência (quem o disse foi, não um padre da Igreja, mas o libérrimo Vítor Hugo), tôda ciência acaba em adoração." Vossas letras, Senhor Dom Silvério, são uma adoração perene; e, por isto, melhor símile não posso para elas achar do que uma dessas catedrais em que na Idade Média colaboravam legiões de arquitetos, escultores e alvanéis. Primeiro, sôbre a rocha indestrutível da Verdade assentastes os alicerces dos princípios; e lenta, mas progressivamente, erigistes as paredes da majestosa fábrica. Fizestes o corpo do templo, e nêle o santuário, ante o qual acendestes a lâmpada inapagável da nossa fé. Aí vemos colunas que do solo se alteiam, como êsses esteios da crença que nem por subirem ao céu desdenham o apoio da razão humana. Há, pelos capitéis e cimalhas, umas grinaldas de anjos e revoadas de flôres. Pelas janelas esguias, coa-se a luz cromatizada nos vitrais. Uma penumbra de mistério reina ao longo das naves, e lá estão os confessionários, onde ensinastes aos culpados a conquista do perdão. Vêdes ali um púlpito, e êle é também domínio vosso, porque dêle freqüentes desceram os vossos ensinamentos. Há, sob as lajes de uma capela um túmulo, o de um santo (perdoai-me agora as antecipações da canonização), é o túmulo de Dom Viçoso e, por vós invocada, revive essa augusta sombra, e ainda nos dá lições. Não é tudo: a igreja tende a subir, e alça-se em tôrres, onde há ogivas que são como mãos postas para o céu. Ascendemos para o azul, vamos subindo, subindo — mas ainda é pouco. Atentemos nos bronzes sagrados, e êles nos dirão que, correndo vales e serras, mais longe do que o dêles foi o brado das vossas missões. A tôrre acumina-se, atira para cima a sua flecha, e nesse hastil, já tão próximo do infinito, desabrocha uma flor, a Cruz, que ao mesmo tempo é patíbulo e epinício, supremo abatimento e martírio triunfal! Eis, Senhor Dom Silvério, o símbolo do que haveis feito. Podem não amá-la, à vossa obra, os que desamam a religião: mas, sob pena de cancêlo nos seus diplomas de estetas, lícito não lhes é menosprezarem a solidez e os primores do lavor, nem a perfeita unidade da vossa construção.

CARLOS DE LAET.

O assunto. — Neste discurso, compara Carlos de Laet as letras do arcebispo D. Silvério Gomes Pimenta a uma catedral gótica, na qual cada minúcia arquitetônica simbolizaria um sentimento de fé ou uma ação religiosa.

O plano de composição. — Embora não seja mais que a parcela de um todo, êste trecho está composto como um discurso pequeno, mas completo, em que se notam:

1.º **Um exórdio.** — O orador, depois de citar Vítor Hugo ("*Tôda ciência acaba em adoração*"), apresenta a idéia geral do *símile*, que êle vai desenvolver na segunda parte.

2.º **A exposição.** — É a construção da igreja medieval, em que colaboram legiões de artistas e operários: Assentam-se os alicerces sôbre uma rocha, faz-se o corpo do templo e o santuário, alteiam-se colunas, abrem-se janelas esguias, colocam-se os vitrais, por onde coa uma luz multicor, enfileiram-se os confessionários nas naves, levantam-se tôrres, cujas flechas acuminadas sustentam uma cruz.

3.º **A peroração.** — Afirma o autor não ser lícito aos que desamam a religião, mas que admiram a beleza da forma, menosprezar a solidez, o encanto e a perfeita unidade da catedral do arcebispo: *sua arte literária*.

— A *transição* duma para outra parte, acompanhando a seqüência lógica da exposição do assunto, é bastante suave: a palavra *primeiro*, em função adverbial, liga a primeira à segunda, indicando o início da construção da catedral a que antes se referia o autor; e a palavra *eis* liga a segunda à terceira, indicando a conclusão dessa obra, que simboliza tudo o que fêz D. Silvério, como pastor de almas e como artista.

O interêsse. — O interêsse decorre da comparação criada pelo orador e da forma com que a desenvolve, procurando, para exaltar a obra espiritual do arcebispo, um símbolo religioso em cada pormenor. Destarte,

— os alicerces são os *princípios*;
— as colunas são os *esteios da crença*, que se apóiam na razão humana;
— nos confessionários, *ensinou* o arcebispo aos pecadores a conquista do perdão divino;
— do púlpito, desceram seus *ensinamentos*;
— e o som dos sinos vibrou até menos longe do que o *brado de suas missões*.

A isto, acrescenta o orador algumas notas de cunho puramente artístico (*grinaldas de anjos, revoadas de flôres, ascendem para o azul*), assim como algumas impressões de caráter mais pessoal: *acendestes a lâmpada da nossa fé* — *ogivas que são como mãos postas para o céu* — *atira para cima sua flecha* — *desabrocha uma flor, a Cruz*, etc.

Impressão geral. — É a de um discurso acadêmico, cheio de serenidade, em que não há arroubos de eloqüência, nem movimentos de alma apaixonados, que são geralmente traduzidos pelas formas sentimentais e convencionais das figuras de estilo, — raras neste trecho, a não ser o símile, que é a substância mesma de todo o discurso.

— O estilo é fluente, límpido e transparente, graças à disposição das orações, assim como à rigorosa propriedade dos têrmos e ao vigor das expressões, que formam imagem.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

27.º *Discursos.*

I. — A IDÉIA ABOLICIONISTA

Perseveremos, senhores, e organizemo-nos. Não há, no país todo, para congregação de um partido político, um centro de vitalidade comparável à idéia abolicionista. Ela abriria estrada até o fim, independentemente das parcialidades políticas. Mas feliz do partido, que a esposar e fizer sua. Se fôr o Conservador, terá prestado à liberdade o mais imensurável dos serviços, maior do que todos os progressos liberais em cinqüenta anos. Se fôr o Liberal, terá revivido das cinzas e inaugurado uma era nova, que virá datar a verdadeira emancipação da pátria. Os que não enxergam senão para o lado da noite, é porque não querem dar um passo: ligeira acidentação oculta-lhes o levante. Da parte do oeste o sudário desdobrado de uma praia deserta, batida pelas vagas de um mar que o horror emudeceu, onde bóiam ainda restos de navios do tráfico, vem orlar a plaga escalvada de uma necrópole, onde os viventes consorciam com os finados, como na Bagdá devastada pelo conquistador asiático, e o cimento da ordem social se amassa de vidas humanas, como nessas colossais construções de Tamerlão, em que a pedra e a cal se misturavam com os ossamentos dos mortos e a carne palpitante dos vivos. É a terra da escravidão, onde vegetamos, à sombra da paz coroada. Mas voltai-vos da outra banda: alai um pouco o espírito ao panorama do dia que reponta, quando as névoas da madrugada estendem de colina em colina uma superfície de lago silencioso. Um instante mais; e, ao primeiro feixe de raios de sol, a neblina ondeia, esgarçando-se em flocos prateados; divide-se, coleando-se em longos canais tortuosos, e descobre ao fundo a várzea, as devesas florescentes, a cidade cintilante de vida. Atlântida que emerge màgicamente entre a cinta branca dos rios espumosos, em um banho ambiente de luz. É o nascente, é o futuro, é São Paulo, a metrópole do progresso nacional, que acorda, estremecendo, ao apêlo de Santos, e volta a fronte do seio de seus vales para o ponto do céu, onde lhe está a sorrir o vulto de José Bonifácio, alumiando o horizonte como a lâmpada matutina dos cativos.

RUI BARBOSA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique as seguintes palavras do texto: *abolicionista* — *congregação* — *imensurável* — *liberais* — *emancipação* — *orlar* — *escalvada* — *necrópole* — *alar* — *esgarçando-se* — *várzea* — *devesas* — *emerge* — *metrópole.*

2 — Que significam aqui: *esposar* — *terá revivido das cinzas* — *o sudário desdobrado de uma praia* — *que o horror emudeceu* — *navios do tráfico* — *o cimento da ordem social* — *a carne palpitante dos vivos* — *à sombra da paz coroada* — *uma superfície de lago silencioso* — *ao primeiro feixe de raios de sol* — *a neblina ondeia* — *flocos prateados* — *a cidade cintilante de vida* — *banho ambiente de luz* — *a lâmpada matutina dos cativos?*

3 — Diga o que sabe a respeito de: *Tamerlão* — *Bagdá* — *Atlântida.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste discurso?

2 — Onde se acha nêle o que corresponde: *a*) ao *exórdio*; *b*) à *exposição*; *c*) à *peroração?*

3 — Quais são as passagens que se referem aos seguintes títulos: *a*) *a idéia abolicionista e os partidos políticos do Império*; *b*) *o levante*; *c*) *o cemitério dos vivos e dos mortos*; *d*) *o dia que reponta*; *e*) *a metrópole do progresso?*

4 — Que diz Rui Barbosa em cada uma destas passagens?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Que representa a idéia abolicionista?

2 — De que modo conseguiu Rui Barbosa despertar e manter o interêsse em seu auditório?

3 — Que impressão nos produz o contraste existente entre o ocidente e o oriente?

4 — Estude, neste trecho, o estilo de Rui Barbosa.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Quais são os homônimos de: *espôsa* — *sua* — *fôr* — *era* — *passo* — *vagas* — *apêlo?*

— Qual é o étimo de cada uma destas palavras?

2 — Empregue em orações curtas as seguintes palavras, como 2.º elemento de uma comparação: *cinza* — *noite* — *sudário* — *praia* — *necrópole* — *pedra* — *ilha* — *flor.*

3 — Empregue no sentido figurado, em curtas sentenças: *cimento* — *carne* — *terra* — *sombra* — *névoa* — *sol* — *relâmpago* — *escuridão* — *acúleo.*

4 — Conjugue, nos tempos simples, o verbo *sorrir.*

5 — Retire do texto: *a*) as orações subordinadas comparativas; *b*) as orações subordinadas adjetivas.

6 — Que diferença há entre *demagogia*, *democracia*, *aristocracia*, *plutocracia* e *burocracia?* *conjetura* e *conjuntura?* *cadente*, *decadente* e *candente?* *cérebro* e *cérbero?* *fidalgal* e *figadal?* *magnificência* e *munificência?*

7 — Cite expressões que tenham analogia com as palavras *democracia* e *vitalidade.*

ELOCUÇÃO. — Fale de um *nascer de lua*, inspirando-se na passagem que vai desde: *Mas voltai-vos da outra banda* até *cintilante de vida.*

REDAÇÃO IMITATIVA. — Componha um pequeno discurso, para provar que, no momento atual, é o ideal democrático o maior centro de vitalidade, para a congregação de um partido político.

27.º *Discursos*

II. — OS BARDOS DO TABOR

Os bardos do Tabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pesares, não ouvindo mais os ecos repetirem as estrofes dos seus cânticos nas quebradas de suas montanhas pitorescas, e escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hinos, penduravam os seus alaúdes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão; e, quando os homens que apreciavam as suas composições, quando aquêles que se deleitavam com os perfumes de seu estilo e a beleza de suas imagens, vinham pedir-lhes a reprodução dessas epopéias em que se perpetuavam as memórias de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Poderoso, — êles cobriam suas faces umedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos músicos ao vento das tempestades. — Religião divina, misteriosa e encantadora, tu que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloqüência, tu a quem devo tôdas as minhas inspirações, tu, minha estrêla, minha consolação, meu único refúgio, toma esta coroa... Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flor, se das silvas que a enlaçam reverdecerem algumas fôlhas, se um adôrno renascer destas vergônteas já sêcas: — deposita-os nas mãos do Imperador, para que os suspenda como um troféu sôbre o altar do grande homem (*) a quem êle deve seu nome, e o Brasil a proteção mais decidida.

Frei F. DE MONT'ALVERNE.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras: *bardos* — *quebradas* — *pitorescas* — *alaúdes* — *salgueiros* — *bordavam* — *epopéias* — *memórias* — *silvas* — *vergônteas* — *troféu.*

2 — Que significam aqui: *batidos da tribulação* — *devorados dos pesares* — *a voz do deserto* — *o rio da escravidão* — *os perfumes de seu estilo* — *o vento das tempestades* — *a vereda escabrosa da eloqüência?*

3 — Explique o que é: o *Tabor* — o *Hermon* — o *Sinai.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho de discurso?

2 — Divida êste trecho em duas partes, indicando onde começa e termina cada uma delas.

3 — Qual é o conteúdo de cada uma dessas partes?

(*) São Pedro de Alcântara.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Após 18 anos de silêncio, a que foi obrigado por terrível amaurose, Frei Francisco de Mont'Alverne subiu de novo ao púlpito para pregar, a pedido do Imperador D. Pedro II, na festa de S. Pedro de Alcântara, a 1.º de outubro de 1854. Esta página é um trecho do panegírico que então proferiu.

2 — Não lhe parece que o orador compara sua cegueira à escravidão dos bardos do Tabor e dos cantores do Hermon e do Sinai? Que há de comum entre uma e outra?

3 — Qual era a nacionalidade dêsses bardos e cantores?

4 — Que sentimentos experimentavam êles na escravidão? Por quê?

5 — Que simboliza a coroa que o orador oferece à Religião? Por quê?

6 — Que quer o autor significar com as fôlhas que possam reverdecer na coroa?

7 — Como considera o autor a Religião que o guiou e inspirou na eloqüência? Por quê?

8 — Prove, com os elementos dêste próprio discurso, que há nêle muita poesia e pompa de estilo.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em curtas orações as seguintes palavras: *bardo* — *vate* — *trovador* — *poeta*; *montanhas* — *montes* — *colinas* — *pitoresco* — *vetusto*.

2 — Dê antônimos a: *pesares* — *escravidão* — *perfume* — *beleza* — *pranto* — *frouxas* — *tempestade*.

3 — Forme metáforas com as seguintes palavras: *devorar* — *voz* — *deserto* — *rio* — *perfume* — *pranto* — *tempestades* — *vereda*.

4 — Cite exemplos das seguintes figuras de estilo: *interrogação* — *exclamação* — *apóstrofe* — *amplificação*.

5 — Por que empregou o autor o infinito pessoal na oração: *os ecos repetirem as estrofes dos seus cânticos nas quebradas de suas montanhas?*

6 — Conjugue, nos tempos simples, os verbos *ouvir*, *cobrir* e *pedir*.

7 — Analise lògicamente o período que vai desde "*Religião divina*" até "*toma esta coroa*".

8 — Cite expressões que tenham analogia com: *céu*, *eternidade*, *bem-aventurança* e *igreja*.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no período que vai de "*Religião divina*" a "*esta coroa*", fale, exaltando: *a*) *sua própria mãe*; *b*) *Nossa Senhora*; *c*) *sua Pátria*.

REDAÇÃO. — Empregando formas sentimentais e formas translatas das figuras de estilo, componha um pequeno discurso para exaltar a Igreja de Cristo.

27.º *Sermão.*

(*Sermão* é um discurso cristão pregado no púlpito; prédica).

III. — O SAL DA TERRA

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal, é impedir a corrução, mas quando a terra se vê tão corruta como está a nossa, havendo tantos que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrução? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque

o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra: ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que êles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo, servem seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

Padre ANTÔNIO VIEIRA.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras: *os pregadores* — *corrução* — *o sal da terra* — *ofício de sal* — *a verdadeira doutrina* — *se pregam a si* — *servir a Cristo* — *servem seus apetites.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho? Responda numa sentença curta e expressiva.
2 — Divida o trecho em três partes, a saber:

a) *a função dos pregadores;*
b) *a corrução da terra;*
c) *as causas desta corrução.*

3 — Qual é o conteúdo de cada parte?
4 — Como se faz a transição: *a*) da primeira para a segunda parte; *b*) da segunda para a terceira?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Por que evita o sal a corrução de certas matérias orgânicas?
2 — Por que compara Vieira a ação do sal com a ação dos pregadores?
3 — Que diferentes hipóteses formulou êle a respeito da ação do sal e da ação dos pregadores?
4 — Que efeito literário produz a repetição de frases, neste trecho?
5 — Analise, em poucas palavras, o estilo de Vieira, neste trecho.

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente em curtas orações: *falar* — *conversar* — *tagarelar* — *papaguear; efeito* — *resultado* — *conseqüência; ofício* — *função* — *dever; causa* — *motivo* — *razão; charneca* — *caatinga* — *matagal; embair* — *iludir; prognóstico* — *diagnóstico* — *agnóstico.*
2 — Cite palavras da mesma família que: *sal* — *terra* — *corrução* — *causa* — *ouvinte* — *servir.*
3 — Dê exemplos das seguintes figuras de estilo: *imprecação* — *prosopopéia* — *ironia* — *descrição* — *imagem* — *metonímia* — *hipérbole.*
4 — Forme três orações, empregando o verbo *chamar* com regências diferentes (ex.: chamá-*la* — chamar-*lhe* — chamar por *ela*).
5 — Analise lògicamente o 1.º período do trecho.
6 — Cite expressões que tenham analogia com *crianças, professôres, plantas* e *jardineiros.*

ELOCUÇÃO. — Obedecendo à construção fraseológica dos dois primeiros períodos compare as crianças a plantas e as professôras a jardineiras.

REDAÇÃO. — Desenvolva mais longamente, num pequenino discurso, o tema indicado no exercício de *elocução*.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DISCURSOS

I — *Desenvolva os seguintes assuntos, dando aos discursos indicados o lugar mais importante:*

1.º **Cada qual para si.** — Estávamos todos sentados em tôrno da mesa, na sala de jantar, escolhendo divisas para um jôgo de salão. — Propus, então: "cada qual para si", tema que cada um de nós deveria defender com argumentos probantes. — Meu pai censurou-me a escolha, mostrando o egoísmo contido nesta máxima. — "Olhe, disse-me êle, esta mesa. Fazendeiros criaram o boi cuja carne você comeu e plantaram o café que você bebe. Foram os operários tecelões que teceram esta toalha. Outros operários trabalharam para nos dar a louça e os talheres. Marinheiros foram buscar ao longe nosso vinho, nossas azeitonas e o trigo para nosso pão. Todos os ofícios concorrem para seu sustento, minha filha, para sua educação e para seus divertimentos. Que seria de nós, se cada qual vivesse apenas para si?" — As palavras de meu pai, tocadas de emoção, fizeram-me refletir e compreendi que ninguém pode prescindir do trabalho dos outros.

2.º **Os criados.** — Certa vez, tratei com desprêzo uma criada que nos servia à mesa. — Para punir-me, obrigou-me meu pai a servir em lugar dela. — Ao trocar os pratos, deixei cair um, que se quebrou. — Senti-me perfeitamente humilhada. — Sòmente então meu pai se pôs a falar, lembrando-me que todo trabalho merece respeito; que devemos tratar com consideração aquêles que nos servem; que as ordens devem ser dadas com delicadeza e benevolência; e que nunca devemos exigir dos outros qualidades que nós mesmos não possuirmos.

3.º **A eletricidade.** — Visitei durante o dia uma exposição de eletricidade. — De noite, meu sono foi perturbado por fantásticas visões de máquinas em movimento, de luzes perfulgentes, de rádios cantantes. — Pareceu-me que a deusa, que eu vira num cartaz colorido da Exposição, se erguia diante de mim e falava. — Dizia-me: "Admira-me; sou eu quem move essas máquinas. Graças a mim, centuplicou o homem a própria fôrça e foram suprimidas as distâncias. Senhora absoluta nas usinas, sou, nos lares, atenciosa criada. Transformo-me em luz, calor, energia, palavras e música. Renovei a face do mundo".

II — *Faça, num tom de emoção e sinceridade, um pequeno discurso de:*

1.º Saudação ao diretor, por motivo de seu aniversário natalício.
2.º Despedida aos professôres e colegas no dia de sua formatura.
3.º Saudações a uma autoridade, que visita a Escola (ou Ginásio, ou Colégio).
4.º Cumprimentos a uma colega, que escreveu um belo romance.
5.º Saudação aos pais, no aniversário de seu casamento.
6.º Boas-vindas às colegas novas, no início do ano letivo.

III — *Componha um pequeno discurso, com exórdio, argumentos e peroração, sôbre:*

1.º A comemoração de 21 de Abril.
2.º O dia do Trabalho.
3.º A Independência do Brasil.
4.º A Proclamação da República.
5.º O dia da Bandeira.
6.º O descobrimento da América.
7.º O dia dos Mortos.
8.º O dia de Natal.
9.º O pan-americanismo.
10.º O Brasil glorioso.

A DISSERTAÇÃO

"Dissertação", diz o brilhante mestre Antenor Nascentes em seu precioso livrinho **Noções de estilística e de literatura**, "é o exame crítico e minucioso de uma questão especial, expondo uma série de raciocínios. Pode versar sôbre um assunto de literatura, de estética, de filosofia, etc."

Pertencendo ao gênero didático, que tem por fim exclusivo a instrução, tanto pode ela tomar a forma poética e os adornos do verso, como a expressão singela da prosa.

"Para uma boa dissertação", recomenda Brant Horta, "o aluno há de preparar-se convenientemente, assenhoreando-se dos conceitos, das opiniões, das doutrinas que pretende expor. A lógica é naturalmente fundamental e deve merecer tôda a atenção do mestre."

O conselho do ilustre professor poderia servir de tema para uma dissertação, que indicaria aos estudantes o rumo a seguir no desenvolvimento de qualquer trabalho dêste gênero. Como pode o aluno preparar-se convenientemente? Como assenhorear-se dos conceitos, das opiniões e das doutrinas que pretende expor? Que é uma doutrina? Como expor o assunto dentro da lógica? Que é a lógica?

Eis aí o processo que o aluno deve seguir: formular o maior número possível de perguntas a respeito do tema ou questão proposta para a dissertação e encontrar respostas claras e precisas para tôdas, compulsando dicionários e obras especializadas, consultando doutos no assunto e, obtido destarte um acervo de conhecimento e idéias, refletir, conversar, tirar conclusões próprias, coordenar e estruturar tudo, que o desenvolvimento por escrito virá, então, por si, numa série de raciocínios vigorosos que deverão resistir à mais minuciosa análise e às investidas destruidoras doutros raciocínios.

— Neste livro, limitamos — a não ser nos temas especiais de composição — a dissertação à expressão de idéias morais, que, por sua abstração, apresenta maiores dificuldades.

TEXTO EXPLICADO

28.º *Expressão de idéias morais.*

VELHO TEMA

Só a leve esperança, em tôda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada,
E que não chega nunca em tôda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos
Tôda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos,
E nunca a pomos onde nós estamos.

VICENTE DE CARVALHO.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste soneto?

— Afirma o poeta, numa pequena dissertação poética, que a felicidade é um bem inatingível, pois nossas aspirações visam, constantemente, a muito além do que é possível.

2 — Em que é êste soneto uma pequena dissertação?

— É uma dissertação, porque o poeta tece considerações em tôrno de um tema geral, embora procurando explicá-lo por um aspecto único: a esperança malograda, o sonho que nunca se realiza.

3 — Quantas partes apresenta esta dissertação?

— Distinguem-se nela três partes:

a) a esperança malograda (1.º quarteto);
b) o sonho da alma (2.º quarteto);
c) a felicidade (os dois tercetos).

4 — Que contém cada uma destas partes?

— A idéia contida em cada uma destas partes é a seguinte:

Na primeira: Só a esperança, que é tão doce e leve, explica a vida cheia de sofrimentos, mesmo porque quem vive já se acha sob o impulso animador duma grande esperança.

Na segunda: A alma, como se se recordasse de um paraíso donde foi expulsa, agita-se dentro dum belo sonho, que a encanta e a que ela aspira, mas que jamais se realiza.

Na terceira: Essa felicidade suprema, que criamos e acalentamos em nossa imaginação, nunca a conseguiremos, porque não a situamos na realidade da vida.

— Eis o que encerra êste sonêto, todo escrito em versos decassílabos, bem apropriados para exprimir sentimentos vagos e delicados, sem penetrar nas profundezas dos pensamentos filosóficos.

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que consiste o interêsse desta poesia?

— O interêsse está na explicação do que seja a felicidade, apresentada pelo poeta como uma esperança que nunca se concretiza, mas que também nunca se desfaz na alma da humanidade.

2 — Por que é a felicidade, segundo a concepção do poeta, uma grande esperança malograda?

— Porque a realidade nunca satisfaz plenamente, nunca corresponde ao sonho; ela traz sempre amarguras e decepções aos mais caros anseios.

3 — Em que se confunde a esperança com o sonho?

— É que ambos são frutos da imaginação e dos anelos dos homens, que geralmente se comprazem em criar para si situações irreais e que nutrem sempre a ilusão de que elas se realizarão um dia.

4 — A que compara Vicente de Carvalho a felicidade?

— Compara-a a uma árvore milagrosa, sempre carregada de dourados frutos, que são nossos sonhos, nossos anelos, nossas ilusões.

5 — Explique os dois últimos versos dêste sonêto.

— Diz o poeta que seria tão fácil alcançar a felicidade, se nos contentássemos com o que temos ou podemos ter; mas que, infelizmente, ela consiste, para nós, naquilo que não possuímos ou que jamais possuiremos.

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

28.º *Idéias morais.*

I. — A PÁTRIA

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora da sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso onde tinham nascido. O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem. Coração sem amor é um campo árido, quase sempre, ou sempre, cheio de espinhos e sem uma única flor que nêle se abra e o amenize. Haveria sòmente um homem em quem palpitasse coração tão sêco, tão enregelado e sem vida de sentimentos: o homem que não amasse o lugar de seu nascimento. Depois dos pais, que recebem o nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos: é um duplo receber, que é duplo dar. As idéias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a língua, os costumes, as leis, o govêrno, as aspirações fazem de uma nação uma grande família, e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família. Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço a pátria.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido das seguintes palavras do texto: *polaco* — *imagem* — *pátrio* — *dilatam* — *olvidam* — *nação.*

2 — Que significam aqui: *magníficos versos* — *floresta encantada* — *um campo árido* — *amenizar* — *coração sêco e enregelado* — *vida de sentimentos* — *o horizonte da pátria* — *essa árvore majestosa?*

3 — Externe sua opinião a respeito da expressão: *o amor da pátria.*

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?

2 — Divida êste trecho em duas partes, dando-lhes títulos expressivos.

3 — Faça um resumo, tão curto quanto possível, de cada uma dessas partes.

4 — Como se faz a transição da primeira parte para a segunda?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Mostre como o interêsse dêste trecho se funda nas considerações do autor sôbre o amor à Pátria.

2 — Como exemplifica o autor êsse amor? Qual é a opinião do aluno a respeito dêsse exemplo?

3 — Em que consiste a *unidade* duma nação?

4 — Por que é a família a célula-máter da nação?

5 — Que quer o autor dizer com a frase: *é um duplo receber, que é duplo dar?*

6 — Que figuras de estilo empregou o autor neste trecho?

EXERCÍCIOS

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Dê sinônimos a: *célebre — poeta — magníficos — imaginou — aproximar — morte — expirar — imenso — bela — delicada — climério — cinéreo — cálido — caliginoso.*

2 — Substitua por um adjetivo: *onde tinham nascido — da pátria — cheio de espinhos.*

3 — Forme comparações, que tenham por segundo elemento as palavras: *floresta — morte — coração — amor — campo — espinhos — flor — religião — família.*

4 — Analise lògicamente o 1.º período do trecho.

5 — Qual é a função lógica dos seguintes têrmos de oração: *por mais bela e delicada imagem — o amor da pátria — duplo dar?*

6 — Cite expressões da mesma família que a palavra *caridade.*

7 — Cite palavras que tenham analogia com *caridade.*

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no 1.º período, fale do retôrno de um bando de andorinhas, que fugira aos rigores do inverno, mas que volta, quando surgem os primeiros calores.

REDAÇÃO. — Redija uma pequena dissertação, que tenha por assunto: *A Caridade.*

28.º Idéias morais.

II. — A VIRTUDE E A CIÊNCIA

Ciência e Virtude são em epílogo a nobreza verdadeira. As fidalguias herdadas contestam-se, perdem-se, deslustram-se. Desabam tronos. Dissipam-se opulências. As fôrças gastam-se. A mocidade e as graças dissipam-se. O poder aniquila-se. Os títulos revogam-se. As afeições transformam-se. Os amigos finam-se. As condecorações despem-se tôdas as noites. Mas ciência e virtude! . . . não são dotes externos nem postiços ou convencionais; nem outorgados por munificências de príncipes ou por sufrágios de povo, nem comprados, nem negociados, nem extorquidos. Granjeiam-se pelo trabalho; entesoiram-se dentro, ninguém no-los pode roubar, acompanham-nos na solidão, consolam-nos nas desditas, elevam-nos sem nos ensoberbecerem; cercam-nos de amor, de gratidão, de res-

peito. A ciência enche e doira a vida; a virtude alegra a morte e lá se vai continuar onde nada finda. E a que preço nos concede o SUPREMO DISPENSADOR DE TUDO dois tão altos bens, e dois bens únicos da terra? A preço tão-sòmente de os querermos. Quem, depois de um momento de reflexão, ousaria dizer: **Rejeito-os?!**

A. F. DE CASTILHO.

QUESTIONÁRIO

ESTUDO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1 — Explique o sentido de: *epílogo* — *fidalguias* — *contestam-se* — *deslustram-se* — *opulência* — *as graças* — *aniquila-se* — *títulos* — *revogam-se* — *transformam-se* — *postiços* — *convencionais* — *outorgados* — *extorquidos* — *desditas*.

2 — Que significam aqui: *a nobreza verdadeira* — *desabam tronos* — *dotes externos* — *munificências de príncipes* — *sufrágios de povo* — *entesoiram-se* — *doira a vida* — *alegra a morte* — *onde nada finda?*

3 — Explique o emprêgo da partícula *se*, neste trecho.

ESTUDO DO PLANO DE COMPOSIÇÃO

1 — Qual é o assunto dêste trecho?
2 — Divida-o em duas partes, dando-lhes títulos expressivos.
3 — Qual é o conteúdo de cada parte?
4 — Como se faz a transição da 1.ª parte para a 2.ª?

ESTUDO DAS IDÉIAS

1 — Em que é êste trecho uma pequena dissertação?
2 — Mostre como, nesta pequena dissertação, o autor põe em nítido confronto:

a) de um lado, os bens materiais, a mocidade, as honrarias e os sentimentos, que desaparecem ou podem desaparecer de nossa vida;
b) de outro, a ciência e a virtude, formadas por nosso esfôrço e que nos acompanham até a morte, e mesmo até depois dela, porque sua aquisição, difícil e trabalhosa, vai aos poucos aperfeiçoando o espírito e aproximando-o de Deus.

3 — Mostre como as orações curtas servem, aqui, para concentrar maior número de fatos, dando mais movimento ao estilo e maior vigor à argumentação.
4 — Explique a razão por que, em certas orações, há inversão do sujeito, e, em outras, não.
5 — Que figuras empregou o autor neste trecho? Explique-as.

VOCABULÁRIO E GRAMÁTICA

1 — Empregue apropriadamente, em curtas orações: *fidalguia* — *nobreza* — *cavalheirismo*; *desabar* — *cair* — *ruir* — *desmoronar*; — *opulência* — *riqueza* — *abastança*; *mocidade* — *adolescência*; *cronografia* — *coreografia* — *genealogia*; *dádiva* — *dom*.

2 — Substitua por outras expressões equivalentes: *verdadeira* — *herdadas* — *de príncipes* — *de povo* — *da terra*.

3 — Cite palavras da mesma família que: *ciência* — *virtude* — *mocidade* — *poder* — *afeição* — *noite* — *munificência* — *povo*.

4 — Analise lògicamente o período que vai desde "*A ciência enche e doira*" até "*onde nada finda*".

5 — Cite, explicando-lhes o sentido, palavras que tenham analogia com *bondade* e *sabedoria*.

ELOCUÇÃO. — Imitando o autor no trecho, que vai desde "*Mas ciência e virtude*" até "*de respeito*", faça o aluno algumas reflexões acêrca dos bons amigos.

REDAÇÃO. — Componha o aluno uma pequena dissertação, que tenha por tema: *Bondade e Sabedoria.*

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

EXPRESSÃO DE IDÉIAS MORAIS

I. — *Mostre por uma série de ações familiares e analise, em seguida, o que é:*

1.º	A caridade.	5.º	A crueldade.	9.º	O espírito de sacrifício.
2.º	A teimosia.	6.º	A coragem.	10.º	A desobediência.
3.º	A negligência.	7.º	A gula.	11.º	A preguiça.
4.º	A presunção.	8.º	A mentira.	12.º	A bondade.

II. — *Faça uma pequena dissertação a respeito de:*

1.º	O patriotismo.	5.º	A glória.	9.º	A guerra.
2.º	A paz.	6.º	A religião.	10.º	A família.
3.º	A filantropia.	7.º	O amor.	11.º	A amizade.
4.º	A gratidão.	8.º	O ódio.	12.º	A virtude.

III. — *Componha uma narrativa moral, que tenha por conclusão uma das seguintes máximas:*

1.º Amor com amor se paga.
2.º Cumpre o teu dever, aconteça o que acontecer.
3.º Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
4.º Não faças aos outros o que não queres que te façam.
5.º Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
6.º De pequenino é que se torce o pepino.
7.º A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.

IV. — *Desenvolva numa historieta o sentido exato dos seguintes provérbios, mostrando em seguida a lição moral que encerram:*

1.º Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
2.º Nem tudo o que reluz é ouro.
3.º Cão que ladra não morde.
4.º Devagar se vai ao longe.
5.º Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
6.º Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
7.º De grão em grão a galinha enche o papo.
8.º Em bôca fechada não entram môscas.
9.º Quem não tem cão, caça com gato.
10.º Em casa de ferreiro, espêto de pau.

DISSERTAÇÕES LONGAS

1 — Desenvolva o seguinte pensamento de Carlyle: "Feliz daquele que encontrou sua tarefa! Que êle não peça nenhuma outra bênção!... O trabalho é a vida".
2 — Defenda ou rebata a seguinte afirmativa: "As multidões acompanham aquêles que as deslumbram, mas voltam as costas aos que as iluminam".
3 — A máxima de Jouffroy: "Não é o êxito o que importa, mas o esfôrço", poderia, na época atual, servir de regra a uma educação bem compreendida?
4 — Analise a fórmula pedagógica de Spencer: "A educação é a preparação para a vida completa".

5 — Explique estas palavras de Vitor Hugo: "Servir à Pátria é uma metade do dever; servir à Humanidade é a outra metade".
6 — Comente esta opinião de Bersot: "O meio de fixar a democracia consiste, talvez, em suscitar em cada indivíduo a consciência pessoal, o sentimento do dever, a coragem de difundir e defender os princípios da liberdade, dentro da dignidade humana".
7 — Comente a seguinte asserção de Oxenstiern: "A boa instrução da juventude é o penhor mais seguro da felicidade de um Estado".
8 — Desenvolva a seguinte afirmativa do Padre Antônio Vieira: "Instruir é construir".
9 — Por que, segundo Cícero, o estudo linimenta a vida?
10 — Comente o seguinte pensamento de Kant: "O fim da educação é desenvolver no indivíduo tôda a perfeição de que êle é suscetível".
11 — Explique as seguintes palavras de Goethe: "Na arte como na ciência, no fazer como no agir, tudo está em apanhar claramente um assunto e tratá-lo de conformidade com sua natureza".
12 — Comente a seguinte afirmativa de S. Catarina: "A educação é uma segunda natureza".
13 — Comente a seguinte máxima de Demonax: "Nossas virtudes se enriquecem com os prazeres de que voluntàriamente nos privamos".
14 — Explique esta outra máxima do mesmo filósofo: "É próprio dos homens errar, e, dos sábios, perdoar os erros".
15 — Comente o seguinte pensamento de Vauvenargues: "A consciência é a mais mutável das regras".
16 — Analise a seguinte asserção de Lessing: "O fim último das ciências é a verdade; ao invés, o das artes é o prazer".
17 — Explique a seguinte opinião de Montaigne: "O proveito dos estudos consiste em nos tornarmos melhores e mais sábios".
18 — Comente o seguinte conceito de Gibbon: "O homem recebe duas classes de educação: uma, que lhe dão os demais; outra — a mais importante, — que êle dá a si mesmo".
19 — Desenvolva a seguinte afirmativa de Krishnamurti: "A morada da vida é o coração do homem".
20 — Terá razão La Fontaine quando diz que "não há caminhos de flôres que conduzam à glória"?
21 — Analise o seguinte pensamento de Sêneca: "A boa consciência quer testemunhas; a má agita-se e perturba-se mesmo na solidão".
22 — Comente a seguinte afirmação de Cícero: "Não vês a Deus e, no entanto, O reconheces por meio de Suas obras".
23 — Explique as seguintes palavras de Vauvenargues: "Às vêzes a paciência logra dos homens aquilo que jamais tiveram a intenção de conceder".
24 — Comente esta afirmativa de Ovídio: "Leve se torna a carga que se leva com paciência".

DISSERTAÇÕES LITERÁRIAS

(PREPARADAS POR LEITURAS PRÉVIAS)

LITERATURA BRASILEIRA

Desenvolva em dissertações longas os seguintes temas:

1 — Que é literatura? Como podemos defini-la?

(Ler, antes, entre outras obras, a História da Literatura (para o curso colegial), de Fidelino de Figueiredo, a Pequena História da Literatura Brasileira, de Ronald de Carvalho, a Literatura Luso-Brasileira, de Silveira Bueno, a Teoria da Literatura, de Soares Amora, a História das Literaturas, de Manuel Bandeira, a História da Literatura Portuguêsa, de Aubrey Bell, e a História da Literatura Brasileira, de Sílvio Romero).

2 — Quais foram as primeiras manifestações literárias no Brasil e que há nelas de interessante?

3 — Discutir a seguinte afirmação de Ronald de Carvalho a respeito da *Prosopopéia* de Bento Teixeira Pinto: "Nas suas 94 estrofes, em oitava rima, não se percebe um grande sôpro de imaginação, nem, ao menos, qualquer relêvo de estilo".

4 — Que há, de verdade, na afirmação de que Fr. Vicente do Salvador era, na alma e no espírito, um admirável discípulo de S. Francisco de Assis?

5 — Justificar a seguinte asserção acêrca de Gregório de Matos: "Suas estrofes são panfletos terríveis, algumas vêzes escabrosos, mas justos; suas sátiras são libelos venenosos, são navalhas de fio e têmpera inquebrantáveis".

6 — Estudar a personalidade de Gregório de Matos como poeta moralista.

7 — Discutir, em parágrafos com títulos, as seguintes palavras a respeito da "História da América Portuguêsa", de Sebastião da Rocha Pita: "Ela não se recomenda pelas qualidades de análise ou de crítica, pela excelência das informações, nem pela segurança dos comentários científicos; é antes um poema ou uma crônica, do que um valioso subsídio para o conhecimento das nossas causas".

8 — Justificar a seguinte opinião acêrca da obra de Basílio da Gama: "O *Uruguai* ficará em nossa literatura como um ponto de referência, aonde se vão encontrar as ocultas raízes do nosso Romantismo, que foi o dealbar da nossa independência intelectual".

9 — Analisar a seguinte asserção a respeito de Santa Rita Durão: "O poeta do *Caramuru* era mestre na descritiva, sabia movimentar as multidões e ordenar admiràvelmente os impulsos da imaginação".

10 — Explicar, com exemplos, por que os versos de Cláudio Manuel da Costa são modelares quanto à técnica e à dicção.

11 — Estudar a seguinte proposição: "O poema *Marília de Dirceu* está claramente separado em dois motivos: um de alegria, quando a esperança guiava todos os projetos de felicidade do poeta (Tomaz Antônio Gonzaga); outro de mágoa e desalento, escrito na prisão em que o meteram os áulicos do trono lusitano".

12 — "Pelo que resta de suas produções, Alvarenga Peixoto devia ter sido um poeta de pouco sentimento, mas de imaginação fácil e colorida."

13 — Em que é Manuel Inácio da Silva Alvarenga um precursor do nosso Romantismo?

14 — Provar a seguinte asserção: "A peça mais significativa da poesia satírica, no fim do século XVIII, é o poema das *Cartas Chilenas*".

15 — "A natureza doentia de Sousa Caldas, sua morbidez ingênita, muito concorreram para a melancolia e o pessimismo, notáveis em suas produções; a poesia não lhe era um brinco passageiro, mas uma necessidade, um instrumento por onde se escapavam os gritos e os tormentos de sua amargurada vida interior."

16 — Justificar o seguinte pensamento acêrca de Gonçalves de Magalhães: "Tôda a sua obra repousa neste conceito: *A Humanidade marcha — e Deus a guia*".

17 — "As qualidades de descritivo de Pôrto-Alegre (1806-1879) dão o melhor realce aos 40 cantos de sua epopéia *Brasiliana*, onde a ênfase de mau gôsto corre de par com o desenho de muitos quadros pitorescos; a eloqüência vazia, o exagêro e a superabundância de imagens e tropos prejudicam-lhe a sobriedade e elegância da linguagem, mas não se lhe pode negar uma forte imaginação, largamente servida por uma variada cultura."

18 — "Há por tôda a obra de Gonçalves Dias, acompanhando os acentos de bucólico lirismo, ou as notas religiosas, ou ainda as puramente descritivas, um grande sôpro de panteísmo, um permanente idílio com a natureza."

19 — "A poesia da dúvida, ao mesmo tempo dolorosa e irônica, elevou-a Álvares de Azevedo à mais alta intensidade, servindo-se para isso de um estilo cheio de tons velados."

20 — "Laurindo Rabelo foi poeta popular por excelência; sua poesia é ora dorida e pessimista, ora travêssa e brincalhona, mas há sempre nela um sainete fundo e comovedor."

21 — "Casimiro de Abreu, cantor da saudade, produziu uma obra que é um grito de amor pela família e pela terra donde se apartara ainda infante."

22 — "Há, na obra de Fagundes Varela, inspirações de tôda ordem, da alma e da natureza, da vida rústica e da civilizada, da fantasia e da realidade, do mundo fictício e do presente."

23 — "Castro Alves reunia em si as duas fôrças motrizes da alta poesia: a eloqüência, que pertence à imaginação, e a doçura, que é fruto da sensibilidade."

24 — "Joaquim Manuel de Macedo, um dos fundadores do romance nacional, foi o verdadeiro fixador dos nossos costumes, numa época ainda colonial na maioria dos seus aspectos: êle compreendeu admiràvelmente as tendências da nossa alma popular, sentimental e piegas, e fêz, com pequenas intrigas ingênuas, a sua história íntima e simplória."

25 — "Os romances de fundo americanista, de José de Alencar, incontestàvelmente os melhores que êle produziu, são verdadeiros poemas descritivos e dramáticos, onde a urdidura da intriga é quase sempre um pretexto para pintar a natureza."

26 — **O teatro romântico.** — "Faltaram ao teatro brasileiro, no período romântico, idealizações superiores e eternas."

27 — Estudar os principais parnasianos: Teófilo Dias. — Raimundo Correia. — Alberto de Oliveira. — Olavo Bilac. — Luiz Murat. — Emílio de Menezes. — Guimarães Passos. — Paula Ney. — Francisca Júlia da Silva.

28 — "Da harmoniosa poesia de Amadeu Amaral ressumbra um suave e melancólico pensamento filosófico."

29 — "Nos romances de Machado de Assis, o *documento humano* não obedece a um plano preconcebido, a um postulado primordial, a uma lei qualquer, científica ou literária; reflete-se nêles, apenas, um espírito indagador, que a todo instante se observa a si mesmo, através dos outros, e vai corrigindo, com o sorriso e a lágrima, a imagem que a vida lhe põe diante dos olhos."

30 — "A obra de Aluísio Azevedo reproduz, com a melhor fidelidade possível, a fisionomia do nosso mestiço físico e moral, cujas linhas fugitivas de caráter dificilmente se deixam entrever."

31 — "O *Ateneu*, de Raul Pompéia, não mostra sòmente um escritor elegante, um colorista, mas também um pensador original e inquieto, e um poeta".

32 — "Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, encontram-se excelsas qualidades descritivas e narrativas, de par com profundos conhecimentos sociológicos."

33 — Estudar os representantes da segunda geração naturalista brasileira: Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Xavier Marques.

34 — A crítica literária: Sílvio Romero. — Araripe Júnior. — José Veríssimo. — Ronald de Carvalho.

35 — Historiadores, publicistas e oradores: Joaquim Nabuco — Eduardo Prado — Rui Barbosa — José do Patrocínio. — Silveira Martins.

36 — Explicar a seguinte asserção a respeito do poeta negro Cruz e Sousa: "O mundo girava em tôrno de sua dor e de tal maneira lhe pesava sôbre a alma insatisfeita e sofredora, que êle não soube traduzi-lo senão com imprecações desesperadas e alucinantes: não há quase um verso seu que não seja um grito contra a opressão do ambiente que o cercava, grito nascido mais do instinto de raça que da consciência da vida."

37 — "Os romances de dona Júlia Lopes de Almeida apresentam quadros pitorescos, ambientes e cenas familiares que, descritos num estilo leve e fluente, impressionam pela nitidez dos retratos e pela verdade dos meios e das ações."

38 — "Afonso Arinos é um sertanista admirável que, em meia dúzia de novelas preciosas, diz mais e melhor das cousas e dos homens do interior brasileiro do que uma considerável porção de obras científicas e históricas, penosamente arrancadas a arquivos esquecidos."

39 — A literatura regionalista: Valdomiro Silveira. — Monteiro Lobato. — Alcides Maia.

40 — Estudar as tendências da literatura moderna: a poesia — o romance — o teatro — a crítica.

PARTE III

NARRAÇÕES

A NARRAÇÃO

O que é a narração. — Narração é o reconto de uma ação suficientemente extensa, para que possa compreender desenvolvimentos diversos e apresentar diferentes peripécias. Uma narração apresenta, assim, dois característicos essenciais: *unidade* de assunto e *variedade* de situações ou de pormenores. O autor de uma narração tem, pois, de se submeter a duplo trabalho:

1.º) o trabalho referente aos pormenores, o qual depende da **invenção**;
2.º) o trabalho relativo ao conjunto, o qual depende da **composição**.

O interêsse. — A narração, porém, não deve constituir um simples e frio relato. Seu mérito, assim como seu encanto, consiste em *interessar*. Ora, o leitor só se interessa:

1.º) quando a curiosidade lhe toma a atenção;
2.º) quando pode visualizar as cousas que lê;
3.º) quando fica emocionado.

Devem estas três condições ser preenchidas, não só no conjunto global da narração, mas também em cada uma de suas partes componentes. Daí resulta que *cada parte* da narração pode ser tratada como uma pequena composição literária, que tem interêsse próprio e na qual o autor deve esforçar-se por nos fazer *ver* e *sentir* determinadas situações ou determinados pormenores descritivos e narrativos. Destarte, uma narração bem feita apresentar-nos-á uma série de fragmentos, compostos como os que analisamos até aqui, em nosso minucioso estudo da *descrição* e da *narrativa*.

O trabalho dos pormenores. — Por necessidade de interêsse, deverá o autor procurar, num assunto, tôda e qualquer matéria que, por seu conteúdo pinturesco ou emocionante, possa prestar-se a bom desenvolvimento. E não serão apenas os assuntos, por desenvolver, que êle precisa considerar, mas ainda a *forma*, que lhes necessita dar, e o *sentimento*, que cada composição deverá exprimir. Assim, por exemplo, quanto à *forma*, pode uma série de composições apresentar-nos, qualquer que seja sua ordem de sucessão, narrativas simples, descritivas, demonstrativas, dramáticas, humorísticas, etc.: e, quanto ao *sentimento*, poderá cada narrativa exprimir tudo o que agita a alma humana: alegria, tristeza, admiração, terror, êxtase, cólera, ódio, amor, etc.

O trabalho do conjunto. — Como cada assunto parcial se pode prestar a grande número de desenvolvimentos, é mister escolhê-los, selecioná-los, ligá-los uns aos outros e não conservar senão aquêles que se relacionem com o interêsse de conjunto e com a unidade do assunto geral. É indispensável, também, reduzi-los a dimensões que não alterem a boa ordem dos fatos.

A proporção. — A primeira qualidade duma narração deve, portanto, ser a *proporção*. Regular-se-á o tamanho de cada composição parcial por sua importância considerada relativamente à idéia principal da narração.

A seqüência. — As diferentes partes da narração não podem ficar isoladas; têm de ser ligadas umas às outras, sem brutal solução de continuidade. Uma descrição, por exemplo, não deve ser tratada por si mesma, apenas porque traduza algo belo ou grandioso; cumpre que faça corpo com a narração.

A verossimilhança. — É indispensável haver *lógica* de fatos numa narração. É mister, a todo custo, evitar que a atenção se disperse. Eis porque devem as partes descritivas e narrativas assumir o caráter de *explicações*, imprescindíveis pela necessidade de tornar mais verossímeis as cousas, que precisam ser como que postas, em tôda a sua realidade, diante de nossos olhos.

A narração em verso. — A narração em verso segue os princípios gerais de composição da narração em prosa, mas tem, além disto, um caráter particular, que resulta do próprio emprêgo do verso. Sendo uma composição poética, ela constitui, muito mais do que uma simples narrativa pormenorizada de fatos que nos façam *ver* e *sentir*, a expressão de uma *visão* íntima do poeta. É, talvez, por êste motivo, que podemos observar, na narração em verso, um movimento mais lento, um tom mais lírico, um estilo mais rico de imagens e, ainda, a *preponderância* dos elementos descritivos sôbre os elementos narrativos.

29.º *Narração em prosa.*

A TÔRRE DOS RATOS

1 — Quando eu era menino — lembra-me com nitidez —, havia, acima de meu leito, um quadrinho, emoldurado de negro, que uma criada alemã dependurara na parede. Representava uma velha tôrre arruinada, revestida de limo verde, cercada de águas profundas e escuras, que a recobriam de vapôres, e cingida por uma cadeia de altos montes, que a envolviam perenemente em lençóis de sombra. No céu perpassavam, como monstros, nuvens sinistras. À noite, depois de rezar e antes de adormecer, eu sempre contemplava, fascinado, o estranho quadro, que daí a pouco me surgiria, ameaçador, dentro de meus pesadelos. — Um dia, indaguei da criada o que representavam aquelas tristes ruínas e ela exclamou com voz cavernosa, persignando-se: "A tôrre dos ratos!"

2 — Em seguida, contou-me uma história: que outrora, em tempos mais remotos do que eu poderia imaginar, existira em Mogúncia, sua terra natal, um barão poderoso, chamado Hatto, homem impiedoso e avarento, que jamais abria a mão para consolar ou dar esmolas; que êle, em certo ano de escassa produção, comprara aos agricultores necessitados, por preço ínfimo, todo o trigo colhido, a fim de revendê-lo, a preços exorbitantes, ao povo esfomeado, pois Hatto desejava ficar cada vez mais rico e não se incomodava com a miséria alheia; que houve, então, tamanha carestia, que os pobres morriam de fome nas aldeias do Reno; que o povo, ameaçado em sua própria existência, se aglomerou em tôrno do castelo de Mogúncia, chorando e pedindo pão; que o implacável barão, porém, lho recusou.

3 — Neste ponto, horrorosa tornava-se a história. O povo, mordido pela fome, não se dispersava e continuava a rondar, gemendo, a fortaleza do duro e orgulhoso fidalgo. Hatto, por fim irritado, deu uma ordem terrível a seus arqueiros, que pronta e cruelmente a executaram. Arremessando-se contra a multidão debilitada e inerme, espancaram homens, mulheres e crianças, empurrando-os violentamente para dentro dum barracão de madeira, onde os encerraram e a que lançaram fogo. — Foi — acrescentava a boa velha — um espetáculo tremendo, que teria feito chorar às

próprias pedras: mas o barão ria a bom rir, e como os míseros, envolvidos pelas crepitantes e ardentes labaredas, soltassem gritos pungentes, êle se pôs a dizer, sarcástico: "Não estão vocês ouvindo o guincho dos ratos?"

4 — No dia seguinte, não se viam senão cinzas no local da tragédia. Quase tôda a população de Mogúncia perecera; a cidade parecia morta e deserta. De repente, no meio daquela desolação, começaram as cinzas a ondular e a mover-se: a princípio, centenas, e, logo, milhares de ratos puseram-se a deslizar, velozes, como sêres vivos feitos de cinza. Seus guinchos cresciam à medida que êles iam surgindo e parecia que aquela multidão pululante e malcheirosa renascia e se multiplicava aos golpes desatinados dos soldados, que tinham acorrido para combatê-la. Os ratos invadiram, como uma inundação viva e feroz, as ruas, as casas, os porões, o castelo do barão, suas adegas, seus quartos e suas alcovas. Era como que um flagelo destruidor, como que uma chaga fétida e cheia de vermes.

5 — Desvairado, Hatto abandonou Mogúncia, fugindo para a planície, com a imensidade guinchante dos ratos em seu encalço, e correu a encerrar-se em Bingen. Mandou, então, construir às pressas uma tôrre forte no meio do Reno e aí se refugiou, servindo-se de uma barca, em tôrno da qual dez arqueiros batiam incessantemente as águas, com longas, pontiagudas e afiadas espadas. Os ratos, porém, iam-se atirando uns atrás dos outros ao rio ensangüentado e coalhado de pequenos corpos mortos, atravessaram-no, apesar da heróica resistência dos soldados, subiram à tôrre, roeram as portas, o teto, as janelas, os assoalhos, e, chegando, enfim, à cela-forte onde se ocultava o miserável, devoraram-no vivo, enquanto êle, tomado de pavor até os ossos, estrebuchava e *guinchava* de dor, entre medonhos sofrimentos!

6 — E agora, a maldição do céu e o horror dos homens pesam sôbre essa lúgubre tôrre, que, deserta e desolada, se vai esboroando no meio do rio. Certas noites, por vêzes, sôbre ela flutua um vapor avermelhado, semelhante à fumaça das grandes fornalhas: é, dizem, a alma de Hatto, que volta a penar no cenário de seu suplício e que não será perdoada senão quando, no coração de pedra da tôrre arruinada, brotar e desabrochar, radiosa, a flor da Misericórdia, plantada por um descendente das vítimas do feroz barão.

7 — Esta história, meu filho, — terminou a velha criada, — nos demonstra que precisamos agir sempre, e sobretudo quando as calamidades assolam o mundo, com espírito de solidariedade e fraternidade humana, porque todos, ricos e pobres, somos irmãos na terra. Ai dos poderosos, que, podendo e devendo fazer o bem, desprezam a angústia e a vida dos que nada possuem, e lhes exploram a fome, até à morte: pois a justiça de Deus pode tardar, mas não falha, nunca!

(Adaptação duma narração de V. Hugo)

O assunto. — É a adaptação de uma lenda germânica, narrada por Vítor Hugo em *Le Rhin*. — Um cruel barão feudal agrava a carestia reinante em seus domínios, adquirindo a preço vil todo o trigo existente e armazenando-o, para revendê-lo, mais tarde, a preços altos. Como o povo, esfomeado, lhe peça, um dia, misericórdia, fá-lo encerrar, pela fôrça, num grande celeiro, a que lança fogo, zombando dos gritos e lamentos de suas vítimas com uma frase sarcástica: "Os ratos estão guinchando". No dia seguinte, surge dos escombros enorme multidão de ratos, que o persegue inexoràvelmente, até devorá-lo vivo.

Esta idéia dum crime e de seu castigo é que constitui a *unidade* do assunto.

A composição. — Além da unidade do assunto, deve uma narração apresentar *variedade* de pormenores. "A Tôrre dos Ratos" contém uma série de composições parciais, que variam de forma e de tom, conforme se pode verificar no seguinte quadro:

	ASSUNTO	FORMA	SENTIMENTO
1.	O quadro do quarto.	Narrativa demonstrativa.	Terror.
2.	O retrato de Hatto.	Discurso (indireto).	Indignação.
3.	O suplício dos pobres.	Narrativa com reflexões.	Horror.
4.	A invasão dos ratos.	Narrativa descritiva.	Pavor.
5.	A morte de Hatto.	Narrativa dramática.	Angústia.
6.	A tôrre em ruínas.	Narrativa com reflexões.	Desolação.
7.	A justiça de Deus.	Discurso (direto).	Fé.

O interêsse. — O quadro, com que se inicia a narração, empolga-nos imediatamente o espírito, despertando e mantendo em suspenso nossa curiosidade, que acompanha com vivo interêsse o desenrolar dos fatos, desde o começo até o desfêcho horrível. Cenários e cenas caracterizam, aqui, a apresentação de uma *tragédia*, que vemos e sentimos em seus mínimos pormenores e que nos agita profundamente a alma. Sabemos que os leitores só se interessam:

1.º) quando a curiosidade lhes toma a atenção;
2.º) quando podem visualizar as cousas que lêem;
3.º) quando ficam emocionados.

Ora, não só uma destas três condições, mas tôdas elas foram preenchidas, e não apenas no conjunto da narração, mas em cada uma de suas partes.

Cada parte, com efeito, foi tratada como uma composição, que tem seu próprio interêsse e em que o autor se aplicou a nos fazer *ver* e *sentir* pormenores e fatos especiais: o quadro do quarto, sinistro e aterrador; o retrato de Hatto, cuja crueldade causa cólera; o assassínio de velhos, mulheres e crianças, que nos revolta e causa horror, etc. Até mesmo a reflexão final apresenta interêsse, porque constitui uma *lição*.

A proporção. — Limitada em sua extensão, encerra, todavia, esta narração uma *tragédia* completa. As composições parciais, de que se compõe, assumem, assim, a importância de verdadeiros *atos*, que têm, relativamente uns aos outros, o mesmo, ou quase o mesmo, desenvolvimento, a mesma, ou quase a mesma, proporção.

A seqüência. — Não podem ser isoladas, já o vimos, as diferentes partes de uma narração. Aqui, não se rompe a continuidade narrativa; pelo contrário, ela é bastante cerrada. As circunstâncias e os acontecimentos estão graduados e dispostos de tal maneira, que cada parte se torna decorrência natural da parte anterior. Muitas vêzes, a transição de uma para outra se faz, suavemente, por meio de expressões que assinalam, de modo claro, a seqüência: *Em seguida... Neste ponto... No dia seguinte... E agora.*

A verossimilhança. — Nas lendas e contos fantásticos, irreais, quando algo fala à imaginação do leitor, — que parece, então, encontrar-se dentro da realidade maravilhosa da vida, — ao inverossímil substituem-se impressões, cuja verossimilhança podemos apreciar. O que é verdadeiro pode não ser verossímil. Verossímil é o que tem a *aparência*, a *semelhança* da verdade.

O barão Hatto talvez haja, de fato, existido e cometido o crime; talvez, de fato, tenha sido devorado por animais esfaimados: tais ocorrências estão dentro da realidade das cousas, isto é, são perfeitamente possíveis. A imaginação popular apoderou-se dêsses acontecimentos, transformou-os, ligou-os, e, daí, provàvelmente, surgiu a lenda.

O tom. — O tom da composição é que determina a escolha dos desenvolvimentos de cada parte, assim como o estilo. Aqui, conta-se uma lenda; temos, nela, a história de um crime e de seu castigo, e esta história deve provocar-nos forte emoção. Assim, pois, nesta narração, todos os desenvolvimentos, com exceção do último, despertam *sentimentos violentos*.

29.º Narração em verso.

A ASCENSÃO DE JESUS CRISTO

I) 1 — *O pôr do sol.*

Entre esplêndidas nuvens purpurinas,
Mergulhava-se o sol, e os frescos vales
Abriam seus tesouros de perfumes
Aos bafejos das auras suspirosas
Que desciam dos montes do Ocidente.

2 — *Os Apóstolos.*

Sôbre um risonho outeiro reunidos,
Escutavam os homens do Evangelho,
As predições supremas, as sentenças,
E as derradeiras instruções do Mestre.

3 — *A aldeia.*

A sossegada aldeia de Betânia
Se estende a seus pés, pobre, singela,
Como um plácido ninho de andorinhas
No meio de um vergel.

II) 4 — *As instruções de Cristo.*

— "Pobres amigos!"
O Redentor falou, "em vossas almas,
Eu plantei as sementes da Verdade.
Não as deixeis morrer, tenham embora,
Em vez de orvalho, lágrimas de sangue!
Deus vos dará valor. Eu parto e deixo
Em vossas mãos a sorte do Universo!
Buscai os tristes, procurai os pobres,
E o bálsamo divino da esperança,
Nas feridas vertei, dos desgraçados.

Voai à zona tórrida e às planícies,
Onde perpétuos gelos se aglomeram;
Ensinai aos mortais as leis do Eterno,
A pureza celeste dos costumes,
O perdão das mais ásperas ofensas!
E em nome do Senhor pregai ao mundo
As mais belas das lúcidas virtudes:
A Esperança, a Fé e a Caridade!"

5 — *A transfiguração.*

Falava o Salvador, seu santo rosto
Fulgurante se tornava, seus olhos
De inefáveis clarões se iluminavam,
E a túnica mesquinha e desbotada,
Da brancura da neve se cobria!

III) 6 — *A Ascensão.*

Os amigos prostraram-se embebidos
Em êxtase divino; o grande Mestre
Sôbre êles estendeu as mãos brilhantes,
Volveu aos céus o rosto glorioso,
E, deixando de manso a terra e os homens,
Ergueu-se, ergueu-se pelos vastos ares
Até librar-se no sidério espaço,
Como longínqua estrêla rutilante!
Por fim perdeu-se além, na imensidade,
Onde não chega o pensamento humano!
— Aqui termina a história do Calvário.

FAGUNDES VARELA.

Notas para a explicação do texto. — Esta poesia nos mostra os últimos momentos que Nosso Senhor Jesus Cristo, após sua gloriosa Ressurreição, passa na terra, antes de subir ao Céu.

Constituída de versos brancos, compõe-se ela de três grandes partes, ligadas entre si pela lógica dos fatos:

	ASSUNTO	FORMA	SENTIMENTO
I.	Cristo e os Apóstolos.	Narrativa descritiva.	Sossêgo.
II.	As instruções de Cristo.	Discurso.	Amor aos homens.
III.	A Ascensão.	Narrativa descritiva.	Extase.

O conteúdo de cada narrativa. — A narrativa inicial contém:

a) Uma curta, mas expressiva descrição de um pôr de sol.
b) Uma pequenina descrição de um grupo de homens em ação ("*Os Apóstolos*").
c) Uma rápida descrição da aldeia de Betânia ("*A aldeia*").

— Servem estas descrições para *ilustrar* a narração, mostrando-nos o local da cena grandiosa e a atitude dos homens, reunidos para ouvir as últimas recomendações de Jesus Cristo.

A segunda parte encerra:

a) um curto discurso, que contém um *exórdio*, uma *exposição de fatos* e uma *peroração*; neste discurso, faz Jesus uma sucinta recapitulação de seus ensinamentos na terra;
b) uma descrição da transfiguração que Êle, enquanto falava, ia experimentando em sua pessoa e em seus trajes.

A narrativa final encerra uma descrição de pessoa em ação e transcreve, em orações curtas, a maravilhosa Ascensão do Senhor.

O interêsse. — Não só no conjunto da narração, como em cada uma de suas partes, são preenchidas as três condições determinantes do interêsse do leitor. De fato:

1.º) sua curiosidade obriga-o a procurar saber como desenvolverá o poeta assunto tão conhecido de todos;
2.º) êle pode vizualizar e sentir, como se estivesse presente, as cousas que lê;
3.º) emociona-o a beleza sublime da cena.

A proporção. — Como o tamanho de cada parte é determinado pela importância que tem, relativamente à principal idéia da narração, esforçar-se-á o aluno por explicar qual a razão por que o desenvolvimento da segunda parte é maior do que o das outras.

A verossimilhança. — Poderá haver lógica de fatos num ambiente em que se sucedem os milagres? Viam-nos os antigos por tôda a parte, na natureza, achando-os perfeitamente lógicos; note-se, porém, que Cristo os realizou, portentosos, em grande número, curando, num instante, males terríveis, transformando e multiplicando alimentos, aplacando a fúria das tempestades, vencendo a morte. Mais do que verossimilhança, há *verdade* nesta narração, porque Cristo é Deus, e, como Deus, seu poder está acima das leis da natureza.

O tom. — Grave, repassado de nobreza e melancolia, o tom desta composição poética fixa a escolha dos desenvolvimentos de cada parte e, também, o estilo.

29.º Narração em prosa.

(Explicar sem questionário)

AS VIOLETAS DE NOSSA SENHORA

1 — *O Céu festivo.* Ontem, dia de Nossa Senhora da Glória, reinou no Céu uma grande e santa alegria. Pela madrugada, os anjos penduraram estrêlas nas pontas das nuvens, e, quando amanheceu, tudo ficou enfeitado de sol. O vento, nas alturas, cantarolava baixinho, como para acalentar uma criança doente. E as estrêlas, apagadas, tinham um perfume casto e bom, de rosas murchas.

2 — *A felicidade dos justos.* No seu trono de nuvens azuis, franjadas de ouro, Nossa Senhora da Glória sorria contente. De todos os recantos do Céu chegavam anjos e almas felizes, que vinham banhar-se na luz pura dos seus olhos misericordiosos. Uma felicidade inocente e boa embriagava as criaturas e as cousas, como um vinho bebido em sonho. O ar estava impregnado de um eflúvio meigo, de uma ternura comovida, como se pairasse naquela hora uma grande bênção de Deus sôbre o mundo.

3 — *A piedade da Virgem.* E foi quando a Virgem, na glória alegre do seu dia, falou desta maneira: — "Meu coração, que as sete espadas trespassaram, é como um cântaro repleto de mel. Tenho a cabeça coroada de estrêlas e sinto a meus pés a música religiosa dos anjos. Mas, na minha alegria, não posso esquecer as criaturas que gemem, lá embaixo, na prisão escura da Vida. A ventura, que me cerca, deixaria de ser ventura, se eu não pudesse reparti-la com os infortunados. Quero, pois, que os anjos desçam à Terra e restituam em alegria doce e cristã os tributos de dor que êles, na sua miséria, têm pago ao Céu".

4 — *A distribuição de graças.* E chamando um dos anjos: — "Vai, Alael! Desce à Terra e leva, transformados em pão, os gritos de desespêro dos órfãos e dos desamparados. Que êles tenham, também, hoje, a sua hora de felicidade!" Chamou outro: "Parte, Heliel! Toma os suspiros que subiram da Terra, partidos dos corações solitários, e transforma-os em flôres de laranjeiras. Que encontrem o seu noivo, hoje, tôdas as virgens de coração puro que punham na minha misericórdia a sua esperança". Chamou o terceiro: — "E tu, Eriel; vai. Recolhe as preces de todos os tristes e transforma-as em consolação. Que tenha, cada um, hoje, a sua esmola de alegria!" — Chamou outro: — "Chegou a tua vez, Elir! Abre as tuas asas, e vai! Procura os aflitos, que enviam aos céus os grandes brados de angústia e dá-lhes, de nôvo, a sua aflição, os seus próprios gemidos e gritos transformados em rosas vermelhas".

5 — *As violetas do poeta.* Chamou, finalmente, outro: — "A ti, Anjo sem nome, ou de nome que é um doce mistério; a ti, cabe a mais piedosa das missões. Há, lá embaixo, na Terra, um pobre e obscuro poeta que chora em silêncio e cujo sofrimento é calado. Reúne os seus gemidos surdos, as suas lágrimas ignoradas, os seus sonhos nascidos mortos. Transforma-os em violetas. Faze, com êle, três ramilhetes. Que sejam tornados, assim, em pequeninas flôres os seus grandes tormentos escondidos. Leva a êsse artista humilde a oblata da flor humilde. Dá-lhe, enfim, a êle, uma hora de felicidade!" — Foi assim que, ontem, um poeta obscuro e triste recebeu, de mão desconhecida e gentil, em nome de Nossa Senhora da Glória, três lindos punhados de violetas...

HUMBERTO DE CAMPOS.

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

NARRAÇÕES

I

Desenvolva os seguintes temas, esforçando-se por que haja **interêsse**, *não só no conjunto da narração, como em cada uma de suas partes, que devem despertar nossa admiração pela forma e nossa curiosidade pelo fundo, e nas quais deve haver* **proporção e seqüência**; *esforce-se, ainda, por que cada parte desperte um sentimento, correlacionado com o assunto geral:*

I. **PESCARIA À NOITE.** — (Narração formada de seis composições fragmentárias):

1 — *Narrativa descritiva:* Um pôr de sol numa campina, onde verdejam culturas esparsas e um bosque.

2 — *Narrativa com retrato:* Um rapazola caminha, carregando apetrechos de pesca, por uma estrada, enquanto morre o dia (as sombras crescentes, o aspecto das cousas).

3 — *Vista animada:* O luar dentro do bosque: efeitos de luz e de sombra. Animação: pios, silvos, grunhidos.

4 — *Narrativa com conversação:* O encontro do rapazola com outro menino, num raio de luz. Diálogo entre ambos (discurso direto e indireto).

5 — *Sucessão de quadros:* A caminhada dos rapazes através do bosque: o ruido crepitante de seus passos nas fôlhas sêcas; o desfile das cousas e animais: árvores escuras, clareiras iluminadas, bandos de pirilampos esvoaçantes, roedores e pequenos animais de olhos reluzentes, regatos, uma lagoa.

6 — *Impressões pessoais.* — A pescaria silenciosa (vista como um quadro, em que sejam protagonistas os meninos. O aspecto do céu, a lua, a paisagem, transfigurada à claridade opalina; peixes cintilantes).

II. **TESEU.** — Guiado no labirinto de Creta por um fio que Ariadna, filha de Minos, lhe dera, Teseu combateu e matou o Minotauro, monstro meio homem e meio touro, que se alimentava de carne humana. Libertou, então, as môças e os rapazes condenados a servir de horrendo repasto à fera, e fugiu com aquela princesa, que êle, por fim, abandonou na ilha de Naxos. Morrendo depois de uma vida sempre inquieta e agitada, foi condenado por Plutão, a quem ofendera, a permanecer eternamente sentado nos Infernos.

— Composições parciais:

	ASSUNTO	FORMA	SENTIMENTO
1.	O labirinto subterrâneo.	Narrativa descritiva.	Espanto.
2.	Teseu caminhando.	Narrativa com retrato	Prudência.
3.	O Minotauro.	Narrativa com retrato.	Horror.
4.	A luta.	Sêres em ação.	Ansiedade.
5.	A libertação dos jovens.	Narrativa simples.	Alegria.
6.	Teseu e Ariadna nos mares.	Narrativa com reflexões.	Melancolia.
7.	O abandono de Ariadna.	Narrativa dramática.	Emoção.
8.	A morte de Teseu.	Narrativa dramática.	Tristeza.
9.	Sua condenação.	Narrativa demonstrativa	Cólera.

III. **MIDAS.** — Midas, rei da Frígia, obteve de Baco o dom de transformar em ouro tudo aquilo em que tocasse. No primeiro momento, ao transmutar em ouro os objetos de uso pessoal, os móveis, as paredes do palácio, as estátuas de seus jardins, êsse extraordinário poder foi causa de viva satisfação para sua avareza. Quando observou, porém, que não só as cousas inanimadas se metalizavam a seu contacto, mas também as flôres, os animais e até mesmo os alimentos, tornaram-se-lhe sombrias as perspectivas da vida, e, arrependido, mergulhou em profunda tristeza. Vendo-o tão acabrunhado, correu a consolá-lo uma netinha querida, que, ao abraçá-lo, estacou instantâneamente, imobilizada numa boneca de ouro. Amaldiçoando, desesperado, sua funesta ambição e seu tremendo destino, Midas foi, em prantos angustiados, suplicar a Baco que lhe retirasse o horrível dom; e o deus, sentindo sincero o seu arrependimento, ordenou-lhe que se banhasse no rio Pactolo, o qual, desde então, rola em suas águas uma quantidade inextinguível de palhêtas de ouro.

— Composições parciais:

	ASSUNTO	FORMA	SENTIMENTO
1.	O dom de Midas.	Narrativa descritiva.	Contentamento.
2.	O castigo.	Narrativa demonstrativa	Arrependimento.
3.	A netinha do rei.	Narrativa dramática.	Desespêro.
4.	A súplica ao deus.	Narrativa dialogada.	Tristeza.
5.	A redenção de Midas.	Narrativa descritiva.	Alívio.

IV. **XERXES.** (*) — Xerxes deve constituir a *unidade* da narração: sua figura, portanto, há de dominar todo o desenvolvimento da composição, cujas partes precisarão iluminar, por assim dizer, e pôr em relêvo os diversos aspectos do caráter dêsse déspota da Ásia.

1. Xerxes mobiliza imenso exército, dirigindo-o contra a Grécia: todos os povos da Ásia, com vestes e armas estranhas, marcham juntos (*êste parágrafo nos pintará seu poderio; à agitação daqueles milhões de homens que avançam sob suas ordens, opõe-se a indolência displicente do soberano, a quem o exercício do poder absoluto não exige sequer um esfôrço, sequer mesmo um pouco de vigilância, pois êle vai cochilando em seu formidável carro de combate*).

2. Em Abido, antes de transpor o Helesponto por meio duma ponte de barcas, Xerxes passa em revista o seu exército. Vendo o mar coalhado de navios e a planície recoberta de soldados, põe-se a chorar, porque, dentro de um século, nenhum daqueles homens estaria vivo. Seu tio Arbatano faz-lhe ver que há, na vida, muitas cousas mais tristes que a morte, como a desonra, a escravidão e a extrema miséria do povo ou da alma (*neste parágrafo, tentar-se-á revelar a estranha alma do rei oriental. A idéia da morte atormentava êsse homem cruel e caprichoso, ébrio de poder e ávido de prazeres: fraco, incapaz de raciocínio e de vontade, sujeito a tôdas as impressões efêmeras, tão suscetível ao pranto, quanto orgulhoso e colérico. Xerxes é profundamente supersticioso; êle vê, no universo e em tôdas as formas passageiras da vida, a luta implacável entre Ahura-Mazda, o "espírito sábio", e Angro-Mainyus, o "destruidor"*).

3. Ensoberbecido, entretanto, com seu poder, êle pergunta a Demarato, rei exilado de Esparta, se os gregos ousarão resistir-lhe. Demarato faz o elogio da Grécia, pobre, corajosa, submissa às leis; e exalta, principalmente, os Lacedemônios, que afrontam livremente a morte, sem a isso serem constrangidos pelo açoite de um senhor despótico. Espanto e incredulidade de Xerxes (*neste parágrafo, manifestar-se-á o orgulho e a ignorância do soberano*).

— **Formas das composições parciais:** 1. Narrativa descritiva. — 2. Narrativa com reflexões. — 3. Narrativa com conversação.

V. **BATE, MAS ESCUTA.** — 1. A frota grega está ancorada na baía de Salamina. — Os chefes, reunidos na galera capitânea, vêem, com angústia, avançar os incontáveis navios dos persas, enquanto, ao longe, fumegam as ruínas de Atenas incendiada.

2. O espartano Euribíades, chefe da frota confederada, propõe que se renuncie a salvar a Ática, para se defender o Peloponeso. O ateniense Temístocles insiste em que se permaneça ali mesmo, em Salamina, a fim de se proceder a um ataque contra os persas nos estreitos, único meio de salvar a Grécia. Encoleriza-se Euribíades, que ameaça o ateniense com um bastão. Temístocles não se impressiona, dizendo-lhe: "Bate, mas escuta", e continua tranqüilamente a desenvolver o seu plano.

3. No dia seguinte, os gregos cantavam o Peã nas praias da baía, onde se viam os destroços das naves persas.

— **Formas das composições parciais:** 1. Narrativa descritiva. — 2. Narrativa com conversação. — 3. Narrativa simples.

VI. **HÉRCULES E AS SERPENTES.** (*) — O assunto desta narração é um episódio da infância de Hércules, em que o vemos a lutar com duas enormes serpentes, enviadas por Juno para devorá-lo. Além do interêsse mitológico que tal assunto comporta, deve-se incluir, na narração, quadros e cenas que sejam de interêsse geral, iniciando-se pela descrição da noite maravilhosa, pondo-se em realce uma linda cena de amor materno e acentuando-se a cena final da vitória do menino, pois tudo isto fala à imaginação do leitor, está na realidade da vida; o inverossímil da lenda deve ser substituído por impressões, cuja verossimilhança se possa apreciar.

(*) Os alunos poderão ler, antes: "As guerras médicas", cap. da *Civilização Antiga*, de Seignobos; e "Légende des Siècles", de Victor Hugo (*Les Trois Gents*).

(*) Os alunos poderão ler, antes, "L'Enfance d'Héraklès", de Leconte de Lisle.

1. *A noite.* — Cintilante de astros e estrêlas, entre os quais se destacam as constelações do Orião, da Ursa e do Cão, desdobra a noite véus de sombra e faz baixar calmo silêncio sôbre as cidades, os campos, os montes. No Olimpo, dormem os deuses, menos Juno, que se debate em cólera e em desejos de vingança.

2. *Alcmena coloca Hércules no berço.* — Alcmena, depois de banhar seu filhinho Hércules, deita-o num escudo de bronze, de bordas altas, e, sorridente, faz votos por que tenha um bom sono, encantado por sonhos maravilhosos, dignos de sua alma infantil. Suavemente embalado, Hércules adormece, tendo ainda, nos lábios, brancas gotas de leite.

3. *As serpentes.* — Juno, levada por seu ódio, manda duas serpentes enormes a devorar o pequeno semideus: elas descem, rastejando, o monte sagrado, passam pelas ruas da cidade, atravessam a soleira do palácio e seu duplo pilar, entram nos salões, galgam escadas de mármore, e, chegando ao aposento de Hércules, detêm-se, enrolam-se e seus olhos frios se fixam no fundo côncavo do escudo.

4. *A luta.* — Hércules, porém, acorda, levanta-se e, num gesto rápido, agarra-as pelo pescoço, ao qual aperta sem esfôrço, sacudindo-as, como a brincar. Os olhos dos monstros saltam, como brasas, fora das órbitas. Musculosas e intumescidas, as serpentes açoitam violentamente o ar, mas o menino as constringe cada vez mais, rindo-se de vê-las, cheias de raiva e de baba, estorcerem-se e enrolarem-se em tôrno do berço. Atira-as depois, já mortas, ao chão e cruza, para dormir, os bracinhos ensangüentados.

VII. **O FRUTO PROIBIDO.** — 1. Certo rei do Aragão afasta-se, um dia, da comitiva de nobres e oficiais, que o acompanhavam numa caçada, e chega, sem ser percebido, à porta de uma cabana. Os proprietários — um casal de pobres lenhadores — tomavam frugal refeição e conversavam acêrca de Adão e Eva, cuja expulsão do Paraíso Terrestre acarretara tôdas as dificuldades e sofrimentos que ambos estavam padecendo. "Ah! dizia a mulher, nossa Mãe Eva devia ter-se contentado com os copiosos e variados frutos que se achavam à sua disposição e não ter tocado naquele que lhe proibira Deus!" — "É verdade, replicava o lenhador, se eu estivesse no lugar de Adão, teria sabido conservar minha felicidade."

2. Neste ponto da conversa, o rei, que a escutava, abre a porta e entra. Grande surprêsa do casal, que acolhe, sem reconhecê-lo, o soberano, em quem julgam ver, por seus ricos trajos, um nobre da côrte. O rei cumprimenta afàvelmente os donos da casa e pede-lhes de beber, pois faz calor e a sêde o atormenta. Corre a mulher a buscar água fresca numa fonte vizinha, enquanto o marido convida o inesperado hóspede a sentar-se e lhe oferece um pouco de vinho. O soberano bebe à saúde de ambos e saboreia, mesmo, algumas frutas, que acha deliciosas. Encantado com tão gentil acolhida, resolve recompensar o casal, pondo-lhe, todavia, a fidelidade à prova.

3. No momento de despedir-se, êle se dá a conhecer; erguem-se os lenhadores, em atitude respeitosa. "Quero, diz-lhes bondosamente, recompensá-los, pois vocês são honrados e benfazejos. Vocês vão deixar esta cabana e vir em minha companhia; terão um palácio perto do meu, roupas, alimentos e tudo o mais que possam desejar." — Impõe-lhes, contudo, uma condição: que não toquem, de modo algum, num vaso de cristal, cuidadosamente tampado e cheio de frutos desconhecidos, que todos os dias será pôsto à mesa de suas refeições. — Ambos, tomados da mais viva alegria, caem de joelhos exclamando que aceitam a proposta real com o mais profundo reconhecimento.

4. Alojados em magnífica residência, trajados luxuosamente, o lenhador e sua mulher julgam viver um sonho maravilhoso. Nada lhes falta; o menor de seus desejos é satisfeito imediatamente. À hora das refeições, porém, figura sempre na mesa, entre finos e variados acepipes, um vaso de cristal fôsco, dentro do qual há frutos de forma imprecisa e de côr avermelhada. O casal nem sequer o olha, tão grande é a sua felicidade.

5. Certo dia, entretanto, quando já estavam habituados àquela boa vida, começa a empolgar a mulher o desejo de saber que espécie de frutos continha o vaso misterioso. Quer destampá-lo, um momento que seja, mas o marido a detém, recordando-lhe a proibição formal do rei e dizendo-lhe que a ventura de que gozam depende de sua

obediência à determinação real. — A mulher não insiste, mas sua curiosidade vai aumentando à medida que transcorre o tempo, até que a tentação, de tão forte, não a deixa mais dormir. Então, ela diz que não deseja comer os frutos, porém apenas saber quais são e que, por isso, vai descobrir o vaso, tanto mais que o rei de nada saberá.

6. O homem ainda tentou dissuadir a espôsa de executar o que desejava, mas vá lá um homem discutir com uma mulher, quando esta quer alguma cousa... Ela gritou, esbravejou, chorou, teve fasiquitos; o marido cedeu, por fim, como sempre cedem os maridos. Cheia de alvorôço, ela tomou o vaso, abriu-o. Dentro, os frutos rutilávam, como estrêlas rubras. Pareciam maçãs, mas não tinham perfume algum; apanhou uma, que se lhe desmanchou nas mãos, como um torrão de açúcar. Perturbada, fêz um gesto estouvado, derrubando o vaso, que se estilhaçou, enquanto os pomos se desfaziam em pó, como o primeiro. O homem, exasperado, bradava: "Ah! desgraçada, que fizeste? Não te dizia eu que não tocasses no vaso? Que vai ser de nós agora?" — A mulher, humilhada, chorava e gemia.

7. Nisto, entrou o rei. "Por que estão vocês brigando?" perguntou. Ambos, consternados e envergonhados, nada responderam. Relanceou o soberano os olhos pela sala e percebeu o que acontecera. Voltou-se, indignado, para o casal, exprobrando-lhe o procedimento, pelo qual perdera direito a seus obséquios. Recomendou a ambos que não condenassem mais, levianamente, o pecado de Adão e Eva: "Vocês não foram mais fiéis em respeitar minha vontade, do que êles a de Deus". — Expulsou-os, finalmente, do palácio. Mandou que lhes trocassem os ricos vestuários por suas velhas roupas e que os reconduzissem à pobre choupana, onde, durante o resto da vida, êles lamentaram a desobediência, que lhes custara a felicidade.

VIII. **MOISÉS.** — A narração, cujo sumário se segue, deve ser um apanhado geral do poema "Moïse", de Alfred de Vigny, poema que os alunos precisarão ler, para se assenhorearem da matéria. No desenvolvimento de cada parte, em que trabalharão com cuidado e capricho, escolhendo bem as expressões, a ordem dos pormenores ou fatos e os meios de transição, não se devem esquecer do sentimento de tristeza que ressumbra do próprio assunto.

1. **Descrição:** *O Cenário.* — Deita-se o sol no deserto, inundando-o de flamas deslumbrantes e revestindo de ouro e púrpura tôdas as cousas. Moisés, galgando o árido monte Nebo, pára e alonga o olhar pelo vasto horizonte. Vê, primeiramente, Fasga, rodeada de figueiras; depois, para lá dos montes, Galaad, Efraim, Manassés; no sul, Judá, grande e estéril, entre areias brancas, onde morre o mar ocidental; mais longe, num vale, surge Neftali, coroada de oliveiras; Jericó, a cidade das palmeiras, ergue-se numa planície florida; e, enfim, Canaã, a terra prometida, na qual está condenado a não entrar. O Profeta estende a mão, abençoa os hebreus e continua a subir lentamente.

2. **Grupos em ação:** *Os hebreus.* — Perto do monte sagrado, no vale, agitam-se os filhos de Israel. Logo ao amanhecer, partira Moisés a encontrar-se com o Senhor. Todos os olhares o tinham acompanhado em sua ascensão, guiados pela luz que lhe aureolava a cabeça. — Quando chegou ao alto e penetrou na nuvem de Deus, que coroava de relâmpagos o sombrio cume, ardeu o incenso em todos os altares de pedra e seiscentos mil hebreus, inclinados, entoaram o cântico sagrado. Os filhos de Levi, destacando-se na multidão e acompanhando, com harpas, as vozes do povo, dirigiam ao Céu o hino do Rei dos reis.

3. **Monólogo:** *Moisés pede a morte.* — De pé, diante do Senhor, Moisés fala-Lhe, na nuvem obscura:

a) Num tom de profundo respeito e imensa tristeza, presta-Lhe conta da missão para que fôra escolhido: conduzira o povo eleito até às portas da Terra Prometida. Solicita, portanto, um substituto; deseja o repouso final, pois está cansado de viver poderoso e solitário.

b) Êle evoca, em traços incisivos, a grandeza e o poder que recebera de Deus: fizera chover fogo sôbre a cabeça dos reis; afastara as águas revôltas de um mar; por sua ordem, caíram alimentos do céu e jorrara água límpida das rochas; apaziguara tempestades; sufocara cidades sob areias movediças. — Os anjos do Céu o admiram e invejam; no entanto, não é feliz. Que o Senhor lhe conceda a graça da Morte.

c) Assim que fôra distinguido pelo Céu para tão estupendo destino, os homens disseram entre si: "Êle está tão alto acima de nós, que se nos tornou como que um estranho". — E todos os olhares se baixavam, ante seus olhos de fogo. As môças se cobriam com o véu e temiam morrer. Envolvendo-se, então, na densa coluna de fumaça, Moisés caminhara à frente dos hebreus, triste e só em sua glória, refletindo: "Que desejar agora? Para dormir num regaço, minha fronte é por demais pesada. Meus gestos apavoram; há tempestades em minha voz e minha bôca despede raios. Por isso, em vez de me amarem, tremem todos e, quando lhes abro os braços, caem-me de joelhos aos pés". — E Moisés, amargurado, requer de nôvo ao Senhor a graça do sono derradeiro.

4. **Narrativa descritiva:** *Deus atende a Moisés.* — O povo, no vale, esperava e orava, sem olhar para o cimo do monte Nebo, pois, se levantava os olhos, os flancos escuros da nuvem divina lançavam, entre trovões rugidores, redobrados raios; e os clarões dos relâmpagos, ofuscando os olhos, mantinham inclinadas as frontes. Logo reapareceu o cume escalvado do monte, sem Moisés. Choraram-no. — Rumando para a Terra Prometida, Josué caminhava à frente dos hebreus, pensativo e pálido, pois já era o eleito do Todo-Poderoso.

IX. **JESUS CRISTO.** — Empregando diferentes modalidades de composições parciais, tanto descritivas como narrativas, para emprestar maior variedade ao conjunto, desenvolva o aluno, em seis curtas, mas completas narrações, a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, esforçando-se por que, dos próprios fatos e acontecimentos, ressalte sua divindade.

1. **A Natividade.** — *A*) Nasceu Jesus num mesquinho estábulo, em Belém, pequena cidade da Judéia; seu primeiro leito foi uma manjedoura, forrada de feno; aqueceram-n'O animais com seu bafo. Um anjo levou a grande nova a pastôres, iniciando a Comunicação inefável com as palavras: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade". — O aspecto luminoso e cintilante do céu. A adoração dos pastôres.

B) Algum tempo após, chegaram do Oriente os Reis Magos, guiados pelo fulgor de uma estrêla miraculosa. Prosternando-se diante d'Êle, abriram seus tesouros e ofereceram-Lhe ouro, incenso e mirra.

C) Pelo ouro, reconheceram-n'O Rei; pelo incenso, reconheceram-Lhe a Divindade; e, pela mirra, prestaram homenagem a sua santa humanidade, que era, então, passível e mortal.

2. **A Infância e a Mocidade de Jesus.** — *A*) Passou Jesus os primeiros anos de sua vida com a Virgem Maria, sua Mãe Santíssima, e S. José, seu paternal protetor, a quem auxiliou em seu ofício de carpinteiro. O Evangelho resume tôda a vida familiar de Jesus nestas palavras: "Êle lhes era submisso". — Aos 12 anos de idade, assombrou, por sua sabedoria, os doutôres do Templo.

B) Ao trinta anos, começou Jesus a pregar o Evangelho em tôda a Judéia. Êle confirmava a verdade de suas palavras por grande número de milagres: curava doentes, expulsava demônios, restituía a vista aos cegos, a audição aos surdos, a palavra aos mudos; ressuscitou o filho da viúva de Naim, a filha do Príncipe da Sinagoga e seu amigo Lázaro, que morrera havia já quatro dias. Acalmava as tempestades com uma única palavra. Várias vêzes alimentou milhares de pessoas com uns poucos pães e alguns peixinhos, que Êle abençoava e que seus Apóstolos distribuíam fartamente ao povo.

3. **O Amor de Jesus.** — *A*) As palavras de Jesus eram repassadas de doçura, e, suas ações, cheias de misericórdia. Acolhia benèvolamente todos os que iam a Êle, sobretudo os enfermos, os fracos e os pecadores. "Vim, dizia Êle, para salvar os que se perderam, curar os doentes é reconduzir ao bom caminho os que dêle se afastaram." — "Não são, dizia ainda, os que gozam de boa saúde que precisam de médico." — Seu Coração tinha piedade de todos os desgraçados. "Vinde a Mim, dizia Cristo, vós todos que sofreis, que estais fatigados ou esmagados sob o pêso de vossas misérias: Eu vos aliviarei."

B) Êle queria, de maneira especial, às crianças, a quem acolhia e abençoava com bondade. Tentando seus Apóstolos afastá-las um dia, repreendeu-os, dizendo: "Deixai vir a Mim os pequeninos, pois dêles é o Reino dos Céus e daqueles que se assemelham

a êles". Sua ternura pelas crianças levava-O a lançar os mais terríveis anátemas contra aquêles que as escandalizem. "Desgraçado, disse Êle um dia, de quem escandalizar um só dêsses pequenos que crêem em Mim! Seria melhor para êle que lhe amarrassem ao pescoço a mó de um moinho e o arremessassem ao mar!" — "Abstende-vos, repetiu Êle noutra ocasião, de escandalizar um só dêstes pequenos, pois Eu vos declaro que seus Anjos vêem incessantemente à face de meu Pai, que está no Céu." — Afirmava Jesus ainda: "Quem quer que receba uma criancinha como esta, é a Mim que recebe, e, tudo o que se fizer ao menor dêsses pequenos, é a Mim mesmo que se fará!"

4. **O sacramento da Eucaristia.** — *A*) Não se contentou Jesus Cristo com instruir os homens na sua doutrina e em induzi-los ao bem com seus exemplos. Quis dar excelsa prova de amor aos homens, de quem dizia, segundo reza a Escritura: "Minha alegria é estar entre os filhos dos homens".

B) Assim, durante a Santa Ceia, instituiu o Sacramento da Eucaristia, proferindo as palavras: "Êste pão é minha carne e êste vinho é meu sangue". — Por êste Sacramento de amor, fêz-se Êle não sòmente nosso alimento, mas também companheiro de nossa peregrinação na terra. Dêste modo, Jesus se acha sempre entre nós, no augusto sacrário de nossos corações.

5. **Paixão e Morte de Jesus Cristo.** — *A*) No Hôrto da Oliveiras, antes de ser entregue por Judas Iscariote aos sacerdotes do Templo, Jesus, distanciando-se de seus Apóstolos, sofreu a agonia da morte. Pediu ao Pai Celeste que afastasse o cálice da Paixão, mas, por fim, disse: "Que Vossa vontade seja feita, e não a Minha". — Prêso e julgado, fizeram-Lhe os judeus sofrer os mais atrozes tormentos e, depois, O crucificaram cruelmente, entre dois ladrões. Quando Jesus foi, entre chufas de incréus, erguido na Cruz, com os pés e as mãos transpassados por enormes cravos, orou por seus carrascos, dizendo: "Perdoai-lhes, Pai, porque êles não sabem o que fazem!"

B) Cêrca de três horas da tarde, expirou Jesus. O céu enfarruscou-se, escureceu; raios fuzilaram, ribombaram trovões, tremeu a terra e os mortos saíram de seus túmulos, encaminhando-se, em tétrica procissão, para a cidade envolvida em trevas... — Desceram Jesus da Cruz e colocaram-n'O num sepulcro escavado na rocha, cuja entrada foi fechada com enorme pedra, que os judeus selaram. Sentinelas foram postadas junto à sepultura.

6. **A Ressurreição.** — *A*) Três dias após, Êle saiu, envolto num clarão ofuscante, do Sepulcro, vivo e glorioso, vencedor da Morte e do Inferno. Apareceu primeiramente às Santas Mulheres, depois aos Apóstolos, aos quais anunciou a vinda do Espírito Santo, e finalmente, a vários de seus discípulos, a fim de confirmar-lhes a verdade de sua ressurreição.

B) Depois de ter permanecido, assim, durante quarenta dias na terra, Jesus ascendeu ao Céu, em presença dum grande número de discípulos, cuja fé Êle quis consolidar, fazendo-lhes testemunhar tão portentoso milagre.

C) Agora, Êle se acha à direita do Padre Eterno; mas voltará de nôvo, no fim do mundo, revestido de imensa glória e imensa majestade, para o julgamento final de todos os homens.

X. **O DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA.** — Suponha o aluno que fazia parte da tripulação de uma das caravelas de Cristóvão Colombo. Escreva uma historieta, empregando:

ASSUNTO	FORMA	SENTIMENTO
1. O navio em que você está.	Narrativa descritiva.	Curiosidade.
2. A armada a navegar.	Ações num quadro.	Beleza.
3. Boatos de amotinação.	Narrativa com conversação	Recreio.
4. A maruja em vias de amotinar-se.	Narrativa descritiva.	Cólera.
5. Colombo apazigua os amotinados.	Narrativa com retrato.	Energia.
6. O descobrimento da América.	Narrativa emocionante.	Alegria.

XI. **O DESCOBRIMENTO DO BRASIL.** — Desejando emprestar aparato descomunal às cerimônias da partida da frota de Pedro Álvares Cabral, o rei D. Manuel, de Portugal, mandou celebrar solenes ofícios na capela do mosteiro de Belém, às quais assistiram os nobres da Côrte e grande massa popular. O Bispo D. Ortiz, que proferiu eloqüente sermão, benzeu o estandarte real, assim como o chapéu de Almirante, que o próprio rei colocou na cabeça do comandante-chefe da esquadra. Em seguida, seguiram todos, em cortejo, para o cais, entre aclamações do povo. A frota, composta de doze navios, rumou para o sul, costeando, a princípio, a África, mas, logo se voltou para o ocidente e, depois, tomou a direção de sudoeste, retardada em sua marcha pelas calmarias da zona equatorial e pelas correntes oceânicas. Dentro de pouco tempo, apareceram os primeiros sinais de terra próxima: aves, plantas marinhas, etc. Logo se avistou um monte, a que se deu o nome de Monte Pascoal. Distinguiu-se, a seguir, tôda a sombra da costa, que se alongava no horizonte.

— Composições parciais:

	ASSUNTO	FORMA	SENTIMENTO
1.	As cerimônias da partida.	Narrativa descritiva.	Religiosidade.
2.	O cortejo.	Grupos em ação.	Entusiasmo.
3.	A frota a navegar.	Ações num quadro.	Beleza.
4.	O descobrimento.	Narrativa emocionante.	Alegria.

XII. **O ANHANGÜERA.** — 1. Bartolomeu Bueno foi, certa vez, como chefe de uma bandeira, rumo a Goiás, varando solidões e sofrendo privações. Chegando perto de enorme árvore, fêz alto. Ali acampou a bandeira. À noite, desabou terrível tormenta.

2. Na manhã seguinte, que surgiu radiosa, despertaram os homens, molhados e seminus, no meio do álacre alarido dos macacos e do musical chilreio da passarada. Ergueram-se, indagaram da altura e reencetaram a marcha, através da espessura da mata verde.

3. De repente, silvou uma seta emplumada e rodeou-os uma feroz tribo de selvagens. Espoucaram tiros, travou-se a luta. A chusma de indígenas formou apertado cêrco. Tombaram homens, feridos ou mortos, e Bartolomeu foi feito prisioneiro.

4. Vendo um barril de aguardente, lançou-lhe fogo o duro bandeirante. Logo irromperam, serpeando no ar, grandes línguas de fogo, aparecendo, atrás das chamas azuladas, a figura do herói. Tomados de pavor, e julgando que o herói tinha o poder de inflamar a água, gritaram os silvícolas: "Anhangüera! Anhangüera!" — Explicar o sentido desta palavra.

XIII. **O CAÇADOR DE ESMERALDAS.** — 1. Fernão Dias Pais Leme sonhava com as grandes riquezas ocultas nos sertões de Minas: rios de pedras preciosas, rolando, fulgurantes; montanhas de pedras verdes. Decidiu-se a ir procurá-las. Juntou um bando de companheiros resolutos e empreendeu a aventura.

2. Eram mais de quinhentos homens, habituados à vida rude e às inclemências do tempo, que se alimentavam de frutas silvestres, cascas de árvores, sapos, lagartos e cobras. Quando não encontravam água, bebiam sangue de animais. Não temiam feras nem canibais, e falavam o idioma de várias tribos.

3. Iniciaram a marcha; enquanto caminhavam, de luta em luta, batalhando, sob as ordens de Fernão Dias, contra as febres e contra os índios, iam semeando cidades nos arredores do rio S. Francisco e acumulando, ano após ano, quantidades fabulosas de arrôbas de ouro em pó e de enormes diamantes.

4. Quanto às sonhadas pedras verdes, colhêra o velho chefe algumas, que guardava ciosamente numa sacola de couro. Mas os últimos dez anos de vida tinham alquebrado o corpo de Fernão Dias, que, tendo enriquecido os seus homens e fixado várias famílias nas povoações por êle fundadas, se retirou para a florescente aldeia de Guaicuí, onde morreu serenamente.

II

Como se estivesse presente aos acontecimentos, faça o aluno, depois de organizar um plano de composição — com suas variadas formas e indicação dos sentimentos, — uma narração que tenha por assunto:

1. A batalha dos Guararapes.
2. A Revolta de Beckman.
3. A Conjuração mineira.
4. A morte de Tiradentes.
5. A transmigração da família real de Bragança para o Brasil.
6. A Proclamação da Independência.
7. A batalha do Riachuelo.
8. A Abolição da escravatura.
9. A Proclamação da República.
10. A chegada triunfal da Fôrça Expedicionária Brasileira.

III

Concatene o aluno, numa narração variada, que apresente interêsse, os seguintes contos, lendas e romances:

1. Branca de Neve e os sete anões.
2. A "gata borralheira".
3. O Pequeno Polegar.
4. O Patinho Feio.
5. A Bela e a Fera.
6. O Pássaro Azul.
7. A lenda da carnaubeira.
8. A lenda da mandioca.
9. O negrinho do pastoreio.
10. A onça e o gato.
11. A mãe-d'água.
12. A mochila de ouro.
13. O sino de ouro (*Júlia Lopes de Almeida*).
14. O caapora.
15. A ilha do tesouro.
16. Gúliver em Liliput.
17. O macaco e o coelho (*Contos populares do Brasil*, de Sílvio Romero).
18. Jeca Tatu (*Monteiro Lobato*).
19. Narizinho arrebitado (*Idem*).
20. Robinson Crusoé.

IV

Faça o aluno uma narração bem composta, que resuma os seguintes romances:

1. **A Moreninha**, de Joaquim Manuel de Macedo.
2. **O Guarani**, de José de Alencar.
3. **Iracema**, do mesmo autor.
4. **Escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães.
5. **O Matuto**, de Franklin Távora.
6. **Inocência**, de Escragnolle Taunay.
7. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis.
8. **Quincas Borba**, do mesmo autor.
9. **D. Casmurro**, do mesmo autor.
10. **O Sargento Pedro**, de Xavier Marques.
11. **A Conquista**, de Coelho Neto.
12. **A Casa Verde**, de Júlia Lopes de Almeida.
13. **A Amazônia Misteriosa**, de Gastão Cruls.
14. **Dois metros e cinco**, de Cardoso de Oliveira.
15. **A Filha do Inca**, de Menotti Del Picchia.
16. **Marília, a noiva da Inconfidência**, de Orestes Rosolia.

V

CONTOS E NOVELAS

(Exercícios de composição e de imaginação)

Utilizando-se de diferentes tipos de narrativas, a fim de emprestar variedade e movimento ao assunto, desenvolva e complete, em forma de conto ou de novela (podendo imaginar e criar, à vontade, maior número de personagens e de episódios), os seguintes temas e sumários, sem deixar, todavia, de obedecer aos princípios que regem a composição duma narração:

I. **RUTE E BOOZ.** — 1. No dia de seu casamento, Booz, deixando por alguns momentos a companhia da noiva, encaminha-se devagar para a larga porta de sua rica mansão rural, tôda adornada para a festa nupcial; enquanto vai andando, dirige amáveis palavras aos convidados, que, aos grupos, conversam àlacremente, saboreando guloseimas e bebidas servidas por escravos. Detém-se no pórtico e alonga para o claro panorama, que dali se descortina, um olhar lento e circular, observando sonhadoramente sua vasta e florescente propriedade: olivais, moinhos, pomares, rebanhos, queijarias e os verdes trigais onde encontrara Rute, a gentil e formosa jovem a quem acabara de desposar e a quem mal conhece ainda, embora experimente a intensa impressão de que a ama desde o início dos séculos. — O sol poente parece repousar no dorso aveludado das montanhas distantes e seus tépidos raios revestem dum halo dourado a alta figura de Booz, iluminando-lhe os olhos com um suave brilho de ternura e encantamento.

2. Certa ocasião, afirmara Rute a Noemi, sua sogra: "Meu há de ser o Deus de meu marido e meu, também, o seu povo". — Com o decorrer do tempo, no entanto, seu mimoso rosto, de comêço prazenteiro no meio da agradável rotina dos afazeres domésticos, ensombrava-se de vez em quando e deixava transparecer profunda melancolia. Booz notou, consternado, a transformação e interpelou-a carinhosamente: "Eras até há pouco tão jovial, minha bem-amada Rute; que tens, agora, a pesar-te no coração? Não te sentes feliz nesta casa?" — Ela, porém, lhe respondeu tristemente: "Sou imensamente feliz contigo, Booz; entretanto, um dia há de vir em que seremos ainda mais venturosos, quando formos, tu e eu, para minha maravilhosa pátria". — "É isto, então? Dize-me, querida Rute, tu, cujo doce nome significa amizade e beleza, tu, cujo nome me faz vibrar sonoramente, como às cordas duma harpa, as fibras do coração; dize-me, ó alma de minha alma, onde fica tua esplêndida pátria, pois também será a minha e para lá seguiremos imediatamente, como é de tua vontade". Rute, porém, replicou, passando-lhe amorosamente a mão pelo rosto: "Não te apresses nem te amofines, Booz; para lá havemos de voltar, mas, por enquanto, muito ainda temos que fazer aqui, nesta terra". Booz saiu, desconsolado, para o pátio empedrado, onde Noemi, sentada num banco de ônix, se aquecia ao sol e, após beijar-lhe reverentemente a fronte, disse-lhe: "Creio Senhora, que Rute, a minha princesinha das flôres, está sofrendo, mortalmente, de saudades de sua pátria e de seus parentes, que não conhecemos".

3. A presença de Rute na herdade fôra como que uma fecunda bênção do Céu; desde que ali se instalara como senhora, tudo corria às mil maravilhas: havia mais bondade e alegria entre os sêres humanos; a seiva da terra irrompia abundantemente em frutos suculentos; o gado, nédio e sadio, ia cada mês recobrindo crescentes extensões de pastagens; os regatos fertilizantes pareciam rolar maior volume de águas cristalinas e puras; e os próprios servos, bem alimentados, entregavam-se, com excepcional ardor produtivo, às lides do campo. Booz sentia, no coração e na alma, a inefável influência espiritual da espôsa: de duro e intransigente que fôra, em seus tempos de solteiro, tornara-se compassivo e compreensivo, meigo e generoso, "porquanto (dizia êle consigo), não devo ser, neste mundo, senão um irmão afetuoso de todos os homens, pequeninos ou grandes". E acrescentava: "Será alucinação? Quando, pensando em Rute, pratico uma boa ação (e julgo que as tenho praticado em quantidade, ùltimamente, visto como não me é possível deixar de pensar em Rute sequer um instante de minha vida), parece-me vislumbrar, em volta de mim, alvas e dançantes sombras, como se anjos tentassem comunicar-se comigo".

4. Certa feita, tendo permanecido na senzala, até a desoras, a tratar, com solicitude e desvêlo, dum escravo doente, Booz regressa a casa, extremamente cansado, mas tranqüilo e feliz. Caminhando no escuro da noite avançada, sob a cintilação argêntea das altas estrêlas, pela antiga senda orlada de negras árvores, êle experimenta, de súbito, a sensação quase material de que doces sussurros o acompanham, como que procurando falar-lhe, e ondas de inebriantes perfumes o envolvem. Ao chegar a sua residência, mergulhada em densas trevas, bate-lhe o coração, aceleradamente, como à aproximação dum mistério sagrado. Abre a porta e entra cuidadosamente, na ponta dos pés, a fim de não despertar nem assustar os que dormem; tudo está envolto em quietude e silêncio. Atravessa as salas, evitando chocar-se com os móveis, galga lentamente os degraus da escadaria, cruza um largo corredor e penetra, muito devagar, na câmara conjugal. E, então, pára, assombrado, ante o quadro celestial: sua adorada espôsa, transfigurada, imensamente bela e nimbada por deslumbrante resplendor, está orando, genuflexa e de mãos postas, erguidas para o alto como um lírio vivo, com a face iluminada por uma luz interior divina e a cabeça coroada por um diadema de gemas fulgurantes!

— "Rute! Rute!" exclama êle em pranto, ofuscado e atirando-se de bruços ao assoalho, como que fulminado pela sublime visão: "tu, um arcanjo do Senhor..."

(continuar e rematar)

II. O REMORSO DE ULISSES. — 1. Sentado plàcidamente à sombra de enorme figueira, carregada de frutos maduros, não muito longe da hospitaleira cabana de Eumeu, seu fiel pastor e amigo, o grande e astuto Ulisses, acompanhando com olhar distraído as evoluções duma lagarta esverdinhada, que rasteja sôbre a superfície polida e avermelhada duma pedra, saboreia a pequenos goles uma taça de vinho adoçado com mel. Já encanecido e um tanto gordo, começa a enfadar-se da rotina e da vida calma que leva em Ítaca, ao lado de sua espôsa Penélope e de seu filho Telêmaco; sente necessidade de aventuras, de emoções fortes e de alegrias inesperadas, como as que usufruíra, quando, fazendo-se passar por mercador, a fim de melhor procurar o herói invulnerável, viu o jovem Aquiles, vestido de mulher, por determinação de sua mãe Tétis, e vivendo, assim disfarçado, entre as filhas do rei Licômedes, trair-se involuntàriamente e revelar-se, ao escolher entusiàsticamente uma bonita espada, escondida capciosamente entre as jóias que êle, Ulisses, oferecia às môças; depois, quando concebeu a idéia de construir o descomunal cavalo de madeira, em cujo bôjo se ocultaram os feros guerreiros que iriam incendiar e destruir Tróia; depois, ainda, quando se deu a conhecer, com o nome de Ninguém, ao gigante Polifemo, a quem cegou com um tição aceso, após tê-lo embriagado, e de cuja cólera conseguiu escapar, graças a seu ardil; em seguida, quando viu seus infortunados companheiros serem metamorfoseados em porcos, por artes mágicas da lindíssima e cruel feiticeira Circe, e destinados a servirem de horrendo repasto às feras de seu palácio encantado; e, enfim, quando, em duro e terrível combate, vencera e matara os Pretendentes, que lhe cobiçavam a espôsa, o trono e as riquezas. — Estremeceu, porém, de horror, ao relembrar a morte do pequenino Astianax, filho de Heitor, cuja cabecinha alourada êle, Ulisses, esmagalhara, agarrando impiedosamente a criança por uma perna e projetando-a com violência, apesar de seus gritos espavoridos, do alto das muralhas de Tróia em chamas. Para cometer tão inútil quão nefando crime, era preciso que os deuses adversos o tivessem momentâneamente privado da lucidez de espírito e da razão. Não tinha êle, naquele tempo, um filhinho, lá no lar distante, tão distante, que lhe parecera, então, quase irreal? Ulisses evoca, num arrepio, a trágica e dolorosa figura de Hécuba, mãe de tantos filhos sacrificados na guerra e avó da criança assassinada, que, em voz estridente e profética, o amaldiçoara, entre jorros de lágrimas: "Tu também, ó torpe, sangüinário e monstruoso grego de negras barbas, morrerás, mais cedo do que esperas, de morte brutal e será uma criança quem te arrebentará o crânio, aqui, neste mesmo lugar!" — Ulisses passa a mão pela fronte, onde poreja viscoso suor, tentando afugentar a horripilante visão.

2. Por muitas e tristes noites, Ulisses, depois de mergulhar, agitado, num sono povoado de espectros, acorda sùbitamente aos gritos, todo palpitante, atenazado por espantoso pesadelo, que é sempre o mesmo e que atinge ao paroxismo do horror: sua pequena vítima, ascendendo das atras profundezas do Érebo, põe-se a fitá-lo nos olhos, amarguradamente, mostrando-lhe o crânio aberto, donde escorrem pedaços sangrentos de cérebro, e clamando por vingança às Erínias, que acorrem, pressurosas, e que, perseguindo implacàvelmente o assassino, o torturam, aos guinchos, com suas afiadas unhas, esforçando-se, depois, por arremessá-lo do alto dum rochedo. Que fazer, para recuperar a serenidade e a alegria de viver? Ulisses medita longamente e ergue fervorosa prece a sua divindade protetora, rogando-lhe que o inspire e lhe aponte o caminho a seguir. Um dia, como se fôsse a manifestação duma vontade superior, sobrevém-lhe o desejo de retornar às ruínas carbonizadas de Tróia, com o fim de apaziguar, por meio de ricas oferendas e sacrifícios, o espírito conturbado e encolerizado do infante morto. Confia seu projeto a Eumeu, que o aprova e lhe pede permissão para acompanhá-lo.

3. Na manhã seguinte, tomam ambos de machados, embrenham-se na floresta e, sem perda de tempo, lançam-se enèrgicamente à obra, abatendo, por dias e dias sucessivos, as mais belas e portentosas árvores, desbastando-as dos ramos e galhos, aplainando-as, ajustando-as e arrastando-as, com esfôrço, para a praia, onde, de imediato, iniciam a construção de sólido e veloz barco. Quando interrompem a longa e árdua tarefa, para breve e reparador descanso, alimentam-se de favos de mel, ovos, frutas silvestres e água da fonte; à noite, perto duma fogueira crepitante, aquecem-se e conversam amistosamente, recordando amenos fatos do passado, antes que o sono lhes pese nas pálpebras. A consciência de Ulisses parece mais leve e clara, pois já consegue dormir tranqüilamente; talvez Astíanax lhe tenha perdoado.

4. Corre o tempo, os dias se encurtam e as noites são mais frias. O navio vai, ràpidamente, tomando forma, graças ao auxílio dos sátiros, que, saindo do recesso da mata, se aproximam cautelosamente, impelidos pela curiosidade, e se põem a apreciar a atividade dos dois homens. Logo, mais familiarizados, indagam do caráter e finalidade da obra, e, reconhecendo num dos mortais o soberano da ilha, oferecem-lhe os préstimos, começando por carregar a madeira necessária, facilitando o trabalho a Ulisses, que os anima, prometendo recompensá-los. Êles mesmos levantam os pesados mastros, batem a quilha, ajustam as velas, armam a barra de direção e o leme; terminado, enfim, o barco, empurram-no para a água e amarram-no sòlidamente a uma estaca. Ulisses e Eumeu, após presentearem generosamente os homens capripedes, vão a um templo vizinho consultar um oráculo, e, porque os vaticínios se prestem, por ambíguos, a variadas e diferentes interpretações, optam, como é natural e humano, pela mais propícia, resolvendo embarcar imediatamente. — Fazem-se os derradeiros aprestos; acumulam-se, no bôjo da embarcação, provisões, rêdes de pescar, utensílios indispensáveis e armas. Despede-se Ulisses da espôsa chorosa e do filho, fazendo-lhes sensatas recomendações, atinentes à rotina de vida durante sua ausência, que tanto pode ser curta, como longa ou eterna; prevalecendo-se, enfim, dos ventos favoráveis, distende as velas e faz-se ao mar, para seguir, ao inverso, o mesmo roteiro de anos atrás, quando procurava ansiosamente, perseguido por Vênus, o caminho marítimo para sua pátria, fugidia como uma miragem.

5. Descamba o sol no ocidente, descaem as sombras da noite, refresca-se o ar, aquieta-se a natureza e cintilam no firmamento miríades de estrêlas. — O navio sulca serenamente as águas escuras do mar, a cuja superfície sobem as sereias de rosto fascinante; suas vozes cristalinas vibram em modulações estonteantes, num conjunto de harmonias dulcíssimas, que evocam o marulhar das águas mansas, o encantamento das profundidades oceânicas, a beleza do sol, a doçura do luar, a magia do amor e as delícias duma vida eterna nas imensidões aquáticas. Enche-se de sons fantásticos a atmosfera tenebrosa e cada maravilhosa nota musical é um engôdo, que atrai irresistìvelmente os mortais, para a perda irreparável. Ulisses, porém, está absorto em tristes cogitações, pensando em seu miserável destino, e nada ouve; Eumeu é demasiado velho e desprovido de imaginação. Além disto, acham-se ambos a caminho de séria missão, de cuja realização depende a paz espiritual de um dêles. Vai alta a noite e foi afanoso o dia. Ulisses boceja, tonto de sono; confia, pois, o govêrno do navio a seu fiel amigo, estende-se, com um suspiro, numa fôfa pele de leão, sob um tôldo de grosso

tecido, e logo adormece... Daí a pouco, em seu estranho mundo de sonhos, surge o fantasma de Astianax, há tanto tempo ausente; Ulisses solta terrível brado de angústia e acorda, banhado de suor, todo trêmulo e fremente. A seu lado, um menino de rara beleza, iluminando-lhe o rosto agoniado com uma lanterna, fita-o com olhos rebrilhantes, nos quais perpassa misteriosa expressão de ironia e crueldade.

— "Eumeu! Eumeu!" grita Ulisses, num sobressalto; "quem é êste menino?"...

(continuar e rematar)

III. **A CRUZ DE FOGO.** — 1. Ao longe, recortavam-se, contra a tênue claridade do crepúsculo, os altos cumes da Arcádia. Estava calmo o mar e puríssimo o céu; das montanhas, desciam as sombras da noite. O navio singrava as águas mansas e, no tombadilho, conversavam animadamente, à débil luz das lanternas, passageiros oriundos de quase tôdas as nações da terra. Tamos, o pilôto de Alexandria, firme no seu pôsto, olhos cravados na imensidade líqüida, dirigia o barco rumo à Élida, e os movimentos hábeis e seguros de seus robustos braços pareciam automatizados, como que decorrentes de longo hábito.

2. De fato, havia mais de vinte anos que percorria os mares, velejando constantemente para todos os portos do mundo conhecido. Vira, em suas viagens, cousas surpreendentes e assombrosas: ouvira, nas costas da Sicília, a voz encantada e fascinante das sereias; avistara, flutuando nos nevoeiros, os transparentes espectros dos marujos mortos, que em vão procuravam seus corpos, devorados pelos peixes e monstros marinhos; encontrara, por diversas vêzes, o navio negro de Serápis, atulhado de almas, navegando no grande oceano, sem leme, sem velas e sem remos. Jamais, entretanto, por espantoso que fôsse o espetáculo, lhe tremera o braço, nem fraquejara o coração.

3. De repente, uma voz misteriosa, que não parecia humana e provinha da praia distante, arrebatou-o aos enlevos do passado e trouxe-o de volta à realidade, clangorando:

— "Tamos! Tamos!"

Silenciando instantâneamente, ante a magnitude do estranho fenômeno, os viajantes, estupefatos, afluíram de roldão para a amurada, tomados de curiosidade e religioso pavor. Tamos, como que paralisado, nada respondeu, pois se julgava prêsa dum sonho inconcebível, em que tudo seria ilusão; mas a voz ressoou de novo, impaciente e autoritária:

— "Tamos! Tamos! tu me ouves?"

Então, abandonando a barra da direção e voltando-se para as bandas donde provinha o chamado, Tamos, colocando as mãos em concha aos lados da bôca, gritou estentòricamente:

— "Estou ouvindo. Que queres de mim?"
— "Tamos, escuta! Quero que leves ao mundo a infausta notícia de que Pã é morto; Pã, o Grande Todo, Pã, a Vida Universal!"

E, por três vêzes consecutivas, dolente e soturna, repetiu a voz:

— "É morto o grande Pã!"

Em seguida, no universo inteiro — no céu, na terra e no mar, — explodiu como que um pungente soluço e logo se ouviu a vibração harmoniosa duma nênia, que se prolongou, através da noite entristecida, até a madrugada.

4. Quando cessou o canto fúnebre, horas após, desfez-se o pesado silêncio dos mortais; um judeu, de alvas e esvoaçantes barbas, principiou, melancòlicamente, a falar, e suas palavras, de início, lhe brotaram dos lábios murchos como um murmúrio imperceptível, que se foi elevando gradualmente, até se tornarem sonoras e nítidas, como a água que jorra das fontes.

— "Assim, pois, morreram todos, todos...: os deuses da Etrúria, da Fenícia, da Grécia, de Roma e do Egito. Eram deuses que tinham, embora em grau mais elevado, as qualidades, os defeitos, as paixões e os vícios dos homens, sem possuírem, como êstes, a faculdade do aperfeiçoamento moral e intelectual, apanágio e dignidade dos

mortais; deviam, portanto, desaparecer. Eram simples homens que, pelo antropomorfismo, se alçaram à categoria de deuses, esquecidos de que não se cria uma divindade; deviam, portanto, perecer. Eram fôrças divinizadas da Natureza, que a Ciência pôde explicar, matando os absurdos sêres que as personificavam. Todos, todos morreram; e Pã, que lhes sobrevivera inexplicàvelmente, acaba também de morrer...

E, erguendo os braços para o céu, arrematou, clamando em voz dolente:

— "Nós, os simples mortais, ficaríamos lamentàvelmente desamparados ante o mistério do mundo, da vida e da morte, se Tu, Deus verdadeiro e único, não fôsses eterno!"

Muitos concordaram, acenando com a cabeça; outros permaneceram de olhos fixos, como que meditando, absortos. Do meio dêstes ergueram-se, então, vozes tímidas.

— "O Olimpo, afirmou de repente um grego imberbe, já não é senão uma triste, majestosa e desolada necrópole. No entanto, quando era vivo, criou um mundo de estranha e rara beleza, que ressurgirá, certamente, no coração dos poetas da posteridade."

— "O Olimpo está morto, bem morto, e nunca mais ressurgirá, se houver uma Justiça imanente na essência das leis que regem o universo", disse amarguradamente um escravo gaulês, sentado a um canto escuro; "e isto será um bem, pois os deuses primavam pela falta de bondade, agindo, no govêrno dos mundos, apenas em benefício de suas incomensuráveis vaidades, de suas repugnantes arbitrariedades, de seus sórdidos prazeres e de suas tremendas vinganças."

— "Oh! sim", murmurou alguém; "Zeus condenando Prometeu a ser devorado por um abutre."

— "Diana matando os filhos de Níobe", disse outro.

— "Apolo esfolando Marsias", acrescentou um terceiro.

Os homens de todo o mundo, reunidos em improvisado tribunal, estavam ali julgando os deuses falidos, que não tinham sabido conquistar-lhes o amor.

— "E, então, os males que êles causaram à humanidade? A guerra de Tróia"...

— "Desonraram-se, por terem conspurcado a dignidade dos homens e a majestade de que nunca deviam ter descido."

— "Foi bom, foi muito bom terem todos morrido", disse um núbida; "mas a verdade é que ficamos muito sós e abandonados, sem um único deus compassivo, a quem apelar nos momentos de angústia e de dor."

— "A humanidade", ponderou, então, um egípcio, "precisa de um deus que seja pai de todos; que seja misericordioso, dando-nos fôrças para afrontar corajosamente as misérias naturais da vida; que seja a promessa incontestável da sobrevivência da alma; e que não se esqueça, sobretudo, dos pequeninos e dos humildes, dos enfermos e dos desgraçados, dos escravos e dos oprimidos..."

— "Oh! sim, sim!" confirmaram todos; "êste é o deus de que necessitamos; teremos algum dia um deus assim?"

Desceu um silêncio grave sôbre aquêles homens, representantes de tôdas as raças do mundo, que, naquele dramático instante, abriam a urna de seus corações, deixando extravasar suas dores, aflições, anelos e esperanças. Tamos continuava a dirigir o navio, refletindo no mistério daquela inolvidável noite. De súbito, um clarão sobrenatural inundou o barco. Perscrutando em tôrno, no mar circundante, cuja superfície ondulante rebrilhava como um espelho fôsco, êle não pôde reprimir um grito de espanto:

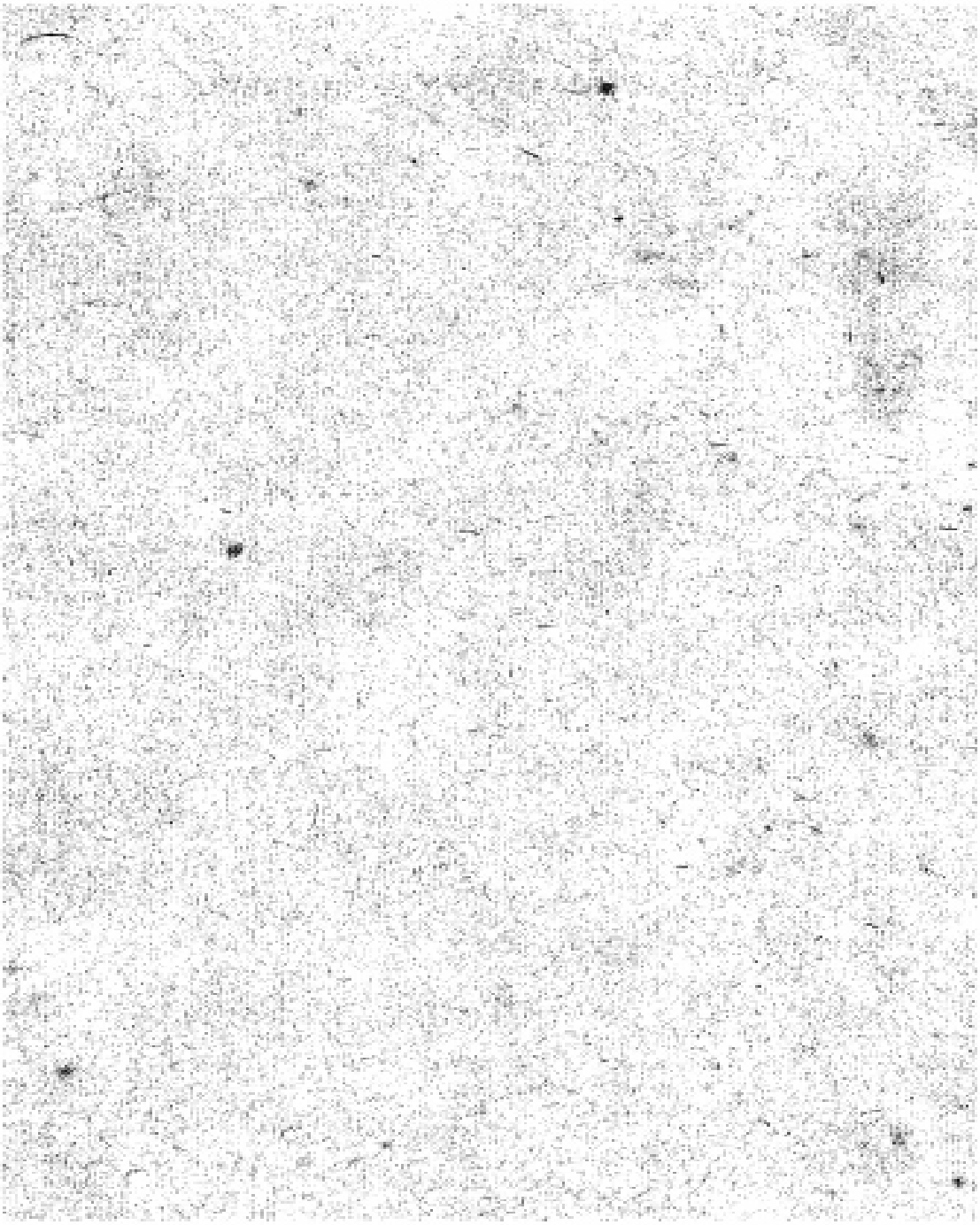
5. "Olhem! Olhem!" bradou, alvoroçado, estendendo o braço em direção a um ponto longínquo do horizonte.

Todos se voltaram e contemplaram o espaço, perplexos e amedrontados. Projetando-se para o sítio onde devia estar situada a Judéia, fosforeava a jorros, no céu, um flamejante resplendor, irradiado por imenso cometa, que se desdobrava ante seus olhos atônitos e assumia a forma fantástica de uma Cruz de fogo...

(continuar e rematar)

PARTE IV

RUDIMENTOS DE ARTE LITERÁRIA



RUDIMENTOS DE ARTE LITERÁRIA

COMPOSIÇÃO LITERÁRIA. — Chama-se *composição literária* qualquer trabalho, tanto em prosa como em verso, que nos impressione pela *forma* ou pelo *fundo*, isto é, pelo estilo ou pelas idéias.

É o produto de três fatôres:

1.º) **da imaginação, faculdade criadora;**

2.º) **do bom gôsto,** sentimento vivo e delicado do que é belo ou perfeito;

3.º) **do gênio,** que é o conjunto de tôdas as qualidades morais e intelectuais suficientes para a produção de um trabalho superior.

Mais modestamente, a composição literária é o trabalho clássico que se exige nas escolas e no qual se deve considerar a *correção gramatical* e certo *cunho artístico*.

OS PRINCÍPIOS DA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA. — De qualquer natureza que seja a composição literária, três operações fundamentais são indispensáveis à sua elaboração:

1.º) **a invenção,** que consiste na procura, seleção e arranjo dos fatos, sentimentos, idéias e impressões constitutivos de um assunto, o que conseguimos, recorrendo seja a *dotes naturais especiais*, como a imaginação, a fecundidade, a atitude e a justeza, seja ao *método*, que decorre da reflexão e do raciocínio, seja ainda à *memória*, que não só retém e reproduz as idéias, mas também auxilia a investigação de novos conhecimentos, fornecendo-lhes a matéria-prima;

2.º) **a disposição, ou plano de composição:** — fixada a idéia principal que há de dar *unidade* à composição, agrupam-se ordenadamente os elementos descritivos ou narrativos em tôrno das idéias secundárias a que se referem, formando-se dêste modo as partes da composição; estas devem ser ligadas umas às outras pela **transição**, de tal maneira que, ficando suavemente enlaçadas entre si, constituam um conjunto harmonioso;

3.º) **a expressão ou elocução,** que consiste no modo de traduzir os pensamentos por via de linguagem escrita ou oral.

TÉCNICA LITERÁRIA E SUA AQUISIÇÃO. — Embora a arte literária exija de quem a pratique um gôsto inato, sua técnica pode ser ensinada de diversos e variados modos, parecendo-nos, entretanto, que o método mais prático consiste na alternação da *explicação de textos* com a *composição literária*.

A EXPLICAÇÃO DE TEXTOS. — A *explicação de textos* analisa o fundo e a forma de excertos escolhidos, isto é, visa, antes de tudo, à exata compreensão de um trecho literário e à apreciação estética da forma em que é apresentado, concorrendo, destarte, para o desenvolvimento de muitas das chamadas *faculdades do espírito*; entre outras, a observação, o raciocínio, o senso crítico, a precisão expressiva e o bom gôsto. Revelando-nos, contudo, a arte do escritor, ela nos indica um caminho, claro e seguro, para a *composição artística*, através de exercícios que, partindo da *imitação*, chegam, ao cabo de certo tempo, à *livre observação*, em que poderemos desenvolver temas apresentados pela vida ou encontrados na natureza.

Segundo êste método, aplicar-se-á o professor, em cada explicação de texto, ao estudo das *expressões*, do *plano de composição*, das *idéias* e dos *sentimentos*, não omitindo, entretanto, outras modalidades de exercícios clássicos, sumamente eficientes, como o de elocução, de califasia, de vocabulário, de formação de figuras, de gramática, etc., aumentando assim, gradualmente, a capacidade expressiva do estudante. Êsse estudo prepara as observações de composição, de língua ou de estilo, que devem ser aplicados à redação literária, de modo que o estudante não tenha de fazer descrições ou narrativas, sem adquirir prèviamente os necessários recursos de expressão.

A CRÍTICA. — A crítica consiste em apreciar o mérito das obras, costumes e opiniões alheias, interessando-nos aqui a que se refere à arte literária.

Outrora puramente teórica, a *crítica literária* limitava-se a observar a concordância entre as produções artísticas e as *regras* tradicionais de Aristóteles, de Horácio ou de Boileau; no século XIX, ela se torna *histórica* e observa a concordância entre as obras e o meio, procurando demonstrar que a literatura é a "expressão da sociedade". Tornando-se mais tarde *psicológica*, ela exige atualmente, de quem a pratica, uma erudição exata, a par de vasta cultura.

FORMAS DE COMPOSIÇÃO. — A composição literária só pode ter duas formas:

1.º) a **prosa**, que é semelhante à linguagem das pessoas cultas e que, não sendo submetida a nenhuma sujeição métrica, é um modo de dizer corrente e sôlto, que depende mais da reflexão;

2.º) o **verso**, que é a dicção poética sujeita a certa medida cadenciada e musical, linguagem própria dos produtos da imaginação.

A VERSIFICAÇÃO. — A versificação ensina a construir os versos; ela tem por auxiliar a *metrificação*, que, no estudo da formação orgânica do verso, se ocupa da parte prosódica da língua, relativamente ao número de *sílabas poéticas* e aos acentos.

AS SÍLABAS POÉTICAS. — A contagem do número de sílabas dum verso pode concordar com a das sílabas gramaticais, como no seguinte verso decassílabo:

"Be	lo	sol	des	pon	tou	no	céu	a	zul."
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

No seguinte, porém, desaparece essa concordância, porque é de regra *contar-se apenas até a última sílaba tônica do verso:* e a última palavra é, aqui, paroxítona, não se lhe contando, pois, a última sílaba:

"Be-	lo	sol	des	pon	tou	no	céu	for	mo	so."
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

Muitas vêzes, efetua-se de modo diferente a contagem, pois a **vogal final** duma palavra se ditonga com a *sílaba* inicial da palavra seguinte, desde que esta comece por *vogal* ou *h:*

"Tu,	pa	ra	mim,	que	ri	*da, és*	tu	do	nes	te	mun	do."
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	

Na 7.ª sílaba poética, *da* se fundiu com *és*. A esta fusão dá-se o nome de **sinérese**.

— Note-se, contudo, que um ditongo, sempre contado, gramaticalmente, como uma sílaba, pode, no verso, desdobrar-se em duas, como neste verso de 10 sílabas em que *saüdosos* se conta como tendo 4 sílabas:

"Nos	sa	ü	do	sos	cam	pos	do	Mon	de	go."
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

— O ditongo *au*, de *saudosos*, desdobra-se em duas sílabas. A êste desdobramento dá-se o nome de **diérese**.

ESPÉCIES DE VERSOS. — Há versos de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 sílabas; alguns poetas chegaram mesmo a fazê-los maiores (vide, por exemplo, "Biografia", de Mário da Silva Brito).

— Os de 1, 2 e 3 sílabas são pouco usados.

De 4: "Doces despojos
Tão bem guardados..."

De 5: "Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida.
— Viver é lutar!"

De 6: "Cruel morte que vens
Buscar esta inocente..."

De 7: "Ruth, a vida nos ensina
Que se vence a própria dor
Com um sorriso encantador...
— Sorria sempre, menina!..."

De 8: "Tu, caro amor, doce instrumento..."

De 9: "Ó guerreiro da taba sagrada!"

De 10: "Largo oceano azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Léguas e léguas marulhoso e brando,
O rio enorme todo o céu retrata."

De 11: "Olhos encantados, olhos côr do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar!"

De 12: "Todo o dia, ao ardor de minha alma angustiada,
Clamei, ébrio de luz, por ti, ó Bem-Amada!"

— Os versos de 5 sílabas são também chamados de *redondilha menor*.

— Os de 7 são também chamados de *redondilha maior*.

— O de 12 é chamado *alexandrino*, quando a 6.ª sílaba é acentuada e o verso se divide em dois versos de seis sílabas, cada um dos quais constitui um *hemistíquio*.

ACENTOS. — Os versos de 5 sílabas têm acentos predominantes ordinàriamente na 2.ª ou 3.ª e na 5.ª;

— os de *seis*, na 2.ª, na 4.ª, e na 6.ª; ou só na 6.ª;

— os de *sete*, na 3.ª e na 7.ª, podendo tê-los na 2.ª e na 4.ª;

— os de *oito*, na 4.ª e 8.ª ou na 2.ª, 5.ª e 8.ª;

— os de *nove*, na 3.ª, 6.ª e 9.ª ou na 4.ª e 9.ª;

— os de *dez*, na 6.ª e 10.ª; ou na 4.ª e 10.ª; ou ainda na 4.ª, 8.ª e 10.ª; ou em tôdas as sílabas pares;

— os de *onze*, na 5.ª e 11.ª ou na 2.ª, 5.ª, 8.ª e 11.ª;

— os de *doze* compõem-se de dois versos de seis sílabas, cada um dos quais tem o nome de *hemistíquio*. A pausa entre um e outro hemistíquio se denomina *cesura* ou *corte*.

— Quando o primeiro hemistíquio terminar em palavra paroxítona, esta deve finalizar por *vogal*, que terá de formar *sinérese* com a vogal inicial da palavra seguinte: Exemplo:

"Seguindo o meu caminho, olhos fixos no Norte,
Numa imensa tristeza, esquálido e arquejante,
Eu levo na retina *a* ardente e deslumbrante
Imagem dêste amor, que é mais forte que a Morte!"

— O verso alexandrino deve seu nome ao troveiro *Alexandre Bernay*, poeta francês do século XII.

O "ENJAMBEMENT". — Diz-se que há *enjambement*, quando o sentido dum verso termina no verso seguinte:

"Sôbre as asas pairando, *as naus entram na lenta*
Marcha de aves do mar, que chegam fatigadas."

A RIMA. — Os versos podem ser:

a) *brancos*, quando não estão presos pela igualdade de sons;

b) *rimados*, quando apresentam correspondências de sons.

— Os versos rimados dividem-se:

1.º) em *monorrimos*, quando são iguais as rimas de todos os versos duma composição;

2.º) em *emparelhados*, quando rimam dois a dois ou três a três consecutivamente;

3.º) em *cruzados*, quando aparecem alternados, um a um, com outros de rima diferente;

4.º) em *interpolados*, que são aquêles cuja prisão rímica é quebrada por dois ou mais de rima diferente:

"Vão as serenas águas
do Mondego descendo,
e mansamente até ao mar não param,
por onde as minhas mágoas
pouco a pouco crescendo,
para nunca acabar se começaram."

5.º) em *encadeados*, quando a rima aparece no fim de um verso e no meio do seguinte:

"Era no outono quando a imagem *tua*
A luz da *lua* sedutora eu vi.
Lembras-te ainda nesta noite, *Elisa*,
Que doce *brisa* suspirava ali?"

QUALIDADES DA RIMA. — As rimas podem ser pobres, ricas, consoantes ou toantes.

— São *pobres* as que repetem palavras da mesma categoria gramatical (dois adjetivos, dois participios, dois verbos no mesmo tempo ou pessoa, etc.) ou sons muito comuns, como *parada, estrada, amada, vão, coração, amplidão*, etc.

— São *ricas*, quando inesperadas ou formadas de palavras de categoria gramatical diferente: *bondade, há-de; face, amasse; estrêla, vê-la*, etc.

— São *consoantes*, quando se fazem com sílabas perfeitamente iguais no timbre. Nelas há perfeita correspondência dos sons finais, contados desde o último acento predominante para o fim: *Armada, estrada, face, enlace, estrêla, recebê-la*.

— São *toantes*, quando se fazem apenas com a tônica ou com a vogal átona da última sílaba:

"Quando vens, faustoso dia,
Entre nós raiar, feliz?
Vemos em Pedro II
A ventura do Brasil."

GRUPOS DE VERSOS. — Os grupos de versos têm os seguintes nomes:

de dois versos: *dístico;*
de três: *terceto;*
de quatro: *quadra* ou *quarteto;*
de cinco: *quintilha;*
de seis: *sextilha;*
de oito: *oitava;*
de dez: *décima*.

GÊNEROS LITERÁRIOS. — Os assuntos literários pertencem a três tipos principais, cujo estudo é feito noutras páginas dêste compêndio. São: a *descrição*, a *narração* e a *dissertação*, que geralmente aparecem combinados nas obras literárias. Cada um dêsses gêneros pode ser desenvolvido em prosa ou em verso.

I. **Gêneros em prosa.** — Os gêneros da prosa são:

1.º) o *narrativo*, que compreende a história, o conto, a novela e o romance;

2.º) o *epistolar*, constituído pelas cartas;

3.º) o *didático*, formado pelas obras destinadas ao ensino, e, literàriamente, pela descrição, pelo ensaio, pela crítica, pelo jornalismo e pelas obras dos moralistas;

4.º) o *oratório*, que compreende os discursos, sermões, panegíricos, homilias, etc.;

5.º) o *teatral*, que abrange as produções destinadas à cena (drama, comédia, etc.).

II. **Gêneros em versos.** — Seis são os gêneros da poesia:

1.º) *Poesia lírica:* de caráter pessoal, subjetivo, ela se distribui em odes, ditirambos, elegias, cantatas, coros e canções.

2.º) *Poesia épica:* encontra-se nas *epopéias*, longos poemas em que se exaltam os grandes feitos dum herói ("Os Lusíadas").

3.º) *Poesia dramática:* destina-se a ser representada no teatro (tragédia, comédia).

4.º) *Poesia didática:* compreende os poemas didáticos, descrições em verso, epístolas, sátiras e fábulas.

5.º) *Poesia pastoral* ou *bucólica:* pinta quadros da vida dos campos. Compreende o *idílio* e a *égloga*.

6.º) *Poesias fugitivas:* são composições simples e curtas, destinadas a pôr em relêvo um pensamento elevado, um traço satírico, uma idéia grandiosa, um aspecto pinturesco. As principais espécies de tais poesias são o *sonêto*, o *triolé*, a *balada*, o *madrigal* e o *epigrama*.

O IDÍLIO. — É um pequeno poema, quase sempre amoroso, do gênero bucólico ou pastoral: *os idílios de Teócrito*.

A ÉGLOGA. — É um pequeno poema pastoral.

O SONÊTO. — O sonêto teve como inventor o poeta italiano do século XII, Giacomo de Lentini. Antes era apenas a letra de uma melodia, como a própria palavra indica; depois, passou a ser considerado poesia, como é hoje. Cultivaram-no Petrarca, Sá de Miranda, que o levou da Itália para Portugal, e até o grande Camões. É formado de dois quartetos e dois tercetos. Quanto à estrutura, o sonêto deve conter nos quartetos uma espécie de apresentação do assunto; no primeiro tercêto, uma síntese rigorosa dos dois quartetos, uma elevação do pensamento. O tercêto final deve ser como uma chave de ouro do sonêto.

É permitido ao poeta acrescentar mais um tercêto, com rimas e metros diferentes, chamado *estrambote*.

O TRIOLÉ. — É uma curta poesia de oito versos, geralmente octossílabos, sôbre duas rimas, e onde o primeiro, o quarto e o sétimo versos são os mesmos, e onde o segundo é repetido no oitavo.

A BALADA. — É um poema composto de três oitavas ou três décimas, com as mesmas rimas e o mesmo verso final, seguidas de uma meia estrofe (quadrada ou quintilha), chamada *oferta* ou *ofertório*, na qual as rimas e o último verso das oitavas ou décimas se repetem.

O MADRIGAL. — É um pensamento fino, terno e galante, encerrado num pequeno número de versos.

O EPIGRAMA. — É uma poesia breve e satírica.

O ESTILO. — O estilo, que é a maneira pessoal de escrever, de exprimir o pensamento, classifica-se pelos gêneros literários, tornando-se, então, *poético* (épico, lírico, dramático) ou *prosaico* (didático, narrativo, oratório).

— O estilo pode, ainda, ser considerado quanto à qualidade e quanto à quantidade.

O ESTILO QUANTO À QUALIDADE. — Quanto à qualidade, êle pode ser:

1.º) **simples**, quando emprega palavras singelas, familiares e desafetadas; é próprio das obras didáticas e visa ùnicamente à clareza;

2.º) **temperado**, quando, mais ornado do que o estilo simples, procura revestir-se de elegância e usa moderadamente das figuras; é próprio dos trabalhos históricos ou narrativos, e visa não só à clareza, mas ainda ao agrado, ao *deleite*;

3.º) **sublime**, quando emprega expressões vivas, veementes e pomposas; é próprio dos discursos oratórios e das poesias épicas, visando, além da clareza e do deleite, à *persuasão*.

— O estilo poderá ser ainda, de acôrdo com as particularidades que apresentar, *espirituoso*, *humorístico*, *cômico*, *epistolar*, *acadêmico*, *parlamentar*, *forense*, etc.

O ESTILO QUANTO À QUANTIDADE. — Quanto à quantidade na expressão, o estilo pode ser:

1.º) **preciso ou ático**, quando as palavras correpondem com exatidão às idéias;

2.º) **conciso ou lacônico**, quando uma palavra, sugestiva ou vigorosa, corresponde a mais de uma idéia;

3.º) **redundante ou asiático**, quando a uma idéia correspondem muitas e empoladas palavras;

4.º) **médio ou ródio**, quando ocupa a posição média entre o *preciso* e o *redundante*.

— Note-se ainda que, relativamente à *história*, o estilo se classifica pelas correntes e escolas literárias, que em diversas épocas têm dominado nossa língua (*medieval*, *quinhentista*, *gongórico*, *arcádico*, *romântico*, *ultra-romântico*, *realista*, *contemporâneo*, etc.).

QUALIDADES DO ESTILO. — Estas qualidades dividem-se em *gerais* e *especiais*.

I. **Gerais.** — São qualidades gerais:

A *correção*, que consiste em escrever de acôrdo com os ensinamentos da gramática.
— Defeito correspondente: a *incorreção*.

A *nobreza*, que consiste na proscrição dos plebeísmos e das expressões vulgares.
— Defeito correspondente: o *aviltamento*.

A *precisão*, que consiste em exprimir as idéias por palavras apropriadas.
— Defeito correspondente: a *impropriedade*.

A *naturalidade*, que consiste em procurar escrever sem rebuscamentos de expressões, nem construções arrevesadas.
— Defeito correspondente: a *afetação*.

A *clareza*, que torna um escrito compreendido de tôda a gente.
— Defeito correspondente: a *obscuridade*.

A *concisão*, que consiste no emprêgo das palavras estritamente indispensáveis à expressão do pensamento, sem que se prejudique a clareza do escrito.
— Defeito correspondente: a *prolixidade*.

A *harmonia*, que resulta do bom arranjo das palavras na proposição e das proposições no período, de tal forma que produza uma cadência agradável ao ouvido, graças ao concurso ou à seqüência de sons doces.
— Defeito correspondente: a *dureza*.

II. **Especiais.** — São qualidades especiais:

A *simplicidade*, que se obtém com a dispensa de ornatos, desnecessários ao estilo simples.

A *ingenuidade*, que consiste em exprimir as idéias de maneira simples e espontânea, com certa graça juvenil.

A *elegância*, que requer palavras bem escolhidas e construções aprimoradas.

A *delicadeza*, que exige um sentimentalismo adequado.

A *finura*, que transparece mais nas entrelinhas do que nas palavras do texto.

A *riqueza*, que consiste na escolha de palavras raras, musicais, e de imagens brilhantes.

A *energia*, que é a maneira vigorosa de exprimir o pensamento.

A *veemência*, que é a energia elevada ao mais alto grau, sendo uma das qualidades primordiais dos grandes oradores.

A *magnificência*, que aparece quando à riqueza se une a elevação.

A *sublimidade*, que nos eleva acima de nossa condição e, produz em nós um irresistivel sentimento de admiração. O estilo sublime é grandioso, enérgico, veemente, patético, exuberante de figuras de sintaxe e de estilo.

FIGURAS. — Figura é a modificação ou a diferente forma que tomam as palavras ou as idéias, para que a expressão tenha mais brilho, fôrça e graça. Essa modificação é produzida, quanto às palavras, na sua fonologia, morfologia e sintaxe; e, quanto às idéias, no modo como se apresentam na expressão, ora no sentido próprio, ora no translato (derivado ou figurado), apurando e embelezando o estilo.

Daqui resulta que as figuras se classificam em *figuras de palavras* e *figuras de estilo*.

FIGURAS DE PALAVRAS. — As figuras de palavras, que se referem à estilística, distribuem-se em três grupos:

1.º) as formas pleonásticas ou de excesso;
2.º) as formas elípticas ou de omissão;
3.º) as formas consoantes ou de harmonia.

I. **FORMAS PLEONÁSTICAS.** — Estas formas repetem a mesma palavra, quer seguidamente, quer no princípio de várias frases, quer no fim, quer no princípio e no fim, quer pondo-se-lhes outra de permeio. Os seguintes exemplos mostram as diferentes modalidades de repetição.

Epizeuxis : *Justo! justo! — Ânimo, ânimo!*

Anáfora : *Já não me ouves? Já não te hei de ver?*

Epístrofe : *Tudo acaba a morte e tudo se acaba com a morte, até a mesma morte!*

Simploce : *Quem promulgou a lei? Rulo. Quem privou do direito de votar o povo romano? Rulo. Quem presidiu aos comícios? o mesmo Rulo.*

Diácope : *Tu, só tu, puro amor!*

Poliptoto : *Ondas com ondas, armas com armas.*

Epanodos : *Morre-te um, foges; foge-te outro, morres.*

Derivação : *Amará e será amado por quem sempre amou.*

Epanalepse : *Em Dina matou a formosura a Sichém; em Dalila, matou a Sansão; em Judith matou a Holofernes; em Ruth, matou-me a mim.*

Anadiplose : *Cos olhos acendi no peito fogo,*
Fogo que sempre ardeu e ainda arde agora.

Clímax : *Na cidade nasce o luxo, do luxo nasce a avareza, da avareza rompe a audácia, a audácia gera todos os crimes.*

II. **FORMAS ELÍPTICAS.** — Estas formas omitem expressões para maior concisão da frase. Ex.:

Assindeto (suprime conjunções): *horrendo, ingente, fero, tenebroso!*

Elipse : *Nem uma palavra a teu respeito!*

Zeugma : *Camões foi poeta e (foi) soldado.*

III. FORMAS CONSOANTES. — Estas atendem ùnicamente à colocação e harmonia dos elementos da oração. Ex.:

Paranomásia : *Cidadão de boas artes e de boas partes* (emprêgo de 2 palavras quase homônimas).

Homeoteleuto: *Não só para a vida lhe tirar, mas a glória menoscabar* (rima em prosa).

Homeoptoto : *Que cousa tão comum como o ar aos vivos, a terra aos mortos, o mar aos navegantes?* (cadência resultante do emprêgo de palavras com a mesma flexão gramatical).

Isócolo : *Leva Abrão seu filho Isac ao monte; ata-o sôbre a lenha do sacrifício; tira a espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe* (orações de extensão quase igual).

Hipérbato : "*Vereis um nôvo exemplo*
De amor dos pátrios feitos valorosos
Em versos divulgados numerosos" (deslocamento de palavra na frase).

Anástrofe : *De Diu não queremos ter senão a fortaleza* (anteposição de palavra que devia vir depois).

Tmese : *Amar-te-ei sempre, na terra e no céu* (intercalação de pronome no verbo).

FIGURAS DE ESTILO. — Estas figuras também se apresentam em três séries: 1.º) as *formas sentimentais*; 2.º) as *formas convencionais*; 3.º) as *formas translatas ou tropos*.

I. FORMAS SENTIMENTAIS. — Estas formas são espontâneas e produzidas imediatamente pela imaginação, representando um *estado de alma* do artista. São muito numerosas. As principais são:

A **interrogação** (não para provocar uma resposta, mas para intimar qualquer idéia): *Não sentes descobertos teus desígnios? Não vês que todos já conhecem tua conspiração?*

A **exclamação** (expressão espontânea de um sentimento vivo e súbito): *Ah! meu Deus! Que horror!*

A **apóstrofe** (movimento oratório dirigido diretamente a uma pessoa ou cousa): *Ó tu, guarda divino, tem cuidado!*

A **imprecação** (pela qual se amaldiçoa alguém ou alguma cousa): *Maldita sejas tu, cidade venal!*

A **prosopopéia** (personificação de cousas e animais, evocação de deuses ou de mortos): *As estrêlas disseram-me: aqui estamos.*

A **amplificação** (exageração): *horrendo* em vez de *feio*. — *Já o rei dos astros inundava de luz o horizonte* — em vez de: *amanhecia*.

A **ironia** (que diz o contrário do que dizem as palavras): *Que classe sossegada, esta!*

A **descrição** (que reproduz num ou vários quadros a imagem dos objetos):

"*Três vêzes tenta erguer-se* (Dido, ao morrer);
Três vêzes desmaiada sôbre o leito,
O corpo revolvendo aos céus levanta
Os macerados olhos..."

A **imagem** (pintura rápida de um objeto confrontado com outro, sem indicação dos pontos de contacto): *Como a nuvem, passou minha mocidade...*

A **comparação** (pintura de um objeto confrontado com outro, com indicação dos pontos de contacto; êsse confronto pode ser de objetos de relação próxima, de relação remota, podendo, também, fazer-se por meio de paralelos e de antiteses):

"*Qual caminhante que pisou ignaro*
Oculta cobra em hórridos espinhos,
Tal foge ao ver-vos Andrógeu medroso."

II. **FORMAS CONVENCIONAIS.** — Estas formas são produtos da reflexão e simples artifícios retóricos. Eis as principais:

A **preterição** (pela qual o autor finge que não quer dizer certa cousa e a vai dizendo): *Não vos direi, senhores, dos bons sentimentos que se aninham em vosso coração, de vossa generosidade, de vosso patriotismo.*

A **dúvida** (pela qual o orador finge não saber como principiar, nem concluir): *Não sei por onde comece, e se explicará melhor a minha dor com lágrimas e suspiros do que com palavras.*

A **próplese** (pela qual se previnem e se desfazem objeções): *Dir-vos-ei que não serão justas quaisquer acusações que porventura me façam a respeito de meu egoísmo silencioso; pois vos falo agora.*

A **comunicação** (pela qual o orador simula consultar os ouvintes ou os adversários): *Agora vos pergunto eu: que devo fazer nestas circunstâncias?*

A **concessão** (pela qual o orador deixa ao juízo dos ouvintes a decisão de alguma cousa): *Se o que estou dizendo é injusto, julgai-o vós mesmos.*

A **reticência** (pela qual o orador deixa a frase incompleta, para exprimir sentimentos fortes — cólera, dor, receio, etc., ou para ameaçar): *Ah! Vocês não querem ficar quietos? Pois bem, eu...*

III. **FORMAS TRANSLATAS OU TROPOS.** — Estas formas têm caracteres comuns com as formas sentimentais, mas modificam ou transformam o sentido das palavras ou frases. As principais são:

A **metáfora.** — É a figura pela qual se transporta o significado próprio de uma palavra para outro significado que não lhe convém senão em virtude de uma comparação subentendida. Ex.:

A *luz do espírito.*	*Rios* **de** sangue.
O *sol* da liberdade.	*Chuva* **de** flôres.
A *flor* da mocidade.	*Mar* de esperanças.
Ter boa *estrêla.*	Olhos de *safira.*
Lágrimas de sangue.	Lábios de *rubi.*
Sêde *ardente.*	Pele de *neve.*
O vento *geme.*	A fonte *murmura.*
O tempo *voa.*	Os dias *correm.*

NOTA: Uma metáfora extensa chama-se **alegoria.**

A **metonímia.** — A metonímia consiste:

1.º) em tomar a causa pelo efeito: *Vivemos todos de nosso* **trabalho** (do *produto* de nosso trabalho);

2.º) o efeito pela causa: *E o monte Pelião não tinha* **sombras** (não tinha árvores);

3.º) o continente pelo conteúdo: *Bebemos uma ou duas* **garrafas** *neste bar;*

4.º) o sinal em vez daquilo que tem o sinal: *A* **coroa** *ordena* (o *monarca ordena*);

5.º) o autor pela obra: *Possuímos um* **Murilo** (um quadro de Murilo);

6.º) o abstrato pelo concreto: *A* **audácia** *vence* (os audaciosos vencem);

7.º) o lugar do produto pelo produto: **champagne** (*vinho* de Champagne).

A **sinédoque.** — É o nome pelo qual são conhecidos alguns casos de metonímia. A sinédoque se pratica:

1.º) quando se emprega o gênero pela espécie ou vice-versa: Os **mortais** (os *homens*); *êle é um* **Camões** (um grande poeta);

2.º) a parte pelo todo ou vice-versa: *Esta cidade conta cem mil* **tetos** (cem mil *casas*);

3.º) o singular pelo plural ou vice-versa: *O* **inimigo** *cometeu atrocidades incríveis* (os *soldados* inimigos);

4.º) a matéria em lugar do objeto feito dessa matéria: *Ruth possui dois lindos* **bronzes** (*estátuetas de bronze*).

A antonomásia. — É uma espécie de sinédoque pela qual se emprega um nome comum por próprio e vice-versa. Ex.:

A **águia** *de Haia* (Rui Barbosa);

Um **Mecenas** (um protetor de artistas).

A hipérbole. — É a figura que consiste em exagerar para impressionar o espírito. Exemplo:

Um *gigante* (um homem de elevada estatura).

Um *pigmeu* (homem pequeno).

A antítese. — A antítese expõe conceitos ou pensamentos opostos, quer associando-os, quer fazendo confrontos. Ex.:

Buscas a vida, e eu a morte. Procuras a luz, e eu as trevas.

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA. — Em trecho algum, diz Silveira Bueno, em sua *Gramática Normativa*, existe, exclusivamente, ordem direta ou ordem inversa: ambas se misturam, sob a predominância de uma delas. A classificação de um trecho, neste sentido, é determinada por esta predominância.

Ordem direta. — Patenteia-se a ordem direta quando, na oração, é colocado em primeiro lugar o sujeito, seguido de seus modificadores, se os houver; em segundo lugar, o verbo, e, em terceiro, os complementos do verbo ou o completivo predicativo. Ex.:

As alunas desta Escola estudam com entusiasmo.
Deus criou o céu e a terra em seis dias.
Esta cidade é grande e bela.

Ordem inversa. — Para se dar *realce* a uma cousa, a uma idéia ou a um sentimento, coloca-se em primeiro lugar, ou em lugar de maior sensação, a palavra que os exprime. Ex.:

Com entusiasmo estudam as alunas desta Escola.
Em seis dias criou Deus o céu e a terra.
Grande e bela é esta cidade.

DISCURSO DIRETO E DISCURSO INDIRETO. — Numa narrativa, encontram-se freqüentemente personagens que falam, interrogando ou respondendo, ou, mesmo, expondo, em solilóquio, suas opiniões, idéias e sentimentos. Suas palavras podem ser apresentadas de dois modos:

1.º) ou reproduzidas textualmente, tais quais foram enunciadas: é o **discurso direto**;

2.º) ou, simplesmente, relatadas: é o **discurso indireto**.

Ex.: 1) *Hoje*, disse Pedro, *não choverá.*
2) *Pedro disse que não choverá hoje.*

— No discurso direto, indica-se a pessoa que fala, de duas maneiras:

1) seja por meio de uma oração, que anuncia ou explica o discurso: **Às 9 horas da noite, o paraninfo das professorandas iniciou sua oração:** "*Aqui estou entre vós, para uma palavra de despedida, que seja, ao mesmo tempo, uma exortação e uma súplica*";

2) seja por meio de uma oração intercalada: "*Aqui estou entre vós,* **começou o orador,** *para uma palavra de despedida,* etc."

Caracteres do discurso direto. — O discurso direto apresenta os traços característicos da linguagem falada. Com efeito, uma personagem, ao falar, pode empregar:

1.º) as três pessoas: **Venho** *dizer-te que ela morreu, respondeu Carlos a Pedro;*
2.º) imperativos, apóstrofes e interrogações: *Queres casar-te, filha? Casa-te, pois, e sê feliz;*
3.º) os tempos dos verbos, relativamente ao momento em que fala.

Ex.: *A vida,* diz então Maria José, *é boa e bela.* (Presente).
Teu ódio nunca me fará mal.

Caracteres do discurso indireto. — O discurso indireto apresenta os seguintes característicos:

1.º) O discurso direto passa a ser uma oração subordinada ao verbo da oração apositiva (intercalada) ou à oração que o anuncia.

Ex.: **Discurso direto:** *A vida*, diz Maria José, *é doce e bela.*
Discurso indireto: *Maria José diz que a vida é doce e bela.*

NOTA: A conjunção, que liga a oração subordinada à subordinante, é geralmente, uma conjunção integrante.

2.º) Tôdas as pessoas podem aparecer no discurso indireto, quando quem o relata está na primeira pessoa.

Ex.: **Discurso direto:** Eu te disse: *pretendo viajar e tu irás comigo.* Tu me respondeste: *irei contigo.* Eu te disse: *êle não irá conosco.*
Discurso indireto: Eu te disse *que pretendia viajar e que irias comigo* Tu me respondeste *que irias comigo.* Eu te disse *que êle não iria conosco.*

3.º) Tôdas as pessoas se tornam terceiras pessoas, quando quem relata é um terceiro.

Ex.: **Discurso direto:** *Hei de ser sempre trabalhador*, disse Carlos.
Discurso indireto: *Carlos disse que há de ser sempre trabalhador*

4.º) O imperativo passa a ser subjuntivo.

Ex.: **Discurso direto:** *Vai-te daqui*, disse Pedro ao homem.
Discurso indireto: Pedro disse ao homem *que se fôsse dali.*

5.º) O futuro do presente, geralmente, se torna futuro do pretérito; por vêzes mantém-se como futuro do presente.

Ex.: **Discurso direto:** *Ruth virá um dia*, digo-lhe eu.
Discurso indireto: Eu lhe disse *que Ruth viria um dia.*

6.º) O futuro do pretérito não sofre alteração.

Ex.: **Discurso direto:** Carlos diria então: *Ninguém poderá ficar nesta sala*
Discurso indireto: Carlos diria então *que ninguém poderia ficar naquela sala.*

7.º) Os demonstrativos e os advérbios de lugar são substituídos pelos que indicam posição mais remota no tempo ou no espaço.

Ex.: **Discurso direto:** *Não permanecerei* **aqui**, **neste** *lugar horrível*, disse Alberto.
Discurso indireto: Alberto disse *que não permaneceria* **ali**, **naquele** *lugar horrível.*

8.º) Tornam-se indiretas as interrogações diretas.

Ex.: **Discurso direto:** *Como passam vocês?* — perguntou Paulo aos amigos
Discurso indireto: Paulo perguntou aos amigos *como passavam.*

NOTA: Outras observações dêste gênero poderão ser feitas pelos alunos, passando os discursos diretos, que encontrarem nos textos, para a forma indireta, e vice-versa.

LITERATURA. — A literatura, no sentido mais comum, designa o conjunto de manifestações verbais, que despertam o sentimento do belo, pela perfeição das formas ou pela excelência das idéias.

Considerada pelo lado didático, ela é o estudo das regras de composição literária e das fases do movimento intelectual de um povo, quanto à língua e à cultura artístico-verbal.

Essas fases, em Portugal e no Brasil, quaisquer que sejam as denominações que lhes hajam sido dadas e que podem ser estudadas mais desenvolvidamente numa história de literatura (*Escola Baiana, Escola Mineira, Árcades*, etc.), se limitam, em última análise, às correntes literárias cujos caracteres gerais estudaremos mais adiante.

AS GRANDES ÉPOCAS DA LITERATURA. — Distinguem-se três grandes épocas na história da literatura.

1.º) **a medieval ou anteclássica;**
2.º) **a clássica;**
3.º) **a romântica.**

A ÉPOCA MEDIEVAL. — Esta época compreende o período que vai do século XII ao século XV, isto é, desde o aparecimento dos primeiros documentos escritos até o aparecimento dos grandes escritores quinhentistas. Duas escolas caracterizam essa época: a **Escola Provençal** (1200-1385) e a **Escola Espanhola** (1385-1520).

A ÉPOCA CLÁSSICA. — A época clássica compreende três grandes escolas literárias:

1.º) A *Escola Italiana* ou *Quinhentista* (1521-1580), cujos escritores, sob o influxo das letras antigas, gregas e romanas, imprimiram fecundo impulso à língua, à literatura e ao estilo.

2.º) A *Escola Gongórica* ou *Seiscentista* (1580-1750), cujo chefe foi Góngora e que se caracteriza por um estilo empolado, afetado e hiperbólico, cheio de figuras, equívocos e trocadilhos.

3.º) A *Escola Francesa* ou *Arcádica* (1750-1826), que, reagindo contra os gongoristas, operou um largo movimento de reforma e preparou o advento do Romantismo.

A ÉPOCA ROMÂNTICA. — Esta época abrange o **romantismo**, o **realismo**, o **parnasianismo** e o **simbolismo**, estendendo-se mesmo até nossos dias.

O **romantismo** foi uma poderosa corrente literária que, partindo da Alemanha, se estendeu pela Europa; foram seus corifeus e iniciadores, na Alemanha, Goethe e os irmãos Schlegel; na França, Madame de Staël, Chateaubriand, Lamartine, Alfred de Vigny, Alfred de Musset, Victor Hugo, e muitos outros, de grande nome; na Itália, Manzoni; na Espanha, Zorilla, Espronceda e Campoamor; na Inglaterra, Walter Scott e Byron; em Portugal, Garrett, Alexandre Herculano, Castilho; no Brasil, entre outros, Gonçalves de Magalhães com sua poesia religiosa; Gonçalves Dias, com sua poesia da natureza; Álvares de Azevedo, com sua poesia da dúvida; e Castro Alves, com sua poesia social; no romance, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Taunay, etc.

O Romantismo decaiu no *ultra-romantismo* de Soares Passos e outros, surgindo então, como reação, o *realismo*, contra o qual reagiu, por sua vez, a poesia dos *parnasianos* — poesia que, por suas qualidades de brilho e encanto, assim como por seu vigor descritivo, exerceu logo imensa fascinação sôbre nossos poetas.

Os autores contemporâneos continuam, em grande parte, a se inspirar no Romantismo: seu estilo caracteriza-se por períodos mais curtos, ordem menos transposta e adjetivação mais rica e colorida.

CARACTERES GERAIS DAS GRANDES CORRENTES LITERÁRIAS

I. **CLASSICISMO.** — Os principais caracteres das obras clássicas são:

1 — Imitação dos antigos, gregos ou latinos, que serviam de modêlo nas aulas ou *classes;*

2 — Espírito *cristão*, embora num cenário pagão;

3 — Estudo do *homem interior* (do *homem* em geral); análise dos *sentimentos gerais;*

4 — A *razão* acima da *sensibilidade;*

5 — *Impersonalismo:* o autor não fala de si, mas do *homem* em geral;

6 — Cada *gênero literário* tem leis próprias e distingue-se do gênero vizinho;

7 — O estilo é, ao mesmo tempo, *simples, polido* e *nobre*, cheio de latinismos e helenismos.

II. **GONGORISMO OU CULTISMO.** — O gongorismo teve, noutros países, formas análogas: na França, o *preciosismo;* na Inglaterra, o *eufuísmo;* na Itália, o *marinismo* ou *conceitismo*.

Caráter fundamental: a *afetação*, elevada até ao ridículo e que abrangia:

1.º) as *maneiras sociais;*
2.º) os *sentimentos;*
3.º) a *linguagem;*
4.º) o *espírito*.

1 — A *afetação de maneiras* consistia no apuro exagerado da elegância, do vestuário, e em excessivas demonstrações de polidez.

2 — A *afetação dos sentimentos* consistia em desnaturá-los, cercando-os de uma série de pensamentos ou atos românticos.

3 — A *afetação de linguagem* consistia no emprêgo abusivo de metáforas, de expressões perifrásticas, de jogos de palavras e de espírito.

4 — A *afetação de espírito* consistia na falta de naturalidade em todos os gêneros literários.

III. **ROMANTISMO.** — São os seguintes os caracteres do romantismo:

1 — Abandona-se a imitação dos gregos e latinos; imitam-se as literaturas estrangeiras.

2 — Abandona-se a mitologia clássica; volve-se ao *maravilhoso cristão*, ou simplesmente à religião natural, ao *panteísmo;* daí o desenvolvimento excessivo do *sentimento da natureza*.

3 — Conseqüência dêsse sentimento, o *exotismo* empolga os espíritos e penetra na literatura, exprimindo-se através de um grande interêsse por paisagens grandiosas ou longínquas, assim como pelo *homem primitivo* pôsto em contraste com o homem civilizado.

4 — Cada escritor permanece juiz de sua inspiração e de sua arte; poesia, romance, teatro, tudo é *pessoal* e *individual*. É o eu e a imaginação, com todos os seus caprichos, a substituírem a *razão*.

5 — O romantismo ora é *subjetivo*, ora *objetivo*:

a) é subjetivo, quando o escritor é objeto de sua própria análise;
b) é objetivo, quando êle descreve a natureza exterior, caso em que ainda procede por *impressões pessoais*, mesmo quando procura transcrever a *côr local*.

6 — Não há mais *gêneros determinados*; não mais *poética* nem *retórica*. A poesia escolhe livremente seus ritmos; o drama funde estas duas disparidades; a tragédia e a comédia. O romance torna-se histórico, social, extravagante.

7 — O estilo usa das mesmas liberdades. Em muitos casos, o escritor cria o próprio vocabulário e forma a sua própria sintaxe, fora de tôda autoridade acadêmica

(Representantes no Brasil: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay).

IV. **REALISMO.** — É uma reação contra os excessos do romantismo.

Características:

1 — Ao *subjetivismo*, ao *individualismo*, ao *eu* do romantismo, substituem-se o *objetivismo* e o *impersonalismo* do artista. Sob êste aspecto, o realismo é um retôrno ao espírito clássico.

2 — Mas, enquanto o classicismo se limita à natureza *psicológica*, *geral* e *escolhida*, o realismo *observa* e *reproduz a natureza tôda*, exterior ou íntima, tal como se apresenta, sem nada lhe aumentar ou diminuir.

3 — O realismo admite, todavia, a colaboração subjetiva do autor na reconstituição de cenas ou quadros históricos.

4 — O realismo pretende ser *documentado* e *integral*.

5 — O realismo não visa a defender tese alguma; é essencialmente *amoral* e *indiferente*.

6 — Toma o nome de **naturalismo**, quando estuda cientificamente (ou antes, pseudocientificamente...) a realidade, aplicando-lhe ou tentando aplicar-lhe os métodos das ciências naturais.

7 — O realismo acha-se em contradição com seus princípios. De duas, uma: ou o escritor faz simples *fotografias*, que então não têm valor; ou é um artista, que *deforma* o real, para reorganizá-lo. O mais célebre dos naturalistas franceses, Émile Zola, assim definiu sua arte: "a natureza vista através dum temperamento".

(Representantes no Brasil: Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro, Raul Pompéia, etc.).

V. **PARNASIANISMO.** — O parnasianismo é, na verdade, em poesia, o que é em prosa, o realismo.

Os parnasianos adotam a teoria da *arte pela arte* e afetam, em suas obras, uma espécie de *indiferença moral*. Procuram a *beleza plástica* e pintam, muitas vêzes, o mundo exterior, arcaico e exótico.

Êles protestam, enfim, contra o *individualismo exagerado* do romantismo.

(Parnasianos brasileiros: Machado de Assis, Luiz Guimarães, Teófilo Dias, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Luís Delfino, Luís Murat, Francisca Júlia, etc.).

VI. **SIMBOLISMO.** — A história da arte compõe-se duma série de reações. Após o classicismo, o romantismo; após o romantismo, o realismo e o parnasianismo; após o parnasianismo, o simbolismo, cujo representante máximo, no Brasil, foi Cruz e Sousa

Os simbolistas acusam os parnasianos de serem muito *materialistas* e de atribuirem à forma um valor excessivo. Segundo êles, os parnasianos sufocam o pensamento ou o sentimento, sob o pêso e a precisão dos versos.

O simbolismo assinala um retôrno ao lirismo e à libertação completa da forma. Suas tendências inspiram-se na estética musical e sua poesia não é, muitas vêzes, senão um tema propício, por sua própria indeterminação, a sugerir pensamentos confusos e agradáveis, impressões musicais e sentimentos vagos, mal delineados e sem nenhuma profundeza.

(No Brasil: Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens, Mário Pederneiras, etc.).

VII. **FUTURISMO.** — O *futurismo* foi um movimento literário e artístico criado na Itália por um grupo de jovens escritores e artistas, que se reuniram em tôrno de Marinetti, visando a uma insurreição "paroxística" contra o academismo.

Os futuristas, Marinetti e seus discípulos Buzzi, Plazzeschi, Govoni, Folgore, Papini, Soffici, Carra, Boccioni, Severini, Pratella, etc., pretendiam renovar completamente a arte: era preciso renunciar às velhas fórmulas, à tradição, à moral, à arqueologia, aos museus, às bibliotecas, a tôdas as coisas, enfim, que sòmente são boas para os "passadistas", e cantar a fôrça, a velocidade, a guerra, a luxúria, as máquinas e as metralhadoras. O movimento futurista não foi inútil na evolução da arte italiana.

Na pintura e na escultura, o futurismo renuncia a representar os sêres numa posição única e pretende dar simultâneamente as sensações passadas, presentes e futuras, o que faz aparecer os objetos em fragmentos deslocados, agitados e vibrantes. Na música, o futurismo faz tábua rasa das regras tradicionais de harmonia, etc., e apela para os gritos e ruídos expressivos.

No Brasil, o futurismo teve sua expressão na "Semana de Arte Moderna", de que participaram, entre outros, Mário de Andrade, Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Raul Bopp, Oswald de Andrade, etc.

O simbolismo assinala um retôrno ao lirismo e à libertação completa da forma. Suas tendências inspiram-se na estética musical e sua poesia não é, muitas vêzes, senão um tema propício, por sua própria indeterminação, a sugerir pensamentos confusos e agradáveis, impressões musicais e sentimentos vagos, mal delineados e sem nenhuma profundeza.

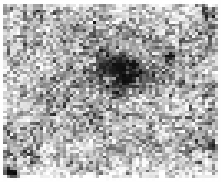
(No Brasil: Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens, Mário Pederneiras, etc.).

VII. **FUTURISMO.** — O *futurismo* foi um movimento literário e artístico criado na Itália por um grupo de jovens escritores e artistas, que se reuniram em tôrno de Marinetti, visando a uma insurreição "paroxística" contra o academismo.

Os futuristas, Marinetti e seus discípulos Buzzi, Plazzeschi, Govoni, Folgore, Papini, Soffici, Carra, Boccioni, Severini, Pratella, etc., pretendiam renovar completamente a arte: era preciso renunciar às velhas fórmulas, à tradição, à moral, à arqueologia, aos museus, às bibliotecas, a tôdas as coisas, enfim, que sòmente são boas para os "passadistas", e cantar a fôrça, a velocidade, a guerra, a luxúria, as máquinas e as metralhadoras. O movimento futurista não foi inútil na evolução da arte italiana.

Na pintura e na escultura, o futurismo renuncia a representar os sêres numa posição única e pretende dar simultâneamente as sensações passadas, presentes e futuras, o que faz aparecer os objetos em fragmentos deslocados, agitados e vibrantes. Na música, o futurismo faz tábua rasa das regras tradicionais de harmonia, etc., e apela para os gritos e ruídos expressivos.

No Brasil, o futurismo teve sua expressão na "Semana de Arte Moderna", de que participaram, entre outros, Mário de Andrade, Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Raul Bopp, Oswald de Andrade, etc.



ÍNDICE

Língua Portuguêsa 7
Prefácio 9
Grupos de textos 11

TEXTOS EXPLICADOS

A cela do religioso, de *Aluísio de Azevedo* 17
Chafariz secular, de *Luís Carlos* 19
Paisagem gaúcha, de *Alcides Maia* 30
A baía de Botafogo, de *Canto e Melo* 32
O Templo do Sol, de *Gastão Cruls* 33
Anoitecer, de *Raimundo Correia* 43
Ocaso, de *Pinheiro Chagas* 45
O Salto do Guaíra, de *Emílio de Menezes* 57
Manhã na roça, de *Virgílio Várzea* 59
Sertão, de *Luís Carlos* 62
O Marechal Floriano, de *Alcindo Guanabara* 70
Cecília, de *José de Alencar* 71
O cisne (tradução) 84
O cavalo sertanejo, de *Gustavo Barroso* 85
A cascavel, de *Júlio Ribeiro* 87
Maria-sem-tempo, de *Domício da Gama* 99
O saci-pererê, de *Olívio do Lago* 101
O touro do circo, de *Rebêlo da Silva* 112
A festa de Santa Ifigênia, de *Coelho Neto* 121
Noite joanina, de *Escragnolle Dória* 135
Os elefantes, de *Ricardo Gonçalves* 145
Apêlo de D. João I, de *Alexandre Herculano* 155
O pintassilgo, de *F. Xavier de Oliveira* 165
O Anhangabaú, de *Giraldes Filho* 182
A vila da praia, de *Vicente de Carvalho* 191
O quadro do "Estio", de *Camilo Castelo Branco* 192
O califa e o ancião, de *Latino Coelho* 201
A morte de Rosa, de *Aurélio Pinheiro* 208
O sonâmbulo, de *Humberto de Campos* 215
O escravo, de *Ciro Costa* 221
Demonstração matemática, de *Teodoro de Morais* 227
O ideal de Nhonhô, de *França Júnior* 234
Na China de outrora, de *Eça de Queirós* 240
Na Judéia antiga, de *Eça de Queirós* 246
O Homem-Deus, de *C. Castelo Branco* 248
O leão velho, de *Bocage* 254
Tiro ao alvo, de *Teodoro de Morais* 260
Noturno, de *Coelho Neto* 267
O velho lar, de *Coelho Neto* 268
As naus, de *Luís Delfino* 269
A catedral do Arcebispo, de *Carlos de Laet* 276
Velho tema, de *Vicente de Carvalho* 285
A tôrre dos ratos (Lenda germânica) 298
A Ascensão de Jesus Cristo, de *Fagundes Varela* 301

EXPLICAÇÕES DA DESCRIÇÃO E DA NARRAÇÃO

A descrição 16
Conselhos práticos de redação 26
Quadros de conjunto sem movimento 29
Descrição mesclada de impressões pessoais 42
Descrição de vistas e quadros animados 56
Retratos descritivos 69
Descrição de animais 83
Descrição de pessoas em ação 98
Descrição de animais e grupos de sêres em ação 111
Descrição de ações num quadro 135
Descrição de sucessão de quadros ou fatos 144
Conversação 154
Cartas 164
Narrativas 181
As diversas espécies de narrativas 190
A fábula 252
A expressão de impressões pessoais 266
Gênero oratório 275
A dissertação 284
A narração 297

TEXTOS PARA EXPLICAÇÃO

A casa da fazenda, de *Monteiro Lobato* 22
O gabinete do médico, de *Aurélio Pinheiro* 23
Um quarto de moça, de *José de Alencar* 24
Um pôr de sol, de *Eça de Queirós* 36
Paisagem sertaneja, de *Gustavo Barroso* 37
O vale amazônico, de *Raimundo Morais* 39
Recife de coral, de *Olegário Mariano* 48
A baía do Rio de Janeiro, de *Mateus de Albuquerque* 49
Luar na praia, de *Gustavo Barroso* 51
Na floresta, de *Gastão Cruls* 64
Luz e calor, de *Coelho Neto* 65
Jacinto, de *Eça de Queirós* 74
O Conde dos Arcos, de *Rebêlo da Silva* 75
O Duque de Caxias, de *Pinto de Campos* 77
O Visconde de Inhomerim, de *Visconde de Taunay* 78
O cachorro do sertão, de *Gustavo Barroso* 90
O tamanduá-bandeira, de *Couto de Magalhães* 91
O urubu-rei, de *N. Badarioti* 93
O polvo, de *Padre Vieira* 94
Iracema, de *José de Alencar* 103
O mineiro, de *Luiz Carlos* 104
O selvagem, de *J. de Alencar* 106
Dança africana, de *Xavier Marques* 107
O jararacuçu, de *J. Severino de Resende* 114
Quincas Borba, de *Machado de Assis* 115
Leão, de *Luís Carlos* 117
O cão vadio, de *Leo Vaz* 118
A dança dos colonos alemães, de *Graça Aranha* 123
A dança dos selvagens, de *G. Cruls* 124
O estouro da boiada, de *Rui Barbosa* 126
O estouro da boiada, de *Euclides da Cunha* 127
As borboletas, de *Alberto de Oliveira* 129
Os passarões, de *G. Cruls* 131

O trem de ferro, de *Luís Carlos* 138
Cena rural, de *Veiga Miranda* 139
O milagre das chuvas no nordeste, de *G. Aranha* 141
A cavalgada, de *Raimundo Correia* 148
Um trem parte de S. Paulo, de *Rúbens do Amaral* 149
O prazer de viajar, de *Eça de Queirós* 151
Os três talismãs, de *Teodoro de Morais* 158
Ouvir estrêlas, de *Olavo Bilac* 159
O bom médico, de *Antônio J. da Silva* 161
Carta a Monte Alverne, de *A. Feliciano de Castilho* 167
Carta a Castilho, de *Monte Alverne* 169
O aniversário duma irmã, de *Alvares de Azevedo* 170
Carta, de *Olavo Bilac* 172
Carta a Ruth, de *Olivério Lopes* 174
A borboleta preta, de *Machado de Assis* 184
Um chá precioso, de *Eça de Queirós* 185
O coronel holandês, de *Viriato Correia* 187
O arroz-doce, de *Eça de Queirós* 194
Os foguetes, de *Leo Vaz* 196
A tempestade na selva, de *G. Cruls* 197
O amor materno, de *Garcia Redondo* 202
O tesouro do mujique, de *Humberto de Campos* 203
A menina má, de *Mendes Leal* 205
A pobre escrava, de *Afrânio Peixoto* 210
A morte de Nuno Gonçalves, de *A. Herculano* 211
O orador atrapalhado, de *Viana Moog* 217
Travessuras, de *Machado de Assis* 218
Artaxerxes e Demócrito, de *M. Bernardes* 223
A morte de um herói, de *Rio Branco* 224
O filho pródigo, de *J. Batista de Castro* 229
O rico avarento, de *J. Batista de Castro* 231
O mestre de primeiras letras, de *Machado de Assis* 236
Reminiscências da vida colegial, de *J. de Alencar* 237
Extravagante costume dos cipriotas, de *Pant. de Aveiro* 242
No Castelo de Chapultepeque, de *Rodrigo Otávio* 243
O Gólgota e as santas mulheres, de *E. de Queirós* 250
A cobra e o gaturamo, de *Coelho Neto* 255
O leão e a lebre, de *V. de Santa Mônica* 257
Com amor de pai não se brinca, de *Bernardes* 262
O sabichão, de *Bernardes* 263
Os vagalumes, de *Graça Aranha* 271
Os vagalhões, de *Xavier Marques* 272
A idéia abolicionista, de *Rui Barbosa* 278
Os bardos do Tabor, de *Mont'Alverne* 280
O sal da terra, de *Padre Vieira* 281
A Pátria, de *J. M. de Macedo* 287
A virtude e a ciência, de *A. F. de Castilho* 288
As violetas de Nossa Senhora, de *Humberto de Campos* 303

TEMAS PARA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

DESCRIÇÕES

Cousas sem movimento 27
Quadros de conjunto sem movimento 40
Composições rápidas 52
Descrição mesclada de impressões pessoais 55
Vistas e quadros animados 67

Retratos descritivos 80
Descrição de animais 96
Pessoas em ação 109
Animais em ação 120
Grupos de sêres em ação 133
Ações num quadro 143
Sucessão de fatos ou de quadros 153
Conversação 162
Cartas 176

NARRATIVAS

Narrativas simples 189
Narrativas descritivas 199
Narrativas demonstrativas 206
Narrativas dramáticas 213
Narrativas humorísticas 220
Narrativas com reflexões 226
Narrativas com conversação 232
Narrativas com retrato 239
Narrativas exóticas 245
Narrativas antigas 251
Fábulas 258
Anedotas 265
Impressões pessoais 274
Discursos 283
Expressão de idéias morais e dissertações 290
Dissertações sôbre Literatura Brasileira 291
Narrações 304
Novelas e Contos 313

RUDIMENTOS DE ARTE LITERÁRIA

Composição literária 321
Princípios da composição literária 321
Técnica literária 321
A explicação de textos 321
A crítica 322
Formas de composição 322
Versificação 322
Sílabas poéticas 322
Espécies de versos 322
Acentos 323
O *enjambement* 323
A rima 324
Qualidades da rima 324
Grupos de versos 324
Gêneros literários 324
O estilo 325
Qualidades do estilo 326
Figuras de palavras 327
Figuras de estilo 328
Ordem direta e ordem inversa 330
Discurso direto e discurso indireto 330
Literatura 331
As grandes épocas da literatura 332
Caracteres gerais das grandes correntes literárias 333

★

Este livro foi confeccionado
nas oficinas da
INDÚSTRIA GRÁFICA SARAIVA S. A.,
à Rua Sampson, 265, São Paulo,
para
SARAIVA S. A. LIVREIROS EDITORES
em abril de 1967

★